



Janeiro a
Dezembro de 1999

Infância na Mídia

Uma Pesquisa ANDI / IAS

FEBEM:

EMOÇÃO SEM SENSACIONALISMO

A imprensa posicionou-se sob a ética

e a ótica dos direitos

Realização

Em aliança com

Apoio



Infância na Mídia

Uma Pesquisa

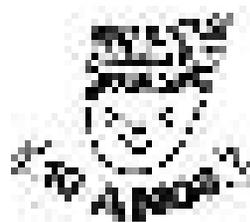
ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância
e Instituto Ayrton Senna

Apoio

Unicef

Período

Janeiro a dezembro de 1999



É permitida a reprodução total ou parcial da obra, desde que citada a fonte

1ª edição

Tiragem: 3.000 exemplares
Impresso no Brasil.

Apoio: Unicef

Realização: ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância

Conselho de Sócios

Âmbar de Barros (presidente)
Cesare La Rocca
Claudius Ceccon
Léo Voigt
Márcio Schiavo
Mário Volpi
Oded Grajew
Oscar Vilhena Vieira

Direção Executiva: Geraldinho Vieira

Coordenação da Pesquisa: Marco Túlio Alencar

Gerência de Dados: Apoena Pinheiro

Equipe Técnica: Ana Flávia Flôres, Alexandre Ferreira, Camila Melo, Carla Perdiz, Cláudia Alves, Daniel Araújo, Daniela Paiva, Elisa Bittencourt, Fernando Molina, Franci Moraes, Gabriel Silva, Graziella Nunes, Gustavo Cunha, Irene Lôbo, Isadora Ferreira, Jonas Valente, Juliana Cassilha, Leonardo Echeverria, Tarciano Ricarto, Zildenor Dourado

Assistentes: Antônia Amélia, Denize Batista, Rubenita Correa

Versões para o inglês: Cassuça Benevides

Versões para o espanhol: Cecília Studart

Clipagem:

Brasília (DF)

ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância
Guria - Informações e Sistemas - (61) 340 9298

Salvador (BA)

Cipó - Comunicação Interativa
Tel: (71) 367-1287
E-mail: cipo@compos.com.br

Curitiba (PR)

Ciranda - Central de Notícias dos Direitos da Infância
Tel: (41) 224-3925
E-mail: andipr@cwbtba.com.br
www.toolnet.com.br/ciranda

Projeto gráfico: Anticorp Design Gráfico - anticorp@email.com

Fotografias da capa e página 39: Caio Guatelli / AE

Fotografias das páginas 5 (Projeto Esporte Talento - São Paulo e Recife), **49, 52, 53, e 58** (Projeto Axé - Salvador): Mila Petrillo / ANDI

143 Infância na Mídia: uma pesquisa / coordenação da pesquisa Marco Túlio Alencar. -
Brasília : ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância . Instituto Ayrton Senna, 2000
134p. : il. (Série Mobilização Social)

Informações de capa: FEBEM: emoção sem sensacionalismo : a imprensa posicionou-se sob a ética e a ótica dos direitos.

1. Direitos da Criança e do Adolescente. 2. Meios de Comunicação de Massa. 3. Sociedade e Cultura. I. Alencar, Marco Túlio. II. ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância. III. Instituto Ayrton Senna. IV Título: FEBEM: V. Série.

CDU: 342.726-053.2/.6



ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância

SDS - Ed. Boulevard Center - Bl. A - sala 101

70391-900 - Brasília - DF

Fone: (61) 322 6508 - fax: (61) 3224973

E-mail: analise@andi.org.br

<http://www.andi.org.br>



ÍNDICE - CONTENTS - INDICE

8	Apresentação - Foreword - Presentación
9	Metodologia - Methodology - Metodología
14	Universo Pesquisado - Objects of Research- Universo
15	Introdução - Introduction - Introducción
16	Temas - Themes - Temas
17	Jornais + Revistas - Newspapers + Magazines - Periódicos + Revistas
18	Jornais - Newspapers - Periódicos
19	Revistas - Magazines - Revistas
20	Regiões - Regions - Regiones
21	Direitos e Justiça - Rigths and Justice - Derechos y Justicia
23	Privação de Liberdade - Freedom Deprivation - Privación de Libertad
24	A Crise da Febem - Febem's Crisis - La crisis de la Febem
40	Adoção - Medidas Sócio-Educativas - Adoption - Social-Education Policies - Adopción - Medidas Socio-Educativas
41	Promoção e Defesa dos Direitos - Right Promotion and Protection - Promoción y Defensa de los Derechos
43	Educação - Education - Educación
45	Ações Complementares / Ações e Reflexões - School Complementary Actions / Actions and Reflections - Acciones Complementarias a la Escuela / Acciones y Reflexiones
46	Ensino Fundamental / Ensino Médio - Elementary and Junior High School / High School Enseñanza Primaria - Enseñanza Secundaria
47	Ensino Profissionalizante / Pré-Escola - Professional Education / Pre-school - Educación Profesionalizante / Pre-escuela
48	Professores / Vestibular - Teachers / Colledge Entrance Exam - Profesores / Examen de ingreso Universitario
49	Fórum Mídia e Educação: Perspectivas para a Qualidade de Informação - Forum Media and Education: Perpectives to Information Quality - Forum Medios y Educación: Perpectivas para la Calidad de la Información
59	Terceiro Setor - Third Sector - Tecer Sector
61	Assistência Emergencial / ONGs e Voluntariado - Emergency Assistance / NGO's and Volunteers - Asistencia Emergencial / ONG's y Voluntariado
62	Cidadania Empresarial - Businessmen Citizenship - Ciudadanía Empresarial
63	1º Fórum Brasileiro de Imprensa, Terceiro Setor e Cidadania Empresarial - 1st Press, Third Sector and Business Citizenship Forum of Brazil - 1º Forum Brasileño de Periodismo, Tecer Sector y Ciudadanía Empresarial
65	Violência - Violence - Violencia
67	Maus-Tratos (jovens como vítimas) / Maus-Tratos (jovens como agentes) - Child abuses / Youth Delinquency - Maltratos (jóvenes como agentes) / Maltratos (Jóvenes como víctimas)
68	Roubos, Furtos e Homicídios (jovens como vítimas), Roubos, Furtos e Homicídios (jovens como agentes) - Robberies, Thefts and Murders (youth as victims) / Robberies, Thefts and Murders (youth as agents) - Robos, Hurtos y Asesinatos (jóvenes como víctimas) / - Robos, Hurtos y Asesinatos (jóvenes como agente)
69	Trânsito (jovem vítima de acidentes) / Trânsito (jovem agente de acidentes) - Traffic (youth as victims) / Traffic (youth as agents) - Tránsito (jóvenes como víctimas) / Tránsito (jóvenes como agentes)
70	Ações e Campanhas - Actions and Campaigns - Acciones y campañas
71	Violências nas Escolas - Violence in Schools - Violencia en las escuelas

73 **Saúde - Health - Salud**

75 **Aids e DSTs / Gravidez** - Aids and STDs / Pregnancy - SIDA y EST / Embarazo

76 **Nutrição / Sexualidade** - Nutrition / Sexuality - Nutrición / Sexualidad

77 **Outros Aspectos** - Others - Otros

78 **Comportamento - Features - Comportamiento**

80 **Atitudes / Família** - Children's and teen's behavior / Children and Family - Actitudes / Família - 78

81 **Protagonismo Infanto-Juvenil** - Youngster's as main subjects - Protagonismo Infanto-Juvenil - 79

82 **Cultura e Esportes - Culture and Sport - Cultura y Deporte**

83 **Arte-Educação** - Art-Education - Arte-Educación

84 **Esporte-Educação** - Sport-Education - Deporte-Educación

85 **Exploração e Abuso Sexual - Exploitation and Sexual Abuse - Explotación y Abuso Sexual**

87 **Abuso e Violência / Exploração Comercial** - Abuse and Violence / Commercial Sexual Exploitation - Abuso y Violencia / Explotación Sexual Comercial

88 **Pedofilia / Campanhas de Prevenção** - Pedophilia / Prevention Campaigns - Pedofilia / Campañas de Prevención

89 **Entidade de Atendimento** - Assistance Organizations - Entidades de Atendimento

90 **Drogas - Drug Addiction - Drogas**

91 **Ações e Campanhas** - Actions and Campaigns - Acciones y Campañas - Comunidade e Família / Tráfico-Escola - Community and Family / Drug Dealing and School

92 **Comunidade e Família** - Tráfico y Escuela

93 **Vício e Tratamento** - Addiction and Treatment - Vicio y Tratamiento

94 **Exploração do Trabalho - Labour Exploitation - Explotación del trabajo**

96 **Deficiências - Disabled Children - Portadores de Deficiências**

98 **Esporte / Inclusão na Escola** - Sport / Scholl Engagement - Deporte / Inclusión Escolar

99 **Inclusão Social / Outros Aspectos** - Social Engagement / Others - Inclusión Social / Otros

100 **Saúde** - Health - Salud

101 **Situação de Rua - Street Kids - Niños de la Calle**

102 **Desaparecidos - Missing Children - Desaparecidos**

103 **Mortalidade Infantil - Child Mortality - Mortalidad Infantil**

104 **Meio Ambiente - Environment - Medio Ambiente**

106 **Jornais e Revistas - Newspapers and Magazines - Periódicos y Revistas**

107 **Jornais** - Newspapers - Periódicos

111 **Revistas** - Magazines - Revistas

113 **Busca de Soluções / Denúncia - Looking for Solutions / Denounces - Búsqueda de Soluciones / Denuncia**

122 **Fontes de informação - Information Sources - Fuentes de Información**

126 **Editoriais - Editorials - Editoriais**

130 **Artigos - Articles - Artículos**

134 **A Mídia dos Jovens - Youth Media - Medios Jóvenes**

Os aspectos quantitativos expressos nesta nona edição da *Pesquisa Infância na Mídia* compõem o retrato da consolidação no Brasil de uma cultura jornalística que prioriza a investigação das ações em torno da garantia de direitos à infância e à juventude.

Dez anos depois de aprovado o *Estatuto da Criança e do Adolescente*, desenha-se a existência de um diálogo permanente e mais profissional entre os atores sociais e os jornalistas, entre as organizações governamentais e não governamentais e delas com as empresas de comunicação quando fatos e idéias dizem respeito ao universo da formação das novas gerações.

Há uma espécie de exigência mútua por informação de qualidade, por liberdade de investigação e por espírito de co-responsabilidade social. Um meio influencia o outro. Eles inspiram-se uns aos outros.

Se o Estatuto exigia (exige) um novo olhar sobre a criança e o jovem, a imprensa brasileira soube ao mesmo tempo reconstruir seu próprio olhar enquanto influencia a formação de uma nova visão na agenda da cidadania. Mais que isso, percebe que o olhar investigativo que foca sobre a infância é o portal para as raízes mais estruturais dos pro-

blemas e das soluções nacionais - sendo facilitador do debate social e, por isso mesmo, pauta estratégica.

Neste ano, quando o *Estatuto da Criança e do Adolescente* completa 10 anos, haverá ainda mais razões para que a mídia investigue os motivos dos sucessos e insucessos da sua implementação. É também uma oportunidade histórica de se colocar, na agenda da sociedade, a necessidade de realizar ações que contribuam para a efetivação do Estatuto.

Não é à toa, portanto, que mais de 48 mil reportagens tenham sido registradas pela ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância como publicadas pelos 48 maiores jornais e oito importantes revistas de circulação nacional em 1999, como veremos. E não estão aí as matérias dos cadernos de jornais ou das revistas para adolescentes - alvo de outro estudo, a pesquisa *Os Jovens na Mídia*.

Para esta edição, os fatos que marcaram o sepultamento do modelo Febem e chocaram o país nos fizeram convidar dois atores sociais a aprofundar a discussão sobre o comportamento da imprensa - Padre Júlio Lancellotti (a voz dos jovens no meio do furacão e dirigente do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, em São Paulo) e Cesare

La Rocca (formulador da Pedagogia do Desejo e presidente do Projeto Axé). É uma entrevista que temos imensa satisfação em publicar.

Estão também nas próximas páginas uma visão sobre a questão da violência nas escolas, que marcou o início do ano pesquisado, e os resultados de dois marcantes eventos em 1999: o *Fórum Mídia & Educação - Perspectivas para a Qualidade da Informação* (análise promovida por uma aliança de várias entidades e mais de cem personalidades entre educadores, jornalistas e assessores de imprensa) e o *1º Fórum Brasileiro de Imprensa, Terceiro Setor e Cidadania Empresarial*, realizado no momento em que se detecta nítidos sinais de mudança na cobertura jornalística sobre o investimento social das empresas privadas.

As reflexões apresentadas pela ANDI nesta edição, primeira da série *Mobilização Social* publicada pelo Instituto Ayrton Senna, resultam do desejo e da aliança destes parceiros e também do Unicef no sentido de colaborar com os meios de comunicação e com os atores sociais para a construção de uma cultura de informação que, inspirada nos princípios dos Direitos Humanos, possa agregar-se aos esforços por uma agenda comum de combate à exclusão social.

Geraldinho Vieira
ANDI

Viviane Senna
Instituto Ayrton Senna

Reiko Niimi
UNICEF

Summary / Resumen

Foreword

The conclusions presented by ANDI in this first edition of the series *Social Mobilization* - and published by the Ayrton Senna Institute - are a result of both partners and also the Unicef desire to give a contribution to build up an information culture. Working with the media and with social actors they have the aim to help to create an information culture inspired on Human Rights principles and engaged on the efforts towards a common agenda against social exclusion.

Presentación

Las reflexiones presentadas por la ANDI en esta edición del Informe *Infancia en los Medios* -la primera de la serie *Mobilización Social* publicada por el Instituto Ayrton Senna-, son resultado del deseo y de la alianza de ambos colaboradores y también del UNICEF, en el sentido de contribuir con los medios de comunicación y con los actores sociales para la construcción de una cultura de información que, inspirada en los principios de los Derechos Humanos, pueda agregarse a los esfuerzos por una agenda en común de combate a la exclusión social.

Metodologia



A **Pesquisa Infância na Mídia** é um serviço, sem fins lucrativos, para os veículos de comunicação analisados e para todos os setores da sociedade brasileira envolvidos na promoção e defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Seu objetivo é cooperar para que os meios de comunicação possam rever padrões editoriais, e para que os atores sociais possam ter uma visão mais detalhada (e menos fantasiosa) de como a mídia tem trabalhado os temas.

A coleta de dados - notícias publicadas em 48 jornais e oito revistas de circulação nacional - é realizada na ANDI e por uma empresa especializada em clipagem, cujo serviço é acompanhado com rigor e conferido por amostragem.

As edições pesquisadas são as que circulam em Brasília e para a análise quantitativa são aplicados índices de correção, sempre que se percebe falha na clipagem. Sobre os jornais e revistas clipados pela própria ANDI, ou sobre os jornais clipados pelas agências parceiras da ANDI (Cipó - Comunicação Interativa e Ciranda - Central de Notícias dos Direitos da Infância, em Salvador e Curitiba, respectivamente), não há necessidade de aplicação desse índice.

A ANDI não considera a centimetragem das matérias. A cada título, seja matéria principal ou box, é computado o que convençamos chamar "inserção". Fotografias não acrescentam "pontos". A comparação com o critério de centimetragem, já realizada pela ANDI, não mostrou relevantes alterações nos resultados.

As notícias são divididas em temas (retrancas) que, por sua vez, contêm sub-retrancas (veja quadro ao lado) o que permite uma avaliação mais aprofundada das prioridades da pauta jornalística voltada para as questões da infância e adolescência.

Retranca

Sub-retrancas

Comportamento

Atitudes
Família
Protagonismo infanto-juvenil

Cultura e Esportes

Arte-educação
Esporte-educação

Deficiências

Esporte
Inclusão na escola
Inclusão social
Saúde
Outros assuntos

Desaparecidos

Direitos e Justiça

Adoção
Medidas sócio-educativas
Privação de liberdade
Promoção e defesa dos direitos
(a favor de ECA)
Promoção e defesa dos direitos
(contra o ECA)

Drogas

Ações e campanhas
Comunidade e família
Tráfico e escola
Vício e tratamento

Educação

Ações complementares
Ações e reflexões
Ensino Fundamental
Ensino Médio
Ensino Profissionalizante
Pré-escola
Professores
Vestibular

Metodologia

Retranca	Sub-retrancas
Exploração do Trabalho	
Exploração e Abuso Sexual	Abuso e violência Campanhas de prevenção Entidades de atendimento Exploração comercial Pedofilia
Meio Ambiente	
Mortalidade Infantil	
Saúde	Aids/DSTs Gravidez Nutrição Sexualidade Outros assuntos (<i>mortes nas UTIs, vacinação, exames de saúde etc.</i>)
Situação de Rua	
Terceiro Setor	Assistência emergencial Cidadania empresarial ONGs e Voluntariado
Violência	Ações e campanhas Maus-tratos (<i>jovens como agentes</i>) Maus-tratos (<i>jovens como vítimas</i>) Roubos, furtos e homicídios (<i>jovens como agentes</i>) Roubos, furtos e homicídios (<i>jovens como vítimas</i>) Trânsito (<i>jovens agentes de acidentes</i>) Trânsito (<i>jovens vítimas de acidentes</i>)

Além de classificar as notícias nesses temas e subtemas, a pesquisa ainda observa os seguintes aspectos: **Busca de Soluções, Denúncia e Fontes.**

Busca de Soluções - o conceito de Busca de Soluções, novo paradigma de investigação jornalística, será detalhado em capítulo específico dessa Pesquisa. Recebem essa classificação as matérias que apontam soluções para questões da infância e juventude.

Denúncia - Classificamos também aquelas matérias que podem ser consideradas como “mera” denúncia - em contraponto à ótica das Buscas de Soluções.

* Há matérias que não recebem classificação como Busca de Soluções ou Denúncia.

Fontes - Duas origens primárias de informação são diferenciadas: Governo e Organizações da Sociedade Civil (OSC).

Embora numa única matéria possam ser ouvidas diversas fontes, a classificação detém-se sobre a “fonte primária” de informação, ou seja aquela que propiciou o “gancho” para que o jornal ou revista decidisse investigar o assunto.

* Há matérias que não recebem classificação como Governo ou OSC porque não são necessariamente originadas a partir dessas fontes, podem partir, por exemplo, de uma decisão da própria redação.

Artigos e Editoriais - São classificados separadamente.

Jovens - Não são computadas para efeito da pesquisa as matérias dos veículos destinados aos adolescentes (páginas, suplementos e revistas), objeto de outra pesquisa - *Os Jovens na Mídia*.

Notas - Também não são computadas notas publicadas no mesmo espaço que é destinado às matérias e reportagens ou em colunas.

A Pesquisa Infância na Mídia é realizada pela ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância, em aliança com o Instituto Ayrton Senna e apoio do Unicef.

Metodologia

Para melhor exemplificar a metodologia e os critérios de classificação das matérias, reproduzimos abaixo página do jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte, e como cada parte da reportagem foi classificada.



1- Tema: Meninos e Meninas em Situação de Rua
Ótica: Denúncia
Fonte: Organização da Sociedade Civil
* Reportagem

2- Tema: Violência
Subtema: Maus-tratos (jovens como vítimas)
Ótica: Denúncia
Fonte: Organização da Sociedade Civil
* Reportagem

3- Tema: Violência
Subtema: Maus-tratos (jovens como vítimas)
Ótica: Denúncia
Fonte: Organização da Sociedade Civil
* Reportagem

4- Tema: Direitos e Justiça
Subtema: Adoção
Ótica: Busca de Soluções
Fonte: Organização da Sociedade Civil
* Reportagem

5- Tema: Exploração e Abuso Sexual
Subtema: Abuso e violência
Ótica: Denúncia
Fonte: Organização da Sociedade Civil
* Reportagem

6- Tema: Violência
Subtema: Maus-tratos (jovens como vítimas)
Ótica: Busca de Soluções
Fonte: Organização da Sociedade Civil
* Reportagem

Methodology

The survey Infância na Mídia (Childhood in the Press) is a non-profitable document offered to all sectors of the Brazilian society which are involved in the promotion and protection of children's and teenagers' rights. Its aim is to help the media to review their editorial patterns and also to give groups linked to social work a comprehensive analysis on how the media have been reporting these issues.

Ranking	Sub-ranking
Features	Attitudes Family Youth Protagonist
Missing Children	
Culture and sport	Art-education Sport-education
Disabled Children	Sport School engagement Social engagement Health
Rights and Justice	Adoption Social-education policies Freedom Deprivation Right Promotion and defense (pros) Right Promotion and defense (cons)
Drug addiction	Actions and campaigns Community and family Dealing and school Addiction and treatment
Education	School complementary actions Actions and reflections Elementary and Junior High School High School Professional Education Pre-school Teachers College Entrance Exam

For the quantitative analysis of stories published in 48 newspapers and eight magazines a correction index is applied whenever clippings present flaws.

The news are divided in themes, which are again separated in specific issues, allowing an in-depth analysis of news coverage regarding children and adolescents.

Ranking	Sub-ranking
Labor Exploitation	
Exploitation and Sexual Abuse	Abuse and violence Prevention Campaigns Assistance Entities Commercial Sexual Exploitation Pedophilias
Environment	
Street Kids	
Child Mortality	
Health	Aids/STDs Pregnancy Nutrition Sexuality Other (ICT deaths, vaccines, health examinations, etc.)
Third Sector	Emergency Assistance Businessmen Citizenship NGO's and Volunteers
Violence	Actions and campaigns Injuries (youth as agents) Injuries (youth as victims) Robberies, thefts and murders (youth as agents) Robberies, thefts and murders (youth as victims) Traffic (youth as agents) Traffic (youth as victims)

ANDI Survey observes the following aspects:

Search for Solutions - Stories which suggest solutions for children's and adolescents' problems.

Denounces - Stories denouncing or criticizing, as opposed to solution seeking.

Sources - two primary information sources were followed: Official (government) and OSC - CSO (Civil society organizations).

Metodología

El Informe Infancia en los Medios es un servicio sin fines de lucro, dirigido a todos los sectores de la sociedad brasileña involucrados en la promoción y defensa de los derechos de la infancia y adolescencia, con el objetivo de colaborar con los medios de comunicación en su revisión de padrones editoriales, y para que los actores sociales puedan tener una visión más detallada de cómo los medios han abordado los diferentes temas.

Tema	Sub-tema
Comportamiento	Actitudes Familia Protagonismo Infanto-Juvenil
Niños Desaparecidos	
Cultura y Deporte	Arte-Educación Deporte-Educación
Portadores de Deficiencias	Deporte Inclusión escolar Inclusión social Salud
Derechos y Justicia	Adopción Medidas socio-educativas Privación de libertad Promoción y defensa de los derechos (a favor) Promoción y defensa de los derechos (en contra)
Drogas	Acciones y campañas Comunidad y familia Tráfico y escuela Vicio y tratamiento
Educación	Acciones complementarias a la escuela Acciones y reflexiones Enseñanza primaria Enseñanza secundaria Educación profesionalizante Pre-escuela Profesores Examen de ingreso universitario

Para el análisis cuantitativo de noticias publicadas en 48 periódicos y ocho revistas de circulación nacional, son aplicados índices de corrección, siempre que se perciben errores en el proceso de clipping.

Las noticias son divididas por temas, que, a su vez, contienen sub-temas, lo que posibilita un análisis más profundo de las prioridades de la pauta periodística relacionada a asuntos de infancia y adolescencia.

Tema	Sub-tema
Explotación del trabajo	
Explotación y abuso sexual	Abuso y violencia Campañas de prevención Entidades de atendimento Explotación sexual comercial Pedofilia
Medio Ambiente	
Niños y Niñas de la Calle	
Mortalidad Infantil	
Salud	SIDA/EST Embarazo Nutrición Sexualidad Otros (muertes en UTI, vacunas, exámenes de salud, etc.)
Tercer Sector	Asistencia emergencial Ciudadanía empresarial ONG's y voluntariado
Violencia	Acciones y campañas Maltratos (jóvenes como agentes) Maltratos (jóvenes como víctimas) Robos, hurtos y asesinatos (jóvenes como agentes) Robos, hurtos y asesinatos (jóvenes como víctimas) Tránsito (jóvenes como agentes) Tránsito (jóvenes como víctimas)

El Informe ANDI / IAS aún observa los siguientes aspectos:

Búsqueda de Soluciones - reportajes que señalan soluciones para asuntos sobre la infancia y adolescencia.

Denuncia - reportajes que pueden ser considerados como simples denuncias, en contraste con la óptica de la Búsqueda de Soluciones.

Fuentes - dos orígenes primarios de información fueron acompañadas: las fuentes oficiales (Gobierno) y las fuentes OSC (organizaciones de la sociedad civil).

Jornais / Newspapers / Periódicos

Região Norte

A Crítica - AM (1)
A Gazeta - AC (1)
A Província do Pará - PA
Diário da Amazônia - RO (1)
Diário do Pará - PA
Jornal do Tocantins - TO (1)
O Estadão - RO (1)
O Liberal - PA

Região Nordeste

A Tarde - BA
Correio da Bahia - BA (3)
Correio da Paraíba - PB
Diário de Natal - RN (4)
Diário de Pernambuco - PE
Diário do Nordeste - CE
Gazeta de Alagoas - AL (1)
Jornal do Commercio - PE
Meio Norte - PI
O Dia - PI
O Estado do Maranhão - MA
O Imparcial - MA (1)
O Norte - PB (1)
O Povo - CE
Tribuna de Alagoas - AL (1)
Tribuna do Norte - RN

Região Centro-Oeste

A Gazeta - MT
Correio Braziliense - DF
Diário de Cuiabá - MT
Folha do Estado - MT (5)
Jornal de Brasília - DF
O Popular - GO

Região Sudeste

A Gazeta - ES
Correio Popular - SP
Diário da Tarde - MG (3)
Diário Popular - SP
Estado de Minas - MG
Folha de S. Paulo - SP
Gazeta Mercantil - SP (2)
Hoje em Dia - MG
Jornal da Tarde - SP
Jornal do Brasil - RJ
O Dia - RJ
O Estado de S. Paulo - SP
O Globo - RJ

Região Sul

A Notícia - SC
Diário Catarinense - SC
Folha de Londrina - PR
Gazeta do Povo - PR
Zero Hora - RS

Revistas / Magazines / Revistas

Categoria Semanais

Época - SP
IstoÉ - SP
Veja - SP

Categoria Mensais/Femininas

Claudia - SP
Criativa - SP
Marie Claire - SP

Categoria Economia e Negócios

Amanhã - RS (mensal)
Exame - SP (quinzenal)

Universo pesquisado

Jornais: 48
Tiragem no período: 1 bilhão de exemplares
Revistas: 8
Tiragem no período: 120 milhões de exemplares
Tiragem total: 1,120 bilhão de exemplares

Matérias computadas

Jornais

Total de edições no período: 16.787
Total de matérias: 47.451
Busca de Soluções: 30,64%
Denúncias: 11,34%

Matérias computadas

Revistas

Total de edições no período: 230
Total de matérias: 1.188
Busca de Soluções: 37,71%
Denúncias: 8,92%

Matérias computadas

Jornais + Revistas

Total de edições no período: 17.017
Total de matérias: 48.639
Busca de Soluções: 30,83%
Denúncias: 11,27%

(1) Não circula às segundas

(2) A edição da sexta-feira contém a de sábado. A de domingo contém a de segunda. O caderno regional pesquisado é o que circula no DF.

(3) Não circula aos domingos

(4) Aos domingos se chama *O Poti*

(5) Não circula aos sábados



A imprensa brasileira publicou, durante o ano de 1999, **83,52%** mais matérias sobre questões relacionadas à infância e adolescência do que no ano de 1998.

Do total de inserções computadas pela *Pesquisa Infância na Mídia*, no ano de 1999, **30,83%** podem ser consideradas como uma contribuição do jornalismo às **Buscas de Soluções** sociais. Apenas **11,27%** se satisfaz com a mera **Denúncia**.

Esse quadro reflete a série de ações que visam mudar a realidade social em que estão inseridas milhares de crianças e adolescentes. A mídia reflete o cenário de mobilização no país, incluindo o grande crescimento do Terceiro Setor. Ao investigar as ações sociais, a própria mídia é também um ator/mobilizador. Ela forma consciências.

Essa pesquisa, realizada pela ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância, em aliança com o Instituto Ayrton Senna e apoio do Unicef, pretende criar uma visão mais aprofundada sobre a cobertura jornalística das questões rele-

vantes para a criança e o adolescente.

Os dados são agrupados em **Temas** - o que permite uma melhor análise de cada um dos assuntos mais abordados pela mídia relativos à infância e à adolescência.

Também é computado o número de matérias de cada veículo (48 jornais e 8 revistas) analisado.

Os índices qualitativos - **Buscas de Soluções, Denúncias e Fontes** - permitem conclusões sobre linhas e vícios editoriais.

Analisar as **Fontes** de informação permite um diagnóstico da própria atuação jornalística no que diz respeito aos atores consultados nas reportagens com maior frequência. A visão sobre as **Fontes** é fundamental para que se busque um equilíbrio entre fontes oficiais e da sociedade civil. Percebe-se, a partir desse levantamento, que cresce o número de fontes de credibilidade entre as organizações da sociedade civil.

Além disso, a análise entre a ótica da mera **Denúncia** e a ótica das **Buscas de Soluções** permite concluir que é desse

confronto - a divulgação dos indicadores sociais mais alarmantes e os resultados concretos de ações bem sucedidas - que a imprensa promove um amplo debate social.

Aqui, é necessário ressaltar que brilhantes atuações quantitativas não correspondem necessariamente à qualidade daquilo que é publicado. Para isso, deve-se levar em conta a profundidade da investigação, a variedade de fontes, o impacto e a repercussão da notícia, a tiragem e a circulação do veículo, além da prioridade dada aos "grandes temas", ou seja, a uma cobertura além do factual.

Esta pesquisa *Infância na Mídia* espera contribuir para a reflexão sobre as relações entre a imprensa e os atores sociais de promoção e defesa dos direitos da infância.

A ANDI (única responsável pelos dados contidos nesta pesquisa) coloca-se à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Marco Túlio Alencar
Coordenador da Pesquisa

Summary / Resumen

Introduction

Along 1999, the number of stories related to children and adolescents published by the Brazilian press increased 83.52% compared to 1998.

From all the insertions counted by the survey *Infância na Mídia* (Childhood in the Press) last year, 30.83% can be considered as "Searching for Solutions" to Brazilian youngsters' problems.

That positive picture is consequence of a stream of actions to change the social reality in which thousands of children and adolescents are inserted. The media reflect that reality and each time open more space to these issues, which allows the discussion to reach the entire society.

Introducción

La prensa brasileña publicó, durante 1999, 83.52% más noticias sobre asuntos relacionados a la infancia y la adolescencia, en comparación con el año 1998. Del total de inserciones computadas por el Informe *Infancia en los Medios* el año pasado, 30.83% pueden ser consideradas como "Búsqueda de Soluciones" a los problema de los jóvenes brasileños.

Este cuadro favorable es reflejo de la serie de acciones que tienen como objetivo modificar la realidad social de la que forman parte millares de niños y adolescentes. Los medios reflejan esa realidad y abren, cada vez más, espacios para que ese debate alcance a toda la sociedad.

Temas

Comportamento
Cultura e Esportes
Deficiências
Desaparecidos
Direitos e Justiça
Drogas
Educação
Exploração do Trabalho
Exploração e Abuso Sexual
Meio Ambiente
Mortalidade Infantil
Saúde
Situação de Rua
Terceiro Setor
Violência

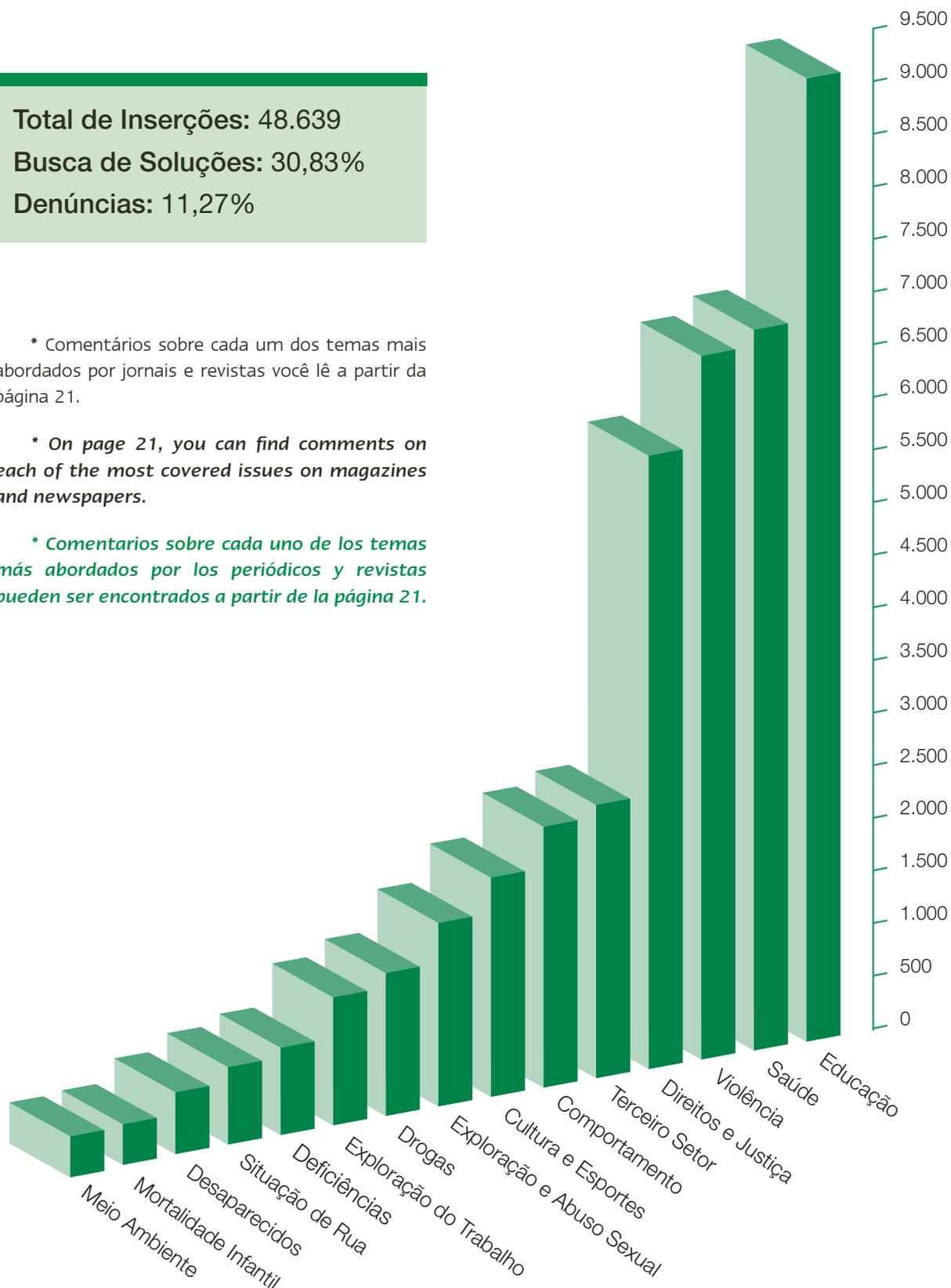
Temas mais abordados - Jornais + Revistas

Total de Inserções: 48.639
Busca de Soluções: 30,83%
Denúncias: 11,27%

* Comentários sobre cada um dos temas mais abordados por jornais e revistas você lê a partir da página 21.

* *On page 21, you can find comments on each of the most covered issues on magazines and newspapers.*

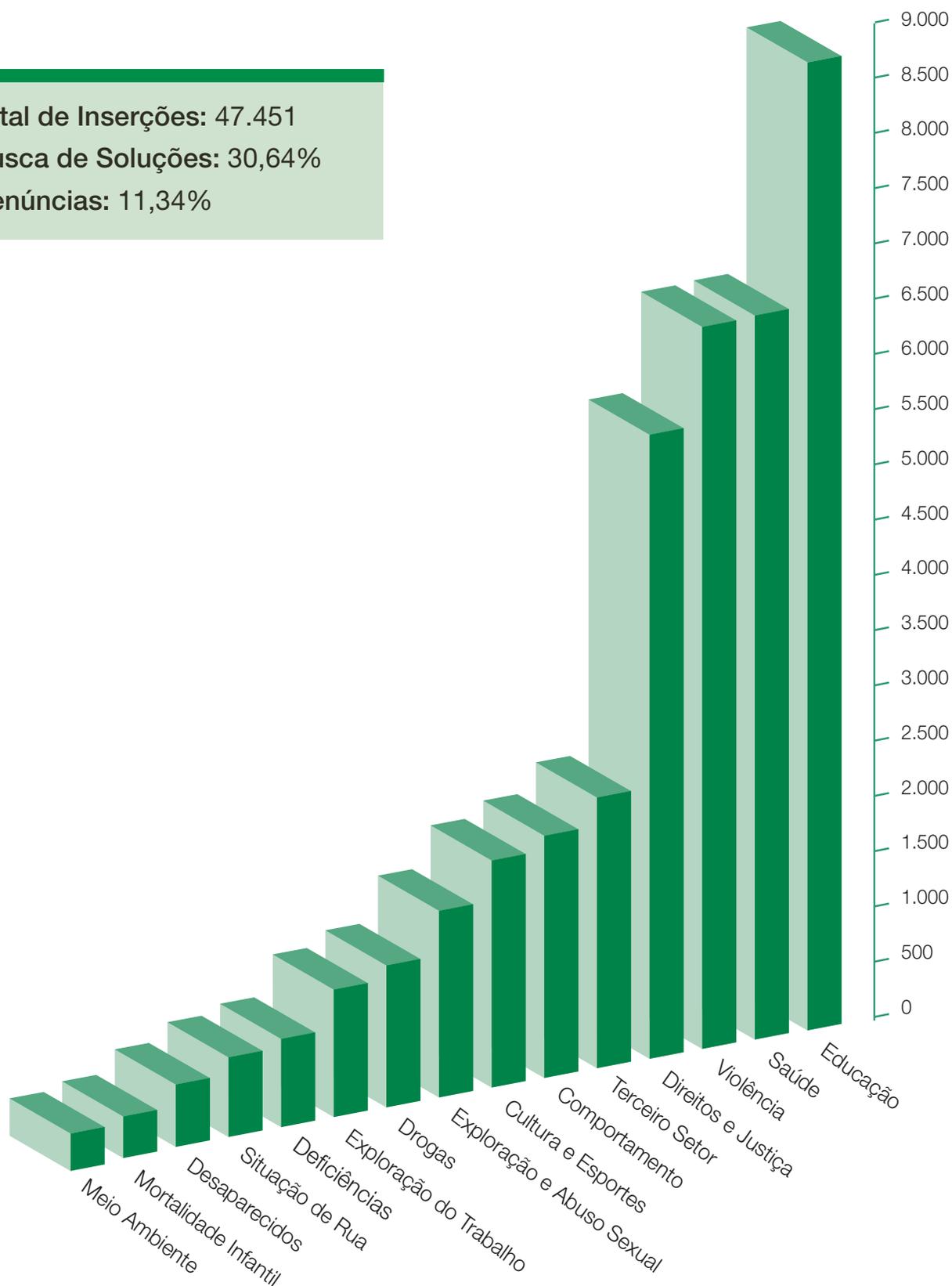
* *Comentarios sobre cada uno de los temas más abordados por los periódicos y revistas pueden ser encontrados a partir de la página 21.*



Temas mais abordados - Jornais

Newspapers
Periódicos

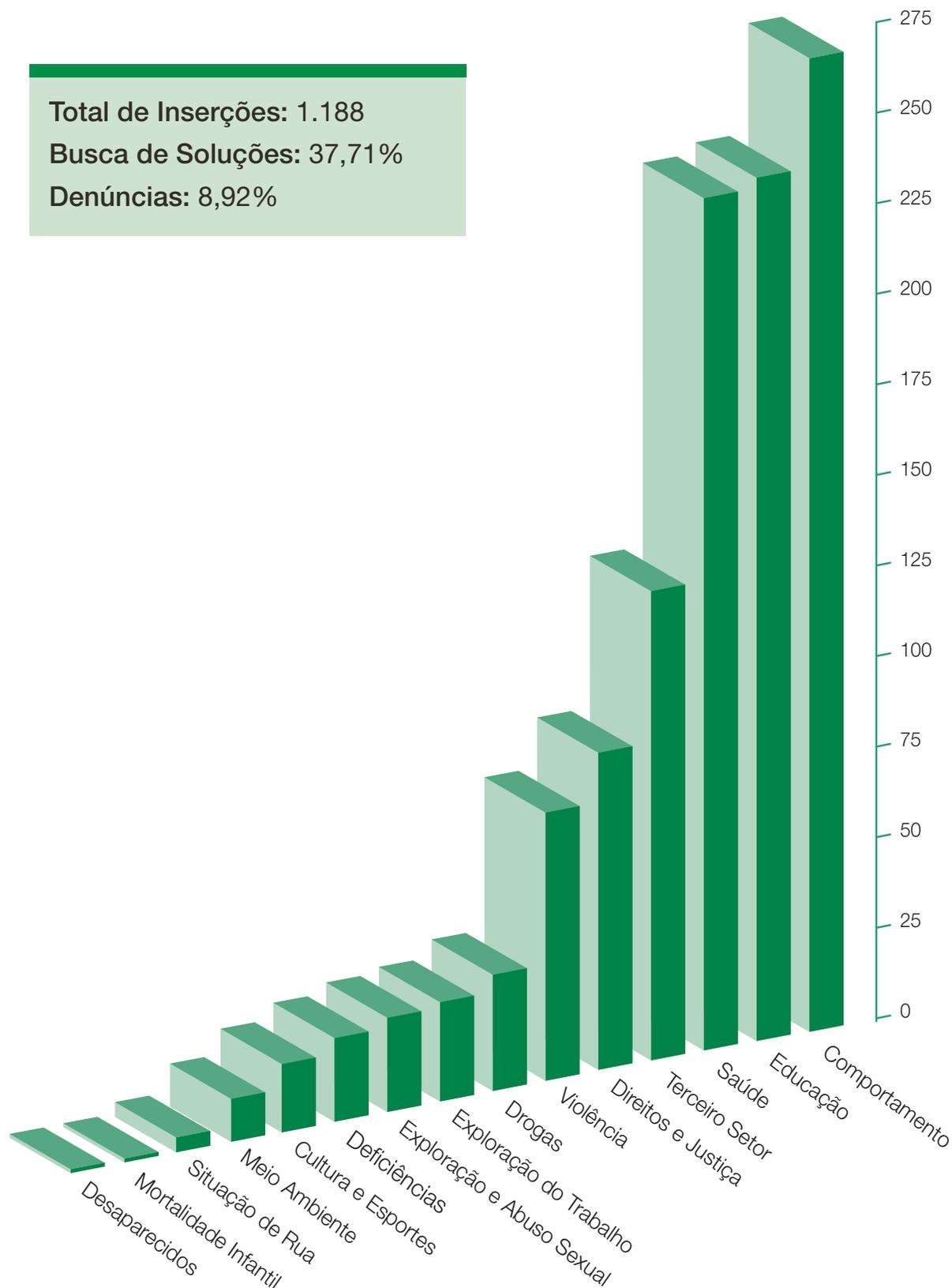
Total de Inserções: 47.451
Busca de Soluções: 30,64%
Denúncias: 11,34%



Temas mais abordados - Revistas

Magazines
Revistas

Total de Inserções: 1.188
Busca de Soluções: 37,71%
Denúncias: 8,92%



Temas por Regiões

Temas por Regiões

em percentual (%)	Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
<i>Comportamento</i>	4,85	5,01	5,81	5,32	6,06
<i>Cultura e Esportes</i>	2,80	5,39	6,09	4,83	4,88
<i>Deficiências</i>	2,04	2,38	2,15	1,17	2,49
<i>Desaparecidos</i>	1,31	1,05	1,20	1,39	2,69
<i>Direitos & Justiça</i>	15,12	11,17	13,10	16,48	12,57
<i>Drogas</i>	2,62	3,80	2,36	2,87	3,60
<i>Educação</i>	16,20	21,57	22,38	20,92	23,60
<i>Exploração do Trabalho</i>	5,16	3,21	2,15	2,41	2,08
<i>Exploração e Abuso Sexual</i>	6,79	5,27	4,34	2,54	3,50
<i>Meio Ambiente</i>	0,50	0,71	0,84	0,74	1,26
<i>Mortalidade Infantil</i>	0,97	1,20	0,66	0,70	1,06
<i>Saúde</i>	16,99	17,59	15,84	14,54	14,58
<i>Situação de Rua</i>	2,18	2,31	2,22	1,22	1,15
<i>Terceiro Setor</i>	4,46	6,27	4,69	6,45	6,33
<i>Violência</i>	18,01	13,07	16,17	18,42	14,15



Entre os fatos “negativos”, o mais importante e mais marcante em relação à criança e ao adolescente durante o ano de 1999

foi, sem dúvida, a crise da Febem. A cobertura jornalística das rebeliões e mortes de jovens nas unidades da instituição em São Paulo e várias outras localidades permitiu perceber na mídia uma rara maturidade. Apesar de alguns equívocos, diminuiu o tom policaresco e cresceu a defesa por melhores condições para os jovens sob a ótica de seus direitos e da falência das políticas públicas.

Essa questão inspirou a ANDI a realizar uma profunda avaliação da forma como a imprensa lida com adolescentes autores de atos infracionais. Foram convidados para debater o assunto o padre Júlio Lancellotti - que convive com os jovens internos e dirige o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente, em São Paulo - e

Cesare La Rocca, presidente do Projeto Axé, em Salvador, uma das mais bem sucedidas experiências brasileiras de educação para meninos e meninas em situação de risco social.

O resultado desse encontro, que você lê a partir da página 28, mostra os avanços da

imprensa e como jornalistas e atores sociais (fontes de informação) devem dialogar diante de questões cruciais como essa.

É absolutamente significativa a diferença entre as matérias favoráveis aos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente e aquelas que atacam a lei. Do total classificado como Direitos e Justiça, 54% referem-se ao ECA (3.127 inserções). Destas, 94,25% contribuem efetivamente para um maior conhecimento do Estatuto por parte da sociedade, enquanto 5,75% trazem opiniões contrárias à lei ou a seus aspectos.

O jornalista mais consciente em relação ao Estatuto reflete positivamente em coberturas como a da Febem. Mais informado, informa melhor.

Em 13 de julho de 2000, a Lei 8.069 (ECA) faz dez anos. A mídia tem reproduzido a importância do documento para a sociedade brasileira, como um instrumento regulador e transformador da realidade de milhares de jovens, desde que correta e efetivamente aplicado.

25,66%

Busca de Soluções

17,98%

Denúncia

94,25%

A favor do ECA

Estatuto Presente - Vale ressaltar que a mudança de posição do tema

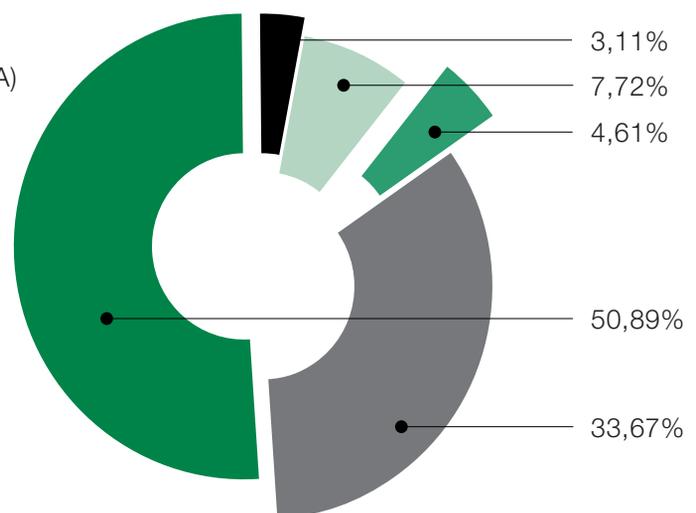
5,75%

Contra o ECA

Direitos e Justiça (da segunda ao longo de 1998 para a quarta em 1999) não significa menor enfoque da mídia a partir de uma “ótica dos direitos”. Foi evidente o aumento de inserções dos temas **Saúde** e **Violência** (especialmente de matérias referentes à violência nas escolas).

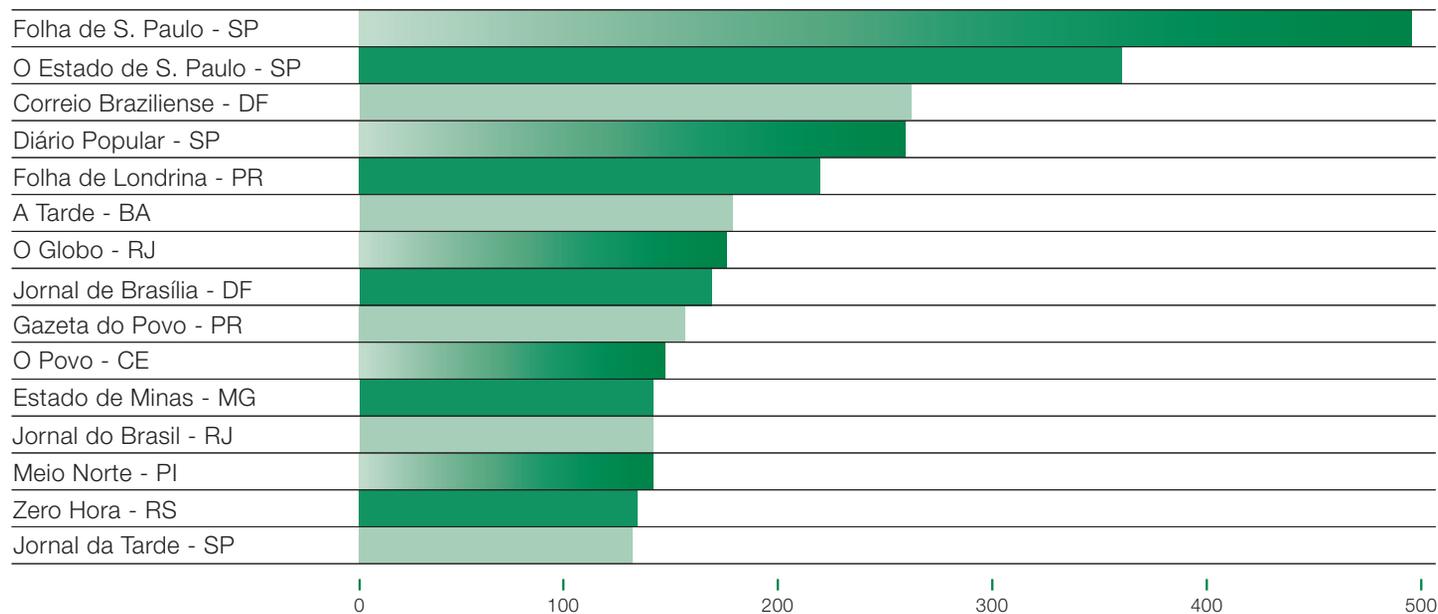
Direitos e Justiça

- Promoção e Defesa dos Direitos (a favor do ECA)
- Promoção e Defesa dos Direitos (contra o ECA)
- Adoção
- Medidas Sócio-Educativas
- Privação de Liberdade

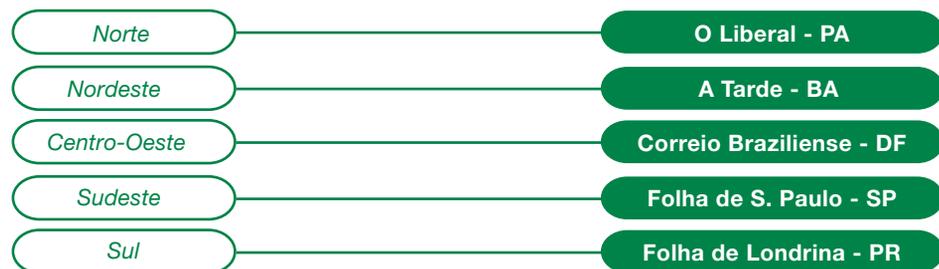


Direitos e Justiça

Direitos e Justiça - Jornais que mais publicaram



Direitos e Justiça - Jornais que mais publicaram por região



Direitos e Justiça

Revistas que mais publicaram

Semanal

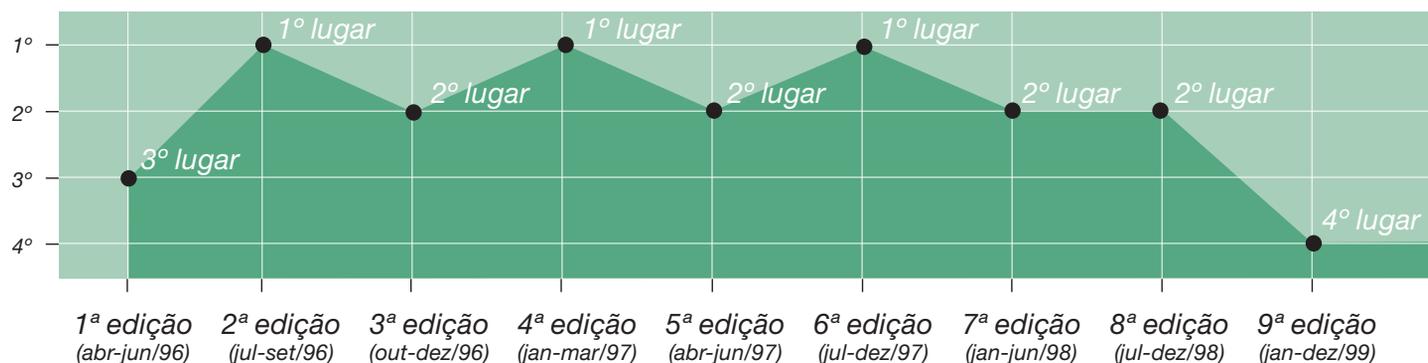
Isto É

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Direitos e Justiça - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas

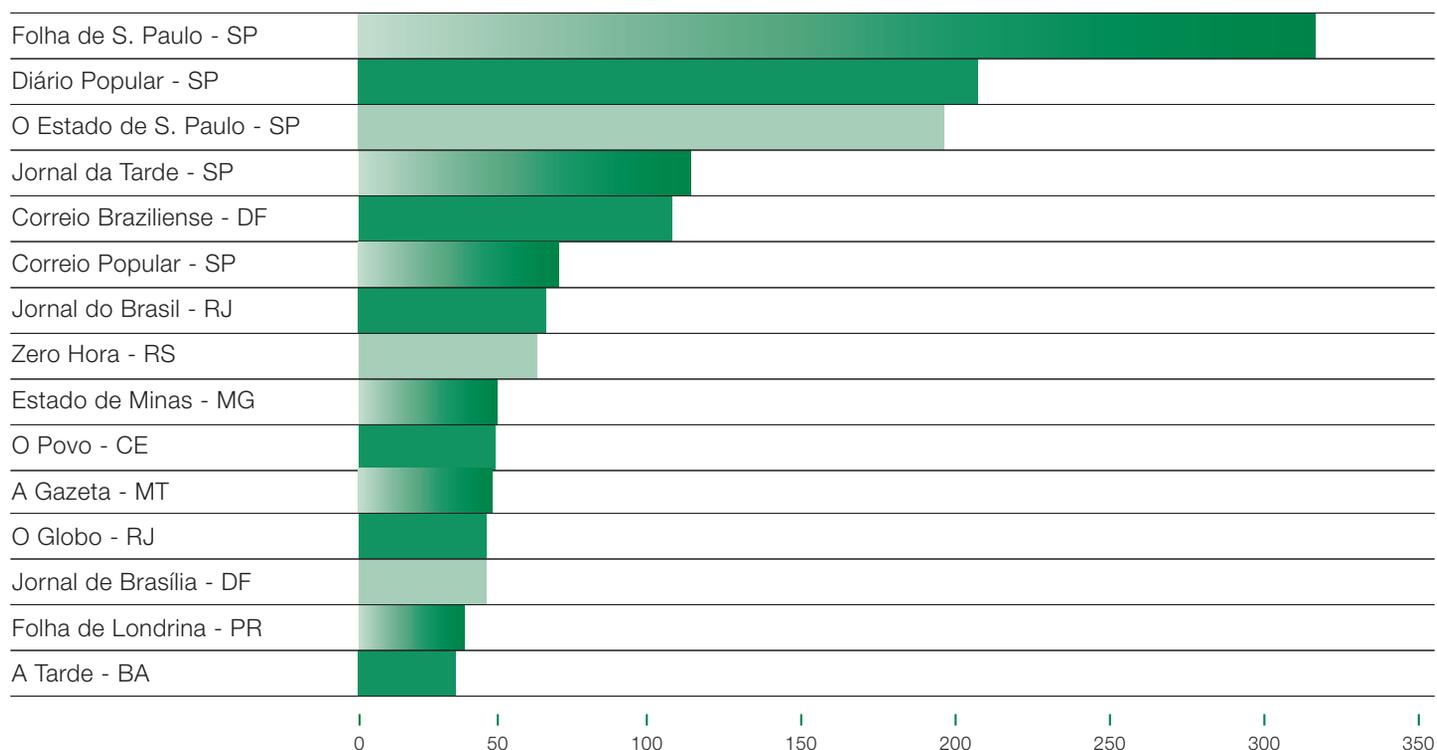


O desafio da reinserção social de jovens em conflito com a lei, potencializado pela crise da Febem, provocou um expressivo aumento nas matérias e reportagens sobre Privação de Liberdade. No segundo semestre de 1998, o assunto representava 5,62% do total de matérias classificadas em **Direitos e Justiça**. Em todo o ano de 1999, representou 33,67%.

Na região Sudeste, ao longo de 1999, o tema **Direitos e Justiça** ocupa o terceiro lugar entre os mais abordados, enquanto no restante do país é mantida a quarta posição. No Sul, o jornal *Zero Hora* tem se destacado pelo acompanhamento sistemático do tema.

Da mesma maneira, a revista *Isto É*, ao longo dos últimos anos, tem sido exemplar na abordagem das questões relacionadas ao Estatuto da Criança e do Adolescente. Entre os profissionais que cobrem esta área, destaca-se o jornalista Gilberto Nascimento, subeditor de Brasil.

Privação de Liberdade - Jornais que mais publicaram



Privação de Liberdade

Jornais que mais publicaram por região



Privação de Liberdade

Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Análise quantitativa

Para permitir uma melhor avaliação da relação entre mídia e crise da Febem, a ANDI analisou detalhadamente mais de 500 matérias publicadas em quatro diferentes meses de 1999 nos jornais e revistas que compõem o universo da [Pesquisa Infância na Mídia](#).

A intenção foi determinar os focos centrais das notícias, os assuntos abordados, os atores ouvidos nas reportagens e a imagem que é construída sobre os internos.

Com base nessa análise, sobre a qual se debruçaram o padre Júlio Lancellotti e Cesare La Rocca, foi realizada a entrevista que você lê a partir da página 28.

FOCOS CENTRAIS DAS NOTÍCIAS

	MAIO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
<i>Rebelião e Fuga</i>	56%	37%	3%	11%
<i>Rebelião</i>	23%	0%	3%	0,6%
<i>Fuga</i>	0%	2%	12%	11%
<i>Decorrências de Rebelião e Fuga</i>	0%	10%	9%	14%
<i>Outros</i>	21%	51%	73%	63,4%

► Foram consideradas distintamente as matérias que enfocaram **Rebelião**, **Rebelião seguida de fuga e Fuga**, pois contêm significados diferentes no discurso jornalístico sobre o caso Febem. É interessante observar, após julho, o desuso progressivo do termo rebelião para descrever os fatos, embora rebeliões, de menores proporções, tenham continuado a ocorrer.

► No item **Decorrências de Rebelião e Fuga** foram consideradas matérias que enfocam algum fato imputado a fugitivos da Febem ou ao pânico e/ou medo que atingiu parcela da população de São Paulo. O item **Outros** inclui a repercussão dos acontecimentos entre as entidades civis, o governo, o poder judiciário, as organizações de direitos humanos etc.

► Embora, no geral, o item **Decorrências de Rebelião e Fuga** somente aumente no final do período, os jornais estamparam cada vez mais títulos como “Mais de 500 fugitivos ainda soltos em São Paulo”. A questão toma proporções alarmantes quando a grande maioria dos jornais, ao descrever os crimes de adolescentes infratores, falam em latrocínio, homicídio e estupro ou homicídio, assalto e estupro, nessa ordem, quando, na verdade, aqueles jornais que se ocuparam em apresentar os números reais de causas de internação na Febem mostrem que a ordem deveria ser roubo (61%), furto (5,4%) e homicídio (5,1%).

ASSUNTOS ABORDADOS

	MAIO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
<i>Estatuto da Criança e do Adolescente</i>	0%	13%	12%	8%
<i>Tortura e Maus-Tratos</i>	26%	28%	42%	15%
<i>Superlotação</i>	26%	8,5%	27%	3%
<i>Criminalidade Juvenil</i>	0%	6,5%	3%	1,2%
<i>Descentralização/Regionalização</i>	3%	21%	9%	9%
<i>Medidas Sócio-Educativas</i>	3%	4%	0%	2,5%
<i>Recursos Humanos</i>	0%	2%	0%	2%
<i>Conselhos de Direitos</i>	0%	0%	6%	0,3%
<i>Conselhos Tutelares</i>	0%	0%	0%	0,6%
<i>Experiências Exitosas</i>	0%	2%	0%	0,3%
<i>Imputabilidade Penal</i>	0%	0%	3%	0%

- ▶ O item **Estatuto da Criança e do Adolescente** é considerado todas as vezes em que a Lei é citada ou comentada.
- ▶ **Tortura e Maus-Tratos** - considera a referência clara a um ou aos dois aspectos. Estão juntos em função da dificuldade da distinção. Consideramos tortura, como fez a Comissão de Direitos Humanos em visita à Febem, a prática violenta de espancamento.
- ▶ **Superlotação** - Não bastava falar em superlotação, era preciso comentar a defasagem entre capacidade e número de internos.
- ▶ **Criminalidade Juvenil** - Da mesma forma, não bastava citar, era preciso levantá-lo como um dado. No caso, refere-se sempre a um presumível aumento da criminalidade juvenil.
- ▶ **Descentralização/Regionalização** - Considerado quando divulga-se propostas da sociedade civil ou do governo, ou quando noticia-se sobre centros em construção, ou faz-se referência às dificuldades de implantá-los no interior.

QUEM FALA

	MAIO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
Meninos (as)	6%	15%	3%	8%
Funcionários	40%	28%	9%	1,5%
Polícia	6%	21%	9%	12,5%
ONGs	66%	26%	3%	5%
Família e Amigos	50%	32,5%	6%	26%
Direção da Febem	86%	47%	6%	26%
Conselhos de Direiros	3%	2%	6%	1,5%
Conselho Tutelar	0%	0%	0%	4,5%
Parlamentares	10%	17%	15%	13%
Sindicato dos Funcionários	6%	17%	6%	9,5%
Juízes	3%	2%	0%	3%
Promotor	0%	10%	27%	7%
Associações de Mães e Amigos de Crianças em Risco	3%	2%	12%	2,5%
OAB	3%	0%	0%	0,3%
Governador	0%	17%	21%	15%
Governo	0%	4%	6%	5,5%
SOS Criança	0%	0%	0%	3%

▶ Neste item, foi considerada a reprodução exata da fala ou da opinião do entrevistado, ou seja, quem a matéria “ouve”. Especialmente aqui, não existe a correspondência “uma fala igual a uma matéria”. Várias pessoas do governo, por exemplo, podem ser “ouvidas” numa mesma matéria.

▶ Também vale observar que foi separada a fala do governador daquelas que chamamos “governo”, ou seja, seu staff.

▶ A Associação de Mães e Amigos de Crianças em Risco é uma associação criada pelas mães da FEBEM há cerca de dois anos.

COMO SÃO CHAMADOS OS INTERNOS

	MAIO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
<i>Menores Infratores Violentos</i>	10%	0%	0%	0%
<i>Adolescentes Infratores</i>	20%	0%	6%	4,5%
<i>Menores Infratores</i>	16%	0%	9%	5%
<i>Adolescentes Autores de Ato infracional</i>	3%	0%	0%	0%
<i>Menores</i>	26%	39%	33%	40%
<i>Jovens Infratores</i>	10%	2%	0%	0,1%
<i>Garotos</i>	13%	0%	0%	0%
<i>Crianças e Adolescentes Infratores</i>	0%	0%	0%	0,1%
<i>Adolescentes Fugitivos</i>	0%	2%	0%	1,8%

Um conceito menor

Vários veículos de comunicação ainda insistem em utilizar o termo “menor” em textos e títulos, contribuindo para a perpetuação de um conceito ultrapassado e conservador. O termo foi banido do vocabulário de quem defende os direitos da infância, pois remete à **doutrina da situação irregular** ou do direito penal do menor, revogados. A atual Lei se baseia na doutrina de proteção integral, que considera a criança e o adolescente como cidadãos em desenvolvimento e, portanto, dignos de respeito e proteção. Os termos adequados são criança, adolescente, menino (a), garoto (a), jovem.

Sobre essa questão, escreveu Mylton Severiano, na seção **Contribuição ao Dicionário das Idéias Feitas** da coluna *enfermaria* (Revista **Caros Amigos**, março de 1999):

“**Menor** - Aplicar a garoto (a) pobre. Chamar remediados e ricos de *teen*: é chique. Mas, decididamente, jamais usar *teen* para pobre. Exemplos: “Menor morto na Febem”; nunca “*Teen* morto na Febem”; ou “*Teen* brasileiro prefere hambúrguer a feijão”; nunca “Menor brasileiro prefere” etc.”

FEBEM

Emoção sem Sensacionalismo

A imprensa posicionou-se sob a ética e a ótica dos direitos

Júlio Lancellotti (o padre no centro do furacão chamado Febem) e **Cesare La Rocca** (formulador da *Pedagogia do Desejo*) analisam nesta entrevista à ANDI o comportamento da imprensa durante os trágicos - mas previsíveis - episódios que marcaram o ano mais cruel e sangrento para os jovens que cumprem privação de liberdade. Uma reflexão sobre os papéis do jornalista e das fontes de informação. Sobre ética, política, protagonismo juvenil, religião e educação.

Cesare La Rocca

Padre Júlio Lancellotti

Nota ANDI: Esta entrevista foi feita em 8 de dezembro de 1999. Mesmo citações que possam parecer "datadas" foram mantidas, com o objetivo de compartilhar com maior fidelidade as reflexões e emoções da conversa entre Padre Júlio Lancellotti e Cesare La Rocca.





ANDI - O mapeamento sobre os atores ouvidos pela imprensa ao longo da cobertura dos episódios que marcaram o ano na Febem mostra que diante de tantos fatos trágicos a questão educacional pouco aparece. Mas a questão Febem não é sobretudo um desafio pedagógico?

Padre Júlio Lancellotti - Eu participei de um número infinito de debates, de entrevistas. Quando se fala na questão pedagógica, os jornalistas perguntam: mas na prática, o que é que dá pra fazer? Eles não vêem educação como prática. A tal ponto que em alguns momentos a gente se enerva...o que fazer agora? O que fazer de imediato? Durante uma entrevista para rádios e televisões, eu até disse: o que tem de fazer de imediato é varrer o pátio, recolher o lixo, dar bebida pros meninos, alimentá-los, eles urinarem, defecarem, tomarem banho e se vestirem. De imediato é preciso limpar o ambiente. Aí, a repórter levou um susto !

Muitos jornalistas chegam com uma pauta pronta. Eles querem pegar o contraponto, o sensacional, o escandaloso. Por exemplo, nós fizemos muitas análises, inclusive com o auxílio de psicanalistas, psicólogos e analistas, do que significou no Brasil - tanto no Recife, em São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte - os meninos se atacaram entre si como se atacaram este ano. Por que os adolescentes estão se matando? Mas, eles (os repórteres) não querem ouvir isso.

ANDI - Qual o resultado dessa reflexão?

Cesare La Rocca - Eu acho que se conseguiu substituir, no **diálogo com a imprensa**, a expressão Educação, que eles nem sempre querem ouvir falar, por Soluções, que eles querem. Quais são as possíveis soluções?

ANDI - Parece ser a pergunta certa!

Pe. Júlio - Os repórteres sempre me apontavam - existe solução?

Sim, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Então, o que a imprensa pegou foi: tem que descentralizar, tem que regionalizar, tem que desconcentrar. Esses conceitos a imprensa absorveu bem. Só que a gente diz: não adianta só fazer isso, se não mudar o modelo. Então a grande discussão era (eu até usei essa expressão e a imprensa usou): você pega um bolo podre e parte uma porção de pedaços podres, você vai ficar com uma porção do bolo podre dividido. Então essa foi uma questão que também foi permeando as discussões.

ANDI - Voltando aos psicanalistas...

Pe. Júlio - A gente procurou fazer a leitura, o simbolismo dessa morte entre os jovens, deles se ferirem...um jovem foi decapitado. Qual mensagem que eles estão passando para nós: "nós valemos tão pouco, a nossa falta de perspectiva é tão grande, que o que nos resta é a morte. E nos matamos". Uma coisa chamou muito a atenção: os adolescentes tinham vários reféns nas mãos, com as machadinhas na cabeça. Mas, eles não atacaram os reféns, pessoas que eles odeiam. Porque eles pegaram aqueles que mais batem neles. E eles não atacaram essas pessoas. Eles estressaram essas pessoas, mas não as feriram gravemente.

Cesare - Não torturaram. Não foram perversos com os reféns.

Pe. Júlio - Depois eles diziam: se a gente matasse um monitor ia ser ruim demais. Mas se é um de nós que se mata, ninguém liga. Eu valho tão pouco, sou tão porcaria que posso matar o meu igual e não vai acontecer nada.

Cesare - Eu gostei dessa análise sua com seus companheiros de psicologia e psicanálise, porque é a mesma que o Marcos (*Antônio Cândido de Carvalho, educador*

do projeto Axé atualmente fazendo pós-graduação nos Estados Unidos) faz: a morte do pai - que nunca se deu na vida dessas crianças - está se dando através da auto-violência, porque como estão, nessa linha que você está dizendo, matando seus companheiros, daqui a pouco vão atacar seus próprios corpos. Ou seja, o suicídio em massa vai acontecer. Pode acontecer!



Pe. Júlio - É a total falta de perspectiva.

Cesare - Temos os índios que estavam se suicidando. Por quê? Porque não têm futuro. A dimensão do futuro pára no hoje e acabou.

Pe. Júlio - O matar dos jovens. Eles arranjam uma desculpa: é o seguro. Essa questão é séria e **a imprensa falou muito do seguro**. Eles queriam entender o que é o seguro. Por que tem gente no seguro? Por mais que a gente quisesse, não foi possível problematizar suficientemente o que representa o seguro para o entendimento da opinião pública. A imprensa quis explorar, mas não conseguiu aprofundar. O seguro é uma linguagem da visão de adulto que acabou sendo transferida para a prisão juvenil, para o sistema de privação de liberdade. O seguro é extremamente manipulado pelos monitores. Tanto que um jovem está agora no Carandiru, e participou das rebeliões na Imigrantes. Ele estava muito ferido, porque foi muito agredido e eu consegui intermediar a saída imediata dele do Complexo Imigrantes para o Complexo do Tatuapé.

Quando os monitores que estavam com raiva dele o levaram para o Tatuapé, o entregaram e disseram: “esse aqui é alcaçute de rebelião” e “entrega para os outros”. Então, ele ficou no seguro porque não conseguiu limpar.

ANDI - Há falta de perspectiva ou a perspectiva é a morte ?

Pe. Júlio - Essa é a questão: eles se matam entre si porque não têm perspectiva, não têm futuro, a perspectiva é a morte. Então a morte está presente e o próprio jovem disse “eu joguei um pedaço do corpo do outro na tropa de choque”, com uma suprema agressão. “Vocês estão felizes agora? Nós estamos aos pedaços. Ou seja, nós nos vemos aos pedaços, nós estamos aos pedaços. Nós estamos destruídos”.

Cesare - Durante tudo isso, eu chamei os educadores do Axé e pedi para levarmos para dentro das unidades de ensino e para as ruas a discussão sobre a Febem. O que é que saiu? Com um menino, que abordei no início do Axé (esse foi um que particularmente eu estimei a entrar no Axé)...ele me perguntou: “Qualé véio, por que você se admira tanto dessa cabeça do companheiro? Essa cabeça poderia ser minha.” O que é que aconteceu no início do Axé? Ele perguntou pra mim: “Você alguma vez teve que levar algum educador para o hospital?” Nove anos e meio de história, nenhum educador ou educadora foi agredida, nem por um marmanjo de 18 anos. Agora, quantas vezes você levou a gente pro pronto-socorro?

Então, toda essa análise que você acaba de fazer: eles se auto-lesionam e lesionam seus companheiros. Tudo isso é devido, a meu ver, a uma série de ausências na vida deles. A primeira de todas é de futuro, da dimensão do futuro. Eles são os senhores do hoje. O hoje, sim, encerra um período de 24 horas. O passado eles negam. Eles só começam a revelar o passado para um educador quando se cria

uma forma própria de confiança, senão eles não querem nem ouvir falar do passado. E o futuro? Graças a Deus eles acordam amanhã de manhã.

Dois frases são emblemáticas: “Eu não tenho nada a perder” e “Por que não eu também”? É quando ele dá o salto e acredita no futuro. E por que não? E o desejo? O desejo é o sonho.

Pe. Júlio - Ou seja, o desejo negado.

Cesare - Não existe vida, ou seja, o desejo é de quem é vivo.

Pe. Júlio - A gente procurou explorar os sentidos do desejo e do corpo, mas isso passa a ser muito refinado frente à fumaça e ao fogo. Mas a gente queria passar. **Eu explorei muito este aspecto com a imprensa.**

Cesare - No momento, é muito refinado, mas nós não podemos negar.

Pe. Júlio - A gente quis passar, mas a imprensa não digere. Eu sempre dizia (na hora em que a Imigrantes estava com o esquema de segurança jamais visto, cercada pela PM, com os cachorros, com a tropa de choque presente 24 horas, com a nossa entrada e a entrada de outros extremamente controlada, quando se dá a rebelião mais forte): Por que esse encurralamento dos jovens? Por que a negação de tudo, do movimento deles, do sonho - desse desejo - até de fugir?

Eu perguntei para os meninos lá dentro: Como vocês estão vendo essa tropa de choque? Eles disseram “nós estamos cagando e andando pra tropa de choque”. Eles, no momento em que ficaram mais encurralados, produziram a rebelião mais sangrenta. E se atacaram e se destruíram entre si. Porque também há uma intencionalidade malévola dos adultos que fazem isso. Porque puseram esses jovens contra si na medida em que impossibilitaram qualquer expressão deles. É como aquela história que a gente diz: se não tivermos inimigos fora é capaz de a gente ficar buscando inimigos entre nós. Cercaram o mundo deles, de tal forma que o que restou foi eles

se atacarem. Agora, **muito do que se passou foi pela imprensa**. Eu acho que houve um movimento dramático. Que foi um primeiro movimento, o movimento da Globo e de outros. Foi aquele movimento da denúncia de que os jovens estavam sendo torturados. Eram os adultos batendo nos adolescentes. Essa imagem causou uma comoção. Então, subiu a simpatia, o apoio. Aquilo é inaceitável. Os meninos de cueca, sub-

Nota ANDI: Poucos dias depois desta entrevista, a imprensa de São Paulo realizava um importante material sobre as propostas do governo estadual e as reações municipais.

metidos, apanhando, levando pauladas. Os monitores batendo.

Aí caiu tudo outra vez.

Após essa imagem, qual foi o quadro seguinte? Os adolescentes batendo nos adultos e se matando entre si...

Cesare - “Eles são bandidos mesmo”, essa foi a conclusão.

Pe. Júlio - Eu acho que há um terceiro movimento que é, agora, o dos planos do governo e da publicidade que o governo faz.

De repente, eles ficaram no silêncio outra vez. Eles (os meninos) estão submetidos. Hoje, a Febem de São Paulo está mais fechada do que o sistema penitenciário.

Hoje, eu tenho mais facilidade de entrar na Penitenciária Feminina, onde eu acompanho as mulheres presas, na cela forte, pra visitar uma presa, do que para visitar os meninos na Febem. E a postura do governo é deliberadamente o silêncio. Não é pra falar, não é pra entrar, não é pra ver.

Cesare - A mídia não percebeu a estratégia. O governo conseguiu o que queria.

Cesare e Pe. Júlio (ao mesmo tempo) - O silêncio!

Cesare - Eu acho que não há um terceiro movimento, eu acho que há o silêncio como terceira etapa. Ou seja, o povo hoje diz que esses meninos são perversos mesmo, são bandidos, que é preciso baixar a maioria penal.

Pe. Júlio - Sabe o que aconteceu aqui, que eu considero muito sério no movimento? Eu considero que na primeira parte da crise - antes da rebelião sangrenta da Imigrantes - **houve um saldo positivo que até a imprensa mostrou: o protagonismo dos jovens.** Nunca os jovens protagonizaram de tal forma o nível de denúncia e o movimento de destruir a Febem. Foram eles que destruíram! Destruíram porque tinham aliados e aí surgiu um outro protagonismo, muito importante - o das mães.

O protagonismo das mães foi muito atacado pela imprensa, mas é um protagonismo inegável. Tão inegável que foi atacado.

Em SP houve uma contradição. Os promotores que são a favor do rebaiamento da idade penal e de repente começaram a usar um discurso de direitos humanos, a ponto de chegar e dizer: "Temos que ter alguém aqui comprometido com os direitos humanos". O que trouxe essa mudança? Esse protagonismo dos jovens e essa coisa dos jovens se atacarem. Só conseguiram chamar a atenção quando começaram a se bater. Agora, esse protagonismo das mães dos jovens foi tão forte que era preciso ser destruído.

ANDI - A imprensa não aceitou o protagonismo das mães?

Cesare - Foi criticado de uma certa maneira com procedência. Essas mães, totalmente ausentes na educação desses filhos, na hora da rebelião aparecem para defender esses filhos. É instinto materno, eu entendo perfeitamente, não quero

criminalizar a pobreza, dizer "a culpa é dos pais que também são vítimas". Mas entendo o corte, a crítica: ausentes a vida inteira e agora aparecem.

Pe. Júlio - Essa crítica é muito forte. Mas eu percebi também que foi a saída delas do anonimato. Elas saíram do anonimato por defender os filhos. Elas de repente se tornaram as mães do ano. **A própria mídia, no Dia das Mães, as considerou as mães do ano.** As mães não estavam num movimento de tirar os filhos de lá, porque é uma coisa séria. Nem as mães e nem os filhos alegam inocência. Elas alegam os abusos, que não são necessários, e uma série de questões. O que as mães exigiam era o tratamento não cruel aos filhos.



Eu nunca senti o que é a dor dessas mães como eu senti dessa vez.

Houve muita crueldade, os meninos sendo levados sabe-se lá para onde. **O que a mídia não entende é o que é o adolescente.** O que é um adolescente estressado, um adolescente sob pressão, que passou dias sem dormir porque a tropa de choque não o deixava dormir - jogava urina em cima

deles, soltou os cachorros, que dormiam em cima deles. É um nível de crueldade bárbaro.

A mídia não entende quem é um adolescente.

Cesare - Eu acho que o drama do adolescente é a ignorância e a falta de compreensão que o mundo adulto tem do adolescente, **não são só os jornalistas,** não são só os pais deles...são os professores, são os educadores, os caras do clube, o treinador do time, ninguém sabe o que é adolescência.

A primeira coisa que o adolescente quer é ter voz, ele nunca gosta de portar voz, confiar a alguém as suas reivindicações. O grande acontecimento, que você chama de protagonismo, foi os jovens falarem. Há uma falta de esforço

do mundo adulto para entender o adolescente, ninguém está interessado em entender.

Educar o adolescente sem a dimensão afetiva é impossível.

ANDI - Colocou-se que o terceiro movimento é o silêncio. Qual o risco do silêncio?

Pe. Júlio - Uma nova explosão,

porque eles silenciaram esses meninos. Além do silêncio e a incomunicabilidade ou o controle da comunicação, eles estão recebendo visitas vigiadas, para que não possam mostrar as marcas da violência. Outra questão é o rodízio permanente dos jovens para que não criem raízes e não se organizem em lugar nenhum.

Cesare - Não é processo educativo, é estratégia militar

Pe. Júlio - Lendo do ponto de vista dos jovens, percebe-se que esse rodízio cria uma mobilidade de informação. Nesse momento o que me surpreende é o silêncio da sociedade, do Ministério Público e do Judiciário. Porque aí todos se calam diante disso.

Cesare - O governador do Estado ele está querendo o quê? Esse silêncio em cima da questão!

Pe. Júlio - O Covas, enquanto pessoa, quer encontrar uma solução. Ele está estudando o estatuto diariamente. O Covas, ao mesmo tempo, quer eleger o Alckmin (Geraldo Alckmin, atual vice-governador) como prefeito de São Paulo.

Cesare - Estou há 32 anos nesse País. Trabalhei na Funabem. Essa é a primeira vez que os meninos se tornam um empecilho para planos eleitorais. Essa é a primeira vez que os meninos da Febem podem atrapalhar uma eleição.

Pe. Júlio - **Esse governo teve alguns erros e a imprensa pegou bem.** O governo tem cinco anos e o ECA tem nove, então ele devia ter apresentado soluções antes. Os editoriais apontaram isso: se as soluções são tão óbvias, por que não foram tomadas antes? Por que não veio nada tão revolucionário? Então, há um atraso de cinco anos nesse governo. Porque a questão do adolescente em conflito com a lei era relegada a segundo plano.

A mídia pegou bem e pegou também o grande erro estratégico do Covas na questão política. Ele adotou a Febem para ele hoje. "A Febem agora é comigo", disse o Covas. Esse foi um erro estratégico

de organização do Estado democrático. E agora tudo o que acontecer respinga nele.

A mídia já está dizendo que a Febem é o "calcanhar de aquiles" do governo Covas. O que acontecer com a Febem é a sorte do Covas.

E ele ainda diz, de certa forma com um gesto humano e humilde mas por outro lado complicado, que o culpado é ele, que tudo o que acontecer de errado é culpa dele. A mídia captou isso.

ANDI - **A questão Febem pode se transformar num elemento eleitoral e talvez a questão tenha adquirido um status de importância política que nunca teve. Isso é interessante, do ponto de vista estratégico, para o movimento da infância?**

Pe. Júlio - Eu acho que sim, se sairmos do silêncio. Porque agora sim, como passou a ser tão importante politicamente, ela deixou de ser o calcanhar para ficar embaixo do pé, porque não pode acontecer nada. O que o Covas disse é que a Febem tem que sair da mídia. A que preço, se ele fala também que os planos estão muito enrolados? As construções não saem, os convênios não aparecem, os que aparecem estão confusos. Tem impacto político o fato de o Covas rejeitar o apoio federal, de José Carlos Dias, José Gregori.

A sociedade em geral não sabe lidar com o adolescente. Os meninos estão submetidos. É uma brasa que está coberta, com um vento mais forte ela vai acender outra vez.

ANDI - **Existem algumas circunstâncias que são sensacionais: fogo, menino no telhado, machadinhas...são imagens em si sensacionais. Mas um fato sensacional não precisa ser necessariamente tratado com sensacionalismo. A imprensa soube encontrar esse equilíbrio?**

Pe. Júlio - Acho que esse primeiro momento da denúncia, da violência contra os jovens, foi sensacional e não causou

sensacionalismo. Já **no episódio da Imigrantes houve muito sensacionalismo, não foi tratado com respeito.**

Como também no tratamento dado ao jovem que se apresentou como sendo o que assassinou o colega. Agora, a própria imprensa apresenta que ele nega. Aquele episódio não está bem contado, porque quem conhece um jovem na Febem sabe que aquela confissão dele era muito teatral. Depende de cada grupo, mas houve um excesso de exposição, muitas vezes no sentido de dizer que eles são perigosos, que eles são difíceis.

ANDI - **Há como mediar nessas horas um excesso de exposição? A quem cabe, a que atores cabe, no calor da guerra, fazer essa mediação? Para o jornalista também é muito difícil saber quando está excedendo, até porque hoje é um jornal, amanhã outro, é o conjunto de reportagens em diferentes veículos o que causa exposição excessiva.**

Pe. Júlio - Muito difícil. **No fundo, os jornalistas ficam no factual. Poucos foram para uma análise muito profunda. Alguns editoriais foram publicados...** Há uma sensibilidade.

Eu não consigo perceber, nesse momento, se houve acordo do governo do Estado com a mídia. Me parece que houve um acordo de silêncio.

Eu não sei se o governo do Estado ou alguém dessa área fez um acordo de trégua com a mídia. Eu disse, no Palácio do Governo, o que eu vou dizer para vocês agora: não estamos falando 50% do que vimos.

Cesare - O governo atacou vocês, dizendo que estavam fazendo escândalo em cima da situação.

Pe. Júlio - Que nós estávamos falando demais, que nós estávamos denunciando, que nós passávamos informações.

ANDI - Um dos maiores esforços da ANDI neste momento é aprofundar a reflexão sobre a cobertura de Educação feita pela mídia. Muito raramente é possível chegar a um entendimento da educação para valores. Educação é um processo e o Jornalismo vive do fato, do calor do dia. Uma hipótese: coloquem-se na pele do repórter... como fariam para, no dia a dia e no calor de episódios, trazer a abordagem correta sobre o desafio pedagógico que estava (está) atrás da fumaça e do fogo na Febem?

Cesare - No calor é impossível, porque a pessoa que poderia fazer isso tem outras prioridades. A minha convicção é que **a formação do jornalista**



faz a diferença. O que foi assimilado antes é que vai orientar o profissional na hora do calor, na hora da explosão. Ou seja, todo o trabalho que se faz para dar instrumentos formativos ao profissional da imprensa - como os trabalhos desenvolvidos pela ANDI e pelo Instituto Ayrton Senna - ao meu ver é o único caminho **para que nós possamos ter profissionais da informação e da comunicação com a capacidade de não fazer só sensacionalismo.**

Pe. Júlio - É importante observar, na análise quantitativa feita pela ANDI, quem são os atores que aparecem. Porque nessa hora aparecem como atores os jovens, a instituição, a sociedade civil que é identificada como direitos humanos, a polícia militar e a polícia civil, as famílias... mas não aparecem, na crise, a Associação dos Professores, as univer-

sidades, o Centro do Professorado Paulista dizendo: "olha nossa opinião é...", porque os primeiros que correm na hora da rebelião são os professores. Os meninos chegam na sala e sacodem a mesa...aí a aula é suspensa.

Eu fui num congresso de psicanalistas e eles disseram: "por que vocês não fazem um manifesto?", Porque tem que surgir atores novos nessa questão e não surgem atores novos. Então, as pessoas não vêem todas as instâncias. Na hora de discutir, quem aparece lá é o secretário de Segurança Pública, não aparece a secretária de Educação propondo a discussão de um plano emergencial de educação. Não, quem está lá é o comandante



geral da PM, o secretário de Segurança Pública, as famílias, a instituição sendo incapaz de ver os meninos lá no cenário pondo fogo e arrebrandando.

ANDI - Da mesma maneira como nas reuniões de outras grandes agendas sociais nunca a área econômica está presente. E a gente falando em distribuição de renda! Quem são os omissos? A quem cabe maior responsabilidade: os jornalistas deveriam perceber que esses atores não aparecem e buscar sua voz? A área da Educação, no caso, é que se omitiu?

Pe. Júlio - Os atores é que não aparecem. Acho que nós adultos nos demitimos de sermos educadores, especialmente dos adolescentes. Nós deixamos os adolescentes jogados à própria sorte. Eles, por sua vez, jogados à própria sorte e com interferências dramáticas, inadequadas, de violência, tortura.

Você queria que esses jovens fizessem o quê? Eles vomitam em cima de nós o que nós demos para eles comerem. O que nós demos para eles comerem foi tão indigesto que eles estão vomitando. Nós somos a Febem. Eles viraram o espelho e estão mostrando para nós o que nós somos. Nós somos isso aí. A Febem é aqui. Nesse sentido, nós temos que apontar os atores que estão presentes e identificar aqueles que estão ausentes. Quem fala e quem não fala.

ANDI - Impressionou muito, a nós da ANDI, a ausência da área de Educação durante os vários meses de amplo debate na mídia.



Pe. Júlio - Por exemplo, a USP falou alguma coisa, a PUC falou alguma coisa, as associações de professores falaram alguma coisa? O que a gente tem procurado muito é ampliar o arco de aliança e ampliar os rostos porque sempre são os mesmos. Quando começa o rolo quem é que a Febem espera? O promotor, o juiz e o pessoal da Pastoral, dos centros de defesa. **Quando a gente chega é um atropelo, os repórteres chegam em cima como uns loucos, porque eles sabem que são os que vão chegar.** As mães já estão lá e a polícia chega rapidamente.

ANDI - É a ausência desses atores que pode fazer a cobertura da Febem ficar restrita a uma questão de polícia e de direitos, não se impondo como uma questão de Educação.



Pe. Júlio - Por outro lado, a gente também levou a história a isso. O atraso de dez anos na implantação do Estatuto levou também a uma situação insolúvel a curto prazo. Agora o Governo não tem coragem de fazer certas coisas, como trocar os monitores e implantar um corpo técnico adequado. Nesse sentido nós também empurramos os adolescentes para um beco sem saída.

ANDI - A falta de estrutura e de formação adequada para os Conselhos Tutelares é um ponto agravante nessa história?

Pe. Júlio - Os Conselhos Tutelares nas rebeliões do início do ano entraram com muita força, com muita autoridade. Um grupo, por exemplo, chegou no Tatuapé (*unidade da Febem*) e perguntou onde estavam os estupradores. Agora, o pessoal do Conselho de Santo André está dando um exemplo de formação.

ANDI - Por que em São Paulo a Febem continuou a ser Febem mesmo depois do Estatuto da Criança e do Adolescente?

Pe. Júlio - Veja aquela demolição do Complexo Imigrantes, foi um ato cinematográfico, para chamar a atenção. Mas o que significou demolir aqueles muros? Quando a imprensa perguntou nós respondemos que não adianta demolir os muros se não demolir o modelo. Os 19 monitores que foram demitidos após aquela primeira denúncia da Globo foram todos posteriormente readmitidos.

ANDI - Como acaba essa história da Febem, qual é o fim de quem está na Febem? Qual é o fim de quem passa por uma Febem nos moldes da de São Paulo?

Pe. Júlio - Uma coisa séria: essa geração de meninos que estão na Febem é muito prejudicada. Eu encontrei muitos em estado de choque. O bom é que o adolescente tem uma capacidade bastante forte de se refazer, de se recuperar. Mas o choque que esses meninos levaram causa uma insensibilização pedagógica brutal. Você vai dizer o que para um menino que está trancado atrás das grades e que sabe que só se abrem as grades quando alguém vai bater nele? Você está banalizando a adolescência deles, inclusive a legislação dos direitos dos quais ele é titular.

ANDI - O Projeto Axé se consolida na elaboração e na praxis da chamada Pedagogia do Desejo. O que seria a "Pedagogia dos Privados de Liberdade"? o que mudaria na Pedagogia do Desejo ou o que seria enfatizado?

Cesare - Depois do que eu li, acho que não estou errado se disser que, nesta conjuntura, **a imprensa brasileira se comportou melhor do que no passado, acho que houve alguns avanços.** Concordo plenamente que tenha havido algum sensacionalismo, mas de uma maneira geral **a imprensa tentou passar uma visão adequada das coisas e buscou também subsídios para isso.** Agora, as fontes foram incompetentes. As fontes que tiveram como repassar idéias para a imprensa tiveram suas idéias publicadas, eu vi declarações do Júlio, aí ele diz que não foi tudo o que ele disse, mas uma boa parte estava lá. Eles respeitaram a idéia principal.

A minha visão quanto ao comportamento da imprensa não é tão trágica como seria há alguns anos, mas acho que precisamos fazer muito mais e

sobretudo acho que precisamos formar não apenas o comunicador da imprensa, mas também a fonte a que ele recorre para ser um bom comunicador para o jornalista.

ANDI - Vocês são fontes de muita atuação e de muito boa relação com a imprensa. O que vocês apreendem dessa experiência?

Pe. Júlio - Eu penso que a relação permanente com alguns jornalistas traz um crescimento e um avanço, porque **a maior parte dos jornalistas que tem uma boa formação humana faz uma boa cobertura.** O nível melhorou, há um avanço do profissional, mas ainda há a questão dos editores.

O espaço que o Chico Pinheiro abriu na TV Globo para essa questão é impressionante. A forma como o Chico Pinheiro abordou essa questão foi muito importante.

Os jornalistas hoje têm uma visão mais ampla, mais correta, mas que vem muito da relação que a gente tem com os jornalistas e da credibilidade do que a gente fala. As fontes constroem o jornalista pela credibilidade. Por exemplo, uma jornalista me ligou e falou assim: "Padre Júlio, estão dizendo por aí que o senhor está escondendo alguns meninos que fugiram e eu acho um absurdo, mas mesmo assim eu quero lhe perguntar se o senhor está escondendo algum menino". Aí eu disse que não estava e ela afirmou "então tá bom, era o que eu imaginava, mas eu tive que fazer a pergunta".

Agora, os jornalistas tiveram um avanço, mas muito devido à relação que eles têm com a fonte, da credibilidade que eles têm em decorrência do trabalho realizado. A mídia, em relação a mim, tem dado um espaço e um reconhecimento que eu não esperava ter. A revista

Manchete fez uma matéria muito bonita, colocou uma foto enorme e escreveu: “Padre Júlio Lancellotti, o Bom Pastor da Febem”. O Diário Popular, a Revista IstoÉ Gente também, porque eles vão procurar o outro lado da questão - falar de repressão nem pensar.

A imprensa também foi atrás de ver se isso tem sustentação. Eles perguntam: “Por que quando vocês vêm aqui eles (*os meninos*) reconhecem vocês e obedecem?” E isso dá mais ira aos monitores... Eu acho que eles cresceram nessa sensibilidade.

A *TV Globo*, por exemplo, trabalhou em conjunto com o Ministério Público digitalizando todas aquelas imagens. Os promotores passaram madrugadas na Globo digitalizando imagens para reconhecer os monitores que agrediram os meninos. Acho que **a imprensa trabalhou sob a ética dos direitos.**

Cesare - O jornalista não gosta de entrevistar professores, os mestres que estão nas escolas e nas universidades. Ele começa a respeitar quando a pessoa que fala dessas questões não apenas fala, mas está com as mãos na massa.

Pe. Júlio - Os jornalistas, dessa vez, fizeram uma cobertura com emoção. Houve um fato novo: os meninos exigiram que todos tomassem uma posição. Então, era impossível fazer a cobertura, ou ser cidadão, sem tomar uma posição. A grande novidade foi isso: ninguém pôde ficar indiferente. Embora determinados grupos não falassem, mas como pessoa ninguém pôde ficar indiferente, nem os jornalistas.

Alguns talvez tenham feito uma grande descoberta, pois criou-se dentro deles um conflito: eles não sabiam perceber - os meninos são torturados e depois torturam e cometem crimes! Não dava pra perceber, mas gerou-se uma emoção, mesmo que fosse uma emoção conflitiva. Pois era impossível você estar no palco dos acontecimentos, ou na platéia, sem que tomassem uma posição. Isso foi o novo.

ANDI - Temos dialogado com os jornalistas no sentido de que cobrir com profundidade a infância e adolescência é antes de tudo um ganho para a imprensa e não um favor às crianças. Focar na criança ou no jovem humaniza a compreensão que se tem do País.

Cesare - Acho que é por aí mesmo. O jornalista, se aceita alguma orientação de conteúdos teóricos para se educar, o aceita de quem o está educando e não de quem está teorizando. Várias vezes eu vi sínteses brilhantes da *Pedagogia do Desejo* feita por jornalistas e não por especialistas!

Um segundo ponto: para mim a grande questão é que a Febem não é o quadrilátero, a Febem é o Brasil, em termos de criança. Clóvis Rossi (articulista da *Folha de S. Paulo*) teve uma percepção assim...nos limites dele, mas teve. Quando começou a dizer: “a Febem é assim porque o modelo econômico é esse, a exploração do trabalhador é esta etc. etc”. Ou sejam, a Febem é o Brasil. A Febem está na minha casa, na tua casa, na casa dos filhos de cada um de nós e não apenas dos filhos da chamada exclusão.

Pe. Júlio - Por isso incomodou tanto.

Cesare - Exatamente, eu queria justamente chegar lá. **A imprensa foi brilhante em provocar a sociedade** a dizer, “mas será que a Febem está na minha casa também?”. Eu acho que esta cobertura teve este mérito. As pessoas começaram a dizer, a Febem não está no quadrilátero, a Febem não está aqui em São Paulo, está em Salvador também.

ANDI - Isso fica claro quando as mães ganham a cena e por mais que estas mães não tenham cuidado antes de seus filhos. Nesse momento, nós, pais e mães...

Cesare - Temos que nos questionar.

Pe. Júlio - Por que isso incomoda.

Cesare - Exatamente. Eu acho que **a imprensa teve este mérito. Incomodou todos nós e gente que nunca tinha se incomodado com estes assuntos.** Pra mim, a grande questão é que a Febem é o Brasil e não o quadrilátero. Então não adianta dizer que São Paulo - a locomotiva da América Latina - é incompetente. Não, o Brasil é que é incompetente, não é São Paulo. Um grandíssimo equívoco.

Um terceiro ponto: quando alguém me perguntou “existe solução?”, é claro que eu disse existe, porque acredito que existe. Falava-se de uma fábrica de pré-moldados para fazer a descentralização das unidades e eu respondi: “Você vai fazer três fábricas: 1. a fábrica da proposta pedagógica/educativa; 2. a fábrica dos educadores - quem vai executar; 3. a fábrica das unidades”.

Então, se alguém me disser, você o que faria? Porque tem gente que diz: se você tivesse lá faria o quê? Eu diria, em primeiríssimo lugar, tem gente muito boa na Febem de SP, em todas as Febems da vida tem gente muito boa. Só que eu começaria mandando todo mundo para casa ou para outro trabalho, começando absolutamente do zero. A Febem é inconsultável com as pessoas que estão lá dentro. Não que as pessoas sejam más, mas as pessoas não acreditam mais que possa acontecer algo. Não acreditam na transformação dos jovens.

Pe. Júlio - Muita gente boa foi embora. Mas o nosso dilema, nessa proposta da fabricação dos educadores, da proposta pedagógica, é que nós estamos numa sociedade doente em relação aos adolescentes. Nós não sabemos educar os adolescentes, nem os que estão na Febem e nem os que estão fora. Essas questões apontam para a profundidade da crise que nós vivemos, que nós não sabemos dizer quem é o adolescente deste final de milênio.

Os adolescentes na sociedade estão sem perspectiva, porque eles são grupos. Em São Paulo, são os skateiros, os rappers, os clubbers, os lagartixas, os bate-cabeças, eles têm muitos nomes porque não têm uma identidade. A crise na Febem pôs todos nós em crise, porque todo mundo tem que se posicionar. Teve muita gente que se posicionou a favor. Apareceu, na sociedade como um todo, muita gente se oferecendo para fazer alguma coisa. Todo mundo foi questionado.

Agora, me preocupa o silêncio desse momento como se a crise tivesse acabado.

ANDI - Como é que se rompe esse silêncio?

Cesare - Se nós não encontrarmos o caminho, os meninos vão encontrar, os meninos vão romper.

Pe. Júlio - O interessante dentro de tudo isso foi o processo educativo da crise, da sociedade e da mídia como um todo. **A mídia não pôde noticiar o fato sem tomar posição.** Porque de certa forma querem noticiar o fato sem tomar posição, então tomavam uma posição muito radical. Acho que nesse sentido houve uma certa dificuldade. O departamento de controle de qualidade da *Folha de S. Paulo* me ligou para avaliar algumas matérias. Em relação ao *Américo, esse garoto que faleceu*, eles quiserem contrapor, não ficar só "o Américo que morreu", queriam problematizar mais a vida dele, da mãe dele e do pai dele. Nesse sentido eu acho que nós temos um papel educativo muito forte.

Nós, os que somos fonte em determinados momentos, podemos construir alguns critérios éticos. Eu firmei um com todos os jornalistas que cobriram a crise da Febem: a nenhum menino, em qualquer momento, vocês perguntem qual a infração que cometeu. Se vocês querem que eu intermedeie qualquer contato de

vocês com os adolescentes, eu faço com essa condição.

Porque para tudo o que os meninos afirmavam, eles perguntavam: mas o que foi que você fez?

A única autoridade que não perguntou isso para os meninos foi o Arcebispo (*de São Paulo*).

ANDI - Vocês dois são homens religiosos. No atendimento em todas as esferas à infância, e também no caso específico da Febem, qual o sentimento religioso nos próprios meninos e que papel isso desempenha?

Pe. Júlio - Eu vejo um sentimento muito forte.

Cesare - É impossível educar sem a dimensão da espiritualidade, porque depois os meninos todos são portadores de religiosidade. Nenhuma proposta pedagógica pode prescindir da dimensão da espiritualidade, da transcendência do ser humano. Então, se a educação negar esse aspecto está sonhando um direito fundamental do educando.

Pe. Júlio - Em toda essa crise eu vi aspectos impressionantes dessa religiosidade. É interessante porque os meninos me vêem como Padre. E eles permitem, a mim como Padre, outras coisas que não fariam com outros homens. Então, eles podem me beijar, me abraçar, botar a cabeça no meu ombro. Eu posso pôr a mão na cabeça deles, no ombro deles, para abençoá-los, porque eu sou o Padre. O Padre pode fazer isso.

Num desses episódios, chegamos à noite e havia muitos meninos feridos e machucados, chamamos os promotores e de manhã veio um grupo de promotores e juizes como nunca havíamos visto. E ao se depararem com a situação, eles nos disseram "divulguem para a imprensa, porque nós não podemos fazê-lo". E aí fizemos isso, através de uma assessoria de imprensa, porque nós também temos que agir profissionalmente. A gente trabalha com uma assessora de imprensa porque senão é impossível. É Dorotheia Fragata, a quem eu digo está acontecendo isso, o de inédito é isso e o que dá de gancho é isso e é isso que vai chamar a atenção.

Eu disse: "Pela primeira vez na história, três juizes, cinco promotores estão aqui e encontramos muitos instrumentos de tortura" e a imprensa foi toda para lá e a juíza, num fato inédito, deixou a imprensa entrar para filmar os objetos e os meninos feridos. Isso foi o início da crise da Febem. Tudo isso foi colocado a público depois daquelas imagens.

Quando os juizes já tinham ido embora (ficaram alguns promotores, o pessoal do Centro de Defesa), começou, no Pavilhão B, um burburinho muito forte, um barulhão. Aí o diretor da unidade (*da Febem*) quando ouviu aquele barulhão saiu e disse: "Começou a rebelião, cadê a f. d. p. da juíza, fala pra ela voltar".

Olhavam pra mim e diziam "vão lá, Pastoral, vão lá Direitos Humanos, começou a rebelião, não era isso que vocês queriam? Vão lá agora". Aí eu entrei. Os monitores com cadeiras nas mãos. Eu entrei no meio dos meninos e falei: "Sentem. Sejam homens. Agora ninguém mais faz barulho e todos vão rezar comigo". Levantei os braços e falei "Pai Nosso ...", e eles acompanharam num grito, num lamento. Quando terminava uma oração eles aplaudiam.

Os meninos falavam: "Quando vocês forem embora, nós vamos apanhar". E eu falava: "Todos em silêncio, que ninguém fale mais nada. Vocês agora vão ficar silenciosos, sentados e vão ficar tranquilos, que eu vou falar com o presidente". Aí cheguei para ele e disse: "Pronto, você não pediu para pôr todos sentados e em silêncio, aí estão. Agora, você tenha moral, mantenha a disciplina sem violência".

Quando eu saí, os policiais estavam todos perfilados, de pernas abertas porque carregam um ferro dentro da calça, aí eu disse: "Batam continência para mim".

ANDI - Como o senhor analisa a visita do Padre Marcelo aos meninos ?

Pe. Júlio - Ele não tinha emoção. Ele falou: "Os meninos estavam alegres, com brilho nos olhos, mas não é hora de acusar", mas não passou emoção. O que Frei Betto diz: ele é personagem dele mesmo, 24 horas por dia. Então, ele não se dá o direito de ser gente, ele tem de ser seu personagem e é. É sempre o Padre Marcelo, ele não é o Marcelo que uma hora enche o saco, que uma hora quer, outra hora não quer.

As outras religiões não intervêm nos conflitos. Elas não aparecem. Em tempos normais frequentam muito, é maciça a presença delas. Mas na hora da crise elas não vêm.

Os meninos têm uma visão de religiosidade na totalidade. É um componente muito importante.

ANDI - Nesse momento de pausas, sem fatos aparentes, como fazer para despertar o interesse da mídia?

Cesare - **A única maneira, para mim, de mostrar que a imprensa deu prova de avanço, é que venha a ser ela, a própria imprensa, devidamente instrumentada, a quebrar esse silêncio, pois não seriam os meninos a quebrar, pois seria de uma forma violenta.** Esse silêncio é péssimo sinal. Deve ser rompido positivamente, a favor dos direitos das crianças.

ANDI - Jornalisticamente, como a imprensa pode agir agora para quebrar o silêncio? Se você é repórter, onde você iria, quem você ouviria pra investigar esse silêncio?

Cesare - Jamais isoladamente, eu iria conversar com eles.

Pe. Júlio - Mas eu penso que deveria haver alguns atores que provocassem a quebra desse silêncio.

ANDI - Que recomendações éticas e técnicas vocês fariam tanto às fontes quanto aos jornalistas, considerando o silêncio desse momento e a cobertura de sempre, em outras cidades...?

Cesare - Se existe esse pacto, conseguir um profissional que o rompa. Eu prefiro imaginar que não exista. O Gilberto Nascimento, da *IstoÉ*, teria condições de romper esse silêncio e tem um bom veículo para isso. Jamais ele sozinho, seria um "Dom Quixote", não serve pra nada um só jornalista ir lá.

ANDI - O mesmo Gilberto Nascimento que denunciou o espírito corporativo do sindicato dos monitores?

Pe. Júlio - Foi dramática a minha conversa com o Vicentinho. Ele chamou apenas um grupo de pessoas que compõem o Sindicato e perguntou: "vocês torturam?". E eles negaram. E os 19 foram readmitidos e o Sindicato fez um churrasco para comemorar.

Os meninos do Cadeião de Santo André teriam condições de contar para os jornalistas o que passaram lá dentro. Mas eu fico pensando se é conveniente fazer isso agora. O que isso pode redundar. **Uma coisa que eu tenho dificuldade, a não ser com jornalistas muito próximos, é conseguir que eles percebam que a defesa que nós fazemos da pessoa desses adolescentes não é a defesa da infração que eles cometeram,** porque muitas vezes a opinião pública se confunde - "vocês estão defendendo esses meninos porque vocês não se importam com as vítimas".



Pe. Júlio - Num debate da TV Assembléia (*de São Paulo*), quando começou a gravação foi uma baixaria. Um jornalista que me respeita muito, disse: "Padre Júlio, o senhor é defensor de bandidos ou não, porque a sociedade toda diz que o senhor é defensor de bandidos?" Aí uma repórter falou assim: "O senhor nunca está no enterro de um vítima?" Aí eu disse: "Olha, eu posso fazer o seguinte: toda vez que eu for ao enterro de uma vítima, para uma celebração litúrgica católica, vou avisar pelo fax à emissora. Aí vocês vão até lá, fazem a cobertura e depois exibem na TV, vamos fazer esse acordo?"

Bom, eu sei que foi uma baixaria tão grande que no final eu não autorizei a veiculação da minha imagem.

Tem também uma coisa que é a dramaticidade de ataque e isso é muito forte. O que a gente nem sempre consegue passar é que defender um adolescente que cometeu um ato infracional não é justificar o ato infracional e nem defender o ato infracional. Mas isso nunca passa.

ANDI - O senhor acha que nunca passa ou que esse discurso é publicado mas não muda a compreensão da sociedade?

Pe. Júlio - Mesmo que ele seja publicado ele não é publicado com convicção e aí não passa. Por exemplo, eu fiz uma entrevista longa para o Goulart de Andrade. Eu gravei com ele mais de duas horas e a edição foi escandalosa. Eles não querem passar essa compreensão e a gente não consegue furar. Com o Chico



Pinheiro a gente consegue passar, com o Jô Soares a gente consegue passar, com a TV Cultura...Em alguns lugares a gente consegue e a gente tem que passar isso. Eu disse em alguns lugares que a nossa preocupação com a vítima é de tal sorte, de tal magnitude, que nós queremos trabalhar com esses meninos de maneira adequada para que eles também nunca mais produzam vítimas.

ANDI - Quando você está numa entrevista onde o jornalista lhe faz perguntas que são o que está na mente da população, isso não cria uma oportunidade ímpar?

Pe. Júlio - Depende se você está ao vivo ou sendo gravado. Para determinados veículos eu só falo ao vivo, como a *Rádio Bandeirantes*. Um repórter veio me perguntar, ele estava com celular, e eu falei que com a *Bandeirantes* só ao vivo, aí ele disse que era ao vivo. Aí entrei. Ele me fez uma pergunta eu respondi e disse que queria aproveitar, segurando a mão dele, "que eu estou ao vivo na *Rádio Bandeirantes* para dizer ao José Paulo de Andrade (apresentador/editor da *Rádio Bandeirantes*) que quando ele quiser me atacar, me chame para que eu tenha direito de defesa. Se a *Rádio Bandeirantes* é uma trincheira da democracia no País ela não pode atacar os direitos humanos, atacar as entidades, atacar os adolescentes sem que alguém esteja presente para fazer a defesa, para dizer o outro lado". Aí o José Paulo me chamou no ar - ele que havia dito que eu sou protetor de bandidos - e eu disse: "E você, o que acha, eu sou defensor de bandidos ou não?" Ele respondeu que não. Aí eu disse: "Ouvintes da *Rádio Bandeirantes* acabo de ouvir o José Paulo de Andrade dizer que eu não sou defensor de bandidos".

Acho que falta para nós a mesma malícia. Saber diferenciar o que é para rádio, o que é ao vivo, o que é para edição,

o que fazem com a edição. Nesse sentido também a gente pensa: **será que nós temos suficiente informação de como conviver com a mídia?**

Cesare - Como eu havia dito, as fontes também não são preparadas. Uma coisa importante: eu partiria em primeiro lugar para superar uma injustiça que está sendo cometida com São Paulo. São Paulo está mostrando a sua incompetência diante dessa situação, mas eu nacionalizaria essa questão, a Febem é o Brasil.

Ou seja: São Paulo está prestando um grandioso serviço às Febems dos outros estados onde nem sequer rebelião pode acontecer. Onde a repressão é tão grande que o silêncio é o *status quo*. Há alguns estados com alguma experiência menos negativa ou até positiva. Temos que agradecer a São Paulo, nacionalizar a questão e ao mesmo tempo dizer que tem alguém que está querendo fazer.

Pe. Júlio - Precisamos também reforçar os que aparecem. Por exemplo: Eliane Cantanhêde, articulista da *Folha de S. Paulo*, fez um artigo sobre a Febem, fazendo uma análise dos adolescentes, do ato infracional e "levou paulada" no painel dos leitores. Tem também uma estratégia de reforçar essas pessoas quando elas fazem isso. Por exemplo, ela não é tradicionalmente uma jornalista que fala sobre isso, de repente ela faz um artigo e marca um gol, ela acerta. Acerta tanto que o que já saiu de carta na *Folha* xingando! Por exemplo, se a gente faz isoladamente um sinal positivo, elogia, reforça... as fontes não fazem isso. A gente precisa de que alguém faça isso em nome das fontes.

Cesare - Eu sempre telefono quando a matéria sai fiel; o cara foi brilhante.

Pe. Júlio - No caso de uma matéria que a gente está acompanhando...mas num caso desses ela pega e faz um artigo e só "leva paulada".

ANDI - Nossa agência faz uma média de 100 cartas por mês para os grandes jornais do País, e é pouco. É importante habitar a coluna de leitores porque é um dos espaços mais importantes para a formação de opiniões.

Pe. Júlio - Olha o que acontece, se eu escrevo para o *Painel do Leitor (Folha de S. Paulo)* eles até publicam, mas tem que ser nessa hora ou uma entidade muito forte ou o leitor comum porque, por exemplo, se eu ponho um elogio para ela no *Painel* ainda vai ter mais gente contra ela. Então, tem que aparecer para ela um sinal de que foi apreciado o que ela falou, de que ela não está sozinha, de que foi lúcido, importante.

ANDI - O jornalista queixa-se muito disso: "Quando eu acerto eu não faço mais que a minha obrigação, mas quando eu erro caem em cima de mim". Eles se sentem muito solitários, rejeitados de alguma maneira. Por isso, muito da estratégia da ANDI é baseada no reforço, no reconhecimento à ação positiva do jornalista, com a nítida intenção de dar maior luz às referências positivas.

Pe. Júlio - Isso é formativo.

Produção e edição:

Marco Túlio Alencar
Editor de Análise de Mídia - ANDI

Entrevista:

Geraldinho Vieira
Diretor Executivo - ANDI
e Marco Túlio Alencar

Análise Quantitativa:

Manoel N. A. Oliveira

Fotografias:

Padre Júlio e Cesare La Rocca:
Mila Petrillo - ANDI
Febem:
Caio Guatelli - AE

Apoio:

Departamento da Criança e do Adolescente - Ministério da Justiça

Infratores

[Chico César / Tata Fernandes]

CD Bate Lata - Gente é Pra Brilhar, Não Pra Morrer de Fome.

Os menores infratores

São os menores infratores

Não têm a infra-estrutura

Dos grandes infratores

Eles não têm fábricas

Não têm tratores

Não é que eu esteja

Tomando suas dores

Não que eu tenha fé

Que eles tenham cura

Mas toda loucura está

Com os grandes malfeitores

Toda loucura está

Com os grandes malfeitores

Os malfeitores são

Os maiores malfeitores

E seus pequenos malfeitos

São estarecedores

Riqueza e tanta míngua

Bolsa do turista

Bolsa de valores

Não é que eu esteja

Triste, ressentido

Não que eu bata o pé

Ou tape os ouvidos

Mas a loucura está

Com os grandes malfeitores

Toda a loucura está

Com os grandes malfeitores

Os resultados referentes às matérias classificadas na retranscrição **Promoção e Defesa dos Direitos** representam a principal vitória dos movimentos de defesa da criança e do adolescente nos últimos anos. Do total de inserções do tema **Direitos e Justiça**, as matérias que tratam do Estatuto da Criança e do Adolescente somam **54%**. Destas, **94,25%** tratam positivamente o ECA, enquanto matérias que reproduzem opiniões contrárias à lei somam apenas **5,75%**.

É importante esclarecer que as matérias aqui classificadas como **Promoção e Defesa dos Direitos (contra o ECA)** não reproduzem, necessariamente, opiniões dos próprios veículos. Os meios de comunicação abrem espaço para que se manifestem pensamentos opostos à lei.

Promoção e Defesa dos Direitos (a favor do ECA) - Jornais que mais publicaram

Folha de S. Paulo - SP	
Correio Braziliense - DF	
O Estado de S. Paulo - SP	
Meio Norte - PI	
O Globo - RJ	

Promoção e Defesa dos Direitos (a favor do ECA) Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	Meio Norte - PI
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Folha de S. Paulo - SP
Sul	Folha de Londrina - PR

Promoção e Defesa dos Direitos (a favor do ECA) Revistas que mais publicaram

Semanal	Época
Mensal/Feminina	Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Promoção e Defesa dos Direitos (contra o ECA) - Jornais que mais publicaram

Folha de Londrina - PR	
Gazeta do Povo - PR	
A Tarde - BA	
Correio Braziliense - DF	
O Globo - RJ	
Tribuna do Norte - RN	

Promoção e Defesa dos Direitos (contra o ECA) Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Estadão - RO
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	O Globo - RJ
Sul	Folha de Londrina - PR

Promoção e Defesa dos Direitos (contra o ECA) Revistas que mais publicaram

Semanal	Época
---------	-------

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Summary / Resumen

Rights and Justice

During 1999 the most important debate relating to children and teenagers in the Brazilian press was the crisis at Febem (Foundation for Children's Wellbeing, which is responsible for delinquent children). Youth rebellions at the Febem's centers in São Paulo caused deaths and brought about an unusual media coverage, with a clear change on the news agenda. Apart from some inaccuracies, there was a decrease of tabloid style reports and an increase of articles defending better conditions for youth delinquents, both on newspapers and magazines.

That fact inspired ANDI to do an in-depth evaluation of how youth delinquents are pictured in the press and how the Brazilian government deals with them. ANDI invited priest Júlio Lancellotti and Cesare La Rocca for a debate on that issue. Lancellotti works closely with Febem's intern youngsters and runs the Children and Adolescents Defense Center in São Paulo, sheltering youngsters on assisted parole. La Rocca is president of Axé Project, in Salvador, which is one of the most successful experiences with girls and boys under risk.

The number of stories which effectively helped to give a better understanding of the Child and Adolescent Statute (a federal law) were significantly higher (94.25%) than the ones attacking this law or some of its aspects (5.75%).

July 13th 2000 is the Statute's tenth anniversary and the media have been reinforcing the importance of that law for the Brazilian society as a regulation tool which can change the reality of thousands of young people, when it is correctly and effectively used.

Freedom Deprivation

The challenge of social reintegration for youngsters involved in crime, highlighted by Febem's crisis, led to an expressive increase on stories about freedom deprivation. On the second half of 1998, the issue represented only 5.62% of all stories accounted on the 'Right and Justice' list. By 1999, the same issue was the subject of 33.67% of that stories.

To achieve an in-depth view on how Febem's crisis was reported, ANDI analyzed more than 500 stories published during four months in 1999, from newspapers and magazines comprised in the survey.

The aim of the analysis was to find out the news stories', articles' and press releases' main angles, who was quoted and how Febem's intern youngsters were identified and pictured.

Derechos y Justicia

El debate más importante y más marcante en relación a la niñez y la adolescencia en los medios de comunicación brasileños durante el año 1999 fue, sin duda, la crisis de la FEBEM. Las rebeliones y muertes de jóvenes en las unidades de la institución en São Paulo y varias otras localidades despertaron en los medios un movimiento pocas veces antes visto. Se consiguió percibir claramente un cambio en el enfoque. A pesar de algunos errores, disminuyó el tono policiaco de las noticias y creció, en las páginas de los diarios y revistas, la defensa por mejores condiciones para los jóvenes infractores.

Esa cuestión inspiró a ANDI a realizar una profunda evaluación de la forma cómo la prensa lida con adolescentes autores de actos infructuosos y el tratamiento que el Estado Brasileño les da. Fueron invitados a debatir el asunto el Padre Julio Lancellotti - quien convive directamente con jóvenes internos y dirige el Centro de Defensa de la Niñez y Adolescencia en São Paulo, que recibe adolescentes que cumplen pena con libertad condicional - y Cesare La Rocca, presidente del Proyecto AXE, en Salvador, Estado de Bahía, una de las experiencias brasileñas más exitosas de rescate de niños y niñas en condición de riesgo social.

Es absolutamente significativa la diferencia entre los reportajes publicados que contribuyen efectivamente para un mayor conocimiento del Estatuto de la Infancia y la Adolescencia (Ley Federal) por parte de la sociedad (51.6%) y los reportajes que simplemente atacan la Ley (3.5%)

El 13 de julio de 2000, el Estatuto cumple diez años, y los medios de comunicación han resaltado la importancia del documento para la sociedad brasileña, como un instrumento regulador y transformador - siempre que correcta y efectivamente aplicado - de la realidad de millares de jóvenes y niños.

Privación de Libertad

El desafío de la reinserción social de jóvenes en conflicto con la Ley, potencializado por la crisis de la FEBEM (institución para jóvenes infractores), provocó un expresivo aumento de artículos y reportajes sobre privación de libertad. En el segundo semestre de 1998, el asunto representaba el 5.62% del total de sub-temas de Derecho y Justicia. A lo largo de 1999, representó 32.8% del tema.

Para hacer posible una evaluación profunda de la crisis de la FEBEM, ANDI analizó cuantitativamente más de 500 reportajes publicados en cuatro diferentes meses de 1999, en los periódicos y revistas que conforman el universo de esta investigación.

La intención fue determinar los focos centrales de las noticias, artículos y editoriales publicados, los asuntos abordados, los actores oídos en los reportajes y la identificación que les es dada a los jóvenes internos.



No ano de 1999, a **Educação** confirmou-se como a principal preocupação da mídia no que se refere a crianças e adolescentes. A grande e eficaz mobilização em torno dessa questão ao longo dos últimos anos faz da **Educação** a grande pauta nacional e incentiva os meios de comunicação a dedicarem um olhar mais apurado e com mais qualidade em torno desse assunto.

Em 1998, assistimos à "grande virada" da **Educação** - quando passou da oitava posição entre os temas mais abordados (em 1996) para o primeiro lugar.

O crescimento do número de matérias que tratam desse assunto de 1998 para 1999 foi de **84,95%**. De 4.906 inserções para 9.069. Nas revistas, em 99, ocupa a segunda posição (atrás de **Comportamento**).

Apesar do avanço quantitativo, observam-se muitas falhas e vícios na cobertura, que gradativamente deixa de ser superficial, mas ainda não atingiu índice de crescimento correspondente no aspecto qualitativo.

Essa diferença entre os aspectos qualitativo e quantitativo levou várias entidades governamentais e não governamentais a realizar no segundo semestre de 99, em São Paulo, o *Fórum Mídia & Educação: Perspectivas para a Qualidade de Informação*.

O evento, que aprofundou como nenhum outro a cobertura do tema **Educação** pela mídia brasileira, gerou um conjunto de documentos - distribuídos a partir de abril de 2000 - que certamente contribuirão para o aprimoramento das relações entre Mídia e Educação.

A partir da página 49, você lê a síntese dos resultados do *Fórum Mídia & Educação*, que entre

outras questões propostas trata da formação do profissional, condições para se pro-

duzir e publicar reportagens sobre o tema e como promover a melhoria da qualidade de informação.

Busca de Soluções - Cerca de um terço do material que é produzido pelos jornais e revistas, quando o assunto é **Educação**, aponta para as soluções para os problemas da infância e adolescência. Esse material é uma prova de que há, por parte da mídia, a vontade de aprimorar a cobertura do tema. As matérias em torno das iniciativas bem sucedidas são mostra de que os jornalistas estão comprometidos com as investigações das causas e alternativas para o sucesso dos programas educacionais.

O número de denúncias (9,09%)

refere-se muito mais aos grandes escândalos - como é o caso do desvio de verbas do Fundef - do que ao aprofundamento de investigações em torno do próprio processo educativo e da cultura do fracasso escolar.

Fontes - As fontes oficiais continuam ditando a pauta de Educação em todo o país. Em 1999, os dados da ANDI mostram que 31,56% das matérias pesquisadas foram originadas a partir de informações de órgãos oficiais, enquanto organizações da sociedade civil foram as provocadores

de 8,60% do material.

Segundo outra pesquisa, realizada pelo Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política, da Universidade de Brasília (que serviu de subsídio para o *Fórum Mídia & Educação*), no biênio 1997-1998, 83% das matérias analisadas tinham a relação Educação-Estado como foco principal.

A pesquisa do NEMP, diferente da *Pesquisa Infância na Mídia*, inclui matérias sobre ensino superior (que representaram 33% do total de matérias por eles analisadas).

Regiões - Entre as regiões geográficas do país, apenas na Norte, o tema não ocupa a primeira posição (está atrás de **Violência** e **Saúde**).

34,05%

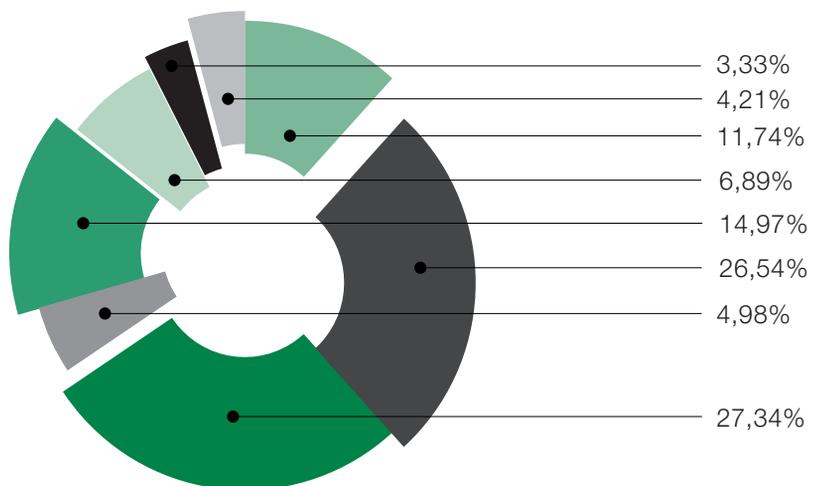
Busca de Soluções

9,09%

Denúncia

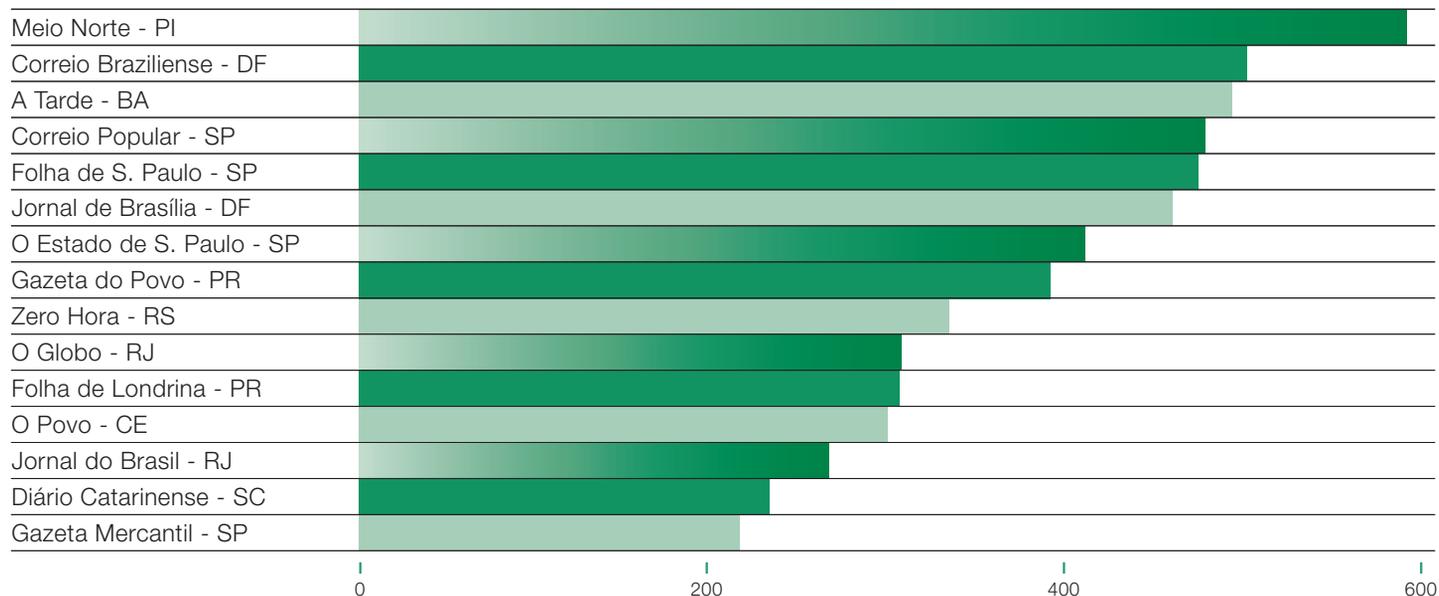
Educação

- Ações e Reflexões
- Ações Complementares
- Ensino Fundamental
- Vestibular
- Ensino Médio
- Ensino Profissionalizante
- Professores
- Pré-Escola



Educação

Educação - Jornais que mais publicaram



Educação - Jornais que mais publicaram por região

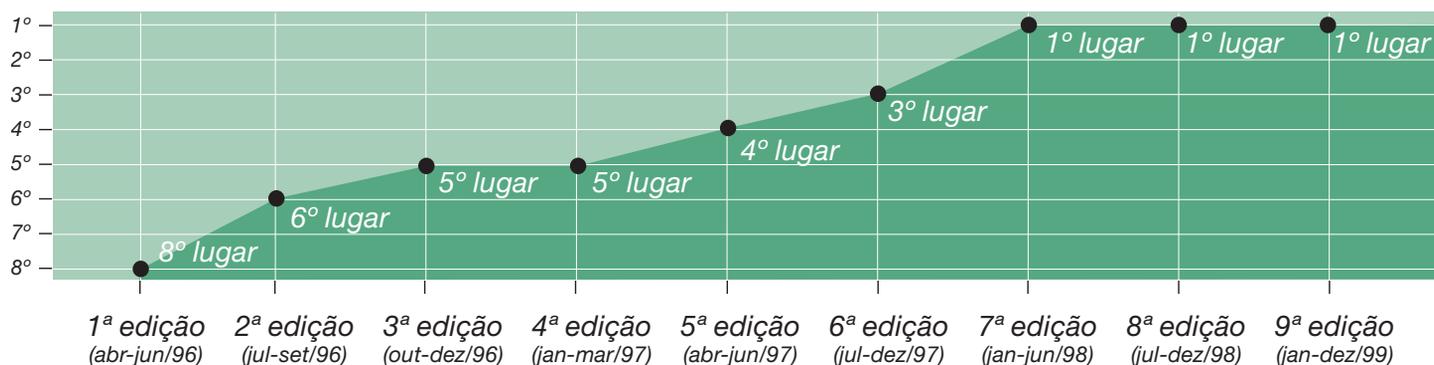


Educação

Revistas que mais publicaram



Educação - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas



Ações Complementares - Jornais que mais publicaram

Correio Braziliense - DF	
Meio Norte - PI	
A Tarde - BA	
Correio Popular - SP	
Jornal de Brasília - DF	

Ações Complementares Jornais que mais publicaram por região



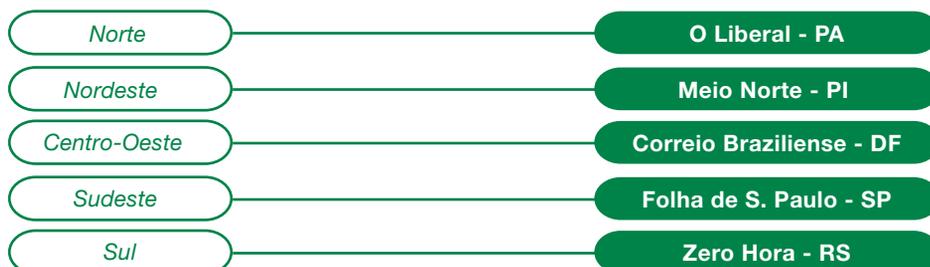
Ações Complementares Revistas que mais publicaram



Ações e Reflexões - Jornais que mais publicaram

Meio Norte - PI	
Folha de S. Paulo - SP	
A Tarde - BA	
Correio Braziliense - DF	
Correio Popular - SP	

Ações e Reflexões - Jornais que mais publicaram por região



Ações e Reflexões Revistas que mais publicaram



Ensino Fundamental - Jornais que mais publicaram

Meio Norte - PI	
Folha de S. Paulo - SP	
A Tarde - BA	
Correio Braziliense - DF	
O Estado de S. Paulo - SP	

Ensino Fundamental - Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	Meio Norte - PI
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Folha de S. Paulo - SP
Sul	Zero Hora-RS/Gazeta do Povo-PR

Ensino Fundamental Revistas que mais publicaram

Semanal

Época/Isto É

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Ensino Médio - Jornais que mais publicaram

Folha de Londrina - PR	
Gazeta do Povo - PR	
O Estado de S. Paulo - SP	
Folha de S. Paulo - SP	
Zero Hora - RS	
A Tarde - BA	

Ensino Médio - Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Estadão - RO
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Jornal de Brasília - DF
Sudeste	O Estado de S. Paulo - SP
Sul	Folha de Londrina - PR

Ensino Médio Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Ensino Profissionalizante - Jornais que mais publicaram

A Tarde - BA	
Gazeta Mercantil - SP	
O Povo - CE	
Correio da Bahia - BA	
Meio Norte - PI	

Ensino Profissionalizante Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Ensino Profissionalizante Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Jornal de Brasília - DF
Sudeste	Gazeta Mercantil - SP
Sul	Folha de Londrina - PR

Pré-Escola - Jornais que mais publicaram

O Povo - CE	
Correio Popular - SP	
Correio Braziliense - DF	
Estado de Minas - MG	
A Gazeta - ES	

Pré-Escola - Jornais que mais publicaram por região

Norte	Diário da Amazônia - RO
Nordeste	O Povo - CE
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Correio Popular - SP
Sul	Gazeta do Povo - PR

Pré-Escola Revistas que mais publicaram

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

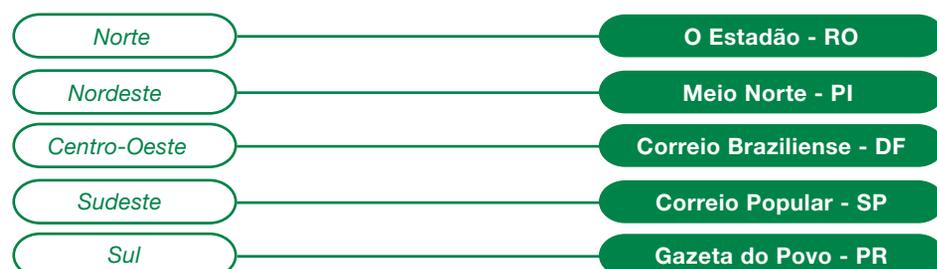
A análise de matérias sobre **Professores** divide-se em três aspectos: professor “trabalhador” (salário, paralisações, reivindicações etc.); professor “eficiente” (cursos de especialização, métodos pedagógicos, formas criativas de ensinar); e o professor “missionário” (aquele que, além de ensinar é também responsável pela merenda escolar, pela limpeza das salas e muitas vezes tem de enfrentar longas distâncias para chegar às escolas).

Em 1999, a maior parte das matérias (49,06%) trataram do professor “trabalhador”. Em seguida, o “eficiente”, com 39,94%, e o “missionário” (11%). Esse resultado confirma a tendência de mudança de ótica da cobertura dos assuntos relacionados ao professor. Cresce o interesse por métodos pedagógicos, práticas de sala de aula e gestão escolar e diminui o número de reportagens centradas na figura do “professor herói”.

Professores - Jornais que mais publicaram



Professores - Jornais que mais publicaram por região



Vestibular - Jornais que mais publicaram



Vestibular - Jornais que mais publicaram por região



Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação

Inspirados pelo destaque que a mídia brasileira tem dado ao tema Educação - e diante da necessidade, também nítida, em aprofundar o debate e priorizar as ações públicas - e com o objetivo de qualificar tal cobertura, várias entidades governamentais e não governamentais promoveram reunião entre jornalistas e consultores técnicos para analisar a cobertura jornalística de Educação.

Cerca de 150 pessoas reuniram-se em São Paulo, no final de 1999, para o fórum **Mídia e Educação: Perspectivas para a Qualidade da Informação**.

O fórum dividiu seus participantes em três grupos de trabalho, cada um deles com a missão de refletir e gerar propostas para questões relacionadas com: **CONCEITO** (O que caracteriza o bom jornalismo de Educação?), **CONTEXTO** (Quais as condições atuais para produzir e publicar reportagens sobre Educação?) e **RECOMENDAÇÕES** (Como promover a melhoria da qualidade da informação?)

A publicação contendo todo o material referente ao fórum está sendo distribuída a partir de abril deste ano 2000. Farão parte da obra: pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política da Universidade de Brasília (NEMP/UnB); resumo executivo dos resultados da pesquisa, feito pelo jornalista Fernando Rossetti (Instituto Ayrton Senna); edição especial da Revista Imprensa; e, os resultados dos trabalhos realizados pelos grupos durante os três dias do Fórum. Será disponibilizado, posteriormente, um Guia de Fontes em Educação.

A seguir, uma síntese dos resultados do Fórum:

A íntegra da Pesquisa NEMP e do Relatório Executivo podem ser consultados no site da ANDI, (www.andi.org.br). Igualmente estão disponíveis no site as pesquisas da ANDI.



Sessão de abertura do fórum reúne cerca de 150 pessoas entre jornalistas, assessores, especialistas em educação e representantes do Terceiro Setor.

Qualidade e Pluralidade

Existe um nítido aumento na cobertura jornalística de Educação. O nascimento de cadernos especiais, bem como o surgimento de editorias especializadas podem ser sinais claros de que a imprensa deseja aprimorar a cobertura do tema. Entre o primeiro semestre de 1997 e idêntico período de 1998, os 52 maiores jornais do País incrementaram em nada menos que 308% o espaço editorial para as questões do ensino fundamental e médio, das ações complementares à escola e da chamada educação profissional - segundo a *Pesquisa Infância na Mídia*. No entanto, tal crescimento quantitativo não encontra correspondência no aspecto qualitativo.

Um dos fatores mais marcantes entre os registrados pela Pesquisa NEMP é a constatação de que quem comanda a pauta do jornalismo educacional (embora não só do jornalismo educacional) são os órgãos oficiais (83% do material analisado, referente ao biênio 97-98). Até o

aumento ou diminuição na publicação de matérias estão relacionadas ao calendário de eventos do Governo, como Provão (Exame Nacional de Cursos) e Saeb (Sistema de Avaliação do Ensino Básico).

A pesquisa constatou, ainda, que - no período analisado (1997 e 1998) - os jornais regionais pouco traziam além da reprodução de releases de assessorias de comunicação do MEC e das secretarias estaduais e municipais da Educação. Portanto, a grande quantidade de matérias pautadas pelo Governo (mesmo considerando que o Estado é de fato o principal ator do processo educacional) coloca em questão a qualidade e a pluralidade da cobertura jornalística de Educação.

A presente edição da *Pesquisa Infância na Mídia* já mostra sinais de mudança. No ano de 1999, 31,56% do material analisado foi gerado a partir de fontes governamentais.

Outros dados levantados pelo NEMP mostram uma nítida influência das demandas e necessidades dos leitores

Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação

em relação ao tipo de reportagem que é publicada. Neste sentido, há uma clara orientação dos jornais em disponibilizar para os leitores informações úteis para a vida diária (o "jornalismo de serviço").

Essa constatação é reforçada por um dado aparentemente paradoxal: o ensino superior domina as pautas, tanto dos jornais nacionais quanto dos regionais. Responde por 33% do total de matérias sobre o sistema de ensino, seguido pelo ensino fundamental (22%).

O paradoxo surge porque o ensino superior atende apenas 4% dos estudantes brasileiros - cerca de 2 milhões de pessoas, contra 54 milhões no ensino básico (educação infantil, ensino fundamental e médio). Há assim uma distorção na cobertura em relação ao destaque dado ao ensino superior. Por outro lado, o perfil regional dos leitores mostra que essa opção pelo ensino superior tem correspondência com a escolaridade do leitorado - e possivelmente dos próprios jornalistas.

A ênfase dada ao ensino superior também tem explicação a partir do amplo domínio do MEC em relação às pautas. Desde a Constituição de 1988, o Governo Federal é o responsável direto pelo sistema de ensino superior, sendo as outras esferas do Poder Público (estados e municípios) responsáveis pelos demais níveis de ensino. Além disso, a comunidade universitária é reconhecidamente uma das que tem maior poder de pressão (e de diálogo) sobre os meios de comunicação.

Assim, apesar de ser possível localizar uma preocupação dos jornais no sentido de fornecer informações que sejam úteis aos seus leitores, essa ação não tem um foco muito claro. Tende, novamente, a ser mais influenciada pelo calendário oficial, e pelas pressões externas, do que por uma iniciativa própria do veículo a favor de seu leitor.

A Pesquisa NEMP conclui que "o tratamento dispensado às questões educacionais pelos jornais regionais contribui para

estabelecer um distanciamento entre a comunidade e o nível do Poder Público mais diretamente responsável pelo atendimento de suas demandas educativas".

O problema é que Educação é uma questão essencialmente qualitativa: o professor fecha a porta da sala e dá sua aula; as famílias têm problemas de disciplina com os filhos dentro de casa. Esse tipo de relação não é possível de ser descrita apenas com números; menos ainda, a partir de anúncios oficiais.

Diante disso, a qualificação do jornalismo de Educação impõe aos meios de comunicação, à sociedade em geral, à Universidade e ao Estado, uma reflexão sobre o conjunto de informações que deve ser veiculado para os leitores de jornais e revistas e para a audiência de rádio e TV.

Se o objetivo é uma participação mais ativa da comunidade - fator comprovadamente relevante para a melhoria do ensino -, o modelo predominante de cobertura da Educação deve ser repensado.

Os resultados da pesquisa tornavam evidente a necessidade de se discutir o quanto se publica e a qualidade do que é publicado sobre Educação nos jornais brasileiros.

As conclusões

Os principais recursos naturais de qualquer país são seus cidadãos - em especial as crianças e jovens, mas também os adultos e idosos. Educá-los para serem pensadores autônomos e criativos é o grande desafio. Para enfrentá-lo precisamos valorizar cada vez mais o papel desempenhado por educadores e comunicadores.

Reconhecemos a inter-relação entre Comunicação e Educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a Educação. O desenvolvimento tecnológico

criou novos campos de atuação e espaços de convergência de saberes.

A permanente transformação é característica do mundo em que vivemos, em função da velocidade das descobertas científicas e tecnológicas. A revolução da informática transformou definitivamente o conceito de Educação e de Comunicação, implodindo as fronteiras entre essas áreas de aprendizagem, conhecimento e atuação. O comunicador deixa de ser um mero formador de opinião para ser um formador de consciências.

O mundo globalizado enfatiza a divisão entre os que têm e os que não têm acesso à informação. A Comunicação e a Educação são fatores estratégicos para o desenvolvimento das pessoas e das nações.

Para que o Brasil consiga transformar em cidadãos seus milhões de excluídos - analfabetos absolutos, funcionais, digitais etc. -, definimos o conceito, analisamos o contexto e apontamos recomendações para enriquecer as relações entre Mídia e Educação:

CONCEITO

O que é o bom jornalismo de Educação?

O ato de educar

Educar é um processo de formação contínua e permanente para o exercício da cidadania. Acontece nos mais diversos espaços: escola, família, comunidade, trabalho, entre outros. Prepara o cidadão para pensar, refletir e analisar o mundo de forma crítica, reconhecendo as diversidades e contribuindo para superar as desigualdades sociais.

O bom jornalista de educação

O bom jornalista de Educação, embora não seja necessariamente um educador,

Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação

sempre produz a informação com a consciência de que pode ser fonte de processos educativos. Ele tem a percepção do efeito multiplicador da informação, ou seja, de que a recepção das mensagens vai muito além do primeiro receptor.

O jornalista de Educação não trabalha simplesmente com dados e conceitos, mas com seus significados. É de extrema importância a consciência dos significados que estão dentro dos dados. Isso exige do profissional um grande esforço de tradução, de precisão e de busca dos diversos sentidos contidos na informação.

O bom jornalista de Educação tem consciência de seu papel social. Assume um compromisso com a qualidade da informação que produz, atuando de forma profissional e pautado pela ética.

Além disso, esse profissional busca uma boa formação e procura se capacitar continuamente.

Ele se aprofunda em questões ligadas à cidadania a partir de uma visão ampla e interdisciplinar. Possibilita ao público uma melhor compreensão dos fenômenos sociais.

Ele privilegia uma abordagem plural, aprofundada, contextualizada e sem preconceitos. Para estimular a consciência crítica e provocar reflexão sobre os temas abordados, o profissional de Comunicação emprega em seus textos uma linguagem acessível, dá ênfase aos processos e não só aos resultados.

Ele investiga causas e alternativas. Além disso, não se deixa levar pelos apelos do denunciismo e/ou do sensacionalismo. Tem uma visão global do tema, sem perder o sentido das características sócio-culturais locais e regionais.

Ele estende sua investigação a todos

os atores do processo, permitindo-lhes voz e visibilidade. Torna visível o triângulo Escola-Família-Comunidade, e trata sempre esses três pólos de forma integrada e complementar.

O bom jornalismo de Educação

O bom jornalismo de Educação não trata as pautas de forma maniqueísta. Prima por tratar de uma Educação para a cidadania e para a vida e não estritamente para o mercado de trabalho. O jornalismo de Educação é consciente de seu papel como instrumento de reflexão. Busca qualificar as demandas da sociedade. É um jornalismo que investiga e informa. Quando (e como) informa, está também formando.

O bom jornalismo de Educação inclui em sua pauta a compreensão dos processos pedagógicos, na perspectiva do que eles significam para os diversos atores. Compreende o tempo próprio do processo educacional, não limitando-se à informação factual.

Cabe ao jornalismo de Educação contribuir para que as ações educativas sejam formuladas e fiscalizadas em conjunto com a sociedade. Investiga na comunidade escolar as dificuldades que interferem no ingresso, regresso, permanência e sucesso dos estudantes.

Para um bom jornalismo de Educação, as fontes oficiais são parâmetros, não a palavra final. O profissional estabelece uma relação ética de diálogo com suas fontes, que exige fidelidade e rigor no tratamento das informações.

No bom jornalismo de Educação, o cidadão é o foco da reportagem, mesmo quando se trata de estatísticas e questões da “burocracia escolar” e das políticas públicas de ensino. Ele humaniza resultados quantitativos.

A boa reportagem de Educação

Uma boa reportagem de educação começa pelo acréscimo de novas perguntas às tradicionais:

- **O que?**
- **Quando?**
- **Onde?**
- **Como?**
- **Quem?**
- **Por quê?**

A boa reportagem de Educação leva em conta:

- **“Quens?”, no plural (indicando que são vários atores).**
- **Processos que envolvem o tema em foco.**
- **Experiências semelhantes.**
- **Os desdobramentos.**

Outro desafio é incluir o “Para quem?” na reflexão diária do jornalismo de Educação dos veículos de massa, uma vez que a boa reportagem de Educação se dirige a TODOS e não apenas a um público específico. Ou seja, informa/forma o cidadão.

Ao responder a todas essas perguntas, a reportagem agrega conhecimento, explicita as crenças das pessoas envolvidas no processo educativo, provoca reflexões e estimula ações.

A boa reportagem de Educação dá visibilidade ao trabalho da escola e à ação direta do cidadão. Possibilita a articulação de pessoas e entidades capazes de assegurar o sucesso da criança e do jovem. Contribui, ainda, para uma mudança de mentalidade, priorizando o sucesso do aluno e o foco na visão dos cidadãos sobre a educação escolar. Ajuda a compreender o papel da família e da comunidade.

Uma boa reportagem de Educação constrói sua pauta considerando:

Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação

- Quais os principais assuntos da educação no momento?

- Que não é preciso um gancho factual para que uma pauta de educação seja realizada.

- As conseqüências das informações veiculadas para a criança, o jovem, a família, a comunidade escolar e a sociedade.

- A postura que o cidadão pode adotar diante das informações divulgadas e se elas irão ajudá-lo.

Desafio para continuar o debate:

Em outros fóruns, e no nosso dia-a-dia, nos deparamos com o grande desafio de pensar, discutir e refletir a inserção da Educação dentro dos vários processos de comunicação e não só no jornalismo.

CONTEXTO

Quais as condições atuais para produzir e publicar reportagens sobre Educação?

1) Condições internas dos meios de comunicação

Projeto Editorial

As pesquisas demonstram que há um interesse maior e crescente da mídia pelo tema Educação e isso vem satisfazer uma demanda do público. Por conta deste fato, entre outros, a mídia está colocando o tema Educação em seus projetos editoriais.

Há, no entanto, um longo caminho a ser percorrido, porque falta tradição das empresas de Comunicação em cobrir o tema e know-how aos profissionais de Comunicação. Há ainda nas redações a dúvida sobre se um projeto editorial que valorize o tema Educação deve reservar um espaço fixo e periódico (cadernos, páginas etc.) ou se as matérias sobre



Sessão de encerramento: (da esquerda para a direita) Virgílio Aragón (NEMP); Manuel Manrique (Unicef); Gabriel Rodrigues (SEMESP); Sinval de Itacarambi (Revista Imprensa); Paulo Renato Souza (ministro da Educação); Geraldinho Vieira (ANDI); Viviane Senna (IAS); Antonio Carlos Ronca (reitor da PUC-SP); e Fernando Rossetti (IAS)

Educação devem concorrer com as outras pautas e conquistar o espaço por sua qualidade jornalística.

Para uns, pela importância do tema, deve haver espaço próprio. Isso, por si só, poderia levar a uma qualificação e diversificação da cobertura. A outra visão, do "livre mercado", forçaria o aumento da qualidade das matérias de Educação, uma vez que elas teriam que disputar os melhores espaços com as outras reportagens.

Editores

O papel do editor no jornalismo de Educação é fundamental, pois é ele quem tem, na maioria das vezes, a capacidade de aprovar ou não uma sugestão de pauta. É grande o número de editores com dificuldade de perceber o interesse dos leitores pelo tema Educação e de respeitar e enriquecer essa demanda.

As emissoras de rádios e os veículos impressos dão mais espaço que a

televisão à Educação. Nos telejornais a preferência por notícias mais "quentes", factuais, parece predominar. No entanto, há exceções importantes.

Em quaisquer dos veículos, observa-se que as matérias sobre Educação costumam ser as primeiras a "cair" quando um fato "quente", que exige mais espaço, surge. Outra preferência dos editores parece ser por matérias que combinam Educação com escândalos, tragédias, violência etc.

Na maioria das redações, é o jornalista de Educação quem tem de sensibilizar o editor. O profissional de Comunicação mais bem informado, com melhores argumentos, vende melhor suas pautas para o editor. Mas, muitas vezes, o editor se mostra preso às suas próprias convicções e pouco sensível ao tema.

Profissionais de Comunicação

Falta, aos jornalistas, preparo para compreender as especificidades da área

Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação



Entrega do documento final dos Grupos de Trabalho ao ministro Paulo Renato Souza

da Educação, o que impede o desenvolvimento de uma visão mais crítica sobre informações recebidas - frequentemente por meio de releases. Observa-se que quando o profissional de Comunicação tem know-how ele é mais crítico e capaz de traduzir os temas mais áridos para o leitor

Com a extinção do repórter setorizado nas várias áreas, o tema Educação é ora coberto por jornalistas que atuam em diversas áreas, ora por "focas", que não conseguem "garimpar" informações específicas da fonte, quaisquer que sejam elas. No entanto, há um interesse crescente em cobrir Educação.

Quem atua com mais frequência ou com exclusividade na área, em geral o faz por afinidade e não por status - que é normalmente sinônimo de proximidade com as fontes do Poder Público - ou a temas que relacionem a Educação à política e à economia.

A ascensão do profissional de Comunicação que cobre a área acontece na

medida em que ele se aprofunda nos temas da Educação e conquista fontes. Porém, quando esse jornalista se destaca, geralmente é deslocado para outro setor.

Infra-Estrutura

Hoje, existe um maior interesse na área de Educação, principalmente nos veículos nacionais. Surgem novos cadernos e revistas. Muitos jornais, estimulados pela ANJ, mantêm inclusive projetos de "Jornal na Escola". Entretanto, a cobertura ainda é insuficiente, e restrita a iniciativas isoladas.

Na maioria das redações onde a infraestrutura é menor, o tema Educação não é prioridade, daí a ausência das editorias específicas. Faltam condições materiais, às vezes básicas, e tempo para o aprofundamento da reflexão e pauta.

Além da ausência do apoio logístico, os profissionais de Comunicação esbarram na falta de interesse dos dirigentes do veículo em promover a formação específica.

A liberação para participar de encontros, fóruns e debates exige esforço pessoal e jornada extra de trabalho para compensar a "ausência".

Embora o tema Educação esteja em ascensão, existe a crença - não confirmada por algumas importantes experiências - de que investir em matérias sobre Educação não dá retorno financeiro, não dá publicidade. Quando o formato editorial é sedutor, Educação atrai, sim, publicidade. Além disso, muitas empresas ainda não perceberam que temas como Educação e Saúde atraem novos leitores.

Em boa parte dos jornais regionais, a dependência de anúncios oficiais e as relações políticas dificultam a investigação das ações de prefeituras e lideranças locais.

Os meios de comunicação que têm mais estrutura tendem a melhorar a cobertura, sendo, inclusive, mais críticos em relação aos releases recebidos.

Agências de Notícias

As agências de notícias alimentam boa parte do noticiário de Educação dos jornais regionais.

A contradição é que, enquanto cresce o movimento pela municipalização da Educação, a cobertura jornalística caminha em sentido contrário, ainda com uma forte tendência de aproveitar pautas nacionais, centralizadas.

Por conseqüência, o veículo de comunicação deixa de aprofundar o caráter regional, ignorando o vínculo com a comunidade em que está inserido e o contexto local, o que leva ao desinteresse do leitor.

A maior parte do material de agências - "publicável em qualquer região" - é

Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação

essencialmente oficial, “de gabinete”, sem relação nítida com o dia-a-dia do leitor, que precisa de traduções do tipo “o que isso vai mudar na minha vida”... tradução raramente feita.

2) Condições externas aos meios de comunicação

Leitores

Existe demanda social por matérias sobre Educação, especialmente quando o assunto é relacionado à realidade do leitor e afeta o seu cotidiano.

Os meios ainda têm dificuldades de perceber que determinados assuntos possibilitariam amplitude maior na cobertura de Educação: dia-a-dia dos professores, linhas pedagógicas, sexualidade, drogas, atuação dos estudantes (feiras culturais, gincanas, projetos etc.), mercado de trabalho, qualidade do ensino, novas experiências, entre outras. Mas também: comportamento, relações familiares e outros temas relacionados à Educação não-formal.

O baixo poder aquisitivo dos professores muitas vezes não permite que assinem jornais e revistas. A matéria de Educação, com suas peculiaridades, tem, entretanto, abrangência maior que os exemplares vendidos: o professor recorta e leva para a escola, faz mural, distribui para os colegas, multiplicando o número de leitores.

O estudante, seja qual for sua idade, é hoje o grande negligenciado como leitor.

Mercado de Trabalho

O surgimento de novos cadernos e páginas de jornais e revistas especializados demonstra que existe um mercado crescente de consumidores de informação sobre Educação, e portanto mercado para quem trabalha nessa área.

Instituições de ensino, entidades do Terceiro Setor, assim como assessorias de imprensa, produtoras de vídeo e veículos comunitários também abrem espaços para profissionais de Comunicação especializados. Há, também, interesse empresarial de diferentes segmentos pelo tema.

A percepção empresarial de que existe público e, conseqüentemente, anunciantes para veículos que ofereçam a pauta Educação, vai aumentar o mercado de trabalho para estes profissionais. No entanto, a distribuição dessas vagas de trabalho tem profundas variações regionais.

Governo

Há, entre os três níveis de governo, diferenças na produção de informações e relacionamento com a imprensa, em decorrência da estrutura das assessorias e da visão de Comunicação daquele que comanda a pasta de Educação.

O Ministério da Educação disponibiliza pautas e estimula a cobertura do tema Educação; faz bom uso de estratégias de mídia para implantar programas e estimular o controle social.

No contexto regional e local, a imprensa tem dificuldades em buscar novas fontes. Isso contribui para que o papel do Governo Federal esteja superdimensionado.

O Poder Público tende a orientar a cobertura de acordo com seus interesses. Os profissionais de Comunicação têm preconceito com o material oficial - “chapa branca” -, mas às vezes não utilizam as alternativas que têm.

Assessorias de Comunicação

Com o avanço tecnológico e conseqüente surgimento de diversas mídias, há crescimento de mercado para este seg-

mento.

Porém, além da função do assessor não ser reconhecida como essencial em áreas como Educação, Saúde, Meio Ambiente etc., muito pouco se investe na sua capacitação.

Não chega a 10% a proporção de assessorias que têm acesso à Internet.

A maioria dos assessores tem limites decorrentes dessa ausência de investimento em formação e infra-estrutura, o que compromete sua credibilidade como fonte. Um exemplo: quando o assessor transforma-se (ou é transformado) em simples “promotor” de seu superior, privilegiando a pessoa em detrimento das informações.

Alguns assessores não se preocupam em aguçar o censo crítico dos profissionais de Comunicação e das fontes e em manter com eles um diálogo constante para produzir pautas mais criativas e conscientes.

Sociedade Civil

As ações do chamado Terceiro Setor têm cada vez mais espaço na mídia. No entanto, ainda há muito a ser feito para o melhor aproveitamento desse espaço.

Da parte das instituições de ensino e da sociedade civil organizada, falta profissionalizar a divulgação da informação. Significa não só estar instrumentalizada para abrir espaços, mas também para responder às demandas da mídia. Significa entender melhor a linguagem, o tempo e a dinâmica dos jornais. Quando as ONGs têm núcleos de comunicação, conseguem mais espaço nos meios de comunicação de massa. O mesmo se aplica às escolas, faculdades e universidades.

Nos meios de comunicação há, por vezes, uma abordagem de que as ONGs

Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação

estão acima de qualquer suspeita. Outras vezes, elas são completamente ignoradas. Falta ao profissional de Comunicação perceber mais as realizações da sociedade civil, refletindo essa tendência.

As empresas de comunicação ainda têm poucos canais de diálogo com a sociedade, como ombudsman e conselhos de leitores.

RECOMENDAÇÕES

Como promover a melhoria da qualidade da informação?

Comunicação e Educação

Reconhecer a inter-relação entre Comunicação e Educação como um novo campo de intervenção social e de atuação profissional, considerando que a informação é um fator fundamental para a Educação. O desenvolvimento tecnológico abriu novos campos de atuação e criou espaços de convergência de saberes.

Difundir o binômio Comunicação e Educação como potencial transformador da sociedade em direção à plena cidadania.

Promover a compreensão de que a ótica da Educação permeia pautas de todas as editorias.

Viabilizar um sistema de rádio, a exemplo da TV Escola, para maior democratização da informação na área de Educação.

Formação

Flexibilizar os currículos de Comunicação, inserindo conhecimentos e práticas da área educacional para que o profissional de Comunicação tenha possibilidade de ampliar sua atuação como “educomu-

nicador” (o novo profissional, que atua ao mesmo tempo no campo da Educação e da Comunicação, motivado pela formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos em seu meio social).

Enfatizar disciplinas e conteúdos humanistas, como ética, cidadania, direitos humanos, política, economia, questões ambientais, tecnológicas e de outros temas sociais, como saúde e assistência social.

Incentivar a formação permanente dos profissionais de Comunicação e Educação através de parcerias que podem se desenvolver de diferentes formas:

• Universidade - Universidade:

As faculdades de Comunicação e de Educação podem criar, juntas, um currículo básico, a ser ministrado a cada final de ano, para os formandos das duas áreas, com informações básicas sobre a inter-relação mídia e Educação.

• Empresa de Comunicação - Universidade:

Em parceria com as universidades, as empresas de Comunicação podem gerar cursos periódicos para sensibilizar e formar profissionais que queiram se dedicar à cobertura da Educação.

• Governo - Universidade:

Os governos nos três níveis, em parceria com universidades, podem promover cursos para formação e reciclagem dos jornalistas que trabalham em assessorias de comunicação e funcionários das secretarias de Educação que atuam como agentes de divulgação da informação.

• Organizações da Sociedade Civil - Universidades:

Essas entidades devem cooperar

entre si para a formação do profissional de Comunicação como educador.

• Múltiplos Atores e Instituições:

Escolas, universidades, empresas de comunicação, empresas em geral, ONGs, sindicatos etc. podem se unir para contribuir com a qualificação da Comunicação em Educação.

Estimular que os currículos das faculdades de Comunicação incentivem a prática do jornalismo investigativo em Educação e o debate sobre a relação entre Comunicação e Educação.

Fomentar a prática da pesquisa na formação básica e universitária do futuro comunicador.

Incluir nos currículos disciplinas sobre políticas públicas de Comunicação.

Promover a criação de jornais, rádios e TVs-laboratório nas faculdades e as reportagens sobre Educação nesses veículos.

Promover fóruns regionais sobre Mídia e Educação para sensibilizar os vários atores que atuam nas áreas de Comunicação e Educação, envolvendo outros atores.

Empresas de Comunicação

Facilitar, com urgência, o acesso dos repórteres à Internet.

Os veículos de Comunicação devem e necessitam investir na prática do jornalismo investigativo, reconhecido como fundamental para a melhoria da qualidade da cobertura jornalística e para minimizar distorções geradas pelo imediatismo.

Ampliar e desenvolver projetos editoriais que abordem Educação, Comuni-

Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação

cação e Cidadania.

Promover o trabalho de profissionais de Comunicação especializados em Educação e editorias ou cadernos específicos como forma de garantir espaços para notícias da área e ambiente para o aprimoramento da cobertura.

Compartilhar o resultado deste Fórum através das entidades representativas além de fomentar sua análise nas redações.

Possibilitar aos comunicadores acesso a bancos de dados, bibliografias etc., por meio da estruturação de centros de documentação e pesquisa.

Apoiar a pesquisa permanente no exercício do jornalismo de Educação.

Apoiar, permitindo a ausência e financiando, os profissionais de Comunicação a participarem de atividades de formação.

Assessorias de Comunicação

Devem ser valorizadas pelas entidades (sindicatos, ONGs, instituições).

Facilitar, com urgência, o acesso dos assessores à Internet e estimular a criação de sites para a democratização das informações.

Os currículos das faculdades de Comunicação devem ter disciplinas voltadas também para a formação de assessores de Comunicação e cursos de pós-graduação sobre o tema.

As empresas devem contratar pessoal qualificado para facilitar o contato com os profissionais das redações e a compreensão das especificidades de cada veículo.

Empresas e entidades devem facilitar a participação de seus profissionais em cursos, seminários e congressos.

As assessorias devem melhor compreender seu papel de facilitador do fluxo de informações entre empresas e entidades e os meios de comunicação.

As assessorias precisam realizar encontros periódicos entre jornalistas de redação e assessores em busca da qualidade de informação.

MEC, Consed, CNE e secretarias de Educação devem realizar fóruns para estreitar a relação entre os assessores de comunicação.

Sociedade Civil

Reconhecer a imprensa “fora de banca” (sindical, empresarial, científica, acadêmica, institucional) como elemento de democratização da informação e estimular os profissionais desses veículos a se qualificarem sobre o tema Educação.

Contribuir para o processo de legalização das emissoras de baixa potência (rádios e TVs comunitárias), que atingem milhões de pessoas e são importantes instrumentos de Comunicação e Educação. Favorecer também as novas mídias e mídias alternativas (fanzines, por exemplo, nas escolas).

Estar atenta às mudanças na legislação que possam prejudicar a democratização da informação.

As organizações da sociedade civil devem ser mais objetivas, organizadas e transparentes na formulação e transmissão de informações.

Para contornar a dificuldade dos especialistas, principalmente acadêmicos, de entender o dia-a-dia e o tempo das redações, buscar formas de aprofundar o entendimento dessas realidades e de aproximá-las.

Estimular que os profissionais de

Comunicação diversifiquem as vozes presentes no noticiário, identificando, reconhecendo e buscando novas fontes, para que se evite a criação de “fontes oficiais” também entre as organizações da sociedade civil.

Criar uma rede de discussão sobre a mídia para o Terceiro Setor.

Criar o site “Mídia & Educação”, com grupos de discussão, links, referências, bibliografias, agendas de eventos, guias de especialistas e instituições, estatísticas etc.

Criar guias de fontes e manuais para fontes (tipo: “Entenda como funciona a Comunicação”).

Propor que “A Voz do Brasil” tenha um espaço exclusivo dedicado à Educação.

Universidades, entidades da sociedade civil e do Terceiro Setor (além dos órgãos governamentais) devem democratizar a produção e o acesso a pesquisas sobre Educação.

Formar o educador como interlocutor para dialogar com a mídia (o “educador”).

Formar o educador como leitor crítico dos meios de Comunicação.

Estimular a criação de prêmios.

Criar um comitê de personalidades nacionais e regionais, dentro de um plano de Comunicação, para levar aos donos de meios de comunicação as recomendações deste Fórum.

Criar um Fórum Permanente de Mídia & Educação, reunindo, entre outros, editores, chefes de reportagem e donos de jornais.

Fórum Mídia e Educação:

Perspectivas para a Qualidade da Informação



Fórum Mídia & Educação

Realização:

ANDI - Instituto Ayrton Senna - Unicef - Ministério da Educação - Fundescola - CONSED - NEMP/UnB

Patrocínio:

Fundação Roberto Marinho - SEMESP - Banco do Brasil - Fundação Orsa

Apoio:

Secretaria de Estado da Educação / SP - Governo do Estado de São Paulo - TV PUC - CENPEC - Projeto Aprendiz

Produção do evento:

Revista Imprensa

Summary / Resumen

Education

In 1999, education was established as the most important media's concern when reporting on children's and teenagers'. In the last few years there was a big and effective mobilization surrounding this issue. Therefore, education became one of the main subjects reported by the media, with an improvement on the overall quality of the coverage.

The turnover happened in 1998, when education raised from the eighth (1996) to the first place on the survey's most reported issue, with an increase of 84.95% in the number of articles on the subject compared to the previous year.

Despite the growth on the issue's coverage, there is a lot of room for improvement on its quality. Articles are becoming less superficial on a slow and steady pace, but there are still a lot of inaccuracies and unbalanced stories.

The disbalance between the quantity and the quality of the reports, brought government and non-government organizations to sponsor the Media and Education Forum: Perspectives for Information Quality. That event was the most comprehensive analysis on reports about education by the Brazilian media. The documents produced at the forum, to be released on April, will certainly improve the relationship between media and the education sector.

Educación

En el año de 1999, la educación se constituyó como la principal preocupación de los medios en lo referente a la infancia y la adolescencia. La fuerte y eficaz movilización en torno a esta cuestión durante los últimos años hizo de la educación la gran pauta nacional e incentiva a los medios de comunicación a utilizar una postura más depurada y de mayor calidad en relación a ese asunto.

En 1998, fuimos espectadores del gran vuelco del tema Educación, que pasó de la octava posición entre los temas más abordados en 1996, para el primer lugar en los últimos dos años. El crecimiento del número de reportajes que tratan de ese asunto de 1998 para 1999 fue de 79.22%.

A pesar del avance cuantitativo, se observan aún algunas fallas en la cobertura, que gradualmente deja de ser superficial, pero que todavía no consigue un índice de crecimiento correspondiente en el aspecto cualitativo.

El Informe Infancia en Los Medios también revela que las fuentes oficiales continúan dictando la pauta de Educación en todo el país. Más de 40% de los reportajes analizados fueron provenientes de órganos oficiales.

Esa diferencia entre los aspectos cuantitativo y cualitativo llevó a varias entidades gubernamentales y no gubernamentales a realizar el Forum "Medios y Educación: Perspectivas para la Calidad de la Información". Este evento se centró como ningún otro en la cobertura del tema educación por parte de los medios de comunicación brasileños.





A consolidação do tema **Terceiro Setor** na imprensa brasileira é uma realidade. As ações da sociedade organizada tornam-se, a cada dia, pauta constante nas redações. Mesmo a questão **Cidadania Empresarial** inicia nítido processo de maior presença no noticiário.

A **Pesquisa Infância na Mídia** confirma a temática entre as cinco de maior interesse da imprensa. Outro dado relevante: do total de matérias classificadas em **Terceiro Setor**, a maior parte contribui para a visibilidade das buscas de soluções para as questões da infância e da adolescência.

A pesquisa divide em três subtemas as notícias cujo foco principal são as ações do **Terceiro Setor** voltadas para a infância e a juventude.

No subtema **Assistência Emergencial** estão, por exemplo, as campanhas e outras atitudes que procuram

minimizar as situações de miséria e calamidade, as campanhas de solidariedade.

A retranca **ONGs e Voluntariado** reúne notícias sobre a atividade voluntária e o trabalho desenvolvido

pelas Organizações Não-Governamentais.

Em **Cidadania Empresarial** estão projetos sociais criados e mantidos por empresas.

Soluções x Denúncia - É importante notar a diferença entre o percentual de Busca de Soluções (68,45%) das notícias provocadas pelo **Terceiro Setor** (ou sobre ele) e o percentual do que convencionamos classificar como “mera” denúncia (2,00%), no mesmo assunto. Ou seja, a maior parte das matérias trata do sucesso das iniciativas.

O percentual de denúncias a que se refere a **Pesquisa Infância na Mídia**

se deve basicamente ao caso de desvio do dinheiro de doações que era usado, em benefício próprio, por dirigentes de uma instituição paulistana e mais um ou outro caso similar.

Regiões - Os resultados mostram que é maior o interesse pelo tema **Terceiro Setor** no Sudeste e Sul (regiões que concentram os maiores centros empresariais do País).

No Sudeste, segundo o IPEA, 67% das empresas investem em projetos sociais. E no Nordeste - um dos maiores e mais criativos celeiros de experiências não governamentais bem sucedidas.

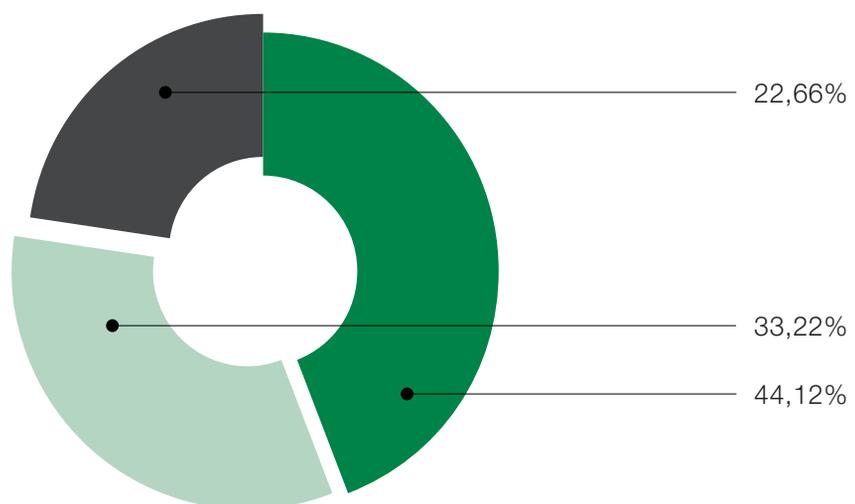
No Centro-Oeste, o assunto ocupa a sétima posição, mas no Norte é o oitavo, atrás de temas como **Violência**, **Exploração do Trabalho** e **Exploração Sexual**, mais uma prova de que a região permanece em constante estado de desrespeito aos direitos da infância e adolescência.

68,45%
Busca de Soluções

2,00%
Denúncia

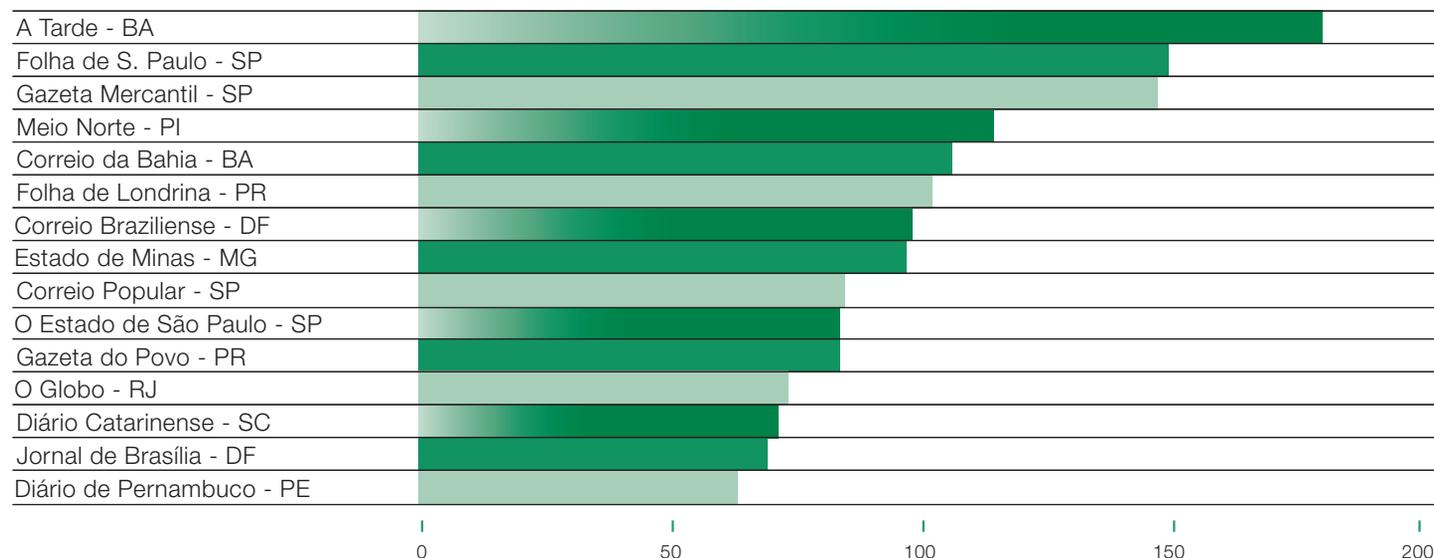
Terceiro Setor

- ONGs e Voluntariado
- Assistência Emergencial
- Cidadania Empresarial



Terceiro Setor

Terceiro Setor - Jornais que mais publicaram



Terceiro Setor - Jornais que mais publicaram por região



Terceiro Setor Revistas que mais publicaram

Economia e Negócios

Exame

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Claudia

Summary / Resumen

Third Sector

The theme Third Sector has become one of the most sought after in the Brazilian media. The survey shows that civil society actions are among the five issues raising more interest from the press. Even 'Business Citizenship' as a theme is in the process of beginning to gain a bigger presence in the news agenda.

The ANDI's survey divides 'Third Sector' news in three categories: Emergency Assistance (by civil society groups and charities), NGO's and Volunteers and Business Citizenship. The survey shows that the majority of news included on this theme are about successful projects (68.45%) and also that there is a greater interest on this kind of story in the more industrialized regions of the country, where the the biggest business centers are located (Southeast and South).

Tercer Sector

El tema tercer sector ha logrado consolidarse en la prensa brasileña. Las acciones de la sociedad civil organizada se convirtieron en pauta constante, mientras que las iniciativas de los empresarios adquieren mayor presencia en los medios. El Informe Infancia en los Medios divide las noticias clasificadas en tres categorías: Asistencia Emergencial (campañas de solidaridad); ONGs y Voluntariado; y Ciudadanía Empresarial.

Vale la pena resaltar que la mayoría de esas noticias trata del éxito de las iniciativas y que la prensa de las regiones brasileñas que concentran los mayores centros empresariales del país demuestra mayor interés por el asunto.

Assistência Emergencial - Jornais que mais publicaram

A Tarde - BA	
Meio Norte - PI	
Correio Braziliense - DF	
Folha de S. Paulo - SP	
Folha de Londrina - PR	

Assistência Emergencial

Jornais que mais publicaram por região



Assistência Emergencial Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

ONGs e Voluntariado - Jornais que mais publicaram

A Tarde - BA	
Folha de S. Paulo - SP	
Correio da Bahia - BA	
Folha de Londrina - PR	
Gazeta Mercantil - SP	

ONGs e Voluntariado - Jornais que mais publicaram por região



ONGs e Voluntariado Revistas que mais publicaram

Economia e Negócios

Exame

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Claudia

A atuação social das empresas brasileiras é voltada, preferencialmente, para a criança e o adolescente, fato que se reflete no crescimento do número de matérias sobre **Cidadania Empresarial**, revelado pela **Pesquisa Infância na Mídia** ao longo de 1999.

No primeiro semestre, **Cidadania Empresarial** representava 18,38% do total de inserções do tema **Terceiro Setor**.

No segundo semestre - quando o tema também registrou um crescimento total de 76,53%, em relação aos primeiros seis meses de 99 -, **Cidadania Empresarial** representou 25,08% do tema **Terceiro Setor**.

Percebe-se ainda que o crescimento de matérias sobre **Cidadania Empresarial** não causou redução considerável na retransmissão de **ONGs e Voluntariado**. A maior queda (cerca de quatro pontos percentuais) se deu nas matérias sobre **Assistência Emergencial**.

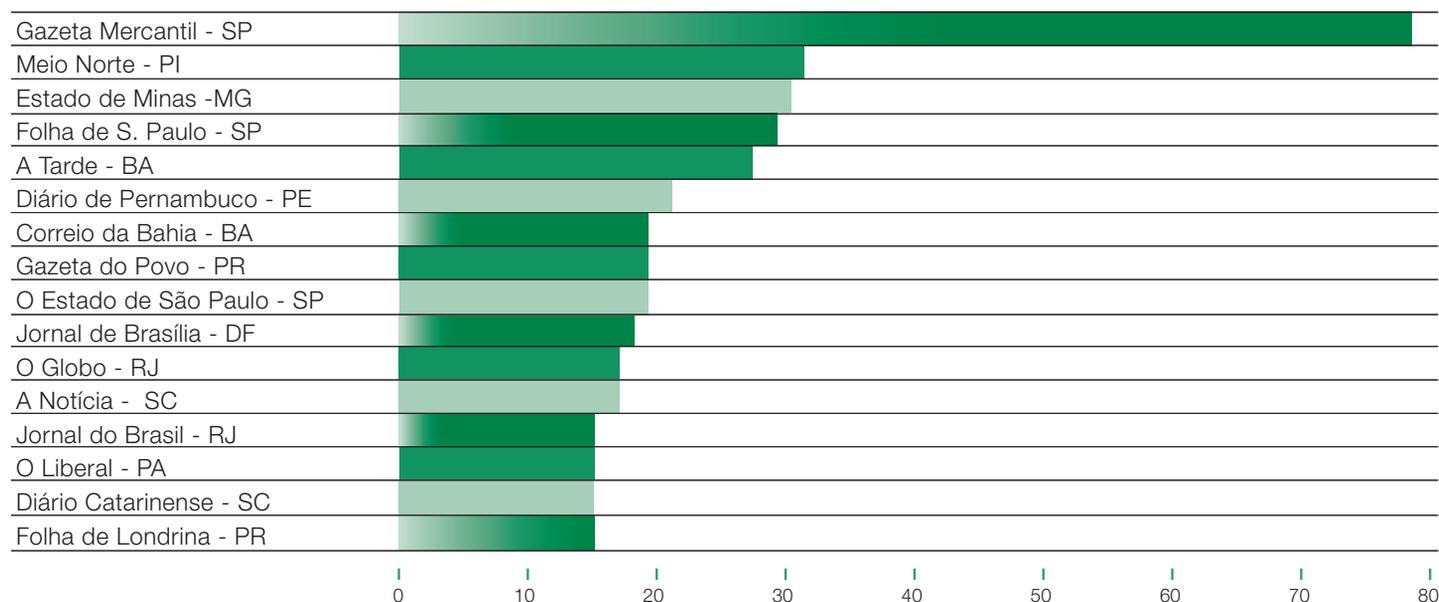
De acordo com dados do Ceats (Centro de Estudos em Administração do Terceiro Setor) e do Gife (Grupo de Institutos, Fundações e Empresas), publicados pela *Folha de S. Paulo*, a população-alvo dos programas das empresas é formada por 47% de jovens.

Além disso, eles investem na família (16% do público-alvo) e em gestantes (8%).

Mesmo com toda a atuação social, o **Terceiro Setor** conclui que, apesar da grande quantidade de programas, a difusão dos seus resultados é precária.

Para diminuir a distância e incentivar a troca de informações entre a imprensa e as organizações sociais, um dos mais importantes eventos reunindo jornalistas e líderes do Terceiro Setor (entre os quais, assessores de imprensa de fundações, institutos e ONGs) aconteceu no final de 1999, em São Paulo, promovido pelo SENAC-SP com apoio institucional da ANDI. (*ver na próxima página*)

Cidadania Empresarial - Jornais que mais publicaram



Cidadania Empresarial Revistas que mais publicaram

Economia e Negócios

Exame

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Claudia

Cidadania Empresarial - Jornais que mais publicaram por região



Fórum debate o diálogo entre os atores sociais e a mídia

Mídia & Organizações Sociais

Mesmo se detectando que a imprensa brasileira jamais abriu tanto espaço para a reflexão sobre o papel da iniciativa privada (onde obviamente são ouvidos os líderes do chamado Terceiro Setor e citadas as fundações empresariais), como era esperado ainda surge a questão sobre até que ponto é relevante ou não citar, nas reportagens, o(s) nome(s) da(s) instituição(ões) de caráter privado que financiam projetos executados por ONGs quando os referidos projetos são alvo de investigação jornalística.

Alguns veículos citam os financiadores, outros o fazem até mesmo incluindo “ficha técnica” ao fim das reportagens. Outros meios deixam parecer que não há propriamente uma decisão editorial a respeito da questão, um dia citando parceiros privados e outro dia os ignorando.

Os diretores das fundações observam que a imprensa muitas vezes ainda os “interroga” como se estivessem diante de representantes de uma mera ação de marketing social de empresas. Ou seja, muitos acham que os repórteres trazem o sentimento (a visão de mundo) de que “tudo não passa de um *mea culpa* capitalista”. Neste sentido, as lideranças sociais são enfáticas em lembrar que no Brasil não há, por exemplo, isenção fiscal sobre

os recursos aplicados na área, e que fosse isso verdade seria ideal que o jornalista percebesse outras “e mais verdadeiras” razões para tal investimento privado.

Para muitos destes líderes, participantes do 1º Fórum Brasileiro de Imprensa, Terceiro Setor e Cidadania Empresarial, parece normal que a imprensa apenas informe que “tal iniciativa tem apoio de empresas privadas”, mas o mesmo sentimento não é compartilhado por suas assessorias de comunicação. Inevitavelmente,

os assessores consideram que dizer “quem” no mundo empresarial está apoiando esta ou aquela iniciativa é fundamental. De um lado porque julgam relevante esta informação; de outro

porque acham que estimula/mobiliza o empresariado; e, ainda por outro lado, porque todos gostam de ver o seu produto social legitimado pelo espaço de mídia.

Todos acreditam que os editores-chefes devem melhor esclarecer os departamentos comerciais dos veículos de comunicação sobre a importância da pauta e sobre a falácia que representa considerar tais citações com uma possível concorrência com o material publicitário.

É consenso entre os líderes o sentimento de que investem (gastam?) muito de seu tempo para informar o bê-a-bá aos repórteres - normalmente jovens que pela primeira vez entram no assunto e o

fazem com grande dificuldade em entender as relações entre recursos/lucros/resultados etc. Isso ocorre em menor escala (bem menor) quando falamos em repórteres das revistas e jornais especializados em negócios e empresas.

As fontes consideram que o assunto ganhou *status* na agenda nacional e na pauta dos veículos, mas que paradoxalmente estes mesmos veículos não destacam repórteres melhor formados para cobrir a área - complexa por natureza.

Concordam, por outro lado, que as entidades do Terceiro Setor também precisam dar salto qualitativo na organização de suas informações para a imprensa e na profissionalização do diálogo com a mídia.

Entre recomendações e “alertas” mais frequentes sobre vícios e/ou equívocos cometidos pela imprensa, os atores do Terceiro Setor consideram:

- É preciso dar maior complexidade ao tratamento jornalístico da responsabilidade social e do investimento social empresarial

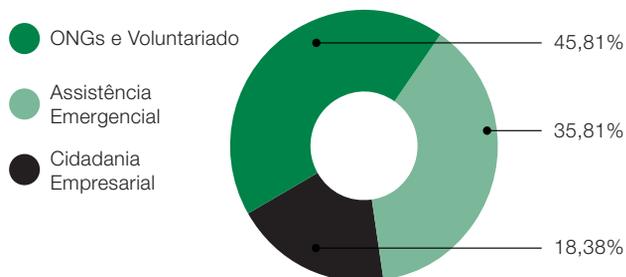
- As ONGs não podem ser simplesmente incensadas ou demonizadas

- A mídia precisa entender os novos paradigmas da proteção social, e cobrir mais criticamente (menos linearmente) as ações caridosas

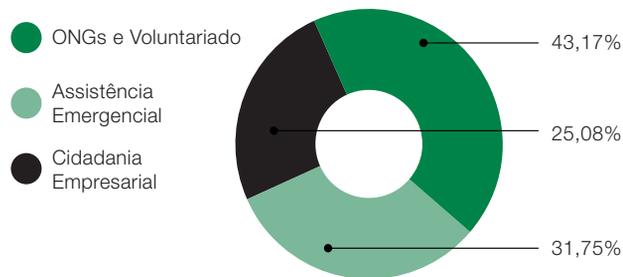
- A mídia ainda não percebeu que líderes empresariais podem ser boas fontes



Terceiro Setor - 1º semestre/99



Terceiro Setor - 2º semestre/99



Fórum debate o diálogo entre os atores sociais e a mídia

para repercussão, por exemplo, dos constantes cortes de recursos nos orçamentos sociais dos poderes públicos em todos os níveis, uma vez que tais lideranças entendem o universo dos orçamentos e investimentos, do planejamento estratégico e da cultura de resultados

- As associações de bairros, agremiações de pais e sindicatos, por exemplo, são entidades importantes do Terceiro Setor mas não são cobertas pela mesma imprensa que a cada dia abre mais espaço para fundações, institutos e ONGs de ações específicas

- Raramente a mídia faz o link entre um chamada "experiência bem sucedidas" e suas contradições ou alianças com as políticas públicas. Tal equívoco cria a impressão de que o Terceiro Setor substitui o Estado e impede o aprofundamento do debate sobre a distribuição de renda.

- A melhor notícia é a que traz novidades. Dizer que uma determinada empresa (conhecida por seus produtos comerciais) investe na área social é novidade. Se é novidade, é notícia. A solidariedade não caridosa inaugura novos paradigmas de ação social. Esta é uma notícia nova para o Brasil.

- Os veículos de comunicação devem investir na formação de seus profissionais para propiciar entendimento mais completo da área:

a) Podem fazê-lo tornando seus repórteres mais disponíveis para a cobertura e/ou participação em fóruns relevantes.

b) Podem inserir a temática em seus cursos internos - bom exemplo foi o caderno *Folha Trainee* (*Folha de S. Paulo*, 18/9/99), realizado pela Editoria de Treinamento, que discutiu o trabalho voluntário no Brasil.

c) Podem demandar das faculdades profissionais com melhor formação nas questões dos Direitos Humanos e das Políticas Públicas.

Promovido pelo SENAC-SP com apoio institucional da ANDI, o I Fórum Brasileiro de Imprensa, Terceiro Setor e Cidadania Empresarial reuniu (1 e 2 de dezembro de 1999) jornalistas, líderes e assessores de comunicação do Terceiro Setor.

Entre eles, Léo Voigt (Fundação Maurício Sirotski Sobrinho); Oded Grajew (Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social); Sérgio Haddad (Abong - Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais); Gilberto Dimenstein (Folha de S. Paulo); Roberto Gazzi

(O Estado de S. Paulo); Fernando Rossetti (Instituto Ayrton Senna); Carlos Alberto Idoeta (Anistia Internacional); Gilberto Nascimento (IstoÉ); Miguel Dias (TV Record); Ricardo Voltolini (Senac); Neusa Goys (Senac); Geraldinho Vieira (ANDI); Nely Caixeta (Exame); Reinaldo Paes Barreto (Gazeta Mercantil/Instituto Herbert Levy); Ana Lúcia Dip Delion (TV Sesc Senac); Ricardo Kotscho (Canal 21); Alicia Cytrynblum (Revista Tercer Sector - Argentina); Elson Faxina (Pastoral da Criança) e Denise Carreira (Cenpec).

Summary / Resumen

Businessmen Citizenship

The social role of Brazilian companies are mostly concentrated towards children's and teenagers' projects. They are the target of 47% of business funded social projects, according to *Folha de São Paulo* newspaper. The same data, quoted by *Folha*, places 16% of the business social projects targeted at families, and 8% at pregnant women.

However, the large number of social projects sponsored by business do not guarantee the promotion of results, which is still precarious. To reduce the gap between the press and social organizations and also to promote the exchange of information, SENAC/SP sponsored the First Press, Third Sector and Business Citizenship Brazilian Forum, on the second half of 1999, with ANDI's institutional support. Recommendations to avoid inaccuracies on this type of report were highlighted.

Ciudadanía Empresarial

La actuación social de las empresas brasileñas está dirigida preferencialmente a los niños y adolescentes. El público alvo de los programas de las empresas está conformado en un 47% por jóvenes. Además de eso, estas empresas invierten en la familia (16% del público alvo) y en gestantes (8%), de acuerdo con datos publicados por el diario *Folha de São Paulo*.

Aún con toda la actuación social, el Tercer Sector concluye que, a pesar de la gran cantidad de programas, la difusión de sus resultados es precaria.

Para disminuir la distancia e incentivar el intercambio de información entre la prensa y las organizaciones sociales, tuvo lugar, a finales de 1999, el 1º Forum Brasileño de Periodismo, Tercer Sector y Ciudadanía Empresarial, que presentó recomendaciones y "alertas" sobre algunos vicios y/o equívocos cometidos por la prensa, en la cobertura de ese asunto.



O noticiário sobre atos violentos e crimes praticados por jovens revela uma mídia contraditória.

Quando crianças e adolescentes são vítimas, aparecem nos jornais e revistas como vítimas da crise social. Quando o jovem passa de vítima a agente da violência é tratado meramente como criminoso, sem se levar em consideração o contexto social em que vive e do qual também é um produto.

No ano de 1999, a **Pesquisa Infância na Mídia** registra um aumento significativo no número de matérias sobre o tema. Do quarto lugar, no segundo semestre de 1998, o assunto **Violência** passou à terceira posição nos dois semestres do ano passado.

Justifica tal crescimento da presença dessa temática no noticiário a sucessão de fatos envolvendo violência nas escolas. Mais de 600 inserções sobre este assunto

foram registradas, além das notícias que retratam episódios ocorridos em outros países, especialmente os EUA, que não são computadas na **Pesquisa**.

* **Sobre o comportamento da mídia em relação à questão da "violência na escola" leia artigo à página 71.**

12,52%

Busca de Soluções

A Região Norte

- Violência contra e praticada por crianças e adolescentes foi o principal assunto dos

jornais na região Norte - marcada por problemas estruturais.

Busca de Soluções - É importante chamar a atenção para o número de inserções que apontam para as buscas de soluções para a questão da **Violência** apenas 12,52% - enquanto em **Educação** e **Saúde** (primeiro e segundo luga-

9,59%

Denúncia

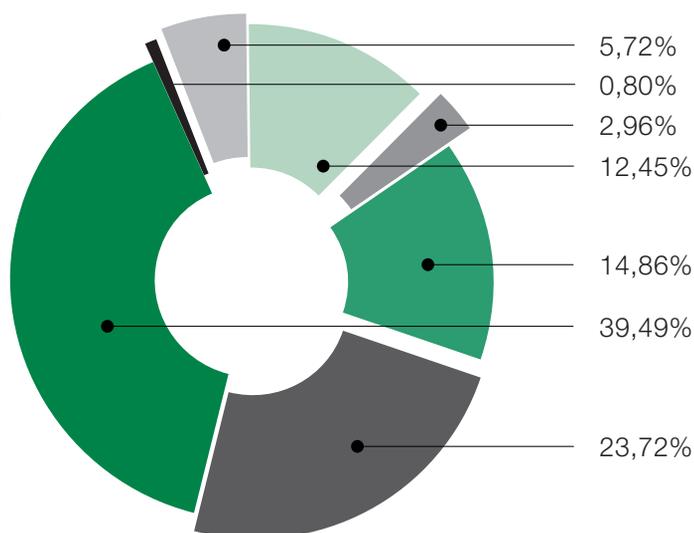
res na **Pesquisa**, respectivamente) esse percentual é de mais de 30%.

O pequeno número de denúncias (9,59%) - matérias que revelam e aprofundam questões como a violência policial, o aliciamento de crianças por gangues e outros grupos do crime organizado - mostra que a mídia não investiga as causas e consequências danosas da violência. O que se vê é simplesmente o factual.

Merece destaque o nítido - e gradual - desaparecimento das páginas policiais na maioria dos jornais, mas importantes veículos ainda continuam a "brindar" seus leitores - entre eles crianças e adolescentes (leitores em fase de formação da personalidade) com as mais chocantes imagens do "mundo cão", como *O Liberal (PA)*, *A Província do Pará* e *Diário do Pará*, *O Estadão (RO)* e *A Tarde (BA)*.

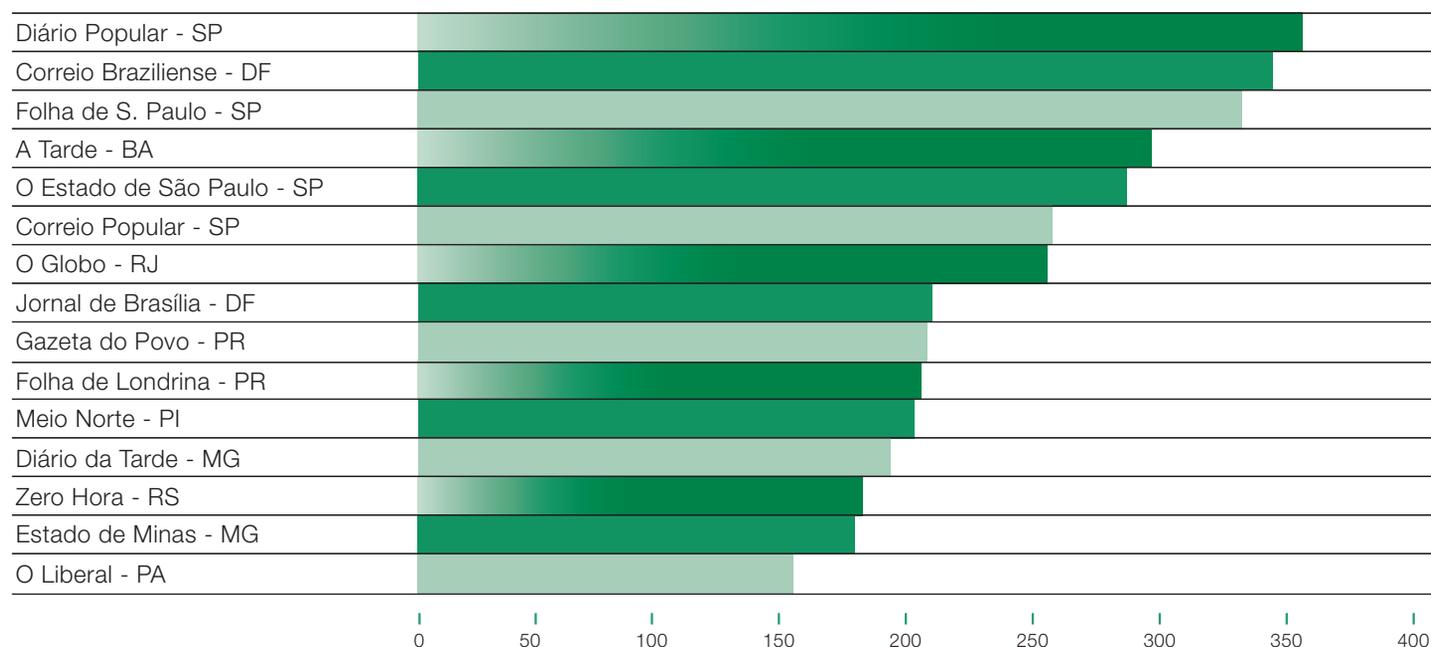
Violência

- Roubos, Furtos e Homicídios (jovem vítima)
- Roubos, Furtos e Homicídios (jovem agente)
- Maus-tratos (jovem vítima)
- Maus-tratos (jovem agente)
- Trânsito (jovem vítima de acidentes)
- Trânsito (jovem agente de acidentes)
- Ações e Campanhas



Violência

Violência - Jornais que mais publicaram



Violência - Jornais que mais publicaram por região



Violência

Revistas que mais publicaram

Semanal

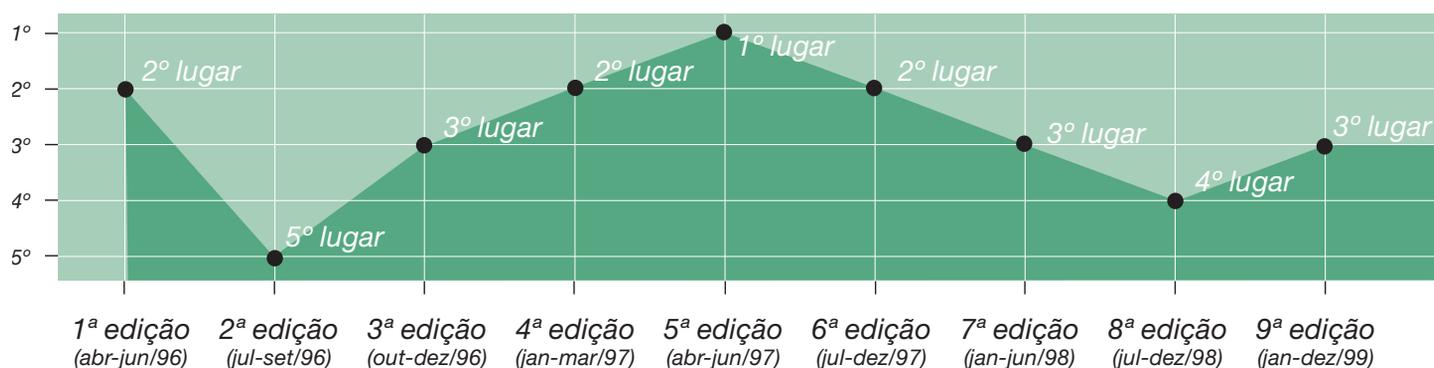
Isto É

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Violência - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas



Maus-tratos (jovem vítima) - Jornais (os 15 que mais publicaram)

Folha de Londrina - PR	
Gazeta do Povo - PR	
Correio Braziliense - DF	
Diário Popular - SP	
A Tarde - BA	

Maus-tratos (jovem vítima)
Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Maus-tratos (jovem vítima) Jornais que mais publicaram por região



Maus-tratos (jovem agente) - Jornais que mais publicaram

Gazeta do Povo - PR	
O Globo - RJ	
Diário Popular - SP	
Folha de Londrina - PR	
Correio Popular - SP	

Maus-tratos (jovem agente) Jornais que mais publicaram por região



Não houve publicação sobre o tema nas revistas pesquisadas.

Violência

Roubos, Furtos e Homicídios (jovem como vítima)
Roubos, Furtos e Homicídios (jovem como agente)

Roubos, Furtos e Homicídios (jovem vítima) - Jornais que mais publicaram

Diário Popular - SP	
Folha de S. Paulo - SP	
A Tarde -BA	
O Estado de S. Paulo - SP	
Correio Popular - SP	

Roubos, Furtos e Homicídios (jovem vítima) Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Jornal de Brasília - DF
Sudeste	Diário Popular - SP
Sul	Zero Hora - RS

Roubos, Furtos e Homicídios (jovem vítima) Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Roubos, Furtos e Homicídios (jovem agente) - Jornais que mais publicaram

Diário Popular - SP	
Diário da Tarde - MG	
Correio Braziliense - DF	
Folha de S. Paulo - SP	
O Estado de S. Paulo - SP	

Roubos, Furtos e Homicídios (jovem agente) Jornais que mais publicaram por região

Norte	A Crítica - AM
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Diário Popular - SP
Sul	Zero Hora - RS

Roubos, Furtos e Homicídios (jovem agente) Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Violência

Trânsito (jovem vítima de acidentes)
Trânsito (jovem agente de acidentes)

Trânsito (jovem vítima de acidentes) - Jornais que mais publicaram

Correio Braziliense - DF	
A Tarde - BA	
O Dia - RJ	
Diário da Tarde - MG	
Diário Popular - SP	

Trânsito

(jovem vítima de acidentes)

Revistas que mais publicaram

Semanal

Veja

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Trânsito (jovem vítima de acidentes)

Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	O Dia - RJ
Sul	Gazeta do Povo - PR

Trânsito (jovem agente de acidentes) - Jornais que mais publicaram

Hoje em Dia - MG	
Diário Catarinense - SC	
Diário Popular - SP	
Zero Hora - RS	
O Dia - RJ	

Trânsito (jovem agente de acidentes)

Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Hoje em Dia - MG
Sul	Zero Hora - RS / Diário Catarinense - SC

Trânsito

(jovem agente de acidentes)

Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Ações e Campanhas - Jornais que mais publicaram

O Globo - RJ	
O Estado de S. Paulo - SP	
Correio Popular - SP	
Folha de S. Paulo - SP	
Meio Norte - PI	

Ações e Campanhas

Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	Meio Norte - PI
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	O Globo - RJ
Sul	Zero Hora - RS

Ações e Campanhas

Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Violence

The Brazilian press presents contradictions when reporting on violence and crimes committed by youngsters. When youngsters are victimised, newspapers and magazines present them as social crisis' casualties. But when they are the perpetrators of violence, they are present merely as criminals, with not much attention to the social context in which they live.

The issue was placed in fourth place in the survey, on the second half of 1988 and on the two surveys realised last year, it raised to the third place. The growing violence in the schools contributed to the increase of articles on this subject, with more than 600 stories reporting that kind of violence. The press in the northern part of the country, in which social inequalities are more prominent, has also made violence its main subject. However, the number of stories presenting solutions for the problem is small: 12.52%.

Violencia

Los medios de comunicación brasileños se presentan contradictorios al noticiar sobre actos violentos practicados contra y por los jóvenes. Cuando éste es el agente de la violencia, es tratado como un criminal, sin que siquiera sea mencionado el contexto social en el que se formó su personalidad.

El tema violencia registra un aumento en el número de inserciones. En 1999, pasó a ocupar la tercera posición, mientras que en 1998 ocupaba el cuarto lugar en el ranking. Noticias sobre la violencia en las escuelas contribuyeron con ese crecimiento. En la Región Norte del país - marcada por fuertes desigualdades sociales - violencia es el principal asunto de los periódicos. Es pequeño el número de reportajes (12.52%) que contribuyen con la búsqueda de soluciones para la cuestión de la violencia.



A violência chegou às escolas do Brasil. As armas entraram na sala de aula sem pedir licença e mudaram o imaginário coletivo que representava a escola como um local onde a paz reinava nas brincadeiras, na hora do lanche e nas descobertas do aprender. Se antes já havia episódios de violência nas escolas, parece que no final dos anos 90, ela atingiu seu ápice. Diante dessa nova realidade, os jornais e revistas passaram a retratar o ambiente escolar também como um local onde a violência mostra sua face mais cruel: crianças atirando em crianças e adultos enfurecidos desmantelando o cotidiano de alunos, pais e professores.

Os Fatos

A maioria das matérias sobre violência nas escolas do ano de 1999 apresenta relatos de fatos ocorridos de norte a sul do País sobre alunos e professores portando e disparando armas aleatoriamente, transformando a escola em um ambiente de terror. De Cuiabá a São Paulo, a cena é a mesma. O jovem é vítima ou protagonista de um ato violento: quando é atingido diretamente pela violência, é retratado como um pobre coitado que sofre as consequências de uma sociedade em crise. Mas, quando ele porta a arma e provoca a violência, torna-se um elemento criminoso que deve ser banido e combatido imediatamente.

A mídia esquece que trata-se do mesmo jovem, que é aquele que, diariamente, frequenta as escolas públicas e privadas do Brasil. São indivíduos em formação, que necessitam do apoio de todos para assegurar o seu desenvolvimento integral saudável. Se a arma está em suas mãos, há algo de errado nisso que deve ser apurado.

É importante destacar que as escolas públicas são mais focadas pela mídia, o que não significa, necessariamente, que

os índices de violência sejam menores nas escolas privadas.

Além de provocar uma tensão e alarme destrutivo, o sensacionalismo de algumas matérias acaba criando a idéia de que a divulgação dos fatos é suficiente para instrumentalizar a sociedade para lidar com a violência cotidiana na sala de aula. Como se a simples denúncia criasse, naturalmente, formas de combate à violência. O que não é real. Não é à toa que se discute a banalização e o estímulo da violência provocado pela mídia. Portanto, quanto menos sensacionalista for a notícia e mais ela se aproximar da análise das causas e consequências do ato violento em si (longe dos “achismos” sem fundamentos), mais a mídia estará colaborando para a construção de uma sociedade menos violenta.

Citar as causas da violência como algo genérico, não facilita sua prevenção. Se a criança está armada, é importante investigar como essa arma chegou às suas mãos. Se ela está vendendo drogas ou intermediando furtos e roubos, é fundamental identificar quem está por trás disso.

Considerando que há uma relação direta entre a oferta da mídia e o interesse do leitor/espectador, notamos que a alta incidência do tema nos meios de comunicação reflete o interesse da sociedade pelo tema. A série de acontecimentos violentos que vitimaram as escolas norte-americanas aparecem com destaque na mídia brasileira como uma denúncia de questões sócio-culturais que os americanos não conseguem resolver. Se antes, nos orgulhávamos por não termos tragédias dessa natureza, agora, já não podemos dizer o mesmo. O mal-estar social em relação à violência nas escolas é global.

As Soluções

Por outro lado, vê-se que os veículos de comunicação têm aberto espaços

para mostrar “soluções” para o enfrentamento da violência nas escolas, apresentando algumas ações da sociedade civil e dos governos para prevenir e combater os atos violentos. Essas ações, geralmente, podem ser divididas em dois blocos: um que aponta para a prevenção repressiva e outro para a prevenção reflexiva.

O primeiro bloco enfoca ações como colocação de detector de metais, ação direta da polícia, fiscalização de materiais didáticos e pessoais e outros. Por trás desse conceito há a crença de que o controle da violência passa, necessariamente, pela repressão imediata. Como se a presença de um agente repressor externo fosse suficiente para eliminar a violência. Apesar de, em determinados momentos, ser necessário tomar medidas mais duras, está comprovado que ações dessa natureza não impedem que atos violentos ocorram novamente no ambiente escolar.

Já a prevenção reflexiva sugere que o combate à violência seja feito de forma participativa, através de atividades comunitárias, envolvendo pais, professores, alunos e as pessoas que vivem no entorno da escola. São feiras, passeatas, concursos e apresentações esportivas e artísticas que começam a questionar e discutir o ambiente escolar que nós queremos. Vale registrar que as matérias jornalísticas têm apontado esse tipo de ação como uma boa saída para o combate à violência. Desta forma, a mídia torna-se uma forte aliada da luta pela não-violência.

As Reflexões

Nos últimos meses, registra-se aumento de editoriais, artigos e matérias que fazem uma reflexão sobre a violência nos jornais dos Países. Tanto nos veículos de circulação local como nos chamados jornais “nacionais”, professores, especialistas, alunos e gestores públicos analisam a violência nas escolas e sua prevenção. Esse debate público tem contribuído para

pautar as agendas dos governantes sobre o tema e estimular que a própria comunidade escolar crie formas de enfrentar essa triste realidade. Mais do que nunca o tripé Escola, Família e Comunidade deve estar sólido e atuante, pois qualquer uma dessas instâncias isoladas não resolverá a questão da violência na sala de aula.

E a mídia com isso? Tem tudo a ver. Na era da comunicação/informação, jornais, revistas, rádios e TVs são instrumentos importantes no combate à violência. Os jornalistas são parceiros estratégicos, trazendo à tona a discussão de velhos mitos que reforçam discriminação de grupos sociais e velam nossos problemas diários. É preciso reconhecer que a escola reúne uma diversidade cultural, econômica e étnica que deve ser respeitada e trabalhada como tal, desmontando o mito da hegemonia pacífica da sociedade brasileira.

Os veículos de comunicação podem contribuir com a construção de uma cultura da paz, na medida em que pautam suas matérias e colunas com análises dos fatos que geraram os conflitos, levando em conta a diversidade étnica, sócio-econômica e religiosa do Brasil.

Esse material jornalístico pode e tem subsidiado educadores, pais e dirigentes escolares para lidar com a violência. O material produzido pela mídia tem sido usado na sala de aula, pois boa parte dos livros didáticos não atende à demanda de informações que a comunidade educativa precisa dispor para trabalhar. Alguns educadores estão demonstrando que desejam aproximar a escola dos contextos reais da vida nacional, através dos meios de comunicação.

Portanto, a melhoria da qualidade do ensino público no Brasil passa, também, pela relação da escola com a mídia.

***Texto de autoria de Teca Soub, pedagoga e consultora do Projeto Axé, e Patrícia Portela, jornalista e Oficial de Comunicação do Unicef para Bahia e Sergipe.**

Violence in Schools

Violence spread in Brazilian schools and changed the idea of school as a peaceful place. Newspapers and magazines started to show the school environment as a place in which violence shows its most cruel face.

Notably, estate schools are the most pictured by press reports. although it does not necessarily means that private schools have lower levels of violence.

Apart from leading to tension and to alarm, the tabloid tone of some stories ended up creating the idea that reporting the facts was enough to equip society to deal with daily violence in the classrooms. As if the mere description of violence would establish forms to combat it.

Violencia en las escuelas

La violencia llegó a las escuelas de Brasil y cambió el imaginario colectivo que representaba la escuela como un lugar en el que la paz reinaba. Frente a esa nueva realidad, los periódicos y revistas pasaron a retratar el ambiente escolar como un lugar donde la violencia muestra su rostro más cruel.

Es importante destacar que las escuelas públicas están siendo más enfocadas por los medios de comunicación, lo que no significa, necesariamente, que los índices de violencia sean menores en las escuelas privadas.

Además de provocar tensión y un estado de alerta destructivo, el sensacionalismo de algunos reportajes acaba creando la idea de que la difusión de los hechos es suficiente para instrumentalizar a la sociedad para lidiar con la violencia cotidiana en el aula. Esto como si la simple denuncia generase, naturalmente, formas de combate a la violencia.

Por otro lado, se ve que los vehículos de comunicación han abierto espacios para mostrar "soluciones" para enfrentar la violencia en las escuelas, presentando algunas acciones de la sociedad civil y del Gobierno para prevenir y combatir los actos violentos. Los reportajes se han dirigido hacia ese tipo de acción como una buena salida para el combate a la violencia. De esta forma, los medios se convierten en fuertes aliados en la lucha por la no violencia.



A **Pesquisa Infância na Mídia**, ao longo de suas nove edições, constata que **Saúde** é um dos temas mais abordados pela mídia - quando se trata de crianças e adolescentes.

O tema, que no ano de 1998 ocupou a quarta e a terceira posição (primeiro e segundo semestre, respectivamente), atingiu o segundo lugar entre os assuntos mais abordados pela mídia em 1999.

A cobertura de **Saúde** envolve notícias sobre alimentação, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e sexualidade. A diversidade de aspectos no tema Saúde, levou a ANDI a agrupar alguns assuntos em uma só retranca - **Outros Aspectos**. Nela são inseridas matérias sobre aborto, maternidades detentoras do título Amiga da Criança, campanhas de vacinação e de prevenção a doenças, amamentação, medicamentos, higiene, entre outros.

É necessário observar que o enfoque

tem se expandido e a qualidade também tem crescido nessa área.

A mídia já não se contenta em somente denunciar a (sempre) péssima qualidade dos equipamentos públicos de saúde, nem os grandes escândalos da área. Do total de matérias pesquisadas, 32,37% têm como objetivo debater ou revelar as soluções para os problemas do setor, seja através da divulgação de iniciativas bem-sucedidas ou de orientações para a população.

No ano passado, incentivada pela importante campanha *Criança no Lixo, Nunca Mais* (do Unicef), a imprensa brasileira produziu o melhor material de sua história sobre a questão dos aterros sanitários e das famílias e crianças que ali vivem e dali tiram seu sustento.

Por outro lado, a mídia não atentou mais profundamente, por exemplo, para questões como a Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. No Minis-

tério da Saúde, os departamentos que cuidam das questões da criança e do adolescente são fontes confiáveis e possuem uma grande quantidade de dados à disposição da imprensa.

Denúncias - As denúncias (13,85%), no caso de **Saúde**, se limitam quase exclusivamente a questões como mortes de recém-nascidos em UTIs ou os surtos de doenças, como a meningite.

Não se observa ainda - como no caso do lixo, e esse porque foi respaldado em uma campanha que mobilizou diversos setores em todo o país - uma investigação mais aprofundada das questões sanitárias.

Regiões - No Norte, Nordeste e Sul, as questões de **Saúde** ocupam o segundo lugar no noticiário cujo foco é infância e juventude. Na região Centro-Oeste, o tema é o terceiro e no Sudeste ocupa a quarta posição.

32,37%

Busca de Soluções

13,85%

Denúncia

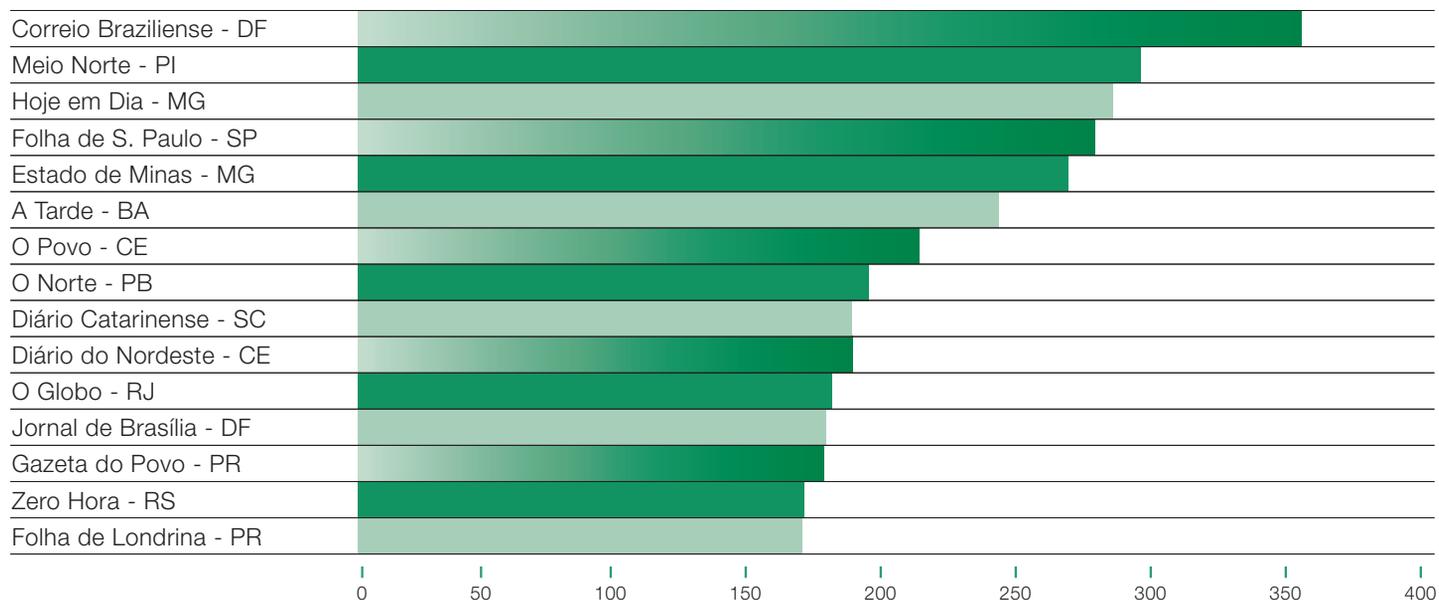
Saúde

- Outros aspectos
- Gravidez
- Nutrição
- Aids/DSTs
- Sexualidade

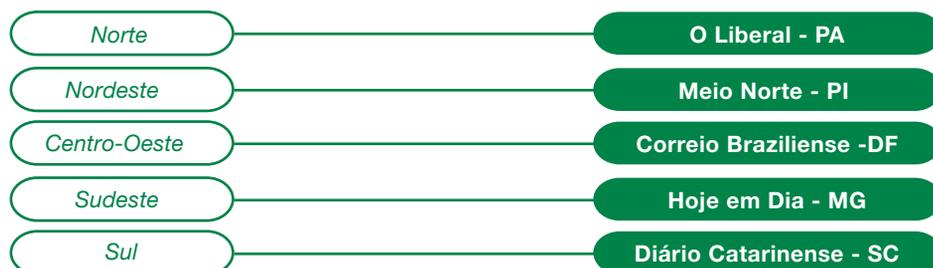


Saúde

Saúde - Jornais que mais publicaram



Saúde - Jornais que mais publicaram por região

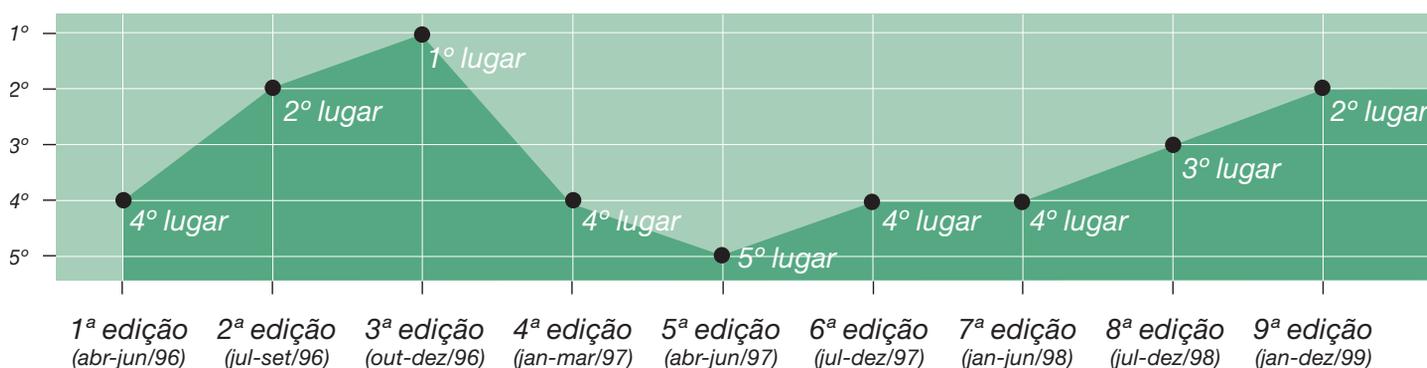


Saúde

Revistas que mais publicaram



Saúde - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas



Aids/DSTs - Jornais que mais publicaram

Folha de S. Paulo - SP	
Correio Braziliense - DF	
O Povo - CE	
Diário Catarinense - SC	
O Estado de S. Paulo - SP	

Aids/DSTs

Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

Mensal/Feminina

Marie Claire

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Aids/DSTs - Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	O Povo - CE
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Folha de S. Paulo - SP
Sul	Diário Catarinense - SC

Gravidez - Jornais que mais publicaram

Folha de S. Paulo - SP	
Correio Braziliense - DF	
Jornal de Brasília -DF	
Estado de Minas - MG	
Diário de Pernambuco - PE	
O Globo - RJ	

Gravidez - Jornais que mais publicaram por região

Norte	A Província do Pará - PA
Nordeste	Diário de Pernambuco - PE
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Folha de S. Paulo - SP
Sul	A Notícia - SC

Gravidez

Revistas que mais publicaram

Semanal

Veja

Mensal/Feminina

Criativa

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Nutrição - Jornais que mais publicaram

A Tarde - BA	
Hoje em Dia - MG	
Meio Norte - PI	
O Norte - PB	
Correio Braziliense - DF	

Nutrição - Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Hoje em Dia - MG
Sul	Gazeta do Povo - PR

Nutrição Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Marie Claire

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Sexualidade - Jornais que mais publicaram

Correio da Bahia - BA	
Correio Braziliense - DF	
Correio da Paraíba - PB	
O Popular - GO	
A Crítica - AM	

Sexualidade - Jornais que mais publicaram por região

Norte	A Crítica - AM
Nordeste	Correio da Bahia - BA
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	O Globo - RJ
Sul	Folha de Londrina - PR

Sexualidade Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Comportamento



As reportagens que tratam das relações entre os jovens e o ambiente exterior ao núcleo familiar recebem, tradicionalmente, mais atenção da mídia. Durante o ano de 1999, as matérias classificadas na retranca **Família** tiveram uma maior presença nos veículos, em relação ao ano anterior. Já as notícias sobre ações criativas dos jovens (Protagonismo Infanto-Juvenil) mantêm-se ocupando igual espaço, e consolidam-se na pauta nacional.

As relações intra e extra-familiares dos jovens têm sido, sobretudo, uma boa pauta de final de semana, quando também são publicados os cadernos dedicados à família.

Ao contrário dos jornais (onde ocupa o sexto lugar no ranking), **Comportamento** é o tema mais presente nas revistas, quando a abordagem envolve crianças e adolescentes.

Atitudes - Nesta retranca, são classificadas questões como amigos, ambiente escolar, modismos, consumo e alterações comportamentais geradas, por exemplo, pela informática.

Família - Nesse subtema estão as relações familiares, em forma de orientações de especialistas ou histórias de vida sobre as crescentes

dificuldades dos pais em se tornarem referência para os filhos.

Protagonismo Infanto-Juvenil - Notícias sobre ações que refletem o potencial criativo dos jovens. A principal característica dessas iniciativas é o fato de serem elaboradas, coordenadas e implementadas pelos próprios adolescentes. O papel dos adultos é de uma orientação não-diretiva.

A mídia ainda não repercute (nem mesmo as revistas), de forma satisfatória ou de maneira a refletir a realidade, a crescente expressão da juventude brasileira, que aponta para o comportamento cidadão - o que convencionou-se chamar **Protagonismo Infanto-Juvenil** e abre um novo leque de compreensão sobre o que é "participação política" no final do século.

Os jovens estão descobrindo como canalizar os seus desejos de transformações para a capacidade de influenciar no seu próprio destino e de sua comunidade.

São ações na área de saúde, comunicação, mobilização social ou educação idealizadas por jovens que estão dispostos a, de alguma maneira, mudar a realidade do país e a sua própria presença no mundo.

18,34%

Busca de Soluções

2,25%

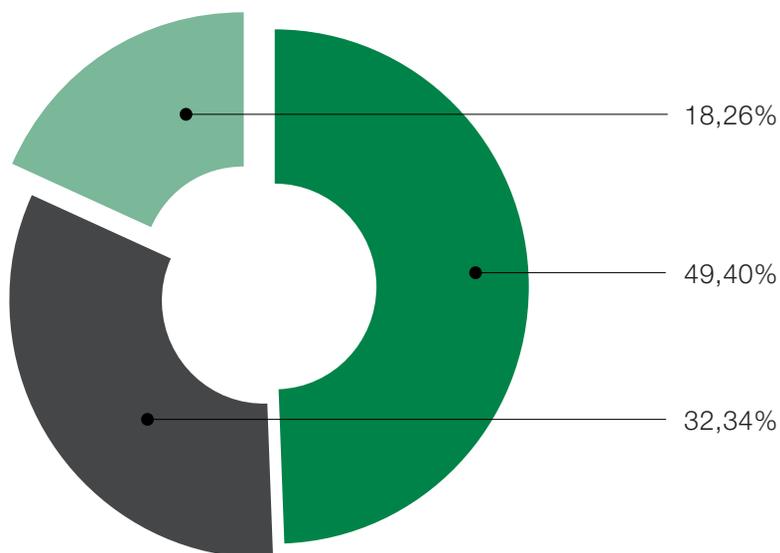
Denúncia

Comportamento

● Atitudes

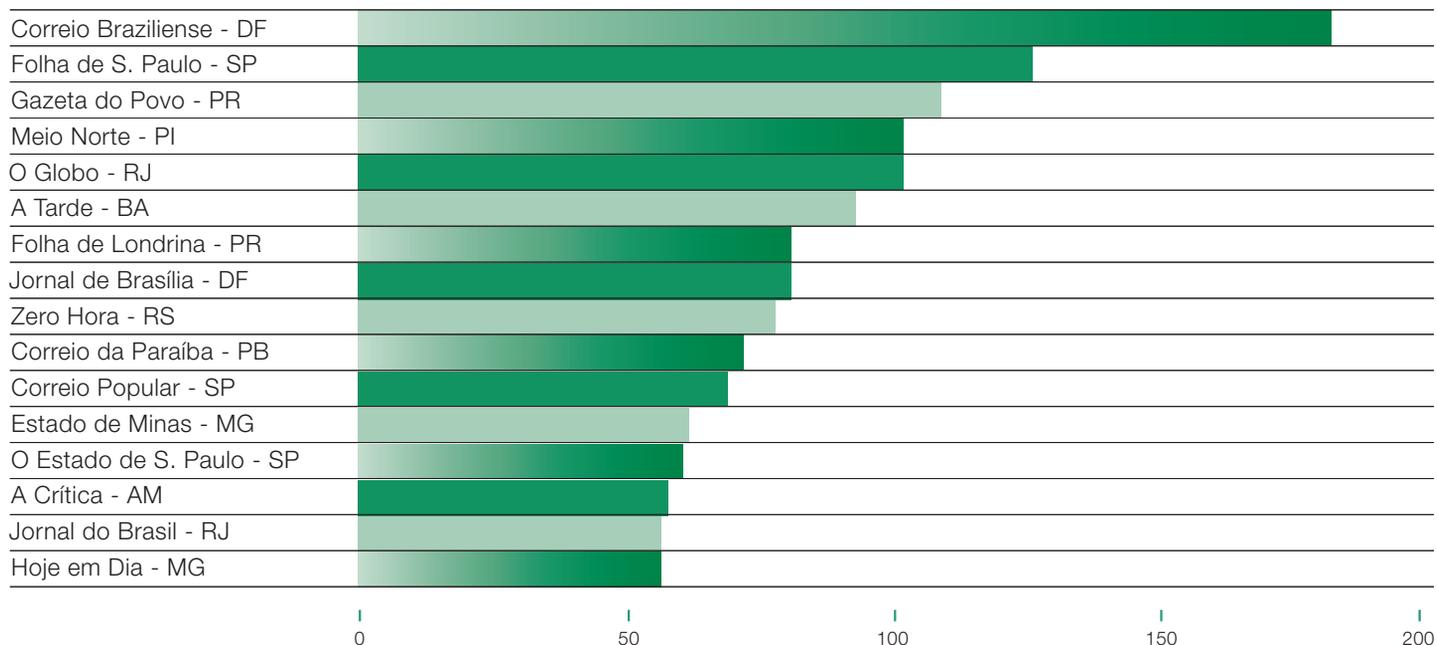
● Família

● Protagonismo Infanto-Juvenil

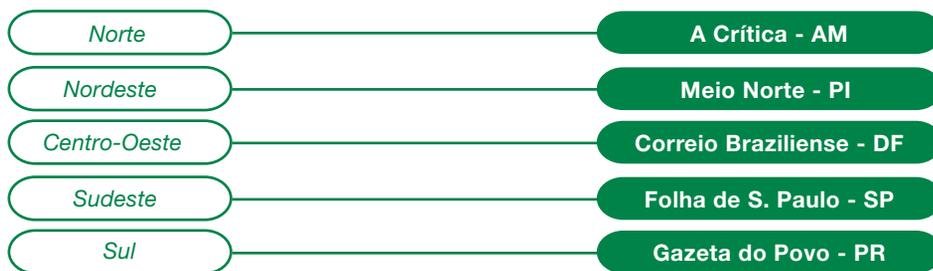


Comportamento

Comportamento - Jornais que mais publicaram



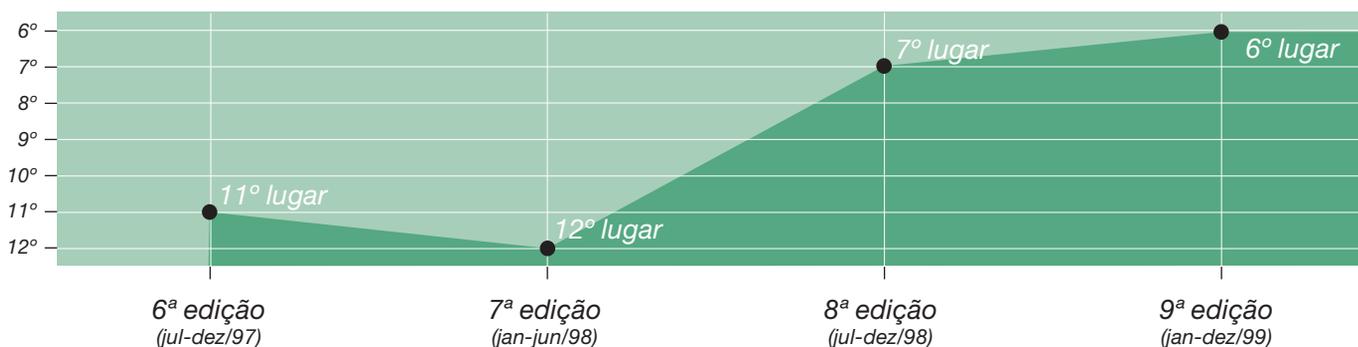
Comportamento - Jornais que mais publicaram por região



Comportamento - Revistas que mais publicaram



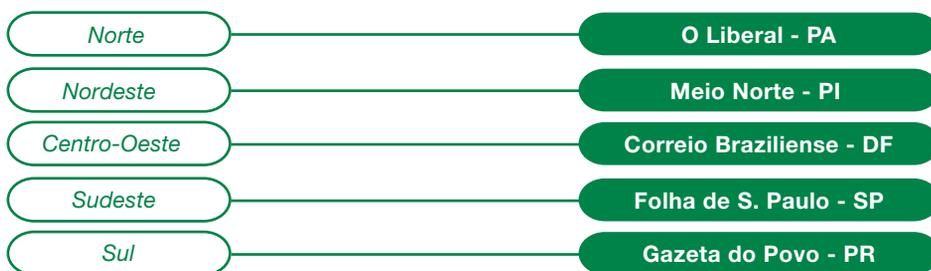
Comportamento - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas



Atitudes - Jornais que mais publicaram



Atitudes - Jornais que mais publicaram por região



Atitudes

Revistas que mais publicaram

Semanal

Veja

Mensal/Feminina

Claudia

Economia e Negócios

Exame

Família - Jornais que mais publicaram



Família

Revistas que mais publicaram

Semanal

Veja

Mensal/Feminina

Claudia

Economia e Negócios

Exame

Família - Jornais que mais publicaram por região



Protagonismo Infanto-Juvenil - Jornais que mais publicaram

A Tarde - BA	
Correio Braziliense - DF	
Diário Catarinense - SC	
Folha de S. Paulo - SP	
Folha de Londrina - PR	

Protagonismo Infanto-Juvenil - Jornais que mais publicaram por região



Protagonismo Infanto-Juvenil Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Marie Claire

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Summary / Resumen

Features

Stories reporting the relationship of youths with the world outside their family environment traditionally get more attention from the press. In 1999, stories listed under 'family' appeared more in the press, compared to 1998. Stories in which youngsters were the main characters remained on the same level.

Features are on sixth place on newspapers ranking, but are the main product of magazines. Nonetheless, neither the papers or the magazines have enlightened the fact that citizenship is a growing concern among the Brazilian youth.

Comportamiento

Los reportajes que tratan de las relaciones entre los jóvenes y el ambiente exterior al núcleo familiar (actitudes) reciben, tradicionalmente, más atención de los medios de comunicación. Durante el año 1999, los temas clasificados bajo el ítem familia tuvieron una mayor presencia en los medios, comparado con el año anterior. Las noticias sobre acciones creativas de los jóvenes (protagonismo juvenil), continúan ocupando el mismo espacio.

De forma opuesta a su posición en los periódicos - en donde ocupa el 6º lugar del ranking - comportamiento es el tema más presente en las revistas. Aún así, los medios todavía no repercuten (ni siquiera las revistas), de forma satisfactoria ni de modo a generar una reflexión sobre la realidad, la creciente expresión de la juventud brasileña que se dirige hacia el comportamiento ciudadano.



As atividades artístico-culturais e esportivas inseridas em processos de resgate da cidadania de jovens em situação de risco têm despertado um grande interesse por parte da mídia.

Os cadernos de Cultura, diferentemente dos cadernos esportivos, absorvem largamente a pauta da arte-educação. No caso dos programas de

esporte-educação é mais comum encontrá-los em meio às reportagens de cidades (locais).

O crescimento do número de atletas e artistas envolvidos com projetos de cidadania através da arte

ou do esporte também tem contribuído para o aumento do espaço dedicado ao tema.

Busca de soluções - A grande maioria das matérias que trazem essa ótica apontam para a busca de soluções para os problemas da infância e adolescência. Essa pauta se alimenta dos melhores projetos pedagógicos de inclusão social de jovens em situação de risco e também tem grande poder de mobilização.

82,92%

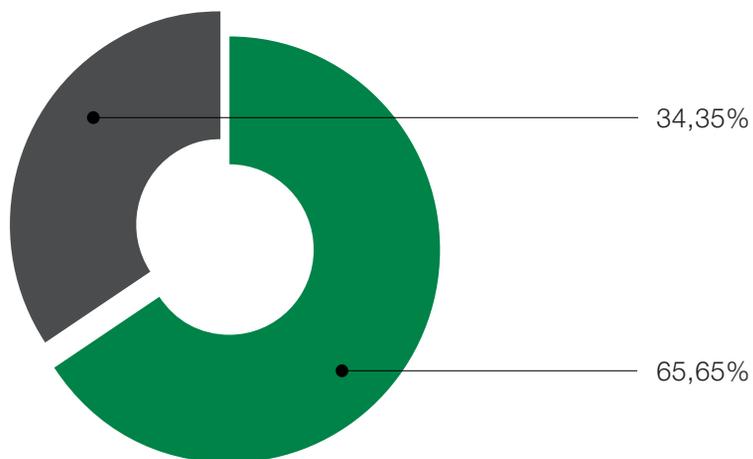
Busca de Soluções

0,48%

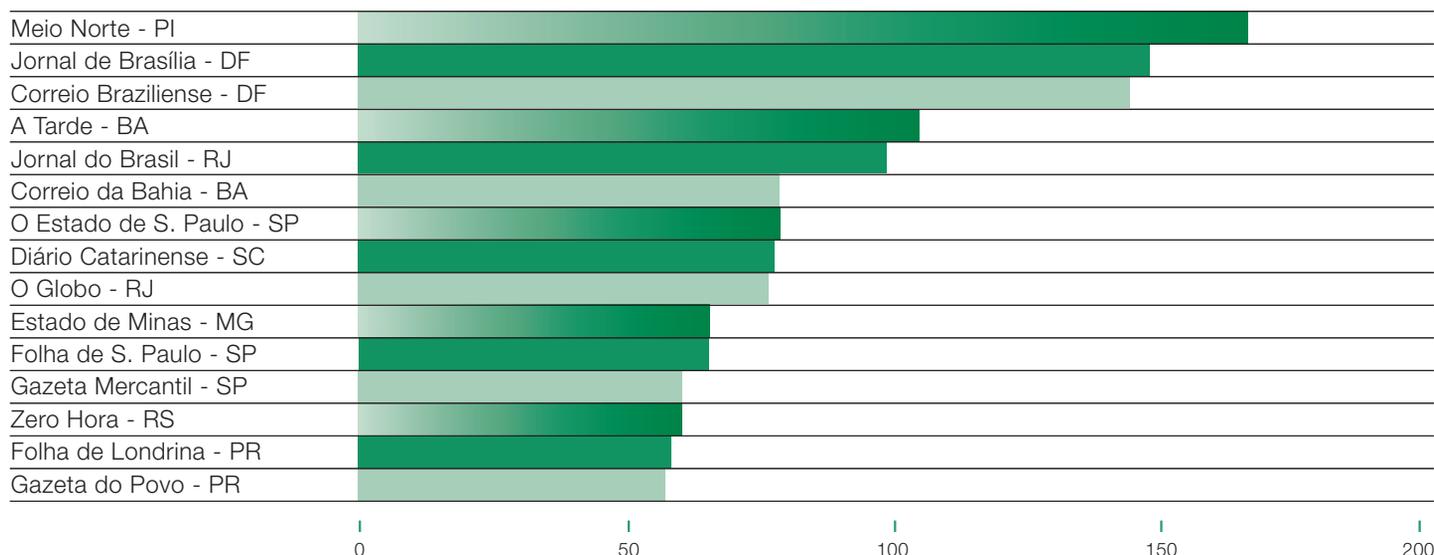
Denúncia

Cultura e Esportes

- Arte-Educação
- Esporte-Educação



Cultura e Esportes - Jornais que mais publicaram



Cultura e Esportes - Jornais que mais publicaram por região



Cultura e Esportes Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Cultura e Esportes - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas



Observação: Antes do 2º semestre de 1998 os assuntos eram computados separadamente.

Arte-Educação - Jornais que mais publicaram



Arte-Educação - Jornais que mais publicaram por região



Arte-Educação Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Esporte-Educação - Jornais que mais publicaram

Meio Norte - PI	
Correio Braziliense - DF	
Jornal de Brasília - DF	
A Tarde - BA	
O Povo - CE	

Esporte-Educação

Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Esporte-Educação - Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	Meio Norte - PI
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	O Estado de S. Paulo - SP
Sul	Gazeta do Povo - PR

Summary / Resumen

Culture and Sports

Artistic, cultural and sports activities trying to restore the citizenship's notion for youngsters under risk have gathered a great media interest. The culture section largely absorbed art and education stories. But sport and education stories tended to be placed among local stories.

An increasing number of athletes and artists involved with projects linked to the rescue of the youngster's citizenship through artistic and sports activities have also contributed to enlarge the coverage.

Most stories on this subject seek solutions for children's and adolescents' problems.

Cultura y Deportes

Las actividades artístico-culturales y deportivas inmersas en procesos de rescate de la ciudadanía de los jóvenes en situación de riesgo han generado un gran interés por parte de los medios de comunicación. Los suplementos de cultura, en contraste con los suplementos deportivos, absorben ampliamente la pauta sobre arte-educación. En el caso de los temas de deporte-educación es más común encontrarlos entre reportajes de la sección Ciudad.

El aumento en el número de atletas y artistas envueltos en proyectos de ciudadanía a través del arte o del deporte también contribuyó con el crecimiento del espacio dedicado al tema.

La gran mayoría de los reportajes que traen ese punto de vista se dirige hacia la búsqueda de soluciones para los problemas de la infancia y la adolescencia.

Exploração e Abuso Sexual

Abuso e Violência
Campanhas de Prevenção
Entidades de Atendimento
Exploração Comercial
Pedofilia



Nas primeiras edições da **Pesquisa Infância na Mídia**, este era um assunto que se localizava entre os cinco mais abordados. Com o passar do tempo, o tema foi perdendo posições (hoje é oitavo), mas ainda é um dos principais focos do noticiário sobre a infância e juventude.

A imprensa é responsável pela manutenção na agenda social do país do drama da violência sexual contra crianças e adolescentes e até mesmo bebês.

No gráfico abaixo é possível identificar o comportamento da mídia diante do tema. Na retransmissão **Abuso e Violência** estão computadas as notícias que tratam dos atos praticados dentro de casa ou que têm como agentes os vizinhos e/ou conhecidos.

Exploração Comercial refere-se ao comércio do corpo envolvendo jovens. Um dos principais ganchos das reportagens é o turismo sexual. É necessário ressaltar que aumenta entre 80% e 100% o número de denúncias contra a exploração sexual de jovens nos meses de dezembro e janeiro.

A grande maioria de matérias cujo foco é a **Pedofilia** trata, quase exclusivamente, das redes de pedófilos que se utilizam da Internet para cometer seus delitos.

Por fim, as **Campanhas de Prevenção** - como a da Embratur contra o turismo sexual - e as **Entidades de Atendimento**. Sobre esta última retransmissão vale um alerta à imprensa: a forma de abordar a questão exploração e abuso sexual deve levar em conta o tratamento do agressor.

A indignação dos repórteres diante de coberturas sobre jovens que sofrem algum tipo de violên-

cia deve permitir a ampliação do olhar também sobre o agressor - que precisa de tratamento, sem esquecer que o atendimento terapêutico e educativo, nesse caso, deve envolver todo o núcleo familiar tanto da vítima quanto de quem provoca a agressão.

Busca de Soluções - Ao contrário da tendência verificada nos demais temas analisados nesta **Pesquisa**, no caso de **Exploração e Abuso Sexual** o número de matérias que são classificadas como "mera" denúncia (18,70%) é maior do que aqueles que apontam para as buscas de soluções (16,42%).

Regiões - Outro aspecto que chama a atenção é a posição desse tema no ranking

das regiões. Apesar de os dados demonstrarem que o maior número de denúncias de exploração sexual de crianças e adolescentes venha do Sudeste, o assunto - entre os 15 pesquisados - ocupa a nona posição naquela região

De acordo com a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia), que centraliza as ações executivas do Sistema Nacional de Combate à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, em parceria com a Embratur e o Ministério da Justiça, 50,68% das denúncias - registradas de fevereiro de 1997 a dezembro de 1999, através do número 0800-99-0500 - vêm da Região Sudeste.

No Sul, onde o tema também ocupa a nona posição, foram registrados 8,97% das denúncias. O assunto é mais presente na mídia da região Norte (quinto lugar), seguida do Nordeste (sétima posição) e Centro-Oeste (oitava).

Na região Norte, onde o problema é sabidamente presente (vide o interesse dos meios de comunicação sobre o assunto), o número de denúncias computadas pela Abrapia é o menor do país, apenas 3,07%.

16,42%

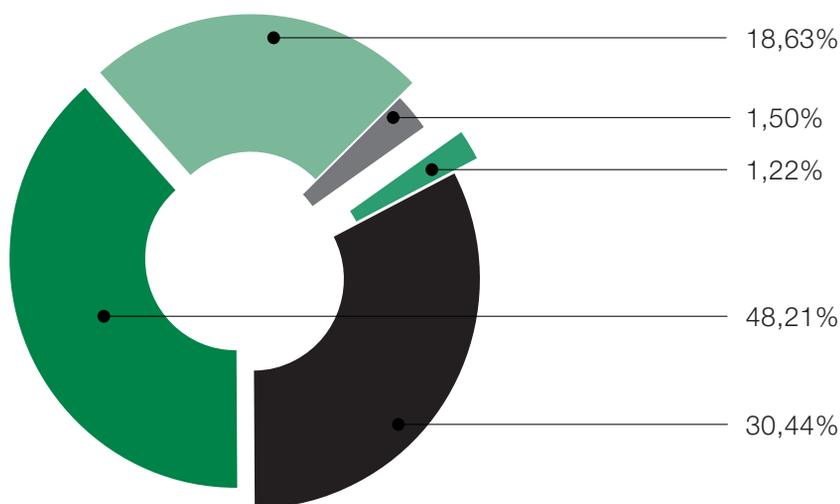
Busca de Soluções

18,70%

Denúncia

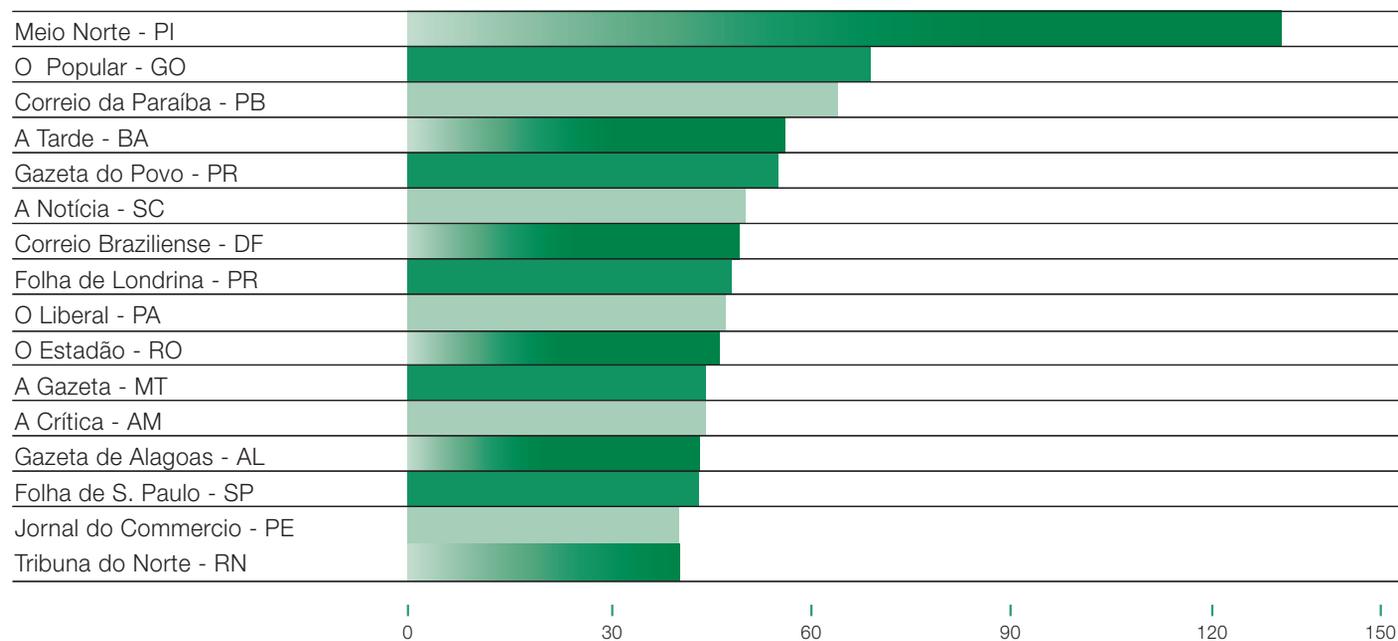
Exploração e Abuso Sexual

- Abuso e Violência
- Exploração Comercial
- Pedofilia
- Campanhas de Prevenção
- Entidades de Atendimento



Exploração e Abuso Sexual

Exploração e Abuso Sexual - Jornais que mais publicaram



Exploração e Abuso sexual

Jornais que mais publicaram por região

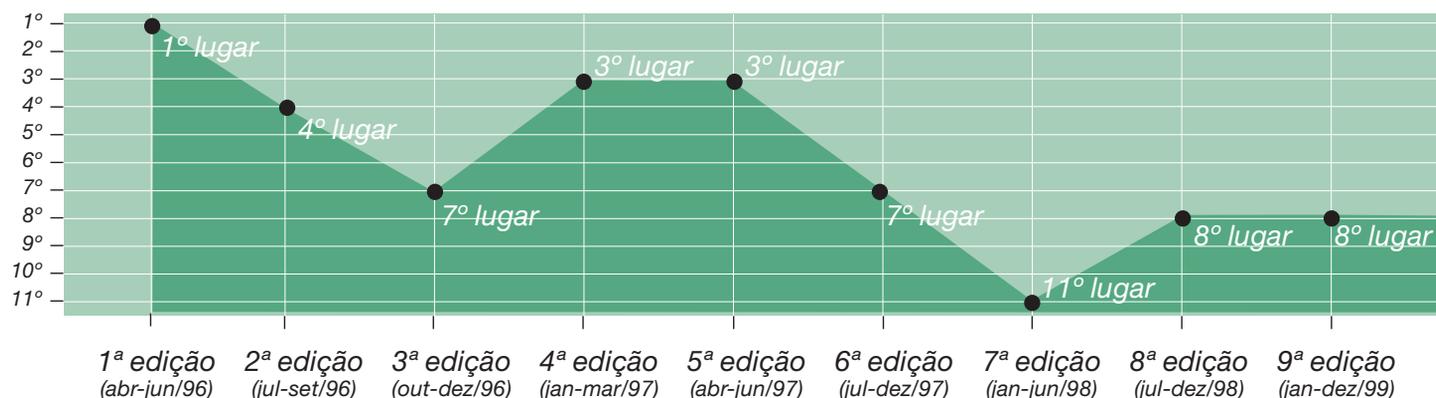


Exploração e Abuso Sexual

Revistas que mais publicaram



Exploração e Abuso Sexual - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas



Exploração e Abuso Sexual

Abuso e Violência
Exploração Comercial

Abuso e Violência - Jornais que mais publicaram



Abuso e Violência Revistas que mais publicaram

Semanal

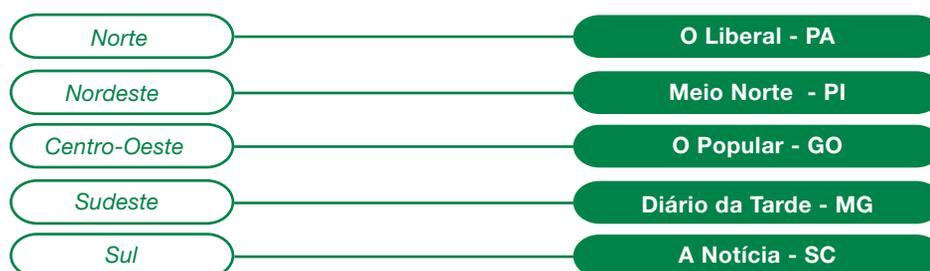
Época

Mensal/Feminina

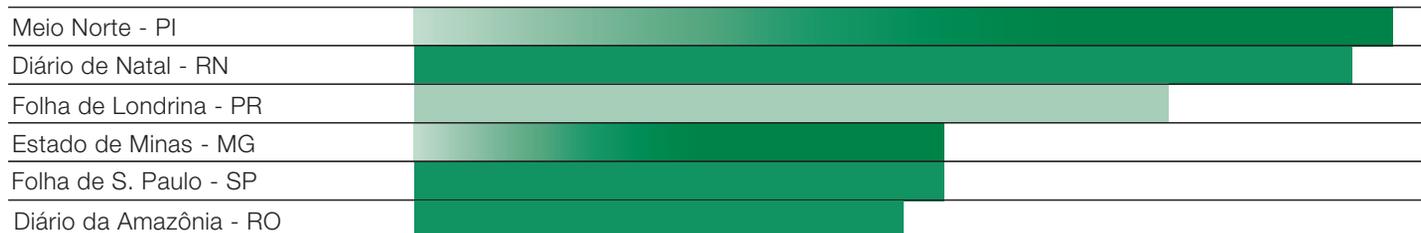
Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

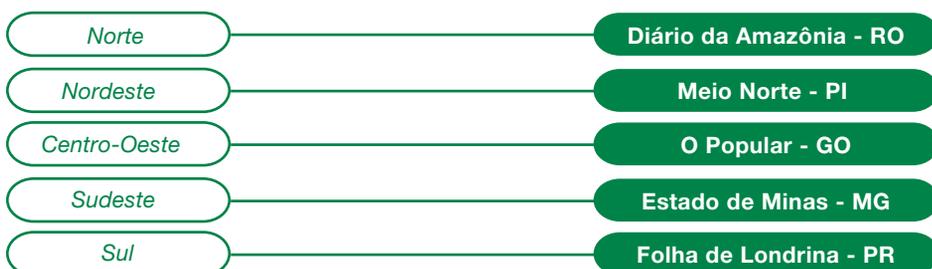
Abuso e Violência - Jornais que mais publicaram por região



Exploração Comercial - Jornais que mais publicaram



Exploração Comercial Jornais que mais publicaram por região



Exploração Comercial Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Exploração e Abuso Sexual

Pedofilia
Campanhas de Prevenção

Pedofilia - Jornais que mais publicaram

Folha de S. Paulo - SP	
Correio Braziliense - DF	
Jornal do Brasil - RJ	
Jornal do Commercio - PE	
A Tarde - BA	

Pedofilia - Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	Jornal do Commercio - PE
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Folha de S. Paulo - SP
Sul	Zero Hora - RS

Pedofilia Revistas que mais publicaram

Semanal

Veja / Isto É / Época

Economia e Negócios

Amanhã

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Campanhas de Prevenção - Jornais que mais publicaram

O Liberal - PA	
Diário Popular - SP	
O Estado do Maranhão - MA	
Tribuna do Norte - RN	
Diário do Nordeste - CE	

Campanhas de Prevenção Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Claudia/Criativa

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Campanhas de Prevenção Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	O Estado do Maranhão - MA
Centro-Oeste	Folha do Estado - MT
Sudeste	Diário Popular - SP
Sul	A Notícia - SC

Entidades de Atendimento - Jornais que mais publicaram

Correio da Paraíba - PB	
Tribuna do Norte - RN	
Meio Norte - PI	
A Crítica - AM	
Gazeta de Alagoas - AL	

Entidades de Atendimento

Jornais que mais publicaram por região



Não houve publicação sobre o tema nas revistas pesquisadas.

Summary / Resumen

Exploitation and Sexual Abuse

This is a high impact theme and it is frequent in the Brazilian press. Sexual violence against children and adolescents, prevention campaigns, protecting agencies work and treatments for victims and perpetrators are the sub-themes listed.

The press is responsible for keeping the issue on the social agenda, often highlighting the drama of sexual violence against children, adolescents and even babies.

The reporter's anger when faced with the violence committed against youngsters might allow the also a closer look into the aggressors - people in need of treatment. In this kind of violence, therapeutic help and education must include also victim's and aggressor's families.

Explotación e Abuso Sexual

Este tema es de gran impacto y de constantes inserciones en los medios brasileños. La cobertura de la práctica de violencia sexual contra niños y adolescentes, las campañas de prevención, el trabajo de entidades de protección y los tratamientos de las víctimas y de los delincuentes son subtemas aquí incluidos.

La prensa es responsable por la manutención, en la agenda social del país, del drama de la violencia social contra niños, niñas, adolescentes y, hasta, bebés.

La indignación de los reporteros frente a las coberturas sobre jóvenes que sufren algún tipo de violencia debe permitir la ampliación de la mirada sobre el agresor, que necesita tratamiento. Esto, sin olvidar que la atención psico-terapéutica y educativa, en este caso, debe involucrar todo el núcleo familiar, tanto de la víctima como del agresor.



São classificadas nesse tema matérias que tratam do envolvimento de crianças e adolescentes com as drogas, a relação traficante-escola, as campanhas de prevenção, além de notícias relacionadas aos tratamentos da dependência química.

A maioria das reportagens sobre o tema tem procurado envolver a família e a comunidade na discussão do problema. As denúncias costumam estar acompanhadas de informações alertando pais, jovens e educadores sobre os perigos do vício e os passos para a recuperação.

Nota-se, entretanto, que falta à mídia

a disposição - ou capacitação - para oferecer à população uma abordagem mais ampla de uma temática complexa.

Embora perceba-se uma redução nas reportagens que investem somente na amplificação de estereótipos e generalizações sobre o consumo de drogas, é raro

encontrar matérias sensíveis às múltiplas perspectivas desenhadas pela questão.

Por exemplo: as

diferenças cruciais do consumo de droga no contexto cotidiano do jovem de classe média e no de um menino em situação de rua; o sério problema das drogas lícitas

e os interesses econômicos envolvidos; as abordagens diferenciadas exigidas por cada droga; o consumo de droga como sintoma de um problema (e não como o problema em si); a importância fundamental de um diálogo pais-escola para apoiar o jovem a enfrentar o problema do consumo.

Isso além da ausência de questões de base, como as ligações diretas ou indiretas do narcotráfico com representantes das classes dominantes; a discussão dos interesses envolvidos na chamada "indústria do combate às drogas" ou o aprofundamento no debate da possível "legalização" do consumo da maconha.

36,35%

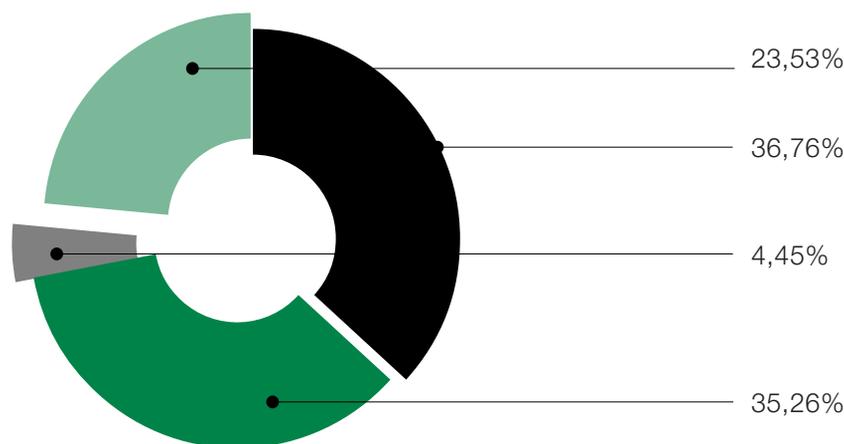
Busca de Soluções

15,80%

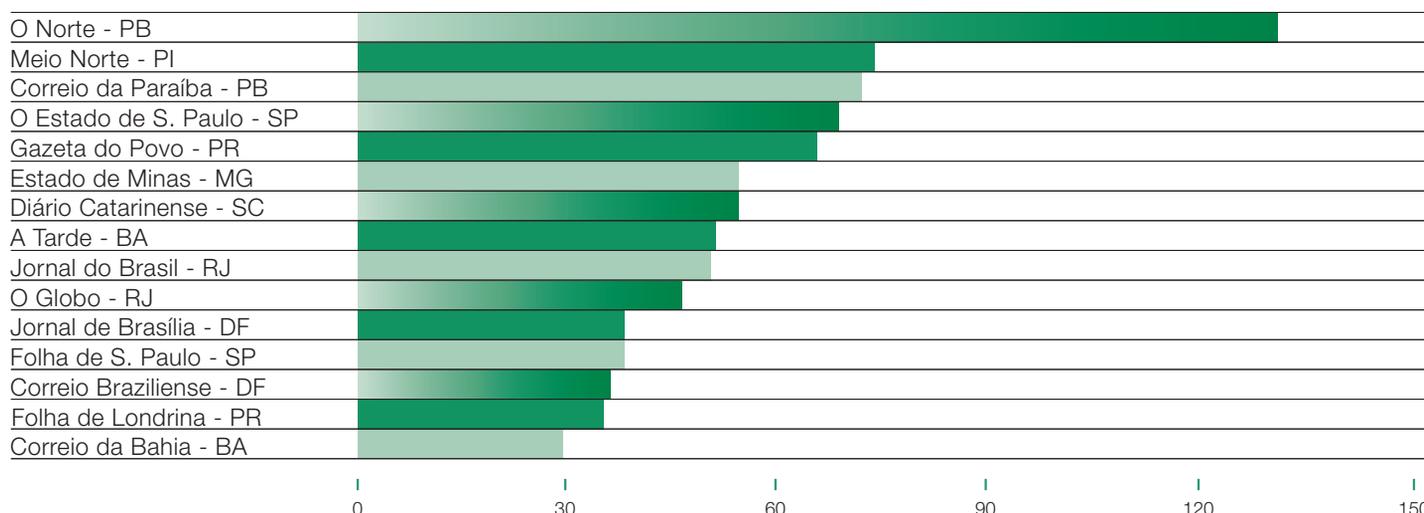
Denúncia

Drogas

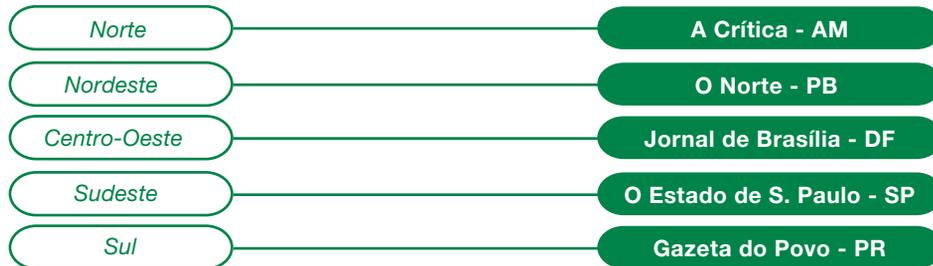
- Vício e Tratamento
- Ações e Campanhas
- Tráfico e Escola
- Comunidade e Família



Drogas - Jornais que mais publicaram



Drogas - Jornais que mais publicaram por região



Drogas

Revistas que mais publicaram

Semanal

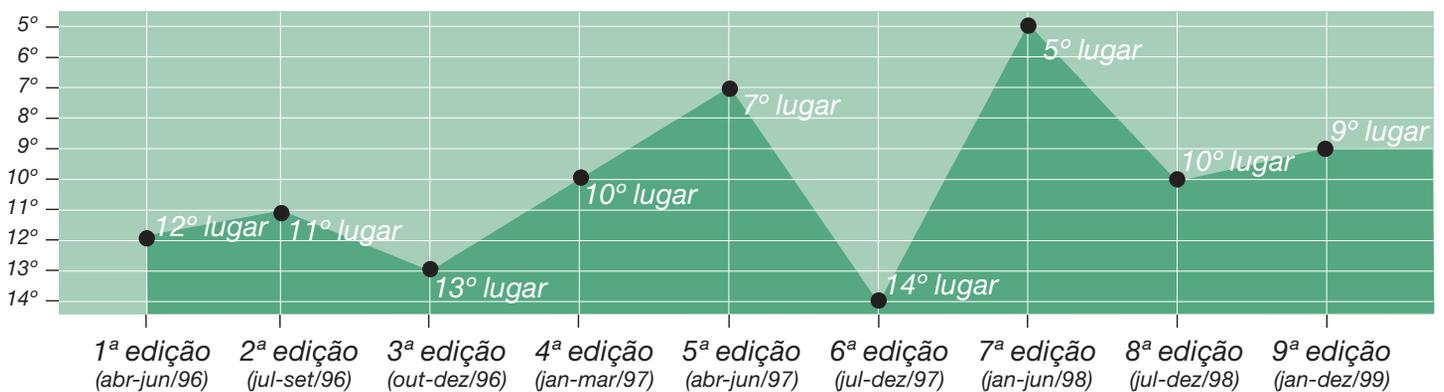
Isto É

Mensal/Feminina

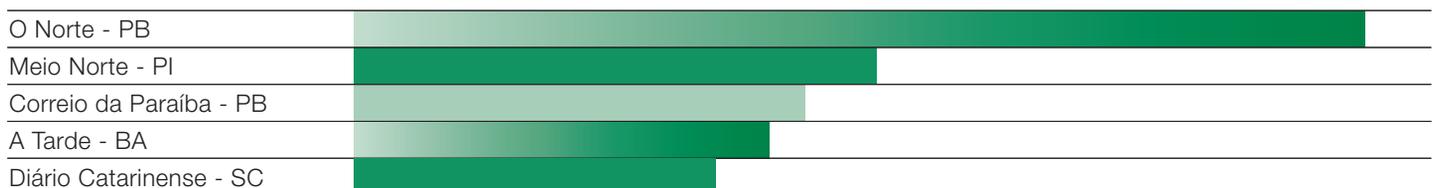
Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Drogas - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas



Ações e Campanhas - Jornais que mais publicaram



Ações e Campanhas - Jornais que mais publicaram por região



Ações e Campanhas

Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Comunidade e Família - Jornais que mais publicaram

Gazeta do Povo - PR	
A Tarde - BA	
A Crítica - AM	
O Estado de S. Paulo - SP	
Diário Catarinense - SC	
O Estadão - RO	
A Gazeta - ES	
O Norte - PB	

Comunidade e Família - Jornais que mais publicaram por região



Comunidade e Família Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Tráfico e Escola - Jornais que mais publicaram

Estado de Minas - MG	
Meio Norte - PI	
O Estado de S. Paulo - SP	
O Globo - RJ	
Jornal do Brasil - RJ	

Tráfico e Escola - Jornais que mais publicaram por região



Não houve publicação sobre o tema nas revistas pesquisadas.

Exploração do Trabalho



O trabalho de crianças e adolescentes, um dos mais sérios problemas enfrentados por qualquer país do chamado Terceiro Mundo, é também um dos assuntos de maior repercussão e impacto na sociedade. A mídia não tem deixado de denunciar e, ao mesmo tempo, divulgar toda mobilização - governamental e não governamental - em torno das soluções para essa questão.

O assunto tem uma evolução irregular desde que iniciou-se a [Pesquisa Infância na Mídia](#). Registrou-se uma queda mais acentuada no segundo semestre de 1998, mas em 1999 o assunto recuperou uma posição. Já no primeiro semestre de 2000, o tema voltou à pauta com mais intensidade devido ao anúncio governamental de cortes para os programas de erradicação do trabalho infantil.

A imprensa tem sido "aliada" de todos os projetos que visam acabar com o trabalho infantil. Iniciativas de diversas entidades, como a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação

do Trabalho Infantil têm repercutido de forma satisfatória. Não é raro que, ao lado de denúncias (na

mesma página ou na mesma reportagem), estejam notícias sobre experiências bem sucedidas de combate ao problema.

Mesmo assim, ainda é necessário um acompanhamento sistemático de uma das formas mais eficazes contra o trabalho infantil - a bolsa-escola - principalmente em ano de eleições, para que a concessão do benefício não vire moeda de troca por votos.

Regiões - É na região Norte que o tema recebe mais atenção (ocupa o sexto lugar entre os temas mais abordados). No Centro-Oeste, dá-se o inverso, o assunto é o 12º entre os 15 pesquisados.

Denúncias - O tema [Exploração do Trabalho](#) é o que apresenta o maior percentual de denúncias (31,78%)

de toda a [Pesquisa Infância na Mídia](#). Tem também elevado índice de matérias que apontam para as buscas de soluções, mas é atualmente o assunto que mais deixa indignado o país e as denúncias se multiplicam, muitas vezes sem solução.

Embora ocupando o décimo lugar no ranking de temas, as matérias sobre exploração do trabalho infanto-juvenil têm forte impacto e, geralmente, são destaques nas primeiras páginas.

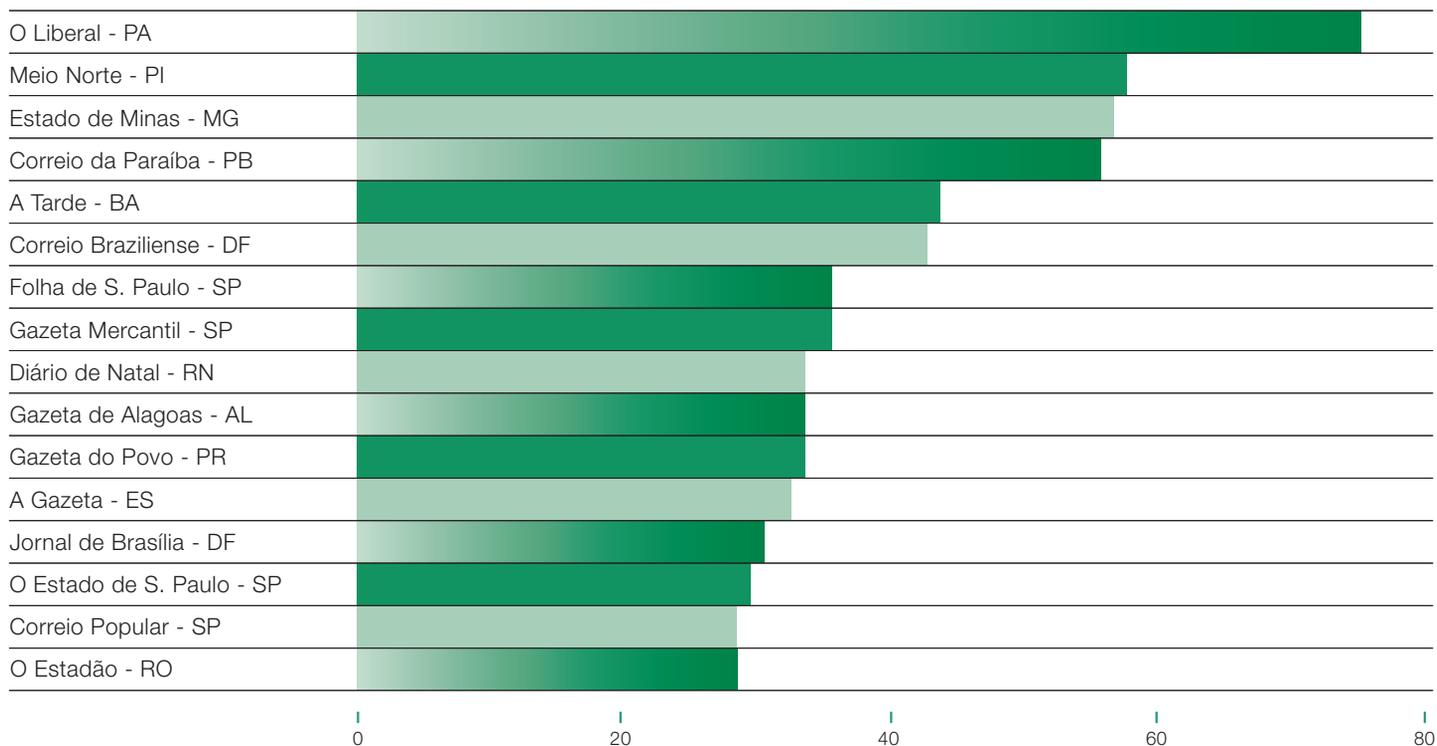
42,99%

Busca de Soluções

31,78%

Denúncia

Exploração do Trabalho - Jornais que mais publicaram



Exploração do Trabalho

Exploração do Trabalho Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

Mensal/Feminina

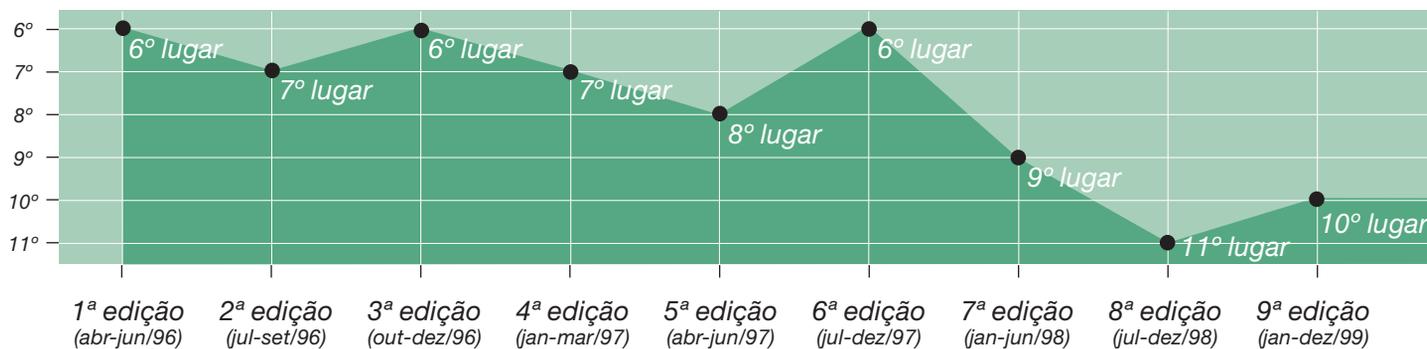
Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Exploração do Trabalho - Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Liberal - PA
Nordeste	Meio Norte - PI
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Estado de Minas - MG
Sul	Gazeta do Povo - PR

Exploração do Trabalho - 1996 a 1999 / evolução no ranking ao longo das pesquisas



Summary / Resumen

Labor Exploitation

Working children and adolescents are one of the most serious problems in developing countries. The press has been revealing the situation and also giving space for reports on mobilizations from the government and from the non-government organizations, seeking solutions for that problem.

Stories denouncing labour exploitation sum the highest percentage of denouncing-type stories: 31.78% of all the surveyed articles. There are also a number of stories looking for solutions and this is the theme that raises most indignation in the nation, at present.

Explotación del Trabajo

Los vehículos de comunicación no se han cansado de denunciar y, al mismo tiempo, divulgar cualquier movilización - gubernamental o no gubernamental - en favor de las soluciones para el trabajo infantil.

La prensa ha sido "aliada" de todos los proyectos que tienen por objetivo acabar con esse problema. Iniciativas de diversas entidades han repercutido de forma satisfactoria. Ya no es más extraño, del lado de las denuncias, encontrar noticias sobre experiencias de éxito para el combate a la explotación del trabajo de los niños.

El tema explotación del trabajo es el que presenta el más alto porcentaje de denuncias (31.78%) en este Informe. Tiene también un elevado índice de reportajes que apuntan hacia la búsqueda de soluciones, siendo el tema que más deja indignada a la población brasileña.

Deficiências



As estatísticas revelam que cerca de 10% da população mundial é formada de pessoas com deficiência e que aproximadamente 80% desse total vive em países em desenvolvimento. Se trouxermos esse índice para a nossa realidade e acrescentarmos os números da pobreza brasileira, vemos que a mídia não dá a importância que o assunto merece.

Enquanto as mazelas sociais (violência e outras questões decorrentes da miséria) ocupam grande parte do noticiário, questões que dizem respeito intrinsecamente ao ser humano têm sido negligenciadas. É o caso das deficiências.

Se, por um lado, mais da metade do material publicado sobre essa questão - com foco na criança e no adolescente - aponta para as buscas de soluções para os problemas desses cidadãos, a quantidade de matérias publicadas (o tema é o 11º no ranking) ainda deixa muito a desejar.

Além disso, falta capacitação nessa área. Uma das jornalistas brasileiras especializadas no tema, Claudia Werneck, afirma: "A imprensa reproduz com eficá-

cia uma sociedade pretensiosa e que se enxerga saudável, vendo a deficiência como um lamentável deslize da natureza".

Esse tipo de atitude diante de uma questão tão séria, além de não contribuir para a transformação da sociedade, apenas serve para perpetuar preconceitos.

É hora - aproveitando a mobilização e a discussão em torno da inclusão dos

jovens com deficiências na escola - de ampliar o leque de investigação sobre essa temática. A *Pes-*

quisa Infância na Mídia, ao longo de 1999, identificou reportagens sobre inclusão na escola, inclusão social, esportes e saúde entre outras questões, mas nem todos assuntos são corretamente abordados.

A própria nomenclatura empregada em matérias sobre esse tema - a exemplo do que acontece com a palavra "menor" (ver o tema **Direitos e Justiça**, à página 27) - é marcada por equívocos. E a mídia pode e deve contribuir, cada vez mais, para diminuir essa ponte (ainda de difícil acesso) que há entre os "cidadãos saú-

dáveis" e as pessoas com deficiências, levando em conta que essa distinção não existe.

Outros aspectos - A *Pesquisa Infância na Mídia* diferencia dois aspectos da abordagem das questões relacionadas às deficiências.

São classificadas separadamente as matérias que trazem o conceito da "inclusão" (a participação sem restrições) e outras que poderiam ser identificadas pelo conceito da "integração".

Na "inclusão", por exemplo, a escola se modifica para atender à criança com deficiência e naturalmente vai se adaptando para atender às especificidades de cada aluno. Escola e aluno dividem a responsabilidade do "dar certo". Surge uma nova escola.

Na "integração", a escola não se modifica. Dá chance e espera que o aluno com deficiência aproveite a chance. Quando isso não acontece, o jovem é encaminhado para uma escola especial ou volta para casa. A responsabilidade do "dar certo" fica apenas nas mãos do aluno.

57,06%

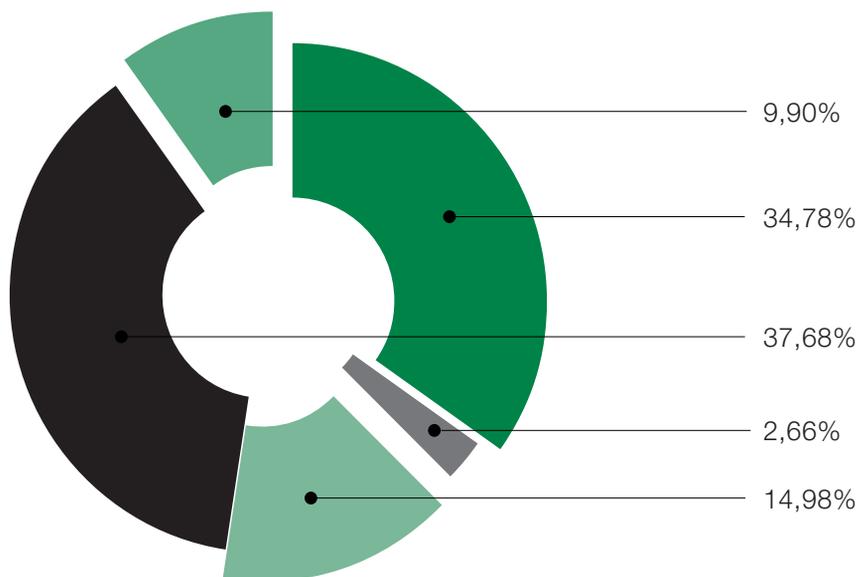
Busca de Soluções

6,63%

Denúncia

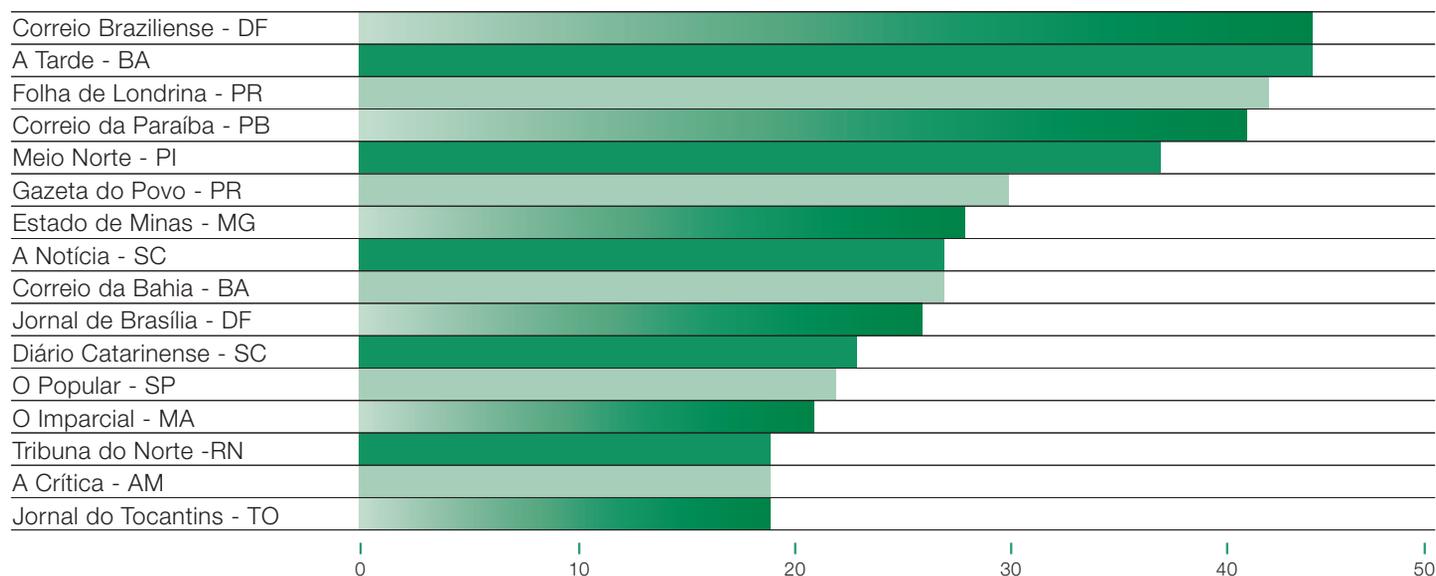
Deficiências

- Inclusão Social
- Outros Aspectos
- Inclusão na Escola
- Saúde
- Esporte



Deficiências

Deficiências - Jornais que mais publicaram



Deficiências - Jornais que mais publicaram por região



Deficiências Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

Mensal/Feminina

Marie Claire

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

A deficiência da imprensa - Em texto publicado na *Pesquisa Os Jovens na Mídia*, a jornalista Claudia Werneck (autora de *Sociedade Inclusiva. Quem cabe no seu Todos?*) analisou a cobertura do tema **Deficiências** pela imprensa brasileira.

Abaixo seguem alguns fatos por ela apontados que impedem a atuação jornalística “como mediadora de saberes”, e dos jornalistas como “educadores sociais”:

- a emoção diante dessa questão e

até o respeito por quem nasceu (ficou ou está) com algum tipo de comprometimento não tem sido suficiente para alavancar as mudanças de mentalidade necessárias para inserir a deficiência no rol das questões sociais brasileiras.

- a escola não é ainda um local onde é possível aprender sobre deficiência e conviver com ela.

- os jornalistas violam sistematicamente pequenos e grandes direitos das pessoas com algum tipo de comprome-

timento. São experts em discriminar.

- é mesmo difícil desenvolver uma visão crítica sobre um tema em cima do qual constrói-se, desde a infância, tanto preconceito. São anos e anos de acúmulo de informações inadequadas sobre deficiência e doenças crônicas.

* O texto na íntegra está disponível em www.andi.org.br. No índice, clicar em Pesquisas, em seguida Pesquisa ANDI - Os Jovens na Mídia - Edição 6 - novembro/98 a abril/99.

Esporte - Jornais que mais publicaram

Correio da Bahia - BA	
A Tarde - BA	
Jornal de Brasília - DF	
Correio Braziliense - DF	
Jornal do Tocantins - TO	

Esporte - Jornais que mais publicaram por região

Norte	Jornal do Tocantins - TO
Nordeste	Correio da Bahia - BA
Centro-Oeste	Jornal de Brasília - DF
Sudeste	O Estado de S. Paulo - SP
Sul	A Notícia - SC

Esporte Revistas que mais publicaram

Semanal

Veja

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Inclusão na Escola - Jornais que mais publicaram

A Tarde - BA	
Correio Braziliense - DF	
Jornal de Brasília - DF	
Diário de Pernambuco - PE	
Correio da Paraíba - PB	
O Norte - PB	
Folha de Londrina -PR	
O Dia - RJ	

Inclusão na Escola - Jornais que mais publicaram por região

Norte	O Estadão - RO
Nordeste	A Tarde - BA
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	O Dia - RJ
Sul	Folha de Londrina - PR

Inclusão na Escola Revistas que mais publicaram

Semanal

Veja/Época

Mensal/Feminina

Claudia

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Inclusão Social - Jornais que mais publicaram

A Notícia - SC	
Correio da Bahia - BA	
Folha de Londrina - PR	
Correio da Paraíba - PB	
Correio Braziliense - DF	

Inclusão Social - Jornais que mais publicaram por região

Norte	Jornal do Tocantins - TO
Nordeste	Correio da Bahia - BA
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Estado de Minas - MG
Sul	A Notícia - SC

Inclusão Social Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É

Mensal/Feminina

Marie Claire

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Outros Aspectos - Jornais que mais publicaram

Correio da Paraíba - PB	
Meio Norte - PI	
Folha de Londrina - PR	
Gazeta do Povo - PR	
Diário do Nordeste - CE	

Outros Aspectos

Jornais que mais publicaram por região

Norte	Jornal do Tocantins - TO
Nordeste	Correio da Paraíba - PB
Centro-Oeste	Correio Braziliense - DF
Sudeste	Estado de Minas - MG
Sul	Folha de Londrina - PR

Outros Aspectos Revistas que mais publicaram

Semanal

Isto É / Época

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Saúde - Jornais que mais publicaram

Estado de Minas - MG	
A Crítica - AM	
Meio Norte - PI	
Diário Catarinense - SC	
Jornal de Brasília - DF	
A Gazeta - MT	

Saúde - Jornais que mais publicaram por região



Saúde
Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Summary / Resumen

Disabled Children

According to statistics, some 10% of the world population is disabled. And approximately 80% of the people with disabilities live in developing countries. Taking into account that poverty in Brazil is also a serious problem, it becomes clear that the Brazilian media do not give disabilities its deserved importance and space in the press.

Even if more than half of the published stories about the issue points to solutions, the total number is not so outstanding, leaving the theme on the 11th position among the main ones researched by the survey.

The wording itself shows inaccuracies on the articles surveyed. The press can and should contribute to more to bridge the gap between the so-called “healthy citizens” and the disabled ones, taking into account that such distinction does not really exist.

Deficiencias

Las estadísticas revelan que cerca del 10% de la población mundial está conformada de personas con algún tipo de deficiencia y que aproximadamente 80% de ese total vive en países en vía de desarrollo. Si sumamos a esos índices los números sobre la pobreza brasileña, vemos que los medios de comunicación no otorgan al asunto ni la importancia ni la difusión que el tema merece.

Si, por un lado, más de la mitad del material publicado sobre esa cuestión apunta a la búsqueda de soluciones, la cantidad de reportajes publicados - el tema ocupa el 11º lugar en el ranking - aún deja mucho que desear.

Los medios de comunicación pueden y deben contribuir, cada vez más, con la reducción de ese puente (aún de difícil acceso) que hay entre los “ciudadanos saludables” y las personas con deficiencias - tomando en cuenta que esa distinción ni siquiera existe.

Situação de Rua



O assunto que mais chamou a atenção internacional para o Brasil nos anos 80 é atualmente um dos assuntos menos abordados pela mídia nacional. Não que o problema tenha sido solucionado, mas pela percepção de que estava equivocado o foco inicial da abordagem - os jovens simplesmente vivendo na rua e cometendo delitos, como se não houvesse um quadro social alarmante como contexto.

Assim, a mídia deslocou a cobertura do assunto para páginas que não fossem mais as policiais. Os jornalistas passaram a observar que a situação daqueles jovens sem acesso a políticas públicas não era uma mera questão “de prazer de permanecer na rua”, vocação para a criminali-

dade ou abandono familiar.

Essa foi a primeira grande mudança de ótica na cobertura dos assuntos relacionados à infância e à adolescência. Antes vistos pela ótica do abandono, a realidade desses meninos e meninas passou a ser vista sob a ótica dos direitos.

A partir de então, a abordagem do tema transferiu-se para as páginas de educação, direitos e justiça, saúde, etc. Sempre investigando-se as causas da falta de acesso à escola, aos direitos básicos do cidadão (como o desemprego dos pais, a falta do registro de nascimento), e a dificuldade de acesso a serviços de saúde e de saneamento básico, por exemplo.

Com isso, as matérias que trazem

como foco o “jovem na rua” deixaram de ocupar o noticiário como acontecia anteriormente.

Mas para isso, entretanto, foi necessário que a imprensa mexesse com a consciência nacional repercutindo intensivamente acontecimentos lamentáveis como a Chacina da Candelária.

44,68%

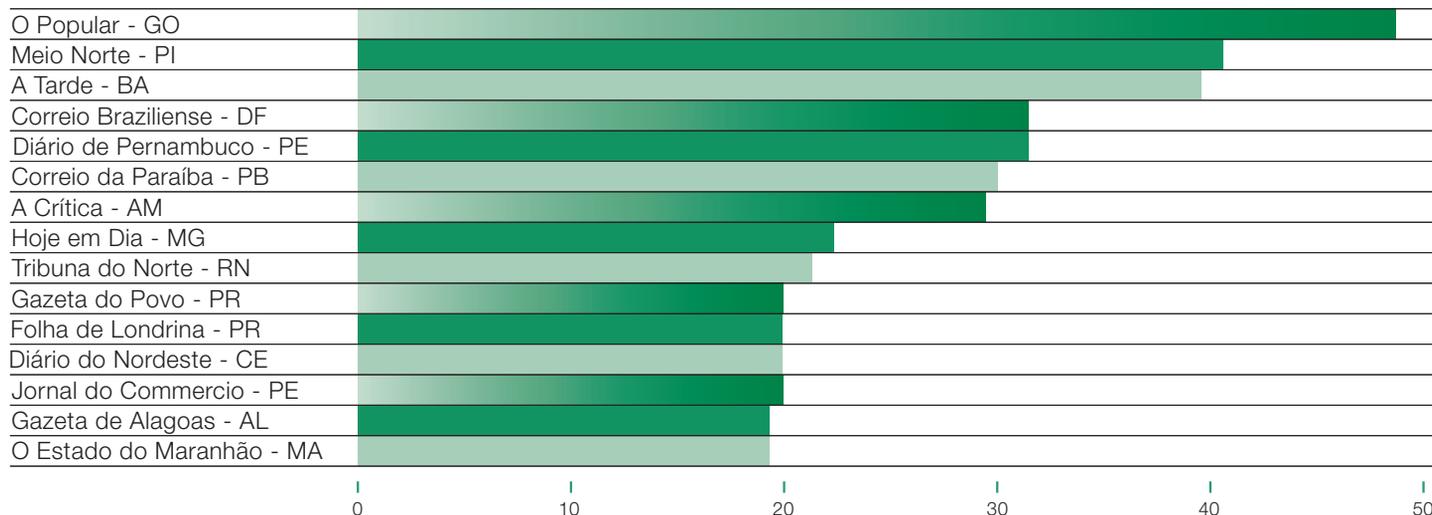
Busca de Soluções

22,61%

Denúncia

Busca de Soluções - O percentual de matérias (44,68%) que apontam para as buscas de soluções, neste assunto, é mais uma mostra de que a imprensa não se contenta apenas em publicar fatos e fotos relacionados à questão, mas que também tem se empenhado em contribuir para um melhor entendimento global do problema.

Situação de Rua - Jornais que mais publicaram



Situação de Rua - Jornais que mais publicaram por região



Situação de Rua

Revistas que mais publicaram

Mensal/Feminina

Marie Claire

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Desaparecidos



A questão dos adolescentes e crianças desaparecidas já esteve entre os 10 assuntos mais abordados pela mídia. Em seguida passou a ocupar posições além do décimo lugar e atualmente é o 13º tema de maior interesse.

Essa irregularidade na cobertura reflete principalmente que a mídia trabalha a reboque de fatos, campanhas, ações do crime organizado. A mídia se mobiliza, mas não torna o assunto motivo de acompanhamento permanente.

No ano de 1999, por exemplo, mereceu certo destaque a criação de redes de busca de desaparecidos via Internet.

Mas nada justifica a falta de sequência de reportagens, principalmente dos desfechos de casos que ela mesma torna públicos.

As mães ou responsáveis pelos jovens afirmam que é constante o descaso da polícia diante de denúncias de desaparecimento. Há casos em que chegam a recusar fotos, que facilitariam as buscas.

Uma regularidade na cobertura deve ajudar a solucionar essa questão, pois fará com que mais atenção seja dada aos pais dessas pequenas vítimas.

Busca de Soluções - No tema **Desaparecidos**, registra-se o menor percentual de matérias que contribuem para as buscas de soluções. A mídia não descobriu e as entidades governamentais e não governamentais não têm produzido, ou não têm sabido divulgar, experiências que vêm dando certo nessa questão.

Regiões - Nas regiões Sul e Sudeste, o tema recebe um pouco mais de atenção (é o 10º assunto mais abordado), mas no Nordeste ocupa a 14ª posição.

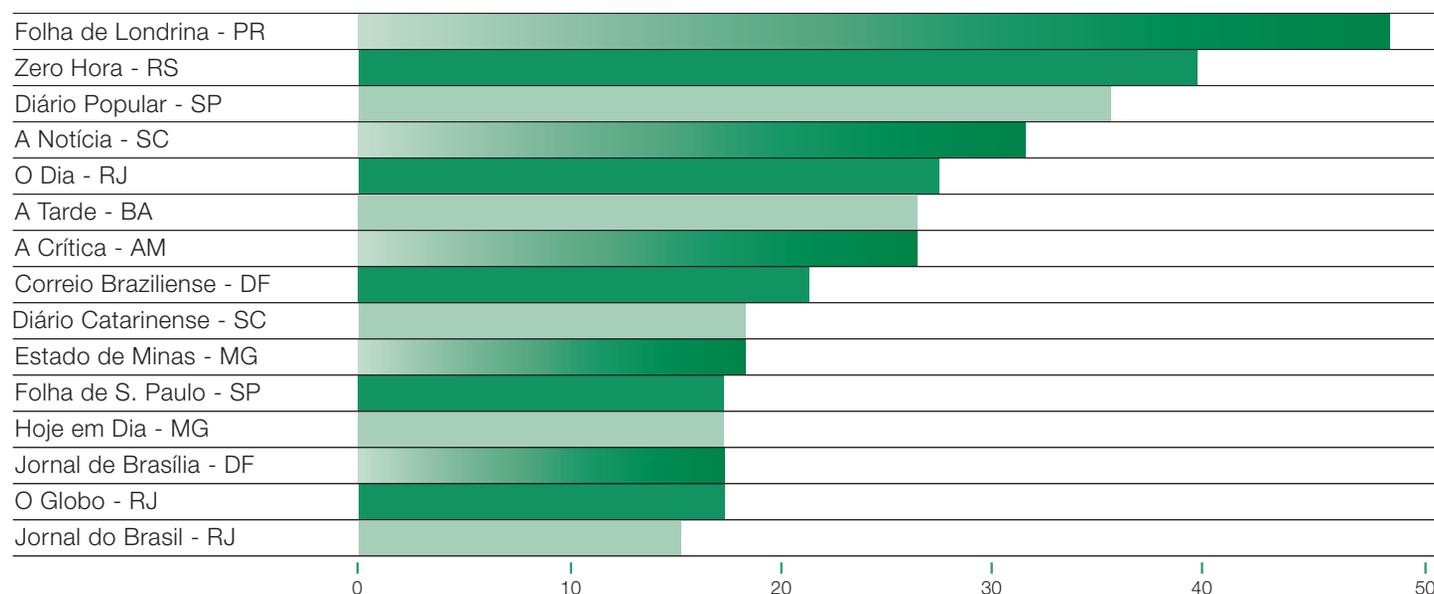
7,08%

Busca de Soluções

5,56%

Denúncia

Desaparecidos - Jornais que mais publicaram



Desaparecidos - Jornais que mais publicaram por região



Desaparecidos Revistas que mais publicaram

Semanal

Veja

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Mortalidade Infantil



A cobertura do tema **Mortalidade Infantil** tem no Unicef e na Pastoral da Criança suas duas principais fontes. Os números do problema (ou da solução do problema) são o principal gancho desse assunto.

É tema de grande interesse da mídia, que deixou só de denunciar, e passou também a acompanhar de perto o resul-

tado de trabalhos como o da Pastoral da Criança, que envolve milhares de voluntários no combate à mortalidade infantil.

Agentes comunitários que trabalham para órgãos governamentais e o trabalho de carteiros na dis-

tribuição do soro caseiro são outros importantes exemplos de combate à mortalidade.

São os índices de mortalidade, porém, que mais chamam a atenção. A divulgação anual de dados do *Relatório Situação Mundial da Infância* (do Unicef) já faz parte da agenda nacional.

A imprensa brasileira compreendeu que esse tema é estratégico para a compreensão dos níveis de pobreza e desequilíbrio na distribuição de renda no país.

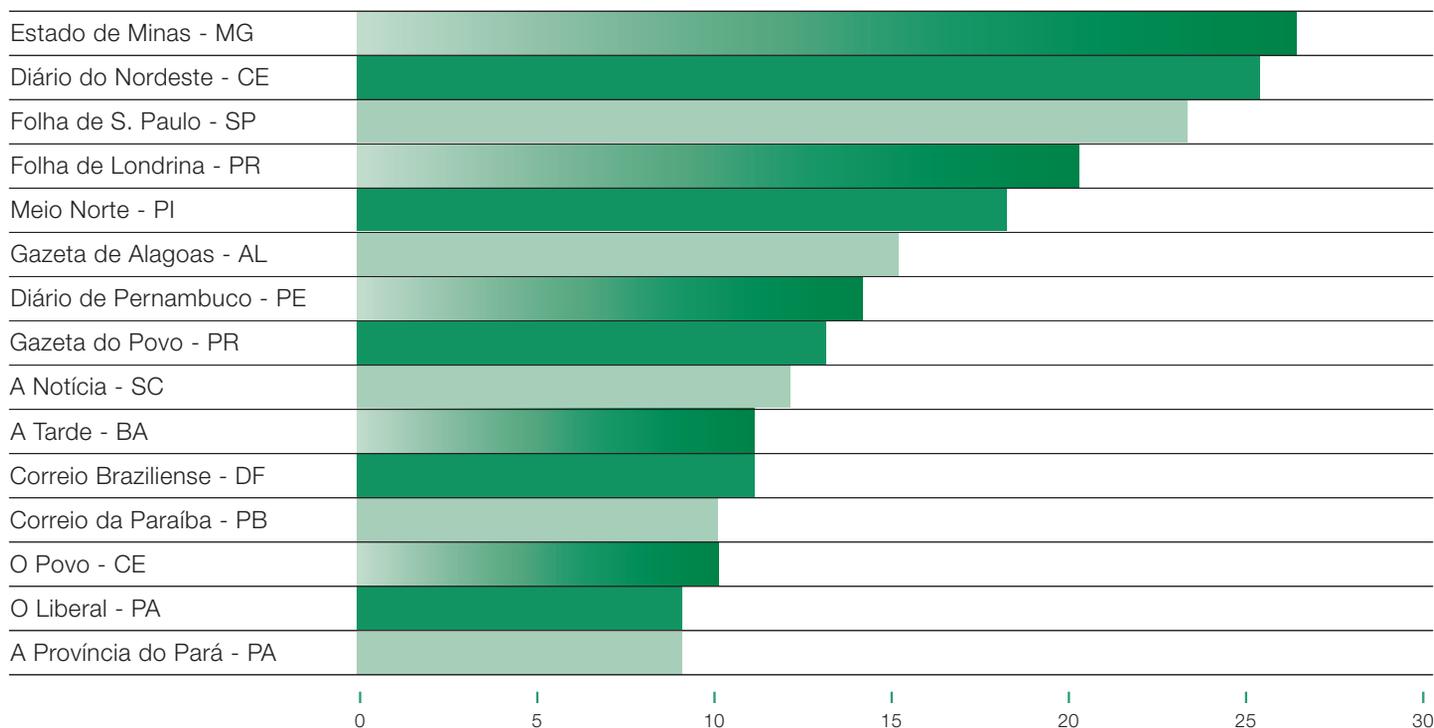
44,79%

Busca de Soluções

13,80%

Denúncia

Mortalidade Infantil - Jornais que mais publicaram



Mortalidade Infantil - Jornais que mais publicaram por região



Mortalidade Infantil Revistas que mais publicaram

Semanal

Época

*Não houve publicação sobre o tema nas demais categorias de revistas

Meio Ambiente



As relação entre jovens e meio ambiente não têm merecido ainda grande repercussão por parte da mídia.

Apesar de o assunto ocupar importante espaço editorial, não é dado foco na criança e no adolescente como cidadãos em formação, que precisam crescer conscientes das questões ambientais.

Algumas iniciativas nessa área, quando partem dos próprios jovens, recebem atenção, bem como eventos escolares que têm esse assunto como principal foco.

Mas é no mês de junho (quando se comemora a Semana do Meio Ambiente) que a questão tem mais espaço no noticiário.

É muito grande a sensibilidade de crianças e adolescentes para essa questão. E a mídia está perdendo a oportunidade de trazer para suas pautas - seja em relação a grandes desastres ecológicos ou a ações cotidianas de preservação - tanto a visão quanto as iniciativas desse atores, capazes de, desde já, ensinar aos adultos uma nova postura diante das questões ambientais.

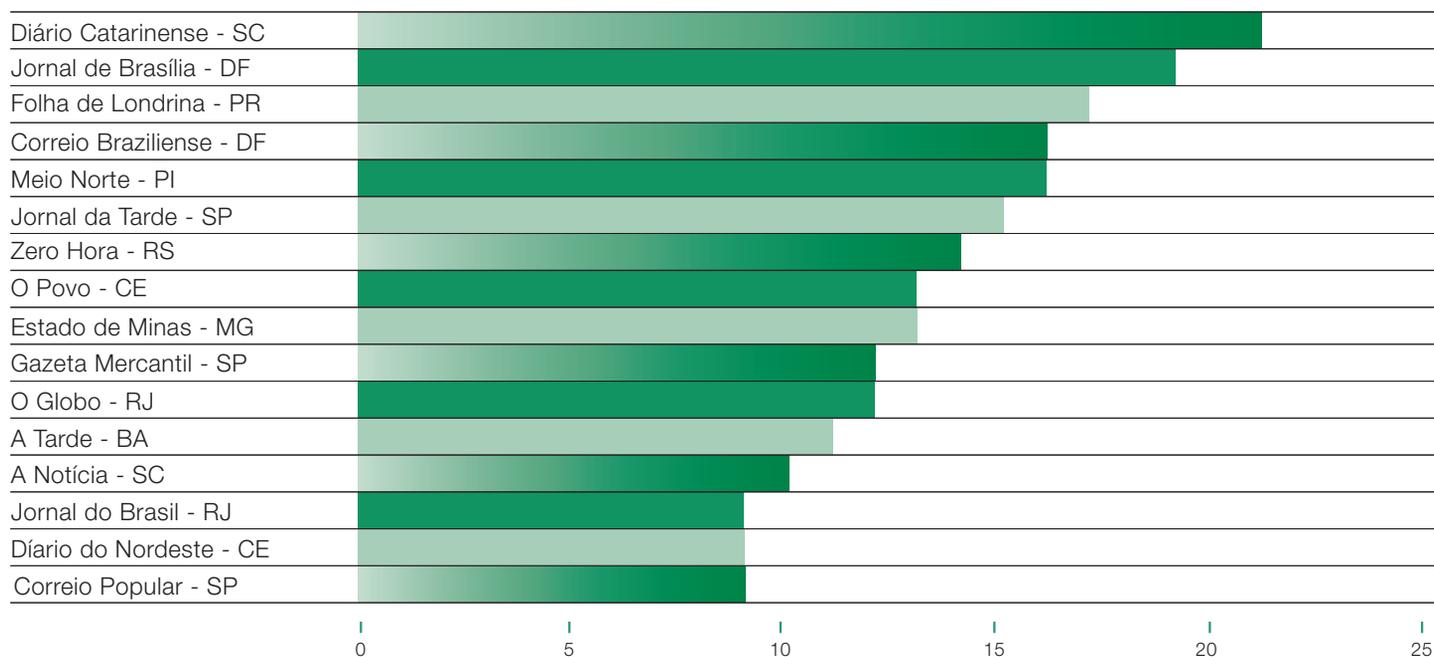
67,16%

Busca de Soluções

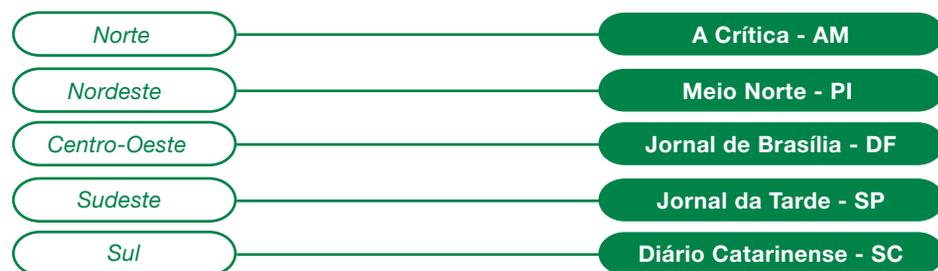
5,57%

Denúncia

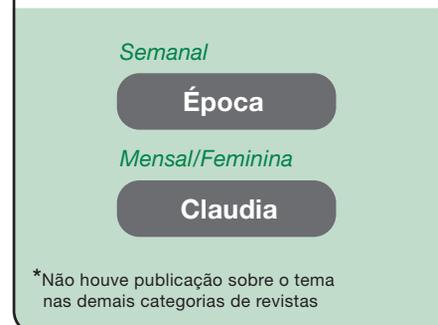
Meio Ambiente - Jornais que mais publicaram



Meio Ambiente - Jornais que mais publicaram por região



Meio Ambiente Revistas que mais publicaram



Summary / Resumen

Street Children

The issue that brought a lot of international attention to Brazil during the 80's is nowadays one of the least approached by the Brazilian media. This is not because the problem disappeared, but because of a perception that there was a mistake on the initial approach to the issue: kids living in the streets and committing crimes as they were not part of an alarming social context.

There was a big change in the perspective of coverage of children and adolescents related problems. They were first pictured as outsiders and now they are pictured as being people with rights.

Stories seeking for solutions account for 44.68% of the total, which shows that the press is not only interested in reporting the topic, but it is also struggling to help street kids.

Niños de la Calle

El asunto que más llamó la atención internacional sobre el Brasil en los años 80 es actualmente uno de los temas menos abordados por los medios de comunicación brasileños. Esto, no debido a que el problema haya sido solucionado, sino debido a la percepción de que el foco inicial de abordaje estaba equivocado.

En este tema ocurrió la primera gran mudanza de óptica en la cobertura de los asuntos relacionados a la infancia y la adolescencia. Antes vistos bajo la óptica del abandono, esos niños pasaron a ser vistos bajo la óptica de los derechos.

El porcentaje de reportajes (44.68%) direccionados a la búsqueda de soluciones muestra que la prensa no se contenta apenas en publicar hechos puntuales sobre el asunto, sino que también se empeña en resolver el problema de jóvenes y niños de la calle.

Missing Children

The coverage on missing children is not regular and usually is restricted to "getting a ride" on campaigns or organized crimes. The press does not bring a follow-up on the headlines related to this issue.

For example, in 1999, the establishment of an Internet network to look for missing people caught the headlines. (And then what??? Tem alguma coisa faltando aqui, acho eu...)

Under the "missing children" section the survey found the smallest percentage of stories intended to point out to solutions. The government and the non-governmental organizations had not promoted successful experiences or had not been able to do it.

Desaparecidos

La cobertura sobre adolescentes y niños desaparecidos refleja, principalmente, los momentos en que las denuncias sobre la cuestión son hechas. En cada ocasión - hechos, campañas, acciones contra el crimen organizado - los medios se mobilizan, pero esto no implica un acompañamiento permanente.

En 1999, por ejemplo, mereció cierto destaque la creación de redes de búsqueda de desaparecidos vía Internet.

Bajo el tema desaparecidos se registra el menor porcentaje de

reportajes que contribuyen para la búsqueda de soluciones. Los medios no han descubierto - y las entidades gubernamentales y no gubernamentales no han producido, o no han sabido divulgar correctamente - experiencias de éxito en esa cuestión.

Child Mortality

This issues' reports have mostly being dependent of two main sources: Unicef and Pastoral da Criança (a catholic church's institution). And the intro (or lead) of stories is often given by the numbers of the problem or the numbers of the combat of the problem. Though the problem numbers give a lot more headlines. The annual release of the State of the World's Children, by unicef is already part of the news agenda in the country.

There is an understanding among the press that this is an strategic issue, linked to the poverty levels and to the gap on income distribution in Brazil.

Mortalidad Infantil

La cobertura del tema mortalidad infantil encuentra en el UNICEF-Brasil y en la organización "Pastoral da Criança" sus dos principales raíces. Los números del problema (o de la solución del problema) son el principal gancho de ese asunto.

La divulgación de información pertinente, como en el caso del "Relatorio Situación Mundial de la Infancia" (Unicef), ha tenido gran repercusión.

La prensa ya entendió que ese tema es estratégico para la comprensión de los niveles de pobreza y del desequilibrio en la distribución de ingresos en Brasil.

Environment

The relationship between youth and the environment has received a special attention from the media. It gets a lot of editorial space, but the stories' angles miss the fact that children and adolescents are citizens being developed and they need to grow up with more awareness of environmental issues.

Some initiatives in this area receive a lot of coverage when youths themselves are on the lead or when school events are linked to environmental issues. But it is in June, when the country celebrates the Environment Week, that space in the news is bigger.

Medio Ambiente

La relación entre jóvenes y medio ambiente no ha merecido aún destaque por parte de los medios de comunicación. A pesar de que el asunto ocupa un importante espacio editorial, no se ha dado énfasis a su relación con los niños y adolescentes, ciudadanos en formación que necesitan crecer concientes de las cuestiones ambientales.

Algunas iniciativas, cuando parten de los propios jóvenes, reciben cierta atención, así como eventos escolares que tienen ese asunto como principal objeto de estudio. Ante todo esto, es en el mes de junio (cuando se conmemora la Semana del Medio Ambiente) que el asunto ocupa un espacio mayor en los medios noticiosos.

Jornais
Revistas

Em 1999, os jornais *Correio Braziliense* (DF) e *Folha de S. Paulo* (SP) confirmaram suas posições no ranking nacional como os veículos de comunicação que mais espaço dedicam às questões da infância e adolescência. A diferença no número de matérias publicadas entre os dois jornais é de 2%. Além disso, ambos se destacam pela profundidade e agilidade da cobertura, com investigações de repercussão em séries de grande impacto. São veículos que se caracterizam pela informação de qualidade, muito além do factual.

No gráfico da página seguinte, estão, pela ordem, os jornais que mais espaço dedicaram ao tema crianças e adolescentes, em 1999. Enquanto no *Correio Braziliense* e na *Folha de S. Paulo* a quantidade de matérias acompanha a qualidade do que é publicado, observa-se, em vários outros casos, que brilhantes atuações quantitativas nem sempre correspondem a excelentes atuações qualitativas.

Rio - Ao contrário dos chamados "grandes jornais" de São Paulo e Brasília, os mais importantes jornais do Rio de Janeiro registram queda na atuação, em relação a 98. *O Globo* caiu da quarta para 11ª posição e o *Jornal do Brasil* caiu da sétima para a 19ª. Entre as razões para tal fato, pode-se dizer que a mídia carioca continua a sentir falta de um diálogo mais efetivo com os atores sociais, para que o intercâmbio de informações sobre as soluções para os problemas da infância e juventude permita reportagens mais profundas. A mídia carioca parece extremamente presa ao factual, gerando pouca reflexão.

Em Minas Gerais, o *Estado de Minas* mantém-se qualitativa e quantitativa-mente como o principal porta-voz para essas questões.

O *Correio Popular*, de Campinas (SP), que em 98 estava em 33ª lugar ocupa agora a 10ª posição.

Regiões - Entre os jornais "regionais", registra-se uma nítida tendência de diversos veículos se aprimorarem na cobertura: *A Tarde* (BA) subiu da 10ª para a 4ª posição e os paranaenses *Gazeta do Povo* e *Folha de Londrina* passaram a ocupar a sexta e a sétima posições (praticamente empatados). Em 98, os dois veículos ocupavam o 12º e 13º lugar, na mesma ordem.

Esse crescimento - quantitativo e também qualitativo - coincide com o surgimento da *Ciranda - Central de Notícias dos Direitos da Infância*, em Curitiba, e da *Cipó - Comunicação Interativa*, em Salvador. As duas entidades fazem parte da REDE ANDI de agências de notícias pelos direitos da infância.

No Nordeste, é necessário destacar ainda o jornal *O Povo* (CE), que em 98 ocupava a 20ª posição e pulou para a 12ª, em 99. O jornal *Meio Norte* (PI), apesar do espaço que dedica ao tema (foi o quinto em 98 e agora é o terceiro), tem centrado foco nas questões mais factuais, sem priorizar investigações mais profundas sobre a realidade das crianças e jovens do estado. Tem todas as condições para dar este salto qualitativo.

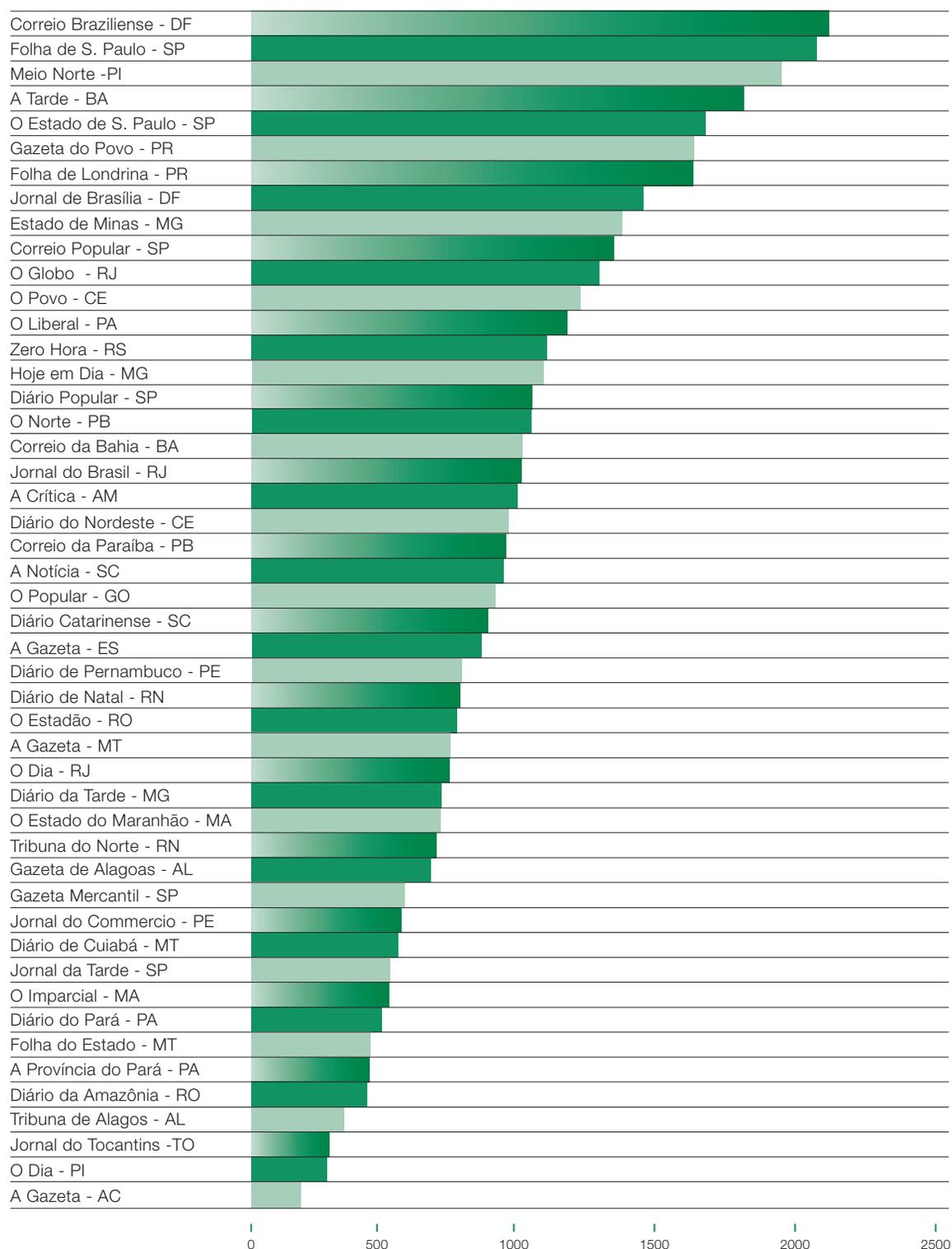
No Norte, *O Liberal* (PA) abriu mais espaço para tratar das questões de crianças e jovens: saiu do 24º para o 13º lugar. *A Crítica* (AM) tem altos e baixos do

ponto de vista qualitativo. É o 20º colocado no ranking de 99 (25º em 98).

No Sul, *Zero Hora* (RS) e *Diário Catarinense* (SC) perderam posições. O jornal gaúcho caiu da nona para a 14ª e o veículo catarinense da 15ª para a 25ª. Enquanto *A Notícia* (SC) saiu do 31º para o 23º lugar.

* Vale observar que, independentemente das posições no ranking, todos os veículos pesquisados aumentaram a produção de matérias sobre infância e adolescência (em número absoluto).

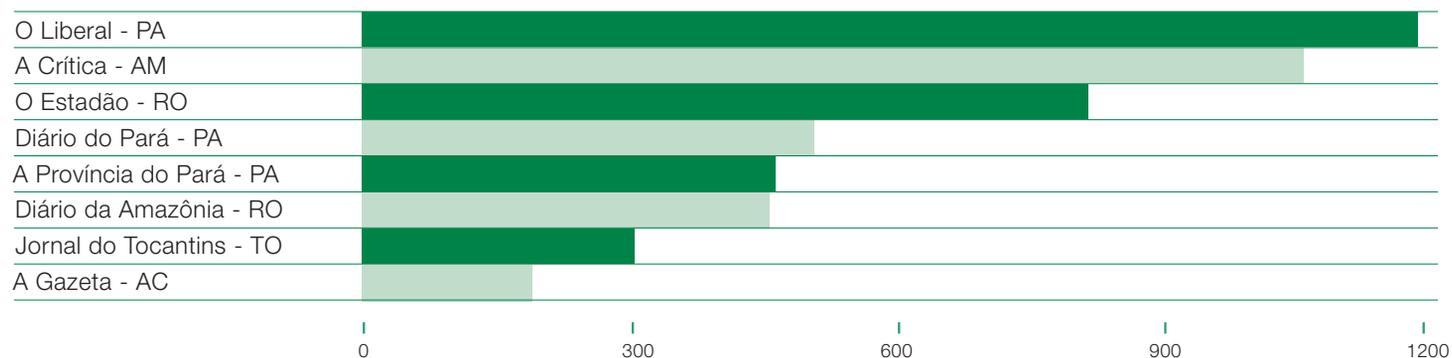
Jornais que mais publicaram notícias sobre infância e adolescência



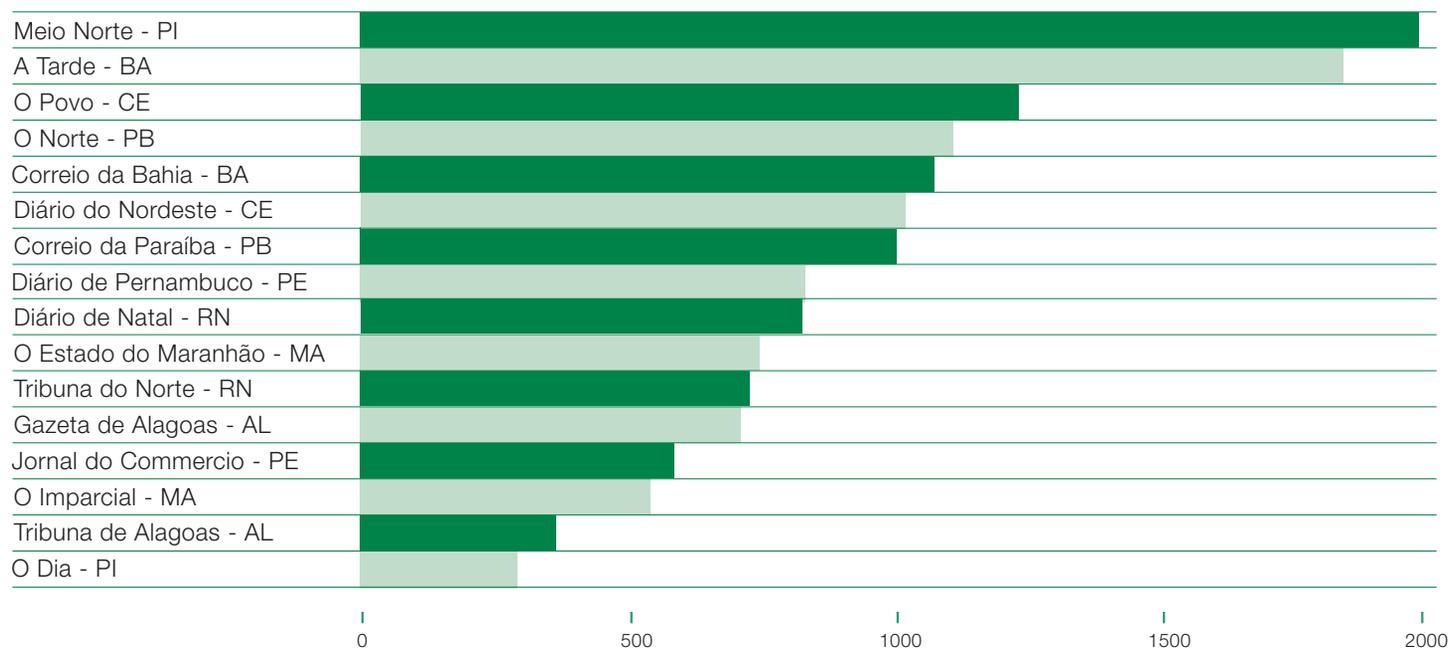
Jornais

Jornais que mais publicaram / Regiões

Região Norte

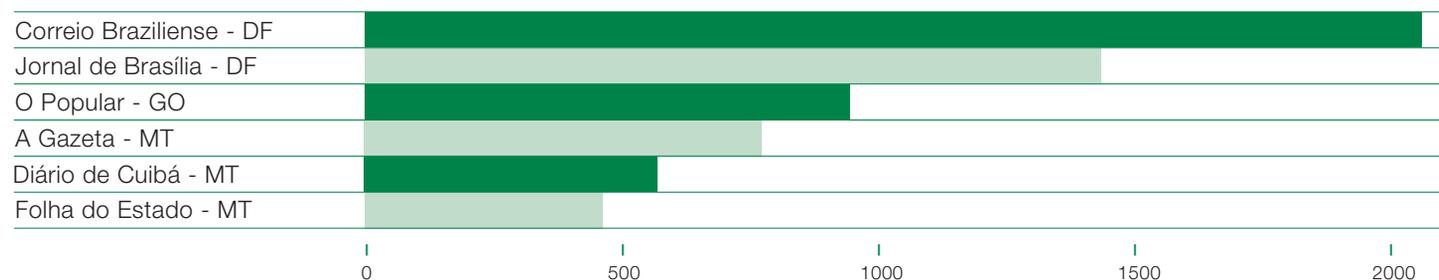


Região Nordeste

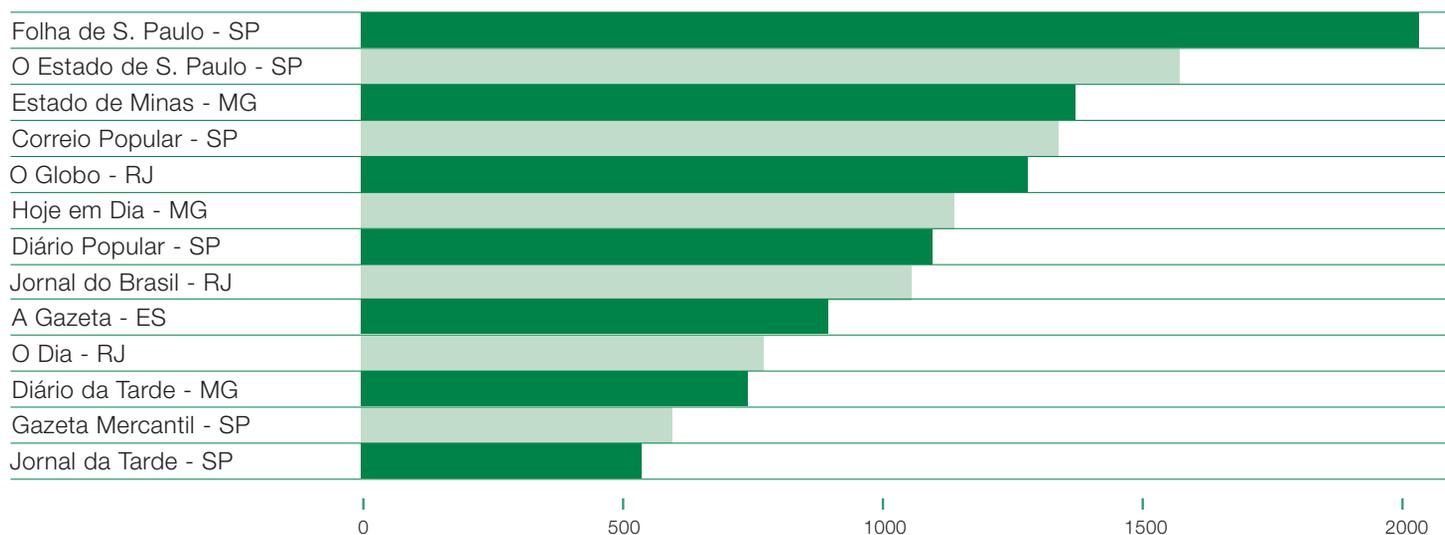


Jornais

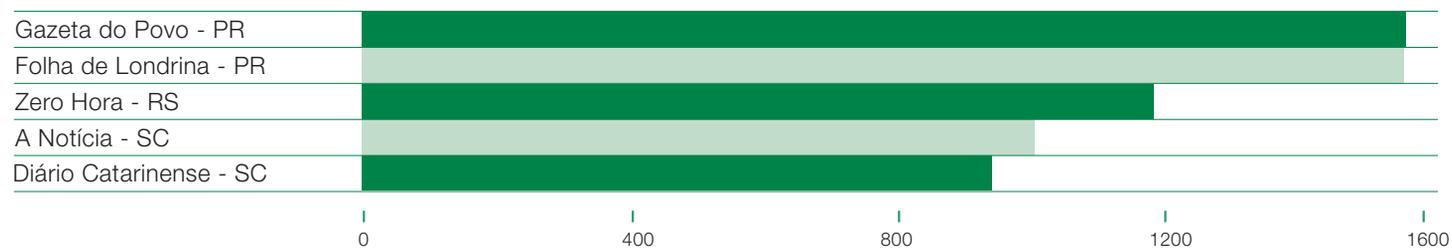
Região Centro-Oeste



Região Sudeste



Região Sul



Revistas

Época, lançada em 1998, já atingiu em 1999 a primeira posição como a revista que mais espaço dedica às questões da infância e adolescência.

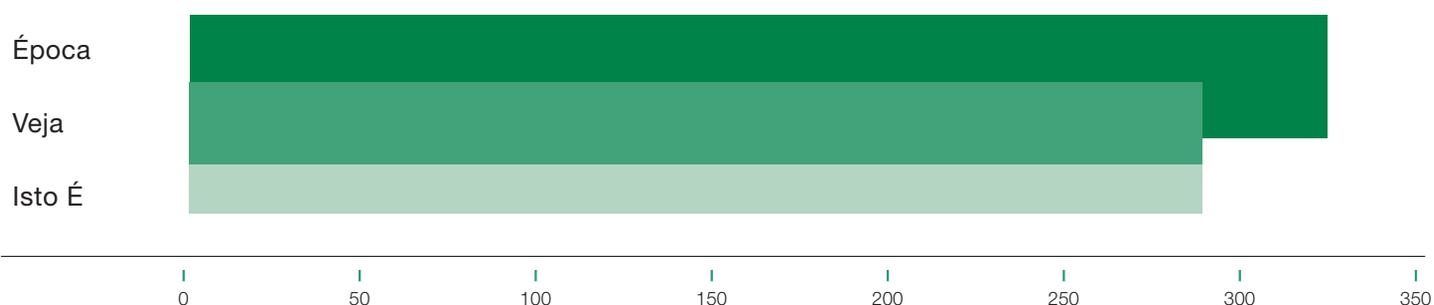
Isto É, que tradicionalmente dedicava mais espaço a esse tema, mantém alto índice de contribuição ao debate. Foi ao longo de 99, a publicação semanal que mais denúncias apresentou. Importantes denúncias! A revista ficou em segundo lugar na contribuição para a *Busca de Soluções* (atrás da *Época*).

Veja, em 99, também abriu mais espaço para essas questões e mostrou uma cobertura mais qualificada.

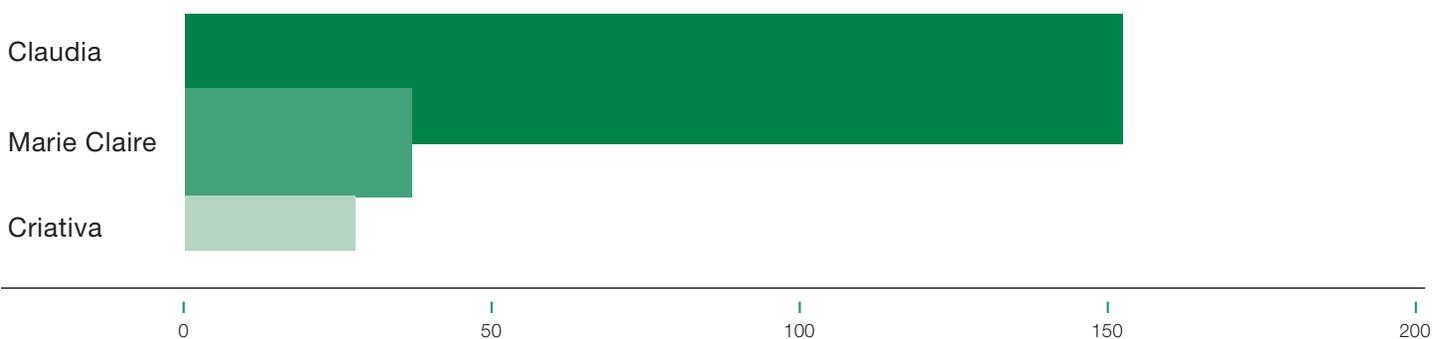
Entre as revistas mensais/femininas, *Claudia* mantém-se como a que mais espaço dedica ao assunto. *Marie Claire* foi quem mais apresentou denúncias em 1999. *Criativa* deu pouco mais atenção ao tema, em relação a 98.

As duas revistas de economia pesquisadas, *Exame* e *Amanhã*, continuam abrindo espaço para discussões fundamentais relativas, sobretudo, aos temas **Educação** e **Terceiro Setor**. Mais de 60% do material das duas publicações contribuem diretamente com o debate da *Busca de Soluções*.

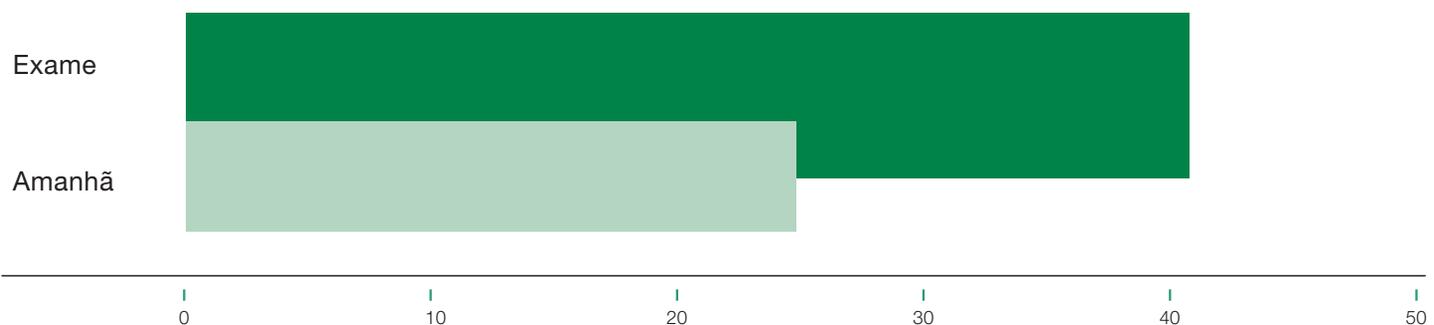
Revistas que mais publicaram notícias sobre infância e adolescência - SEMANAIS



Revistas que mais publicaram notícias sobre infância e adolescência - MENSAIS/FEMININAS



Revistas que mais publicaram notícias sobre infância e adolescência - ECONOMIA E NEGÓCIOS



Busca de Soluções
Denúncia
Fontes de Informação

Busca de Soluções x Denúncia



Em 1997, a *Pesquisa Infância na Mídia* destacava a produção jornalística que contribuía para a visibilidade das “buscas de soluções” relativas diretamente à infância e à adolescência.

A iniciativa colaborou para dar visibilidade a um jornalismo mais equilibrado entre a denúncia das catástrofes sociais (além da “mera” repro-

dução dos fatos - o noticiário factual) e das soluções ou das possibilidades de solucionar os problemas dos jovens brasileiros vítimas das desigualdades de todas as espécies.

Percebia-se, ali, que estava nascendo um novo paradigma de investigação jornalística: a investigação de soluções para questões que afetam diretamente milhões de crianças e adolescentes brasileiros, o que, na *Pesquisa*, convencionou-se chamar simplesmente **Busca de Soluções**.

A partir daí, a cada edição da *Pesquisa* confirmou-se a tendência jornalística de promover a difusão de ações positivas, além de promover e multiplicar o debate social.

Em 1999, **30,83%** do material publicado pela imprensa brasileira trouxeram a ótica da investigação das soluções

Entre as razões da atenção especial que os meios dedicam aos temas diretamente relacionados à infância e à adolescência têm-se observado que esse foco é estratégico para a compreensão dos desequilíbrios sociais do país que mobilizam e desafiam as Políticas Públicas e o Terceiro Setor. A investigação das soluções é de tal forma estratégica que levou o Instituto Ayrton Senna a criar o *Grande Prêmio*

Período	Busca de Soluções
jan a dez / 99	30,83%
jul a dez / 98	37,94%
jan a jun / 98	27,80%
jul a dez / 97	26,60%
abr a jun / 97	25,15%

Ayrton Senna de Jornalismo, com o objetivo de reconhecer e estimular a contribuição dos meios e dos profissionais de comunicação na investigação de ações que colaboraram efetivamente para a solução de problemas relacionados às crian-

ças e aos adolescentes brasileiros. Com 1.062 inscrições em 1999, e mesmo sendo uma premiação recente

(três anos), já é, sem dúvida, um dos mais importantes e prestigiados prêmios para a imprensa brasileira.

Os temas da criança e do jovem, além de humanizar a cobertura, possibilitam a mídia conscientizar os leitores, enquanto criam oportunidades para a investigação das raízes da desigualdade - pressionando a revisão de prioridades em políticas públicas.

Esse equilíbrio também reflete uma melhoria nas relações entre os atores sociais e a mídia. A profissionalização dessas relações é uma realidade, embora ainda haja dificuldades em alguns setores (sobre essa questão leia o texto à página 63 e a entrevista à página 28).

Denúncia

Ao mesmo tempo em que constrói uma cultura jornalística cuja ótica sobre os direitos de crianças e jovens exige um compromisso social, o novo paradigma da investigação em Jornalismo não mais se reduz à denúncia de escândalos.

A investigação das soluções inclui o poder da denúncia, mas incentiva a responsabilidade dos meios de comunicação e dos profissionais de imprensa em ampliar a informação e discutir as responsabilidades. Não se trata, portanto, de um “jornalismo otimista”.

Ao contrário, é no confronto dos indicadores sociais mais alarmantes com os resultados concretos das ações bem sucedidas que a imprensa pode reconstruir o poder das denúncias.

Observação:

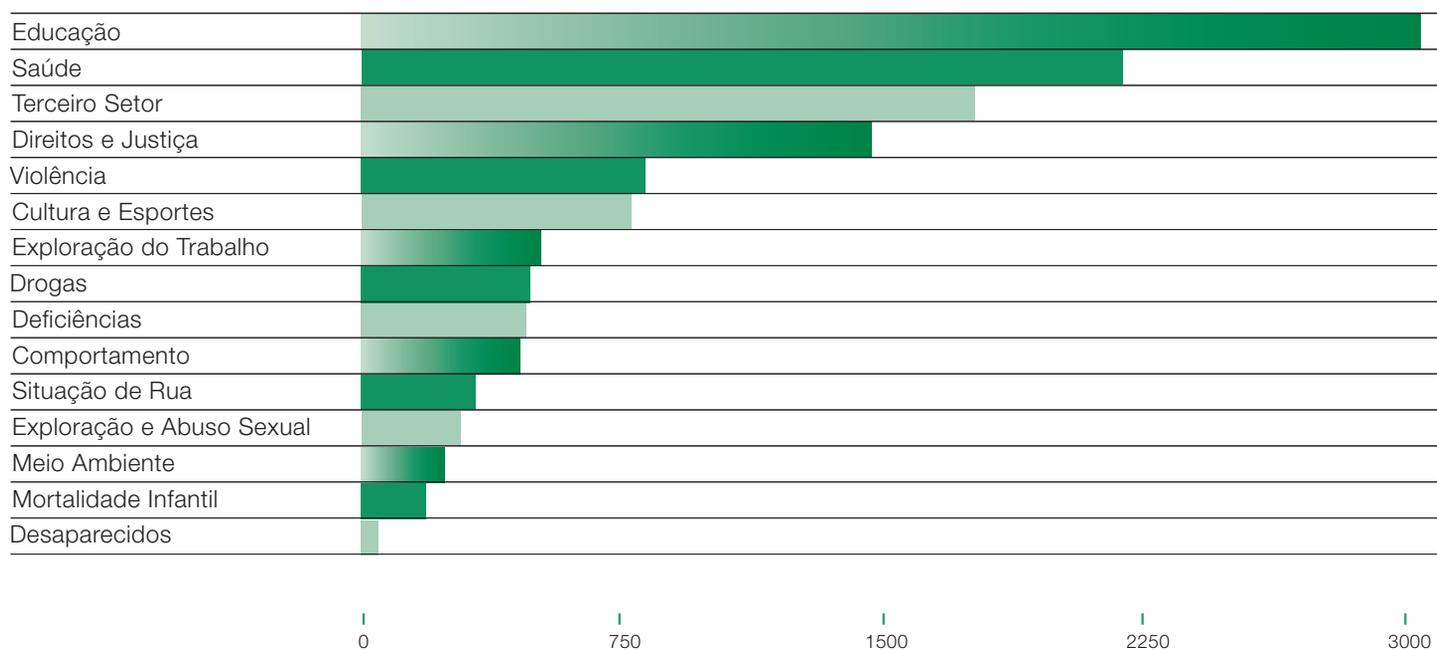
Tornou-se constante - cerca de um terço do material publicado - a média alcançada no percentual de matérias classificadas como “**Busca de Soluções**”. A *Pesquisa Infância na Mídia* não utiliza terminologia específica para identificar as matérias que não se enquadram nos critérios determinados para “**Buscas de Soluções**” ou “**meras Denúncias**”.

Essas matérias - a maior parte factuais - não aprofundam a investigação seja sob a ótica das soluções ou das denúncias.

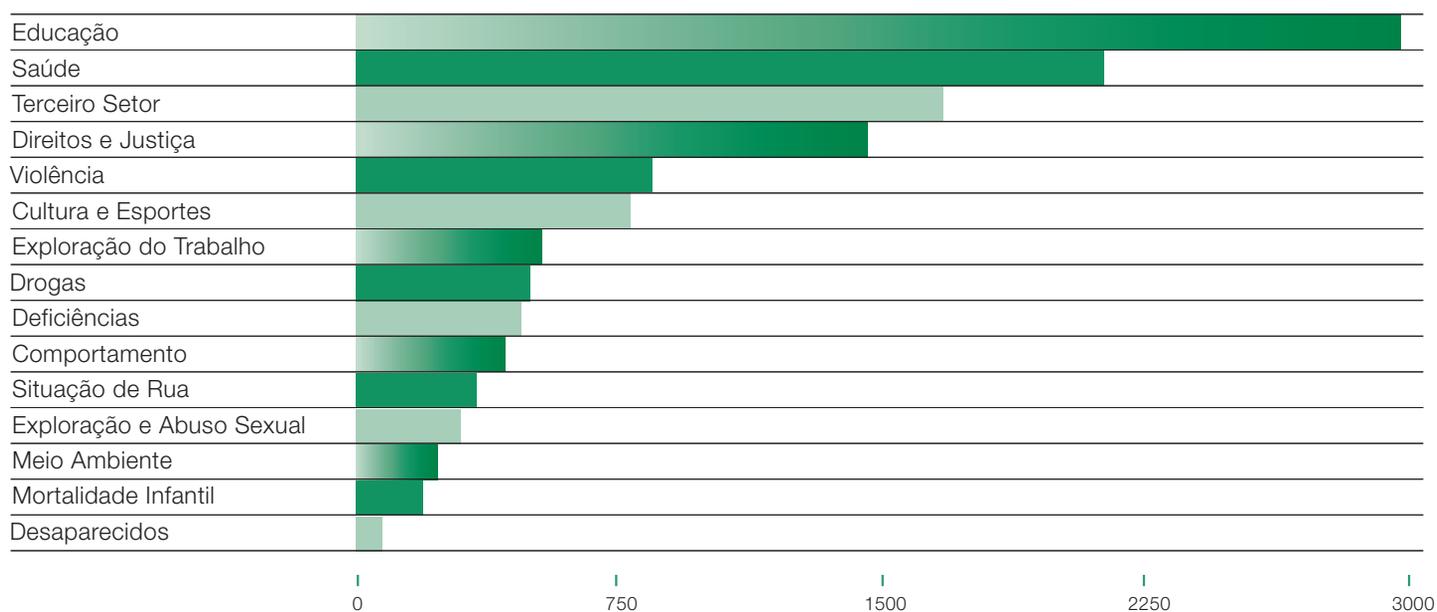
São consideradas como “Buscas de Soluções” para os problemas sociais as matérias e reportagens que:

- revelam projetos sociais bem sucedidos
- representam investigação com foco na denúncia, mas incluem fatos ou idéias que remetem o leitor à reflexão sobre soluções
- constituam série que acompanhe desde a formulação da denúncia até o equacionamento da questão
- apresentam debates entre setores diversos da sociedade
- esclarecem aspectos legais ou leis de proteção à infância e à adolescência em todos os níveis governamentais
- cooperam com os esforços na área de assistência emergencial
- apresentadas como editoriais ou artigos, enfatizem as soluções existentes ou a necessidade de busca de soluções para quadros sociais alarmantes

Busca de Soluções - Temas / JORNAIS + REVISTAS



Busca de Solução - Temas / JORNAIS

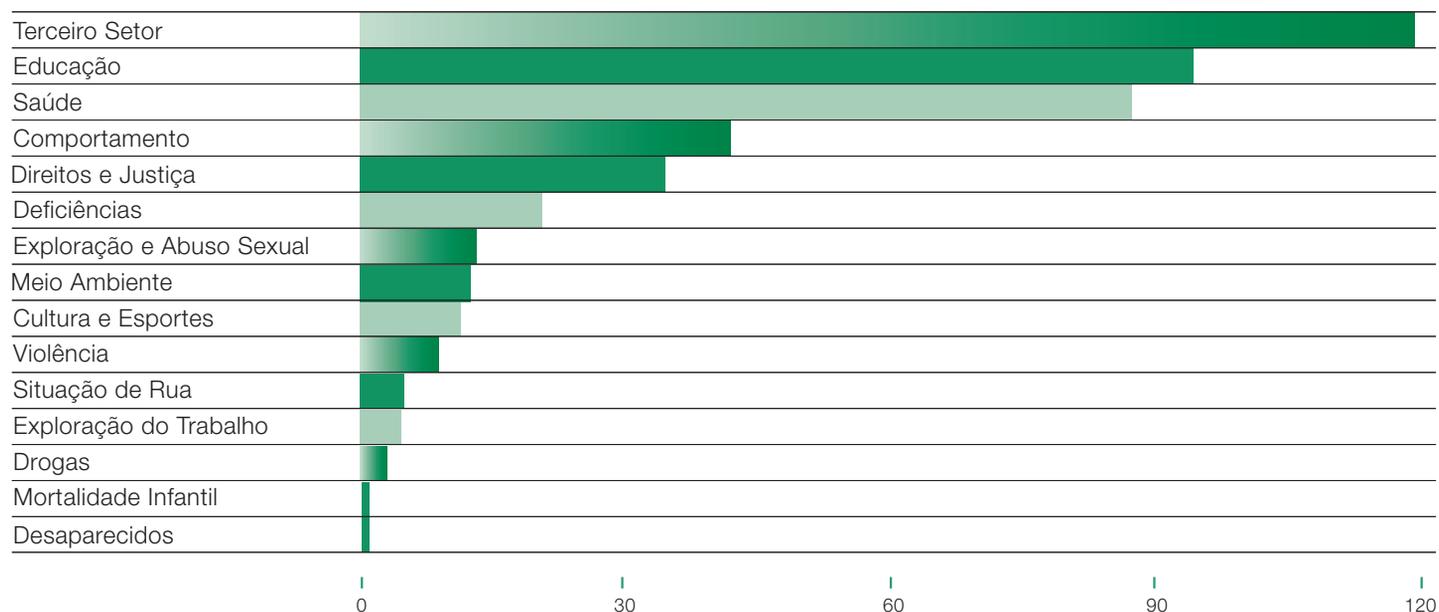


Busca de Soluções - JORNAIS

Percentual sobre o total de inserções do próprio veículo

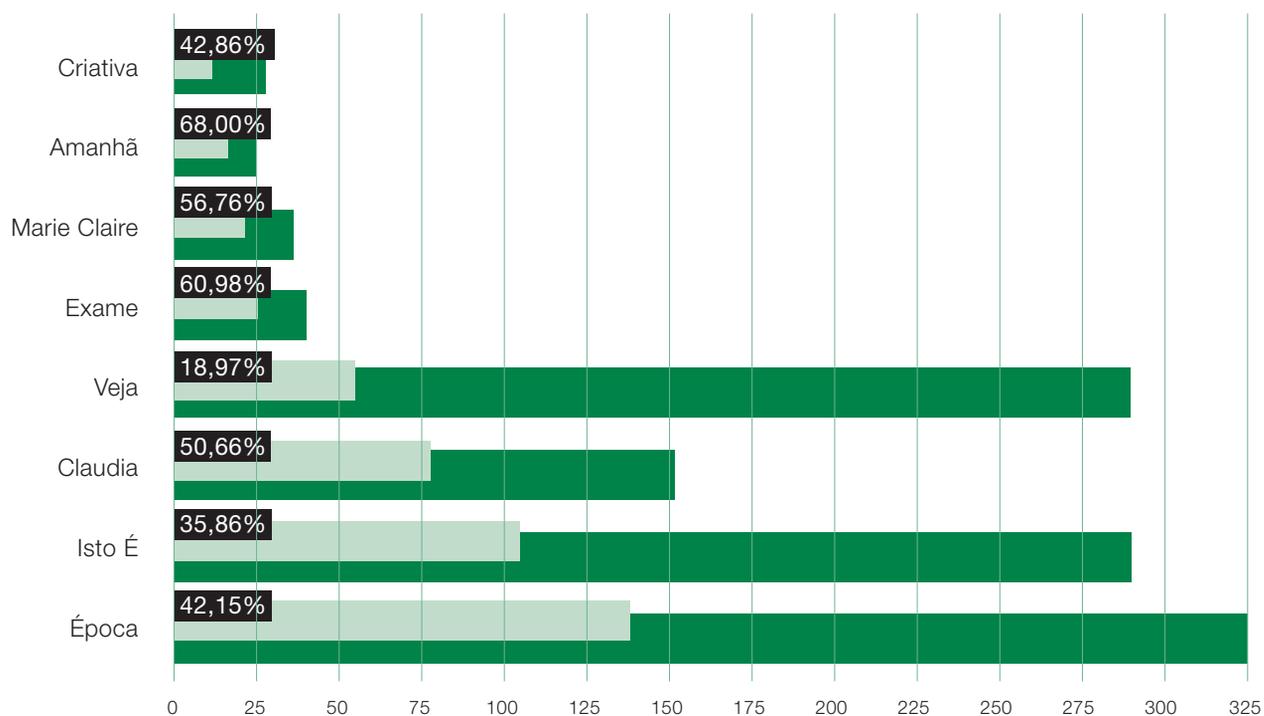
Correio do Bahia - BA	52,59%
Gazeta Mercantil - SP	50,08%
A Tarde - BA	42,74%
O Dia - PI	36,79%
Jornal do Tocantins - TO	36,45%
Correio da Paraíba - PB	36,39%
O Norte - PB	34,91%
O Estadão - RO	34,02%
Diário Catarinense - SC	34,00%
O Estado do Maranhão - MA	32,19%
Jornal do Brasil - RJ	30,33%
Tribuna de Alagoas - AL	28,73%
Correio Braziliense - DF	28,47%
Diário de Pernambuco - PE	28,40%
Jornal de Brasília - DF	27,81%
Diário do Nordeste - CE	27,65%
O Liberal - PA	27,65%
Meio Norte - PI	27,54%
Folha do Estado - MT	27,43%
Correio Popular - SP	27,33%
Estado de Minas - MG	26,97%
Folha de S. Paulo - SP	26,06%
O Estado de S. Paulo - SP	25,86%
Zero Hora - RS	25,66%
O Povo - CE	24,86%
O Imparcial - MA	24,55%
Gazeta de Alagoas - AL	23,71%
Jornal do Commercio - PE	23,53%
A Gazeta - MT	23,52%
O Globo - RJ	23,49%
A Notícia - SC	23,02%
Diário da Amazônia - RO	22,56%
O Dia - RJ	21,93%
A Gazeta - ES	21,68%
Hoje em Dia - MG	21,37%
Diário de Natal - RN	21,37%
A Província do Pará - PA	21,15%
Diário do Pará - PA	21,09%
A Gazeta - AC	20,92%
Diário de Cuiabá - MT	20,72%
Gazeta do Povo - PR	20,22%
Tribuna do Norte - RN	19,81%
O Popular - GO	19,69%
A Crítica - AM	18,76%
Folha de Londrina - PR	18,15%
Jornal da Tarde - SP	17,24%
Diário Popular - SP	14,82%
Diário da Tarde - MG	14,76%

Busca de Soluções - Temas / REVISTAS

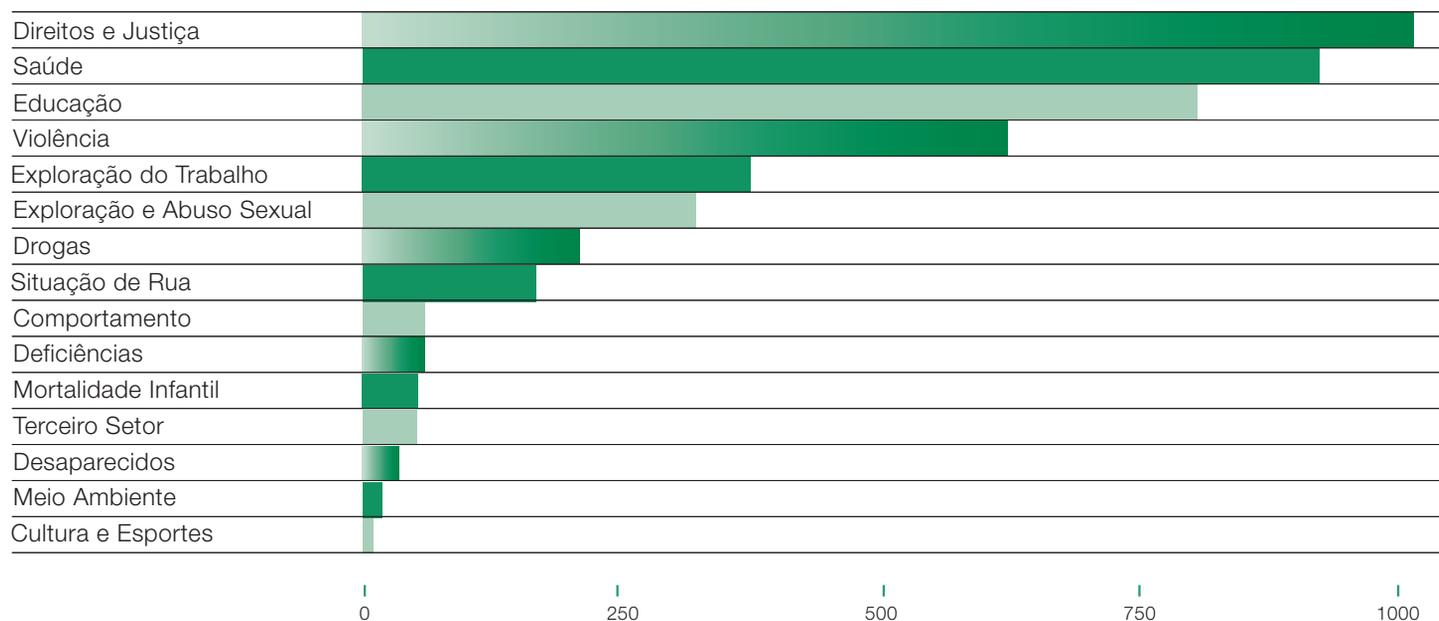


Busca de Soluções Revistas

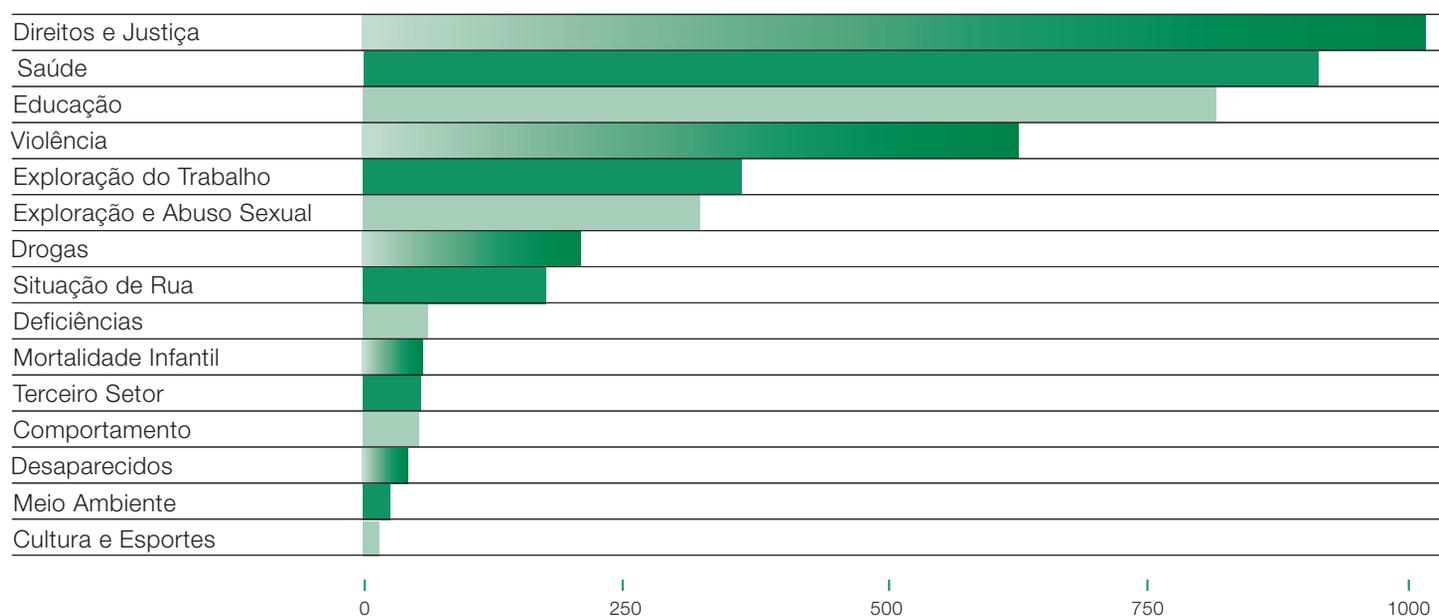
- Total de matérias
- Matérias consideradas *Busca de Soluções*
- Percentual de *Busca de Soluções* sobre o total de inserções do próprio veículo



Denúncia - Temas / Jornais + Revistas



Denúncias - Temas / Jornais

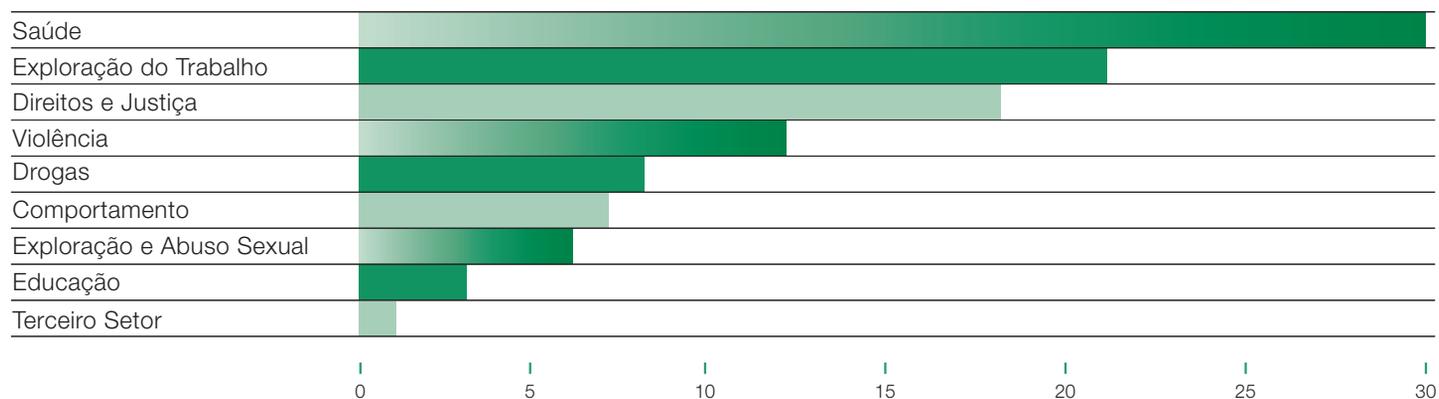


Denúncia - Jornais

Percentual sobre o total de inserções do próprio veículo

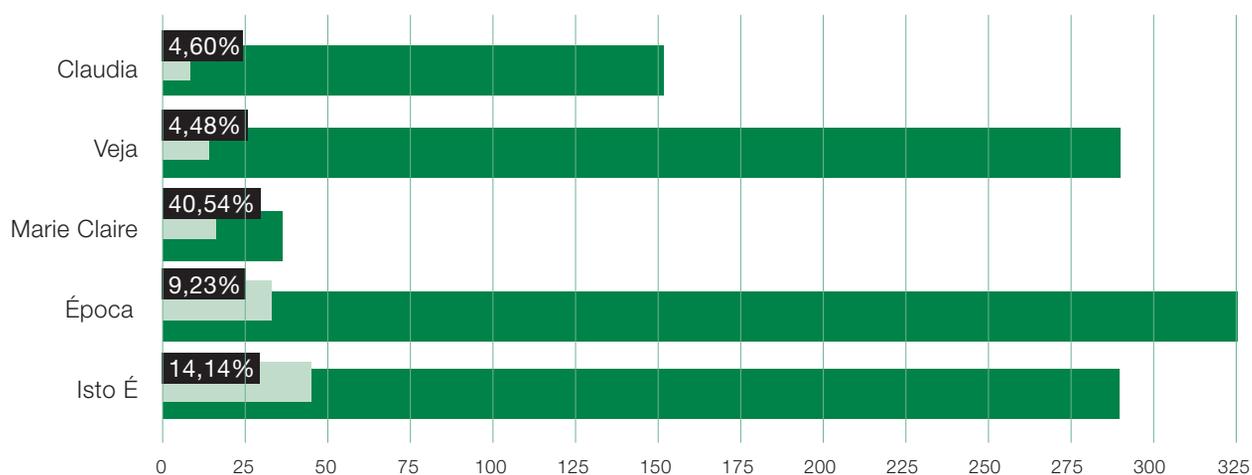
A Tarde - BA	17,70%
Correio do Bahia - BA	17,47%
Estado de Minas - MG	15,67%
Diário Popular - SP	14,91%
Jornal da Tarde - SP	14,34%
Hoje em Dia - MG	13,56%
Diário de Pernambuco - PE	13,48%
Correio da Paraíba - PB	13,31%
Tribuna do Norte - RN	11,67%
O Estado de S. Paulo - SP	11,62%
Folha de S. Paulo - SP	11,56%
A Gazeta - MT	11,45%
O Povo - CE	11,14%
Tribuna de Alagoas - AL	10,57%
O Popular - GO	10,36%
Gazeta de Alagoas - AL	10,32%
Correio Braziliense - DF	10,20%
Zero Hora - RS	10,16%
A Crítica - AM	10,08%
Meio Norte - PI	9,56%
Diário da Amazônia - RO	9,54%
O Liberal - PA	9,33%
Folha do Estado - MT	8,86%
Gazeta do Povo - PR	8,86%
Folha de Londrina - PR	8,82%
Correio Popular - SP	8,79%
Jornal do Commercio - PE	8,74%
O Globo - RJ	8,70%
Jornal do Brasil - RJ	8,63%
O Dia - RJ	8,62%
A Província do Pará - PA	8,55%
A Gazeta - ES	8,39%
Diário da Tarde - MG	7,91%
O Estado do Maranhão - MA	7,81%
Diário de Natal - RN	7,68%
O Norte - PB	7,61%
Jornal de Brasília - DF	7,37%
Diário de Cuiabá - MT	6,85%
O Dia - PI	6,35%
Diário do Nordeste - CE	5,84%
O Estadão - RO	5,61%
O Imparcial - MA	5,27%
Diário do Pará - PA	5,08%
Jornal do Tocantins - TO	3,87%
A Notícia - SC	3,87%
A Gazeta - AC	3,57%
Diário Catarinense - SC	3,39%
Gazeta Mercantil - SP	2,62%

Denúncia - Temas / Revistas



Denúncia Revistas

- Total de matérias
- Matérias consideradas *Denúncia*
- Percentual de *Denúncia* sobre o total de inserções do próprio veículo



Busca de Soluções x Denúncia

Quadros
comparativos

TEMAS	Busca de Soluções (%)	Denúncia (%)
Comportamento	18,34	2,25
Cultura e Esportes	82,92	0,48
Deficiências	57,06	6,63
Desaparecidos	7,08	5,56
Direitos e Justiça	25,66	17,98
Drogas	36,35	15,80
Educação	34,05	9,09
Exploração do Trabalho	42,99	31,78
Exploração e Abuso Sexual	16,42	18,70
Meio Ambiente	67,16	5,57
Mortalidade Infantil	44,79	13,80
Saúde	32,37	13,85
Situação de Rua	44,68	22,61
Terceiro Setor	68,45	2,00
Violência	12,52	9,59

REVISTAS	Busca de Soluções (%)	Denúncia (%)
Amanhã	68,00	-
Claudia	50,66	4,61
Criativa	42,86	-
Época	42,15	9,23
Exame	60,98	-
Isto É	35,86	14,14
Marie Claire	56,76	40,54
Veja	18,97	4,48

Temas

30,83%
Busca de Soluções

11,27%
Denúncia

Revistas

37,71%
Busca de Soluções

8,92%
Denúncia

Jornais

30,64%
Busca de Soluções

11,34%
Denúncia

Busca de Soluções x Denúncia

Quadros
comparativos

JORNAIS	Busca de Soluções (%)	Denúncia (%)
A Crítica - AM	18,76	10,08
A Gazeta - AC	20,92	3,57
A Gazeta - ES	21,68	8,39
A Gazeta - MT	23,52	11,45
A Notícia - SC	23,02	3,87
A Província do Pará - PA	21,15	8,55
A Tarde - BA	42,74	17,70
Correio Braziliense - DF	28,47	10,20
Correio da Bahia - BA	52,59	17,47
Correio da Paraíba - PB	36,39	13,31
Correio Popular - SP	27,33	8,79
Diário Catarinense - SC	34,00	3,39
Diário da Amazônia - RO	22,56	9,54
Diário da Tarde - MG	14,76	7,91
Diário de Cuiabá - MT	20,72	6,85
Diário de Natal - RN	21,37	7,68
Diário de Pernambuco - PE	28,40	13,48
Diário do Nordeste - CE	27,65	5,84
Diário do Pará - PA	21,09	5,08
Diário Popular - SP	14,82	14,91
Estado de Minas - MG	26,97	15,67
Folha de Londrina - PR	18,15	8,82
Folha de S. Paulo - SP	26,06	11,56
Folha do Estado - MT	27,43	8,86
Gazeta de Alagoas - AL	23,71	10,32
Gazeta do Povo - PR	20,22	8,86
Gazeta Mercantil - SP	50,08	2,62
Hoje em Dia - MG	21,37	13,56
Jornal da Tarde - SP	17,24	14,34
Jornal de Brasília - DF	27,81	7,37
Jornal do Brasil - RJ	30,33	8,63
Jornal do Commercio - PE	23,53	8,74
Jornal do Tocantins - TO	36,45	3,87
Meio Norte - PI	27,54	9,56
O Dia - PI	36,79	6,35
O Dia - RJ	21,93	8,62
O Estadão - RO	34,02	5,61
O Estado de S. Paulo - SP	25,86	11,62
O Estado do Maranhão - MA	32,19	7,81
O Globo - RJ	23,49	8,70
O Imparcial - MA	24,55	5,27
O Liberal - PA	27,65	9,33
O Norte - PB	34,91	7,61
O Popular - GO	19,69	10,36
O Povo - CE	24,86	11,14
Tribuna de Alagoas - AL	28,73	10,57
Tribuna do Norte - RN	19,81	11,67
Zero Hora - RS	25,66	10,16

Fontes de Informação

Quem são os atores sociais que dialogam com a mídia ?



Um novo aspecto abordado nesta edição da *Pesquisa* foi a fonte das matérias / reportagens. Duas origens de informação foram acompanhadas: *Governo* e *Organizações da Sociedade civil* (OSC).

Consideramos como "fonte" o "gancho" da notícia (uma decisão de governo, um protesto da sociedade civil, um evento realizado por ONG etc.)

Mesmo que determinada reportagem ouça várias fontes, a *Pesquisa* contabiliza apenas a que provocou a pauta. Nem sempre as matérias são necessariamente criadas a partir de uma ou outra destas fontes. Não registramos todos os atores ouvidos, mas apenas aqueles que protago-

nizaram ou provocaram a reportagem.

O total de matérias publicadas a partir de demandas específicas de fontes oficiais ou da sociedade civil representa **31,22%** do total. Em outras palavras, **68,78%** do material publicado referem-se a investigações que são fruto de decisões das redações e/ou inspiradas por fontes civis tais como médicos, juizes etc. Ou seja, são fontes civis mas não relacionadas diretamente às "organizações da sociedade civil".

Chamamos a atenção para um fato observado nessa *Pesquisa*: a escassa presença dos atores da Educação e a forte presença dos atores jurídicos e policiais durante a crise da Febem (ver página 26).

Temas

20,83%

Governo

10,39%

OSC

Revistas

7,49%

Governo

9,34%

OSC

Jornais

18,59%

Governo

9,13%

OSC

TEMAS	Governo (%)	Organizações da Sociedade Civil (%)
Comportamento	2,29	7,46
Cultura e Esportes	8,68	13,11
Deficiências	16,53	23,52
Desaparecidos	3,20	3,54
Direitos e Justiça	40,13	4,94
Drogas	19,36	9,72
Educação	31,56	8,60
Exploração do Trabalho	30,46	16,60
Exploração e Abuso Sexual	10,26	4,85
Meio Ambiente	8,50	22,87
Mortalidade Infantil	16,93	15,36
Saúde	20,87	7,58
Situação de Rua	29,88	12,79
Terceiro Setor	8,87	43,95
Violência	8,18	5,86

REVISTAS	Governo (%)	Organizações da Sociedade Civil (%)
Amanhã	24,00	8,00
Claudia	3,95	5,26
Criativa	3,57	39,29
Época	11,38	9,23
Exame	2,44	12,20
Isto É	6,21	8,62
Marie Claire	27,03	13,51
Veja	3,45	8,62

Fontes de Informação

JORNAIS	Governo (%)	Organizações da Sociedade Civil (%)
A Crítica - AM	14,99	5,84
A Gazeta - AC	12,76	1,53
A Gazeta - ES	16,78	6,64
A Gazeta - MT	17,23	8,30
A Notícia - SC	10,22	6,94
A Província do Pará - PA	13,89	3,85
A Tarde - BA	27,90	23,42
Correio Braziliense - DF	18,51	8,69
Correio da Bahia - BA	39,74	23,38
Correio da Paraíba - PB	17,65	13,21
Correio Popular - SP	23,52	8,50
Diário Catarinense - SC	18,43	8,69
Diário da Amazônia - RO	17,57	4,56
Diário da Tarde - MG	12,12	5,14
Diário de Cuiabá - MT	13,53	4,79
Diário de Natal - RN	11,64	3,60
Diário de Pernambuco - PE	13,84	12,29
Diário do Nordeste - CE	15,00	7,50
Diário do Pará - PA	12,11	5,47
Diário Popular - SP	16,52	4,91
Estado de Minas - MG	14,81	11,16
Folha de Londrina - PR	12,81	11,58
Folha de S. Paulo - SP	27,79	8,77
Folha do Estado - MT	21,52	8,02
Gazeta de Alagoas - AL	18,83	5,58
Gazeta do Povo - PR	11,94	13,22
Gazeta Mercantil - SP	18,99	21,11
Hoje em Dia - MG	14,51	7,30
Jornal da Tarde - SP	16,88	5,99
Jornal de Brasília - DF	20,09	9,40
Jornal do Brasil - RJ	23,47	7,42
Jornal do Commercio - PE	14,12	7,90
Jornal do Tocantins - TO	22,90	8,39
Meio Norte - PI	20,68	8,46
O Dia - PI	17,06	8,36
O Dia - RJ	12,80	5,45
O Estadão - RO	21,22	6,95
O Estado de S. Paulo - SP	27,48	7,43
O Estado do Maranhão - MA	21,72	7,28
O Globo - RJ	20,44	7,70
O Imparcial - MA	11,64	6,91
O Liberal - PA	15,55	8,07
O Norte - PB	14,86	11,19
O Popular - GO	13,33	5,54
O Povo - CE	18,64	7,91
Tribuna de Alagoas - AL	20,33	7,05
Tribuna do Norte - RN	16,42	5,02
Zero Hora - RS	19,14	7,28

Summary / Resumen

Looking for Solutions

In 1997, for the first time, the survey *Childhood in the Media* highlighted the news stories that gave a contribution to the visibility of “solution seeking” related directly to childhood and adolescents problems.

That initiative helped to give more visibility to a more balanced journalism, that reports not only news facts, but gives the whole picture of social catastrophes(??), hinting also to solutions or to possible solutions to the Brazilian youths, victims of all kinds of inequalities.

It was then perceived that a new paradigm was arising in the news gathering process: the search for solutions to the problems affecting millions of Brazilian children and teenagers. That was called “Looking for Solutions” in the survey.

From then on, at each edition of the research it was confirmed the tendency in the press to promote positive actions, promoting also a social debate towards them.

On average, one third of the published material was classified as “Looking for solutions”

The search for solutions is such an strategic tool that led the Ayrton Senna Institute to create the **Great Prize Ayrton Senna of Journalism**. The prize aims to stimulate and to recognize the contribution of the media and also of individual journalists in the search for effective ways to solve problems related to children and to adolescents.

Denounces

The new paradigm builds up a journalistic culture that demands a social commitment towards the children and youth rights, but is not confined to uncover scandals.

It is not about positive journalism, because it also includes reporting social problems. The power of denouncing is part of it, but looking for solutions also highlights the media responsibilities to broaden(?) the range of available information.(?)

In the confrontation of the most alarming social data with concrete results of successful actions, the media can rebuild its power of denouncing problem situations.

Sources of Information

In the last edition of the research, the sources of stories and reports started to be taken into consideration. Two kinds of sources were classified: government and civil society organizations.

The main source of a story was identified by the lead (or intro) of the story (a governmental decision, a protest, an event organized by an NGO, etc). Therefore, even if the article quoted a number of different sources, the survey counts only the main one, appearing on the lead of the article, which is not necessarily the reason why the news gathering sent a reporter to look for an specific story.

Búsqueda de Soluciones

Por primera vez, en 1997, el Informe *Infancia en los Medios* presentó un gráfico en el que se destacaba la producción periodística que contribuía con la visibilidad de las “búsquedas de soluciones” relativas directamente a la infancia y a la adolescencia.

A partir de aquel momento, se pasaron a percibir los debates que los medios generaban como el camino para un periodismo más equilibrado entre la denuncia de catástrofes sociales (además de la simple reproducción de los hechos - el noticiero factual) y el anuncio de las soluciones o posibilidades de solucionar los problemas de los jóvenes brasileños, víctimas de desigualdades de toda clase.

Se percibía allí que estaba naciendo un nuevo paradigma de investigación periodística: la investigación de soluciones para cuestiones que afectan directamente a niños y adolescentes brasileños, lo que, en el Informe ANDI se convenció en llamar simplemente Búsqueda de Soluciones.

A partir de ese momento, a cada edición del Informe ANDI, se confirmó la tendencia periodística de promover la difusión de acciones positivas (y de ese modo multiplicarlas), además de promover y multiplicar el debate social. En 1999, 30.83% del material publicado por la prensa brasileña funcionó bajo la óptica de la investigación de soluciones.

La investigación de soluciones se tornó tan estratégica que el Instituto Ayrton Senna creó el **Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo**, para reconocer y estimular la contribución de los medios y profesionales de comunicación a la investigación de acciones que colaboraran efectivamente para solucionar problemas relacionados a niños y niñas brasileños.

Denuncia

La búsqueda de soluciones incluye el poder de la denuncia, pero incentiva la responsabilidad de los medios de comunicación y de los profesionales de la prensa a ampliar la información y discutir las responsabilidades. No se trata, por lo tanto, de un “periodista optimista”. Por el contrario, es en el enfrentamiento de los indicadores sociales más alarmantes con los resultados concretos de las acciones exitosas, que la prensa puede reconstruir el poder de las denuncias.

Fuentes de Información (¿Quiénes son los actores sociales que dialogan con los medios?)

Un nuevo aspecto investigado en esta edición del Informe *Infancia en los Medios* fue la fuente de los reportajes. Dos orígenes de información fueron acompañadas: la Oficial (del Gobierno) y la OSC (de las organizaciones de la sociedad civil).

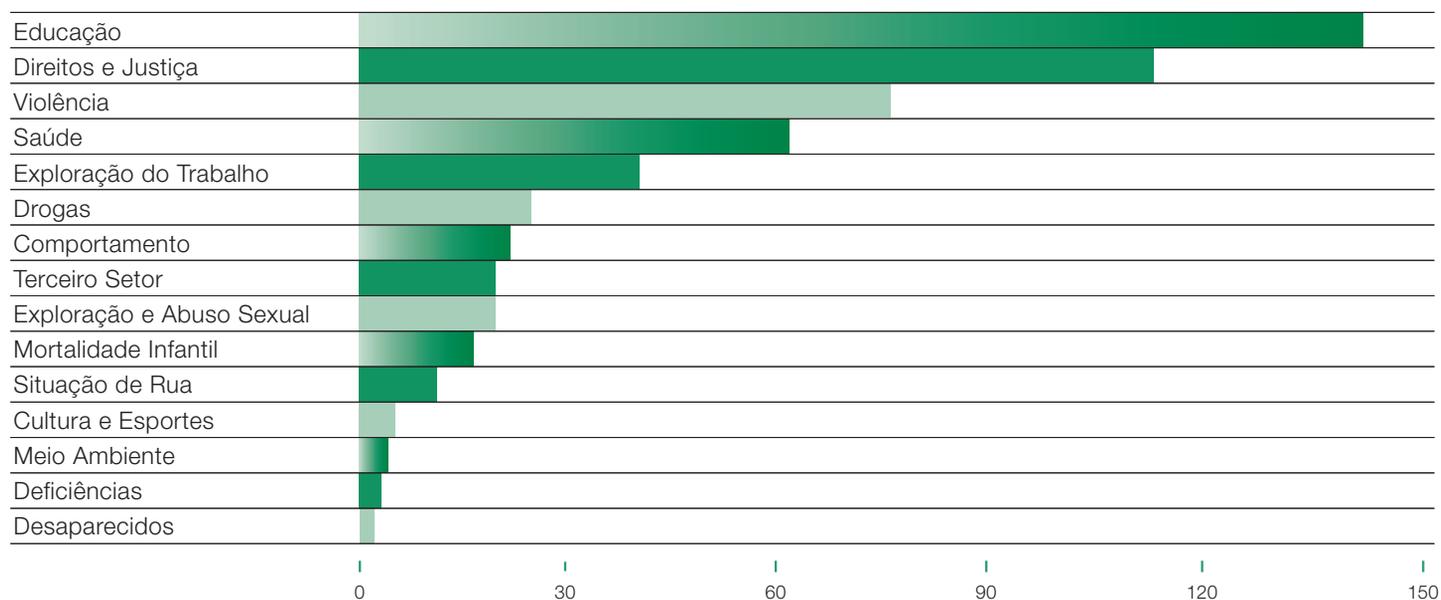
Sobre este aspecto (las fuentes), vale resaltar lo siguiente: consideramos “fuentes” los “ganchos” de la noticia, como por ejemplo, una decisión de Gobierno, una protesta de la sociedad civil o un evento realizado por ONGs, entre otros.

Por lo tanto, aunque un determinado reportaje se centre en varias fuentes, aquí lo que se señala es la fuente que provocó la noticia. No registramos todos los actores escuchados, sino apenas los que fueron protagonistas de o provocaron el reportaje.

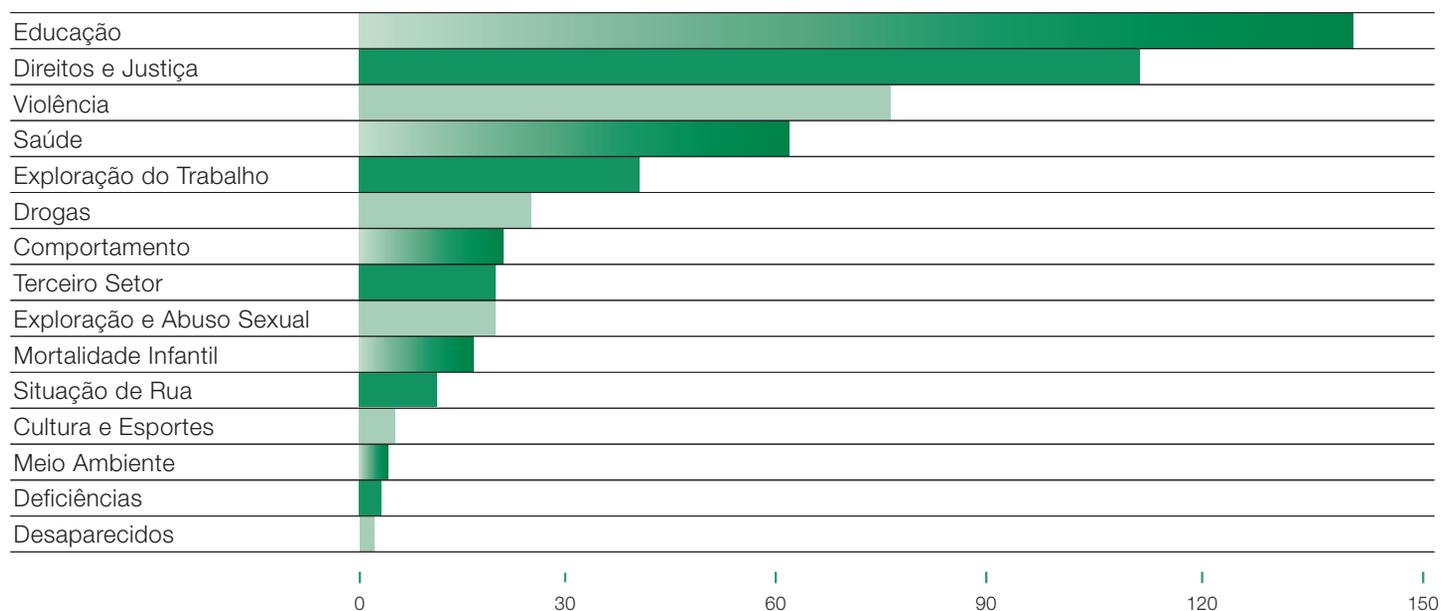
Artigos
Editoriais

Editoriais

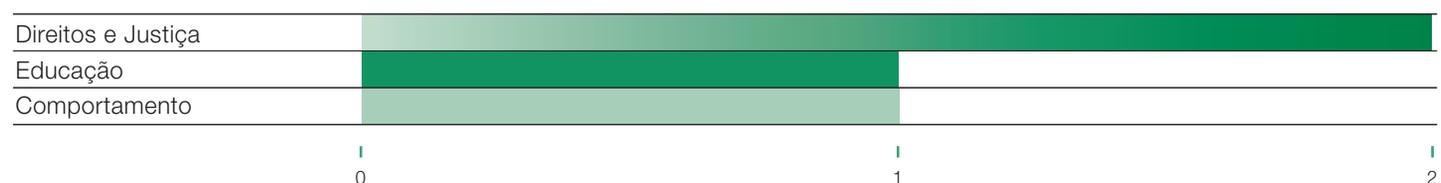
Editoriais/Temas / Jornais + Revistas



Editoriais/Temas/Jornais



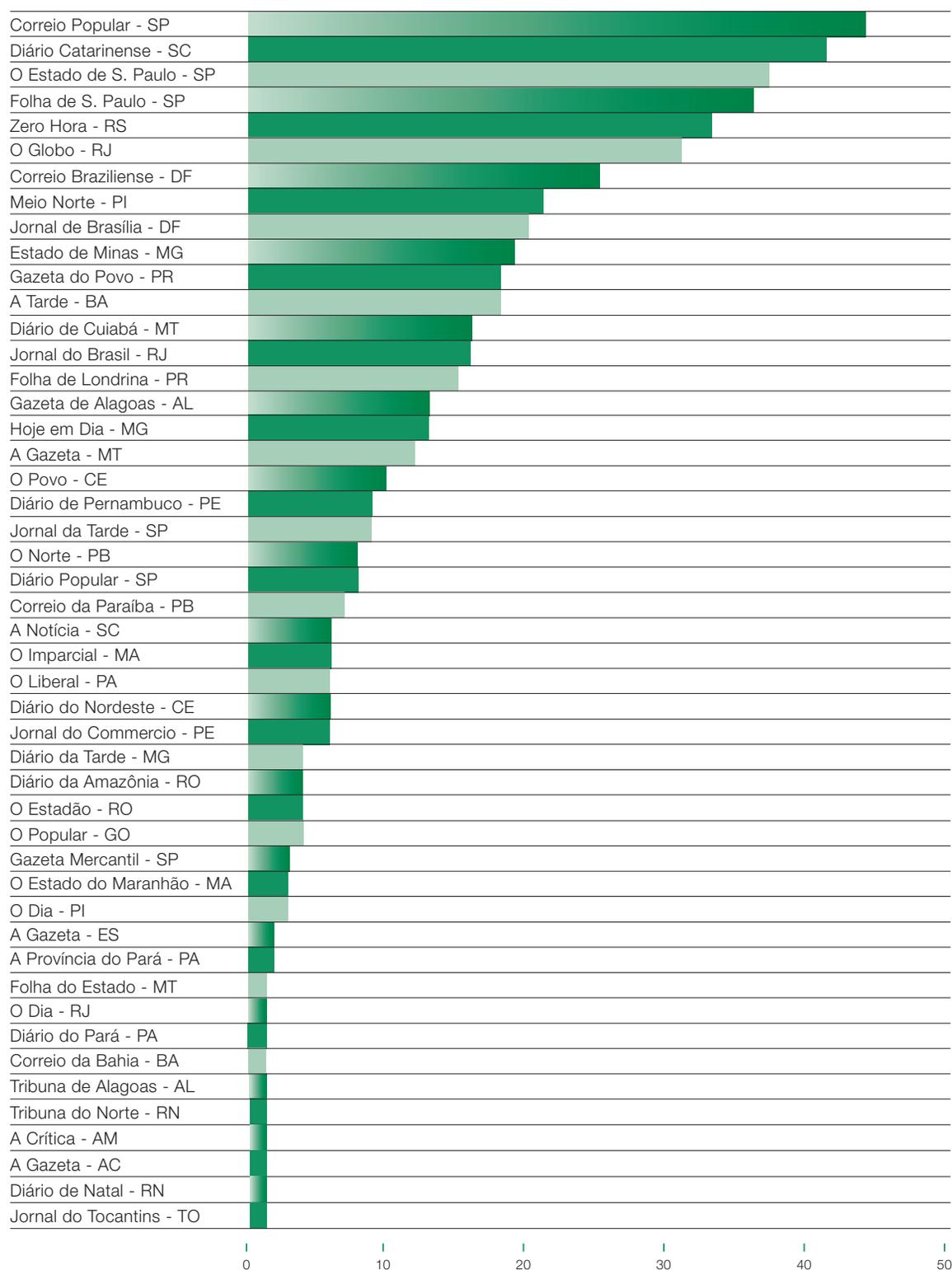
Editoriais/Temas/Revistas



Editoriais

Editoriais

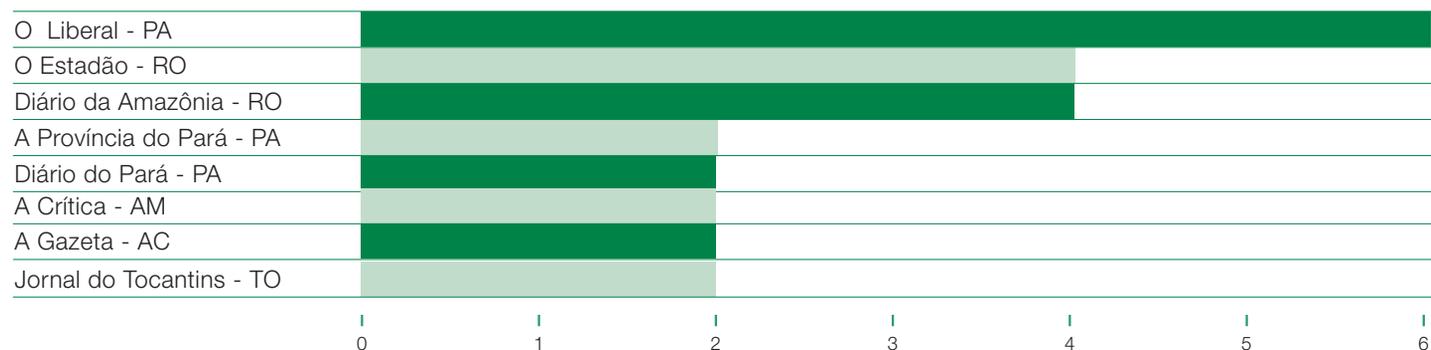
Jornais que mais publicaram



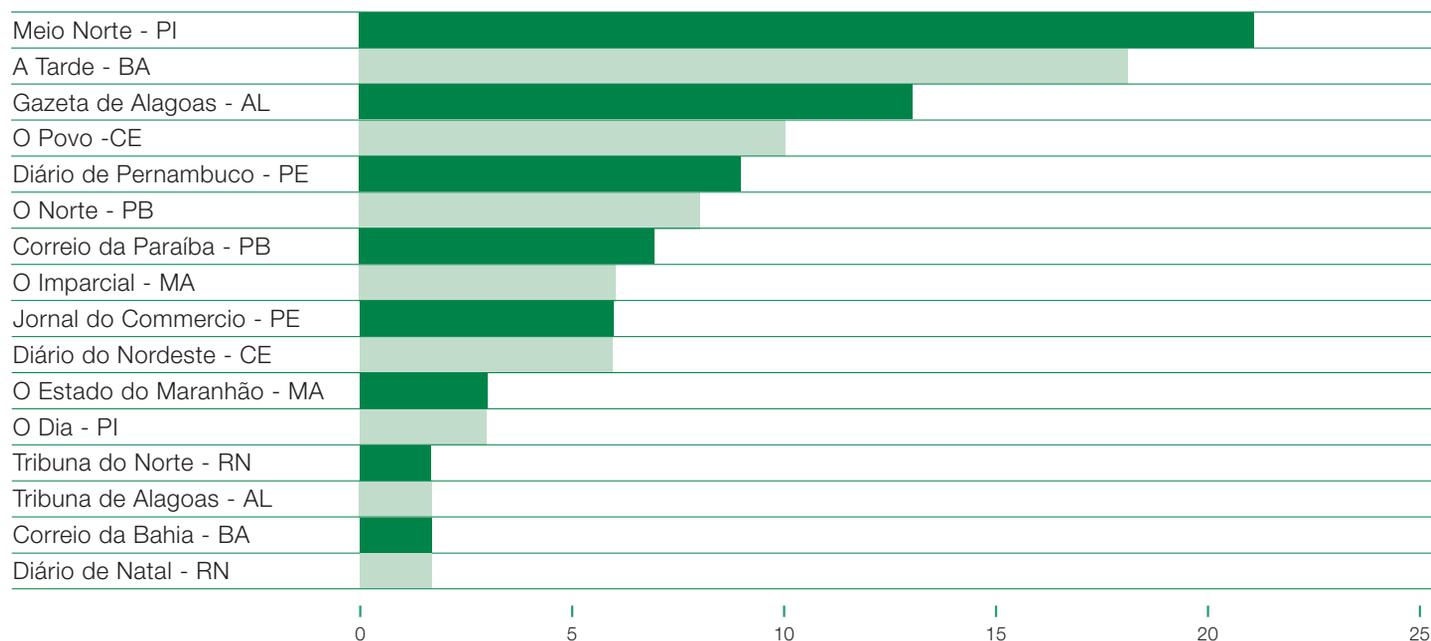
Editoriais

Jornais que mais publicaram / Regiões

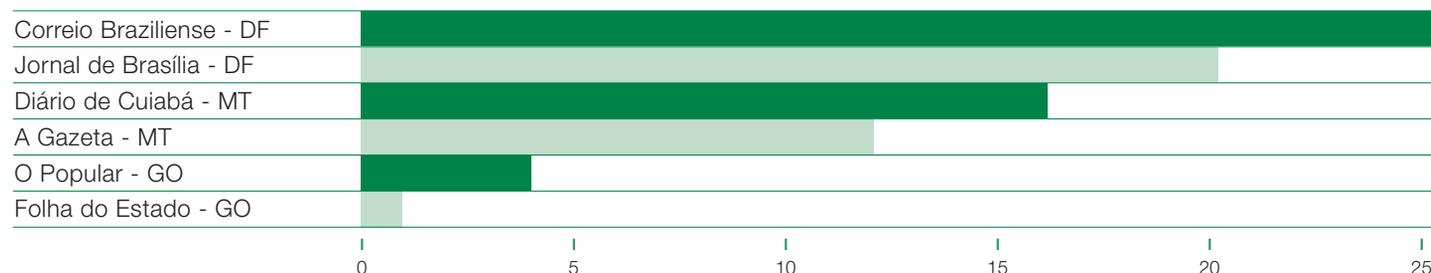
Região Norte



Região Nordeste

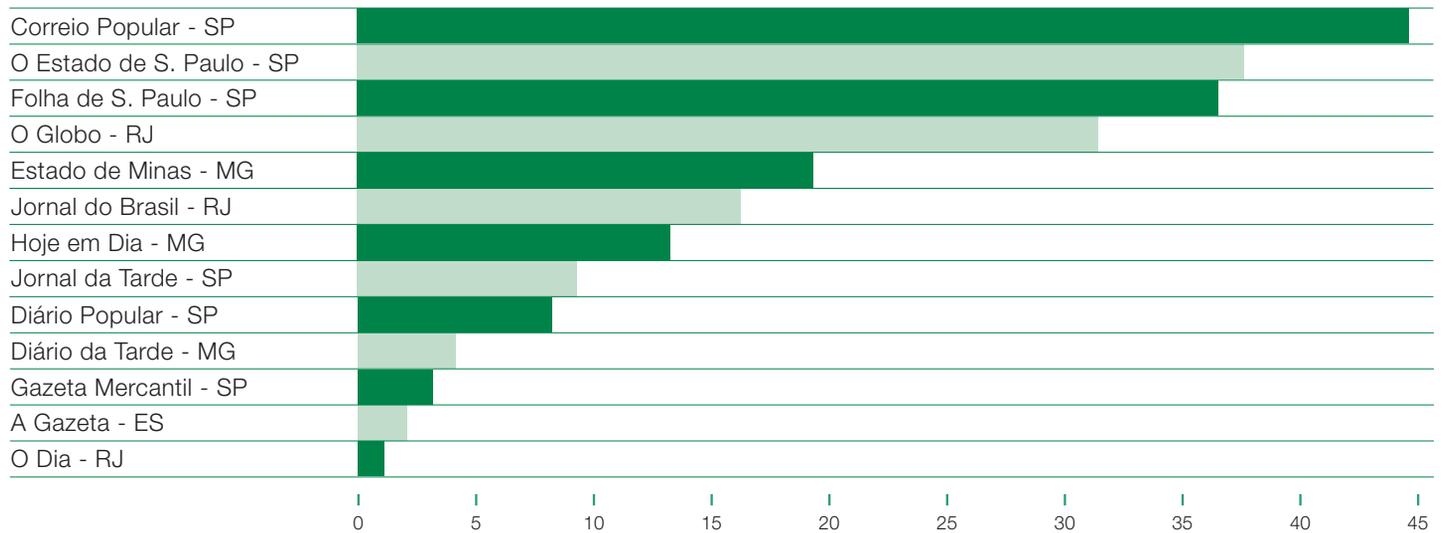


Região Centro-Oeste

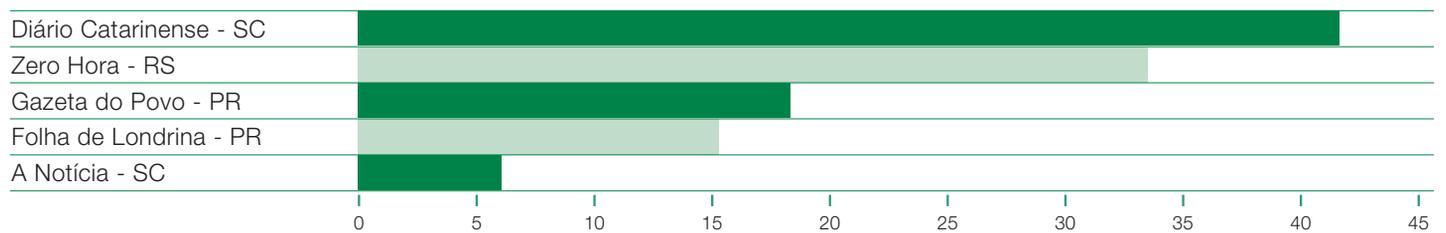


Editoriais

Região Sudeste

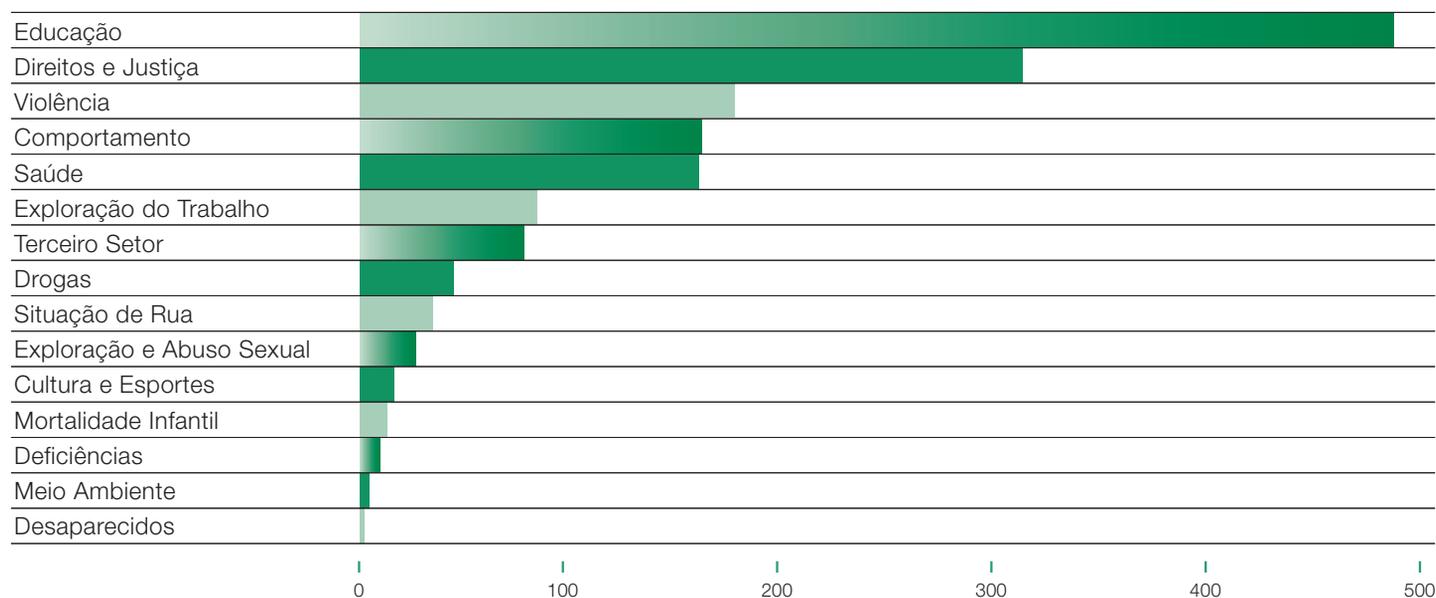


Região Sul

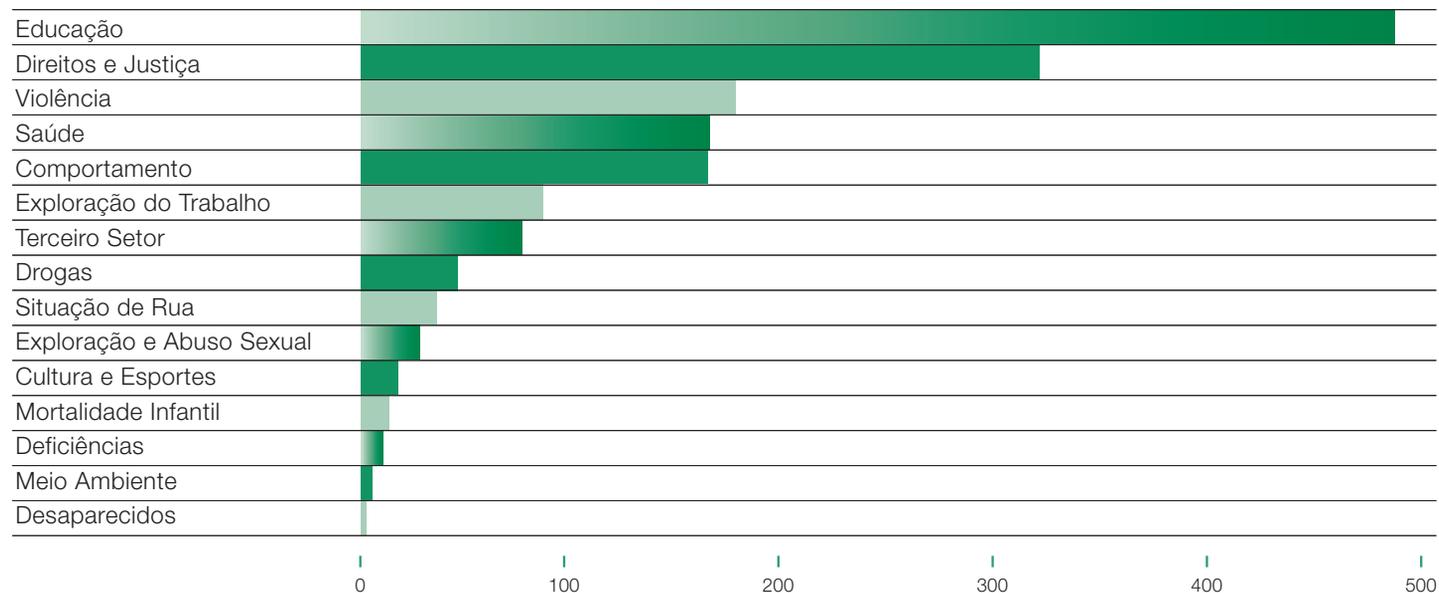


Artigos

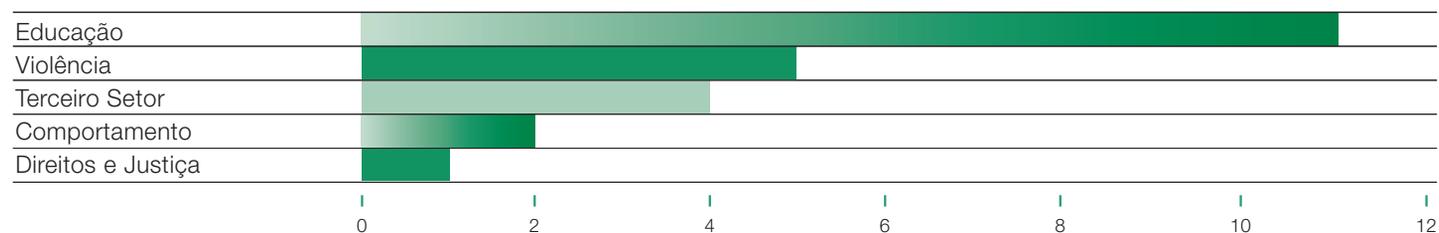
Artigos/Temas/Jornais + Revistas



Artigos/Temas/Jornais



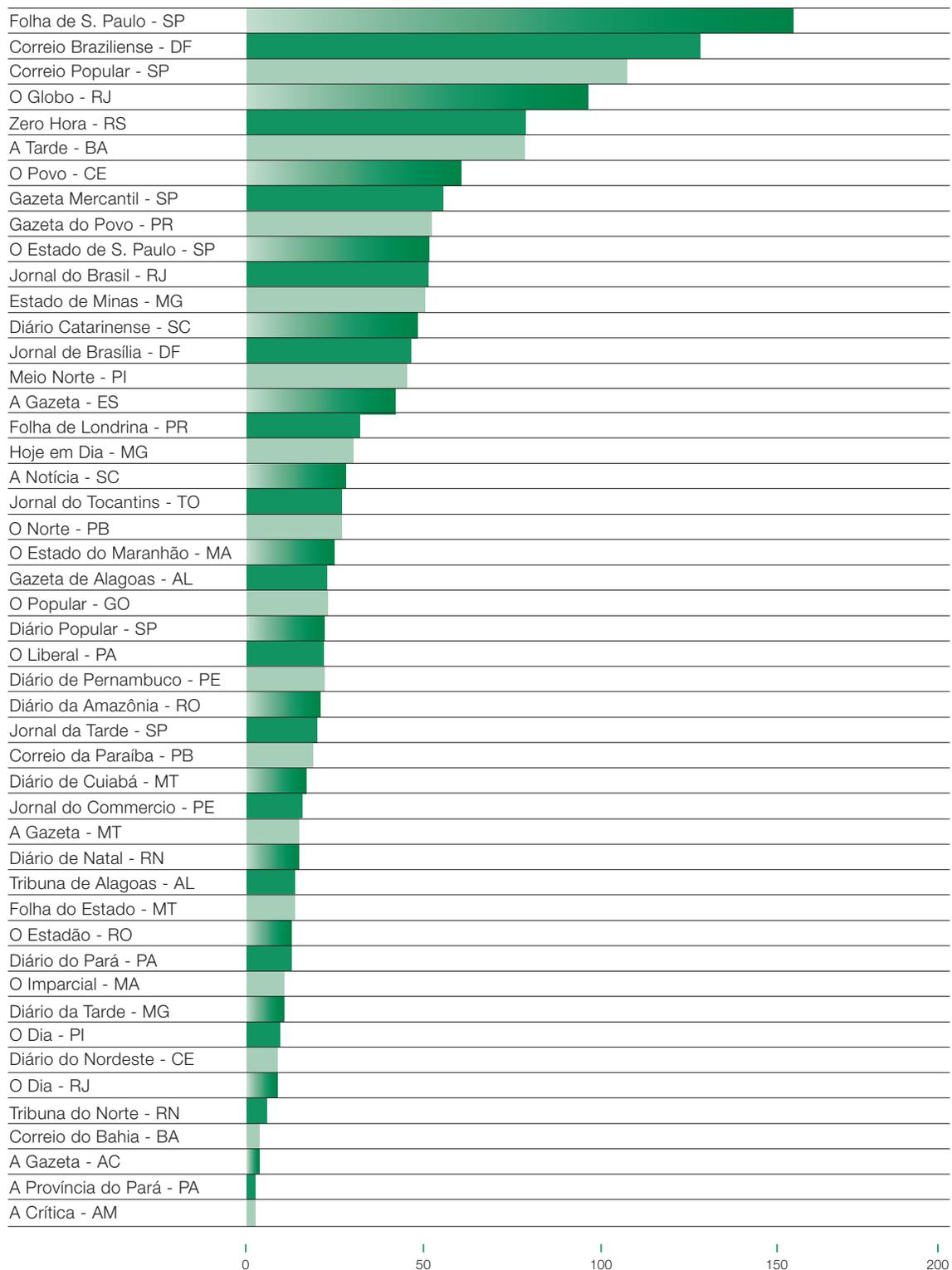
Artigos/Temas/Revistas



Artigos

Artigos

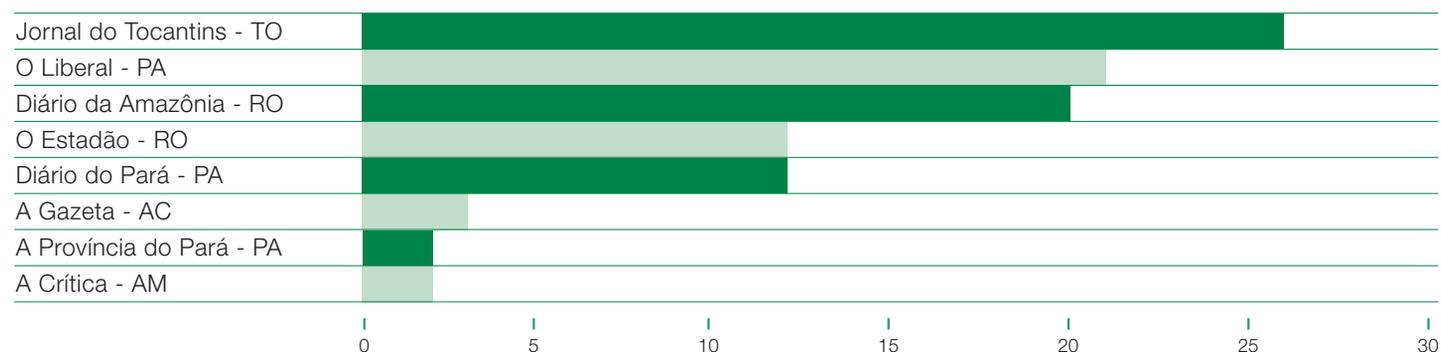
Jornais que mais publicaram



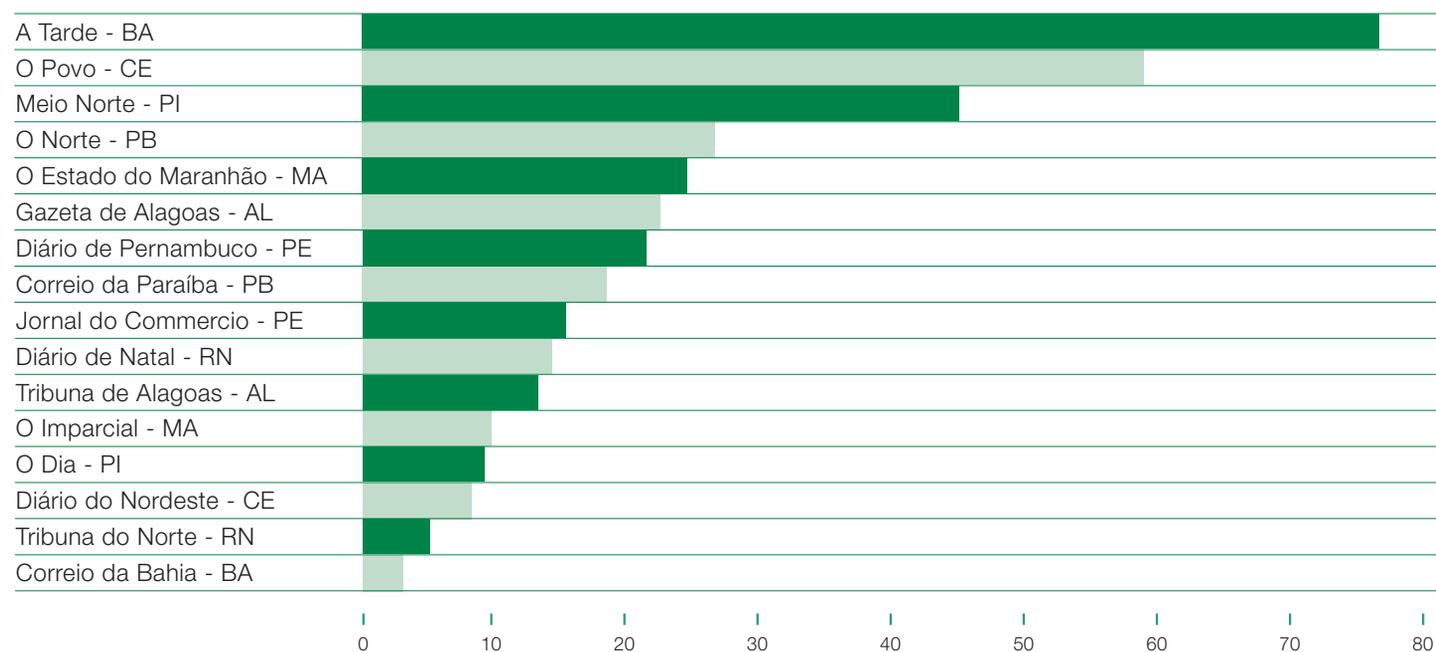
Artigos

Jornais que mais publicaram / Regiões

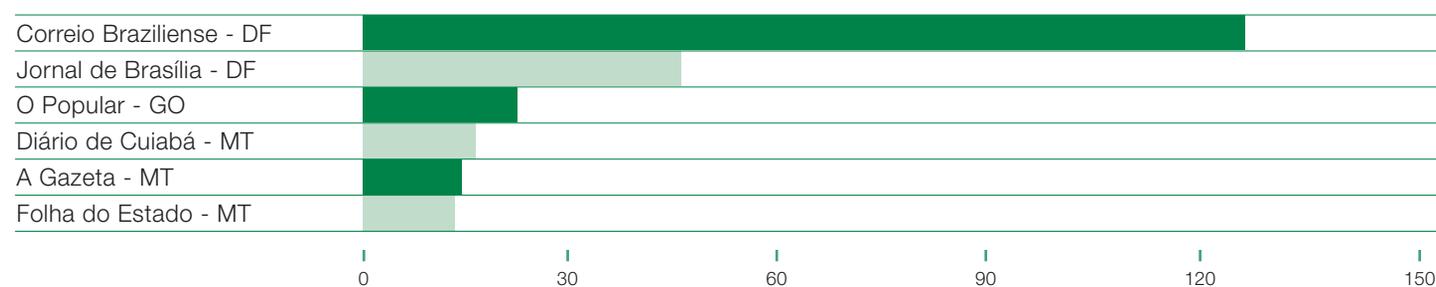
Região Norte



Região Nordeste

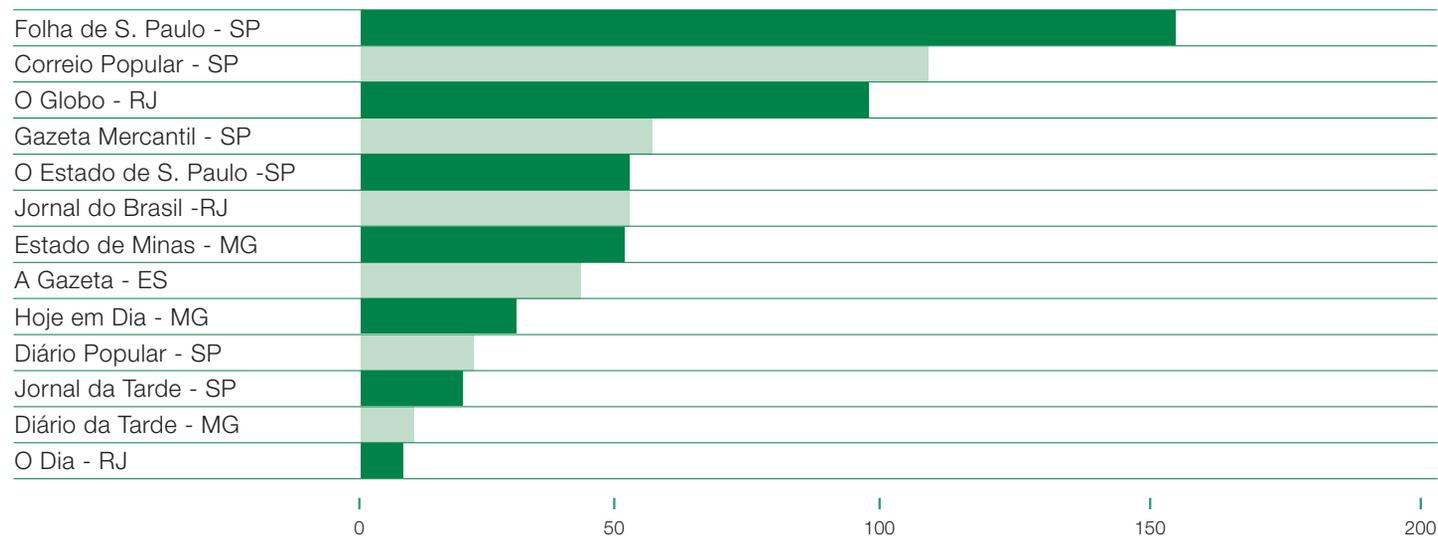


Região Centro-Oeste

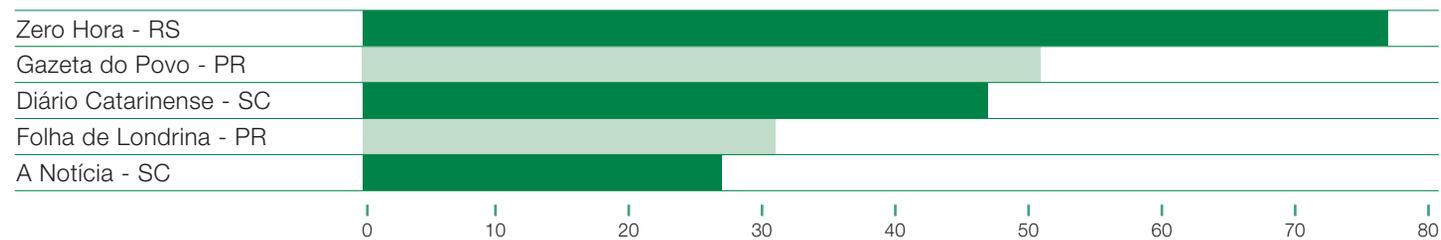


Artigos

Região Sudeste



Região Sul



A Mídia dos Jovens

A Mídia dos Jovens



Desde março de 1997, a ANDI tem entre suas atividades prioritárias o projeto **Os Jovens e a Mídia**, desenvolvido com o objetivo central de apoiar os veículos dirigidos aos adolescentes a exercerem de forma eficaz seu papel de co-responsáveis na formação de uma juventude mais cidadã. Atualmente realizado em aliança com o Instituto Ayrton Senna e a Unesco, e com apoio institucional do Unicef, o projeto foi iniciado através de parceria da ANDI com a Fundação Odebrecht.

A estratégia do projeto fundamentou-se no princípio de que era possível sensibilizar este segmento da mídia a expandir a cobertura de temáticas vistas como sendo de *Relevância Social* - aquelas capazes de contribuir para uma ampliação das perspectivas do jovem em relação a si mesmo e a realidade que o cerca, estimulando-o a uma postura ativa diante dos desafios que enfrenta.

Entre a série de ações que vêm sendo implementadas ao longo destes três anos de atividades, destaca-se a *Pesquisa ANDI - Os Jovens na Mídia*, que retrata com riqueza de detalhes o comportamento de aproximadamente 30 veículos impressos voltados ao público adolescente - entre suplementos de jornais e revistas - editados nas diversas regiões do País. São também analisados os perfis de 10 programas de televisão veiculados em rede nacional para esse segmento.

A Pesquisa vem oferecendo uma mensuração absolutamente precisa do



volume de matérias publicadas pela mídia impressa feita para jovens. Para isso, foi desenvolvido um sistema de classificação em 29 diferentes temas, sendo 17 deles relativos especificamente às questões socialmente significativas. Foi também criado um **Índice de Relevância Social**, o indicador do compromisso dos veículos para jovens com a formação/informação de seus leitores.

Este índice vem crescendo substancialmente ao longo dos últimos três anos. Quando foi medido pela primeira vez (período de maio a julho de 1997), era de 24,2%. A mais recente edição da *Pesquisa* - que cobre os meses de janeiro a dezembro de 1999 e tem lançamento previsto para maio/2.000 - já registra **40,26%**, ou seja, um salto de **66,36%** em relação àquela época.

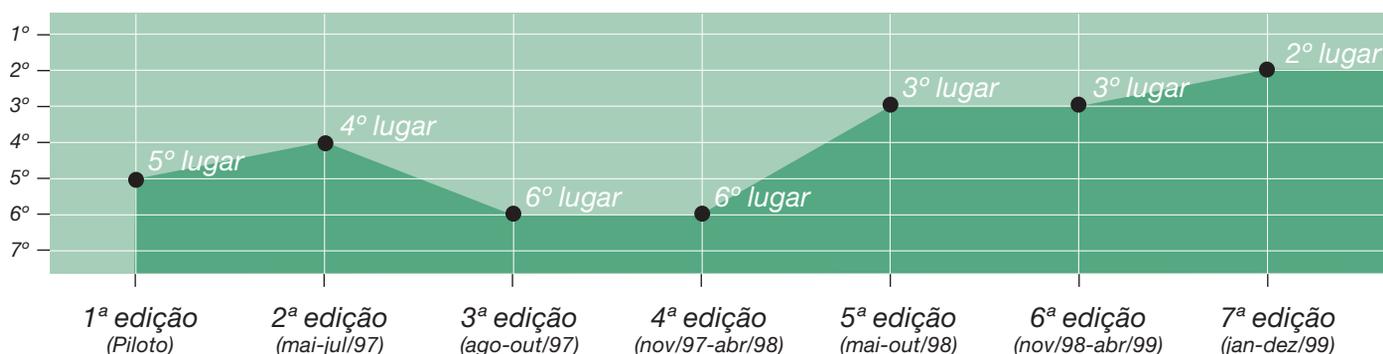
Período Relevância Social

Período	Relevância Social
jan a dez / 99	40,26%
nov/98 a abr/99	36,10%
mai a out / 98	36,90%
nov/97 a abr/98	28,00%
ago a out / 97	26,80%
mai a jul / 97	24,20%

Temas - Entre os temas socialmente relevantes focalizados pela mídia dirigida aos jovens, vem historicamente destacando-se a presença de **Educação**. A retransmissão é também a única que consegue firmar-se entre as seis que agregam maior volume de inserções: assuntos como **Artes, Moda&Beleza, Comportamento, Agenda e Ídolos&Perfil**, classificados pela ANDI como sendo de **Entretenimento**, costumam ser focalizados intensamente pelos veículos voltados para adolescentes.

Outras temáticas fundamentais para a formação dos jovens que estão recebendo atenção das editorias dos suplementos e revistas são **Cultura, Direitos & Justiça e Formação Profissional**. Gradualmente vêm firmando espaço, ainda, questões de central importância, inicialmente vistas como de difícil assimilação pelo público jovem: **Aids & DST, Drogas e Violência**.

EDUCAÇÃO - Evolução da posição entre os "Temas mais abordados"



Embora as pesquisas da ANDI utilizem metodologias diversas e retratem também aspectos diferenciados do perfil da mídia brasileira contemporânea, é ilustrativo colocar lado a lado o desempenho dos jornais quanto à **Busca de Soluções** e o de seus respectivos suplementos dirigidos aos jovens quanto à **Relevância Social**. Ambos os índices referem-se ao período janeiro/dezembro de 1999.

Região Norte

Média de Relevância Social: 66,67%

Média de Busca de Soluções: 25,35%

JORNAIS - Nome do veículo	Busca de Soluções (%)	Suplemento Jovem	Relevância Social (%)
<i>A Crítica-AM</i>	18,76	<i>Papo Cabeça</i>	66,67

Região Nordeste

Média de Relevância Social: 50,69%

Média de Busca de Soluções: 31,47%

JORNAIS - Nome do veículo	Busca de Soluções (%)	Suplemento Jovem	Relevância Social (%)
<i>Tribuna de Alagoas - AL</i>	28,73	<i>Tribuna Teen</i>	76,40
<i>O Povo - CE</i>	24,86	<i>Demais/Adolescência</i>	73,77
<i>A Tarde - BA</i>	42,74	<i>Zona Teen</i>	64,66
<i>Meio Norte- PI</i>	27,54	<i>For Teens</i>	53,66
<i>Correio da Bahia - BA</i>	52,59	<i>Zuêra</i>	53,57
<i>O Estado do Maranhão - MA</i>	32,19	<i>Galera</i>	51,09
<i>O Norte - PB</i>	34,91	<i>Zona Teen</i>	29,17
<i>Diário Pernambuco - PE</i>	28,40	<i>Geração</i>	23,38

Região Centro-Oeste

Média de Relevância Social: 46,95%

Média de Busca de Soluções: 25,59%

JORNAIS - Nome do veículo	Busca de Soluções (%)	Suplemento Jovem	Relevância Social (%)
<i>Correio Braziliense - DF</i>	28,47	<i>X-Tudo</i>	63,64
<i>O Popular - GO</i>	19,69	<i>Pop</i>	62,86
<i>A Gazeta - MT</i>	23,52	<i>Zine</i>	44,92
<i>Diário de Cuiabá - MT</i>	20,72	<i>Azul</i>	34,93

Região Sudeste

Média de Relevância Social: 48,68%

Média de Busca de Soluções: 24,69%

JORNAIS - Nome do veículo	Busca de Soluções (%)	Suplemento Jovem	Relevância Social (%)
<i>Estado de Minas - MG</i>	26,97	<i>Gabarito</i>	82,30
<i>Folha de S. Paulo - SP</i>	26,06	<i>Folhateen</i>	50,78
<i>Correio Popular - SP</i>	27,33	<i>Geração</i>	42,47
<i>O Estado de S. Paulo - SP</i>	25,86	<i>Zap!</i>	35,78
<i>O Globo - RJ</i>	23,49	<i>Planeta Globo</i>	26,52
<i>A Gazeta - ES</i>	21,68	<i>Fanzine</i>	10,13

Região Sul

Média de Relevância Social: 27,10%

Média de Busca de Soluções: 23,27%

<i>JORNAIS - Nome do veículo</i>	<i>Busca de Soluções (%)</i>	<i>Suplemento Jovem</i>	<i>Relevância Social (%)</i>
<i>A Notícia-SC</i>	<i>23,02</i>	<i>Planeteen</i>	<i>56,52</i>
<i>Zero Hora-RS</i>	<i>25,66</i>	<i>Zerou</i>	<i>32,94</i>
<i>Gazeta do Povo-PR</i>	<i>20,22</i>	<i>Fun</i>	<i>22,02</i>
<i>Folha de Londrina-PR</i>	<i>18,15</i>	<i>QG/Folha Jovem</i>	<i>9,82</i>

Summary / Resumen

Youth Media

Since March 1997 ANDI is developing the project Youth and the Media, which is at one of its priorities. The projects' main objective is to support publications aimed at teenagers on their role in the development of citizenship among youths.

Among the many different actions implemented by the project in the last three years, is the Survey ANDI - YOUTHS IN THE MEDIA. It gives a rich and detailed picture of the contents of some 30 publications at different regions of the country, all targeting children and teenagers (including newspapers and magazines specific sections). The survey also gives a profile of 10 television programs for youths, broadcasted on national TV.

It gives an accurate measure of the volume of newspapers' and magazines' articles written for the youth generation. Besides 29 different themes classified, the survey also analyses the level of commitment of each outlet with the development of its readers and the information given to them. Called Social Relevance index, it has been growing substantially: When it was first measured, in May/July 1997, it reached 24.2%. On the most recent survey, from January to December 1999 - to be released in May 2000 - it has increased to 40,26%. A growth of 66,36% compared to the first survey.

Medios Jóvenes

Desde marzo de 1997, ANDI viene desarrollando el proyecto "Los Jóvenes en los Medios", con el objetivo de dar apoyo a los vehículos de información dirigidos a los adolescentes, en su ejercicio eficaz de co-responsables en la formación de una juventud más ciudadana. Entre las acciones, se destaca la edición del Informe ANDI - Los Jóvenes en los Medios, que retrata con detalle el comportamiento de aproximadamente 30 vehículos dirigidos al público adolescente.

La publicación crió un indicador para medir el compromiso de esos vehículos con la formación/información de sus lectores, llamado Índice de Relevancia Social. Este índice viene creciendo sustancialmente: cuando fue medido por primera vez (período que va de mayo a julio de 1997) era de 24.2%. La más reciente edición del Informe (enero a diciembre de 1999) ya registra 40.28%, catapultando esta evolución la excelente cobertura alcanzada por temas como Educación, Derechos y Justicia, y Protagonismo Juvenil.

Aunque se utilicen de metodologías diversas y retraten también aspectos diferenciados del perfil de los medios brasileños contemporáneos, es muy ilustrativo poner lado a lado el desempeño de los periódicos brasileños relativo a la Búsqueda de Soluciones y la cobertura de los temas de Relevancia Social por sus respectivos suplementos dirigidos a los jóvenes

Ações de natureza comunicativa, por meio das quais o IAS visa estimular que diferentes segmentos sociais atuem concretamente em favor das novas gerações.

Ações Diretas. Por meio delas, o Instituto Ayrton Senna contribui concretamente para a garantia dos direitos das crianças e jovens.

Defendendo e debatendo temas relacionados aos interesses e direitos da população infanto-juvenil.



O direito à vida, à saúde e à alimentação.

Capacitando pessoas e organizações a melhor atuarem em seu cotidiano de trabalho social em favor das crianças e jovens brasileiros.



O direito à educação, ao lazer, à profissionalização e à cultura.

Despertando vontades, consciências e compromissos de diversos segmentos sociais com a causa da infância e juventude.



O direito à dignidade, à liberdade e ao respeito da sociedade.